

**ADRIANO MEDEIROS COSTA**

**POR TRÁS DE LINKS, SEMPRE EXISTEM PESSOAS:  
O ANONIMATO COMO FATOR DE PERTENCIMENTO  
NO USO DE REDES SOCIAIS ON-LINE EM PROJETOS EDUCACIONAIS.**

**NATAL  
2013**

ADRIANO MEDEIROS COSTA

**Por trás de links, sempre existem pessoas:  
O anonimato como fator de pertencimento  
no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais.**

Tese apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor *stricto sensu* em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

NATAL  
2013

## Sumário

1	INTRODUÇÃO .....	7
2	A NOMINALIDADE DO ANONIMATO.....	15
2.1	Ideologia e anonimato .....	19
2.2	O anonimato como violência simbólica .....	48
3	COMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE SOCIAL ON-LINE .....	59
3.1	A comunicação segundo Paulo Freire e Habermas.....	61
3.2	A rede social on-line como um ambiente dialético.....	106
4	POR TRÁS DE LINKS SEMPRE EXISTEM PESSOAS.....	132
4.1	Utopia e sexualidade humana.....	138
4.2	A experiência e a metodologia em aulas de Educação Sexual.....	180
4.3	O anonimato on-line como pertencimento educacional .....	230
5	CONCLUSÃO.....	237
	REFERÊNCIAS .....	248
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO .....	259
	ANEXO 1 – PÁGINA INICIAL DO FORMSPRING .....	271
	ANEXO 2 – PÁGINA INICIAL DO AMBIENTE “PESSOAS NOS LINKS” UTILIZADO NESTA PESQUISA .....	272
	ANEXO 3 – FOTOS DA EXPERIÊNCIA REALIZADA.....	273
	ANEXO 4 – VERBETE DA WIKIPÉDIA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.....	274

UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede  
Catalogação da Publicação na Fonte

Costa, Adriano Medeiros.

Por trás de links, sempre existem pessoas: o anonimato como fator pertencimento no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais. / Adriano Medeiros Costa. – Natal, RN, 2013.

274 f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Centro de Educação.

1. Tecnologia educacional - Tese. 2. Redes sociais on-line - Educação - Tese. 3. Educação sexual - Tese. 4. Dialética - Tese. 5. Ideologia - Educação - Tese. I. Andrade, Arnon Alberto Mascarenhas de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 371.314

# FOLHA DE APROVAÇÃO

**Por trás de links, sempre existem pessoas:  
O anonimato como fator de pertencimento  
no uso de redes sociais on-line em projetos educacionais.**

Adriano Medeiros Costa

Tese apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor *stricto sensu* em Educação.

Data da Aprovação: 18/04/2013

BANCA EXAMINADORA:

---

Professor Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade (*Orientador*)  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN*

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Berenice Bento (Examinador Interno)  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN*

---

Professor Dr. João Maria Valença de Andrade (Examinador Interno)  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN*

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Ana Valéria Machado Mendonça (Examinador Externo)  
*Universidade de Brasília – UnB*

---

Professor Dr. Luiz Custódio da Silva (Examinador Externo)  
*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*

NATAL / 2013

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais **Adauto Tavares da Costa e Creuza Medeiros Costa** que estão tão vivos em minha memória que é difícil esquecer que eles faleceram. Tão importantes foram para minha vida, além deste motivo óbvio: deixaram a maior herança que alguém deveria desejar – a educação que em nossa terra, chamamos de “criação”.

## AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que, ao longo dos tempos, sabem e não negam, publicamente, sua convicção na **não existência de um deus** ou qualquer tipo de divindade mística. Mas ao mesmo tempo creem que não só é possível, mas imprescindível a busca pelo diálogo coparticipante no ato de pensar e na manutenção de uma relação livre de dominação com a grande maioria dos que pensam diferente.

A **Elizângela Justino de Oliveira** que, mais do que amiga, namorada, interlocutora intelectual e companheira, é o meu amor e minha qualquer coisa acima das expectativas. Sem o estímulo dela, esta tese não existiria.

A minha irmã **Fátima** e ao meu cunhado **Sidnei** por me ajudarem a seguir em frente, e por estarem disponíveis sempre que eu preciso. E, ainda, à minha cunhada **Rose** e aos meus irmãos **Adauto** e **Socorro**, os quais sempre acreditaram na viabilidade de minha carreira acadêmica.

Ao Prof. Dr. **Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade** que, na condição de membro e/ou orientador, esteve presente em todas as bancas acadêmicas a que me submeti: Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado. Ele é o pensador que mais exerceu e continua a exercer influência sobre mim. Mesmo que ele não possa também ser considerado "culpado" por meus erros, a ele deve ser creditado grande parte de meus acertos. Uma considerável parte do que aqui está escrito é consequência da influência direta dele. Ao contrário de grande parte dos professores universitários, célebres por sua vaidade, Arnon ao longo de sua fecunda carreira se preocupou mais com a situação da educação brasileira do que com sua própria carreira acadêmica. Quando eu repetidas vezes enfatizo sobre a parte vazia do "copo", ele candidamente me diz que seu otimismo não provém do nada, simplesmente ele viu o "copo" encher ao longo dos anos. É o homem que persistentemente diz que seu trabalho nunca foi colher, mas sim plantar sementes. Assim, tenho esperança que ele enxergue nesta tese o resultado de algumas destas sementes plantadas.

Aos amigos que fiz na Base "Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação" (PPGED – UFRN) **Orgival Nóbrega, João Tadeu**

**Weck, Lourdes Valentim, Maria Dalvaci Bento, Patrícia Gallo e Alda Macêdo** e, sobretudo, ao leal **Sebastião Faustino Pereira Filho**. Aos amigos professores da Sedis - UFRN **Aline Dias, Marcos Aurélio Felipe e Célia Maria de Araújo**, os quais têm me proporcionado não só diálogos construtivos e inúmeras oportunidades profissionais. Viabilizando, inclusive, a oportunidade de pôr em prática algumas de minhas teorias.

Ao coerente filósofo **Leandro Konder** que, em um de seus e-mails, mesmo castigado pelo Mal de Parkinson que ele, estoicamente, considera apenas "uma doença chatíssima", do alto de sua grandeza gentilmente me pediu para "saber do seu Doutorado, eventualmente ler suas opiniões políticas e filosóficas".

Às entidades que apoiaram a experiência que serviu de base empírica para esta tese: os organizadores do "**7ª Encontro de Jovens e Adolescentes e Educadores**" promovido pelo Centro de Promoção Social "Noir Medeiros de Souza" de Campo Redondo – RN, bem como aos servidores públicos da **SIEC – Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação** e ao **Programa Estadual de DST/AIDS e Hepatites Virais** da Sesap - Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN. A **Solange Setta Machado**, psicóloga competente cuja participação foi fundamental nas respostas aos jovens que, na experiência desenvolvida, usaram a rede social on-line.

Aos professores e funcionários do **PPGEd – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN**, bem como à **CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior**, da qual fui bolsista durante todo o Doutorado, por haver me proporcionado subsídios valiosos para que este trabalho fosse possível.

Aos inúmeros amigos; cada um, é claro, a seu tempo e à sua maneira, foram leais e presentes sempre que deles precisei. E, ainda, agradeço também a **Leonia Regia Lins de Moraes, Nilma Florêncio, Maria do Socorro de Oliveira Moraes, Patrícia Guimarães, Buca Dantas e Geraldo Cavalcanti**. Aos colegas do Núcleo Articulador da Humanização do SUS no RN **Geni, Sheylla, Carlézia, Bárbara e Acácia**. Não poderia deixar de agradecer também a **Eugênio Paccelli Aguiar Freire e Maria Eufrásia Ferreira Ribeiro** (e seu noivo **Kennedy**), a qual não só é uma amiga de todas as horas como também participou da organização e ajudou a viabilizar a experiência empírica

desta tese. Agradeço também a **Tiago Tavares e Silva** que foi um caso de “amizade à primeira vista”. Ele acompanhou o processo de produção desta tese e suas concordâncias ou objeções, para mim, funcionaram, na prática, como testes para a defesa. No primeiro dos muitos dias de interlocução ele conquistou meu respeito intelectual não só pelo conteúdo de suas observações (muitas das quais foram fundamentais para esta tese), mas também quando depois de uma longa explanação minha me disse que concordava com 80% do que eu havia dito. Se os 80% ajudam no processo de empatia, são esses preciosos 20% de discordância que impedem minhas concepções de se transformarem em dogmas. E quanto mais dogmáticas fossem, mais incontestes seriam. E o que isso representa se não o pensamento fascista.

O caminho até o Doutorado passou não só pelas séries iniciais dos níveis Fundamental e Médio, como também por uma Graduação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), Especialização em Gestão do Processo Educativo e um Mestrado em Educação. Todos na UFRN. Em cada uma destas fases de minha vida eu fiz algumas amizades cujo critério principal de escolha sempre foi a qualidade, não a quantidade. Sendo assim, embora alguns nomes não constem aqui, agradeço também a todos àqueles que em diferentes épocas ao longo dos anos um dia eu chamei de amigo.

Com este Doutorado chego ao último grau que, atualmente, poderia chegar à **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, minha “*alma mater*”, cujo nome orgulhosamente escreveria pela última vez na condição de aluno regular depois de passados 13 anos ininterruptos desde que pisei pela 1ª vez em suas dependências como aluno de graduação em março de 1999. Mas ainda não é o momento de deixar a UFRN. Agora, em seguida ao Doutorado, continuo na universidade a fim de fazer o curso de graduação em Pedagogia à distância. Algo profundamente simbólico, pois, ao fazer este curso, estarei fazendo a graduação que eu deveria ter feito desde o início, mas coincidentemente através da modalidade a qual tenho dedicado todos os meus anos de pesquisa. Após o qual, aí sim será o momento de fechar um ciclo.

## EPÍGRAFES

“Ensinar exige compreender que a educação  
é uma forma de intervenção no mundo.”

**Paulo Freire**  
*(Pedagogia da autonomia)*

“Ser radical é tomar as coisas pela raiz.  
Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem.”

**Karl Marx**  
*(Crítica da Filosofia do Direito de Hegel)*

“Quando o dedo aponta para a lua,  
o idiota olha para o dedo.”

**Provérbio chinês**  
*(Escrito em um muro do Conservatoire  
de Musique de Paris, em maio de 1968)*

## RESUMO

Esta tese investigou como as redes sociais on-line que permitem postagens anônimas podem ser utilizadas por professores e alunos para a promoção da Educação Sexual atender às necessidades e às expectativas dos jovens diante de um tema transversal notavelmente considerado tabu, exigindo estratégias pedagógicas mais eficientes do que aquelas tradicionalmente oferecidas. Com essa experiência, realizada em um minicurso sobre sexualidade e saúde, buscou-se ir além da utilização das redes sociais para o entretenimento social, mostrando que elas podem ser um ambiente que favorece o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa foi fundamentada na convergência dos conceitos de comunicação para Paulo Freire e Jürgen Habermas, bem como nos conceitos filosóficos de utopia, ideologia e dialética que se inter-relacionam não só entre si, mas também com o próprio campo da educação. Metodologicamente, nesta tese, foi adotada a categoria da pesquisa qualitativa. O método é uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação. A técnica foi a aplicação de questionários; a coleta de dados foi presencial e os tipos de dados foram primários. Por fim, apresenta-se, então, a concepção de que a comunicação não está no meio, mas na relação de confiança estabelecida entre os interlocutores. Dessa forma, é possível afirmar que quando um aluno tem sua necessidade atendida ao conseguir esclarecer suas dúvidas sobre sexo com seu professor através de uma rede social on-line que permita anonimato e através da qual o aluno sabe que quem responde é o seu professor, mas o professor não consegue distinguir a identidade de seu aluno, essa relação dialógica atende a pretensões de validade que a caracterizam como ação comunicativa em potencial.

**Palavras-chave:** Redes sociais on-line, tecnologia educacional, educação sexual, utopia, dialética, ideologia e agir comunicativo.

## ABSTRACT

The thesis investigated how social networks online that allows anonymous postings can be used by teachers and students to promote the meeting between the sexual education and the needs and expectations of young people face a crosscutting theme, remarkably a taboo. It needs teaching strategies more efficient than those traditionally defended. With this experience, found in a short course about sexuality and health, we sought to go beyond the use of social networks for social entertainment, showing they can be an field that favors the process of teaching and learning. The research was based on the convergence of the communication concepts from Paulo Freire and another from Jürgen Habermas, as well as the philosophical concepts of utopia, ideology and dialectic are interrelated not only among themselves, but also inside an education field. Methodologically in this thesis, we adopted the category of qualitative research; the method is a combination of case study with action research. The technique was the use of questionnaires, data collection was in attendance and the types of data were primary. Finally, we present, then, the idea the communication is not in the middle, but in the trusty relationship established between the interlocutors. In this way, we can think when a student has met their need to be able answer his questions about sex with their teacher through an online social network that allows anonymity and through which the student knows who responds is their teacher, but the teacher can not distinguish the identity of his students, this dialogic relationship serves to get claims of the validity that are characterized as potential communicative action.

**Keywords:** online social networks, educational technology, sexual education, utopia, dialectics, ideology and communicative action.

## 1 INTRODUÇÃO

Há nesta tese duas premissas principais: a primeira é a de que toda a sua estrutura parte de três conceitos filosóficos que se inter-relacionam: utopia, ideologia e dialética. Que, somados ao conceito de comunicação, são também conceitos norteadores íntimos de diversas pesquisas no campo da Educação. A outra premissa é a de que, para cada um desses conceitos, existe uma visão libertária (enquanto busca humana pela emancipação) e outra reacionária (enquanto ideologia reprodutora do *status quo*). Tais visões serão citadas sem que sejam usados sinônimos para esses dois termos, como, por exemplo, "visão retrógrada" ou "visão progressista". Nesse ponto, convém um esclarecimento<sup>1</sup> sobre a razão destas opções. Os termos "reacionário" e "libertário" não foram escolhidos à toa, eles foram eleitos porque suas acepções etimológicas estão profundamente associadas a suas definições. Inclusive porque é do entendimento desta tese que a opção por determinadas palavras em detrimento de outras não é um processo isento de ideologia. O termo "libertário" surgiu do vocábulo francês "*libertaire*" em plena Revolução Francesa (1789) e está intimamente associado ao pensamento do educador Paulo Freire (1921 — 1997) sendo intrinsecamente ligado à ideia de conscientização e revolução. Já o termo "reacionário", pelo menos, desde os regimes militares dos anos 60 e 70 do século passado na América Latina, está intimamente associado à ideia de oposição à evolução da liberdade. Nesse sentido, é evidente que a opção que se faz aqui é pela defesa desse primeiro conceito, até porque ele urge ser resgatado no momento quando se vive uma época de profundo comodismo social, cinismo ideológico, ceticismo utópico e apatia política. Assim, torna-se praticamente desnecessário dizer que aqui se está assumindo uma postura política visando à emancipação do ser humano.

Sabe-se que o que foi libertário, em determinado período histórico, mostrou-se profundamente reacionário em outro, pois os seres humanos de cada tempo se encarregam de resignificar os conceitos, que, embora não sejam atualizados por seus próprios autores, acabam por ser atualizados por

---

<sup>1</sup> Este termo "esclarecimento" está aqui também intimamente associado à ideia de "Iluminismo", "*Aufklärung*" (século XVIII).

outros. É o caso do cristianismo, da visão que a classe burguesa tem sobre seu próprio papel e do que se entende por educação para todos. Hoje não necessariamente, mas, no Brasil dos séculos XVI ao XX, o termo “todos” significava: homens brancos e não pobres. Com isso, não se pretende adotar uma linha de pensamento dogmática ou simplista, tampouco cartesiana, embora não exista “pecado” em ser cartesiano: o problema é quando se é, apenas, cartesiano. Muito pelo contrário, o que se pretende aqui, mesmo reconhecendo a existência e a validade óbvia das diferentes matizes teóricas, é tentar desembaraçar as linhas teóricas em benefício do entendimento não maniqueísta. Pelo menos, no que diz respeito aos conceitos aqui julgados pertinentes a esta tese. Chamam-se “linhas” porque, ao longo dos tempos, os teóricos vão influenciando ao mesmo tempo que são influenciados, estabelecendo-se uma certa “trilha” por onde se pretende chegar a algum lugar. Mas isso não é aleatório. Uma linha teórica é um movimento incessante de construção e reconstrução de conceitos que são eles mesmos também dialéticos, utópicos e ideológicos, mas também fiéis aos seus fundamentos e em seu fluxo de coerência interna e externa. Cada linha, ao longo dos tempos, acabou por formar uma estrutura ainda maior: uma linhagem teórica. Acredita-se, nesse caso, na relevância da coerência interna e externa do sistema teórico. Por isso, outro aspecto que merece destaque nesta tese é o fato dela não só assumir uma postura política pela democracia e pela emancipação humana, mas também não negar o esforço que se fez para ser coerente com a tradição do pensamento marxista; visto que o marxismo, cuja obsolescência é frequentemente confundida com a do Leninismo, continua a ser um instrumento valioso de compreensão e crítica da realidade. Mas considerando que tal tradição não só é vasta, como também célebre pela discordância de pontos de vista de seus autores, elegeu-se aqui não como “marco teórico” porque marco é algo que denota “referência”, mas também “posse” (como os marcos coloniais de posse territorial) ou “apego” por parte de quem segue ou é seguido. Assim, a tentativa de encaixe da realidade em uma teoria não é uma ação dialética. Por isso, segundo entendimento aqui adotado, um teórico (assim como um orientador) tem a função de guiar nossas conjecturas, assim como Virgílio guiou Dante ou como os faróis guiavam os barcos. Não é à toa

que, em alemão, o orientador de uma tese é chamado de “*Doktorvater*” (“pai do doutor”)<sup>2</sup>. Nesse sentido, eleger-se como “faróis teóricos” Louis Althusser no que diz respeito à sua concepção de ideologia; a visão de Eduardo Galeano e Fernando Birri sobre utopia; de violência simbólica para Pierre Bourdieu; o ponto de vista de Maria José Garcia Werebe sobre Educação Sexual; o pensamento convergente de Jürgen Habermas e Paulo Freire sobre Comunicação; a concepção de materialismo dialético para o próprio Karl Marx e Paulo Freire no que tange ao campo educacional propriamente dito. Para quem vive em uma época que acabou de suceder o século XX, não é possível falar sobre esses três conceitos (utopia, ideologia e dialética) sem ter o marxismo como referência teórica.

Tome-se como paradigma um célebre pensador francês sobre o que tem ocorrido nos últimos anos. Nos tempos atuais pouco se tem falado de autores fundamentais como Althusser. Com o fim do campo socialista nos países europeus, já houve inúmeras tentativas de “soterrá-lo” sob os escombros oriundos do Muro de Berlim. É verdade que há limites de análise para qualquer farol teórico que se possa eleger. Mas nem tudo pode ser considerado conceito obsoleto para a análise de novos contextos. Assim como não é sempre que se deve atribuir a eles uma suposta ortodoxia dogmática que estreita o campo de visão teórica para outros autores de diferentes linhas que possam contribuir com outros instrumentos de análise. O que há, na verdade, são formas diferentes que esses “faróis” possuem de lançar luz sobre aquilo que eles julgam importante e isso é ideológico. Ademais, um farol desses que, metaforicamente, aqui se faz alusão, nunca consegue contemplar toda a escuridão e, ainda, há as sombras (espaços menos iluminados). Caso contrário, seria o fim de tudo. A grande virtude da escolha que se fez aqui é que o farol teórico que foi priorizado emite luz à medida que reflete e analisa, ele mesmo, essa luz. Em outras palavras: ele é crítico e autocrítico, inclusive, essa é a própria essência do pensamento freireano acerca do papel do educador. Mas, se há determinados “fachos” que escapam à análise deste ou daquele teórico, esse é sempre um risco que se corre ao se tomar, como referência, o trabalho de qualquer pensador. Há sempre o risco de

---

<sup>2</sup> Cf.: KONDER, Leandro. Memórias de um intelectual comunista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 92.

menosprezar vertentes não contempladas por esse ou aquele determinado autor.

Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir com profundidade os conceitos filosóficos de utopia, ideologia e dialética é indispensável fazer uma análise sobre como tais áreas confluem para a teorização que é feita neste trabalho sobre de que forma as novas tecnologias de informação e comunicação podem contribuir para o desenvolvimento da Educação de modo geral e da Educação Sexual, em particular. E, ainda, sobre como os ideais libertários ou reacionários não são novidades ou reinventados totalmente em cada época histórica. Eles estão sempre presentes desde a formação das primeiras comunidades humanas e, dependendo de conjunturas e contextos específicos de cada época, entram em fase de expansão ou contração. Se o Maio de 68 foi um momento de expansão do pensamento libertário e de desrepressão sexual para os jovens, pode-se dizer que grande parte deles, atualmente, (década de 90 e início da primeira década dos anos 2000) estão mais preocupados com suas carreiras, a suposta meritocracia, o “triumfalismo” (em ser e/ou parecer “vencedores”), o consumismo e a religião, que estão em pleno mergulho no reacionarismo. Mas isso não traduz que, numa época ou na outra, não haja espaço para o pensamento diametralmente oposto. Apenas não são predominantes. O que não significa que um dia não possam vir a ser redescobertos e, nesse caso, adaptados ao contexto da época. Não como repetição, porque, nesse caso, seria uma farsa. Sabe-se que há também uma degradação de diversos matizes que entremeiam o pensamento libertário e reacionário. Pensar diferente seria não só uma simplificação, mas também maniqueísmo.

Esta tese não se demorará em demonstrar a viabilidade das redes sociais on-line como ambiente pedagógico, porque isso já foi efetivado em um trabalho dissertativo anterior (COSTA, 2008)<sup>3</sup> no mesmo Programa de Pós-Graduação. Na dissertação defendida, há mais ou menos quatro anos (o que é muito em termos de internet), e na qual esta tese se embasa com vistas a um

---

<sup>3</sup> Cf.: COSTA, Adriano Medeiros. Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula, dissertação (Mestrado em Meios de Comunicação e Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

aprofundamento, as redes sociais on-line já eram vistas como espaços potenciais de interlocução para o benefício do processo de ensino-aprendizagem. Mas nela houve a preocupação em aprofundar a teorização acerca dos conceitos de ideologia, utopia e dialética que norteiam um processo de comunicação e educação crítica. Isso porque a preocupação na dissertação foi tentar mostrar a viabilidade de tais redes (na época, vistas apenas como espaços fúteis destinados aos relacionamentos sociais, afetivos e sexuais de, principalmente, jovens) como um espaço privilegiado para projetos educativos de interlocução informais extraclasse entre professores e alunos. Afinal, diferentemente dos tradicionais ambientes de Educação a Distância, nessa época, já eram, nessas redes, que os jovens se encontravam massivamente.

Nesta tese, procurar-se-á responder à seguinte pergunta: como se pode usar as redes sociais como estratégia para a promoção da Educação Sexual, enquanto tema transversal? Em outras palavras: o objetivo agora é investigar como as redes sociais on-line que permitem postagens anônimas podem ser utilizadas por professores e alunos para a promoção da Educação Sexual de modo a atender às necessidades e às expectativas dos jovens diante de um tema transversal que, devido ao seu caráter tabu, tem gerado muitos problemas no que diz respeito à sua implantação nas escolas. Consequentemente, também é importante que se saiba que tipo de comunicação se estabelecerá entre professores e alunos participantes de tal experiência. Por essa razão, aqui é defendida a premissa de que esse tema necessita de estratégias pedagógicas mais eficientes do que as tradicionalmente oferecidas.

Embora já fosse nossa intenção aprofundar algumas proposições sobre as redes sociais on-line já apresentadas na dissertação defendida anteriormente e assim dar continuidade à discussão, o tema da tese surgiu de uma conversa com uma jovem professora de Biologia de uma escola pública em Natal – RN sobre sua experiência em sala de aula quando ela abordava a temática da Educação Sexual. A professora fez um relato sobre como os jovens se sentiam inibidos e intimidados para fazer perguntas de forma presencial em uma aula de Educação Sexual.

As redes sociais on-line que permitem postagens anônimas podem ser utilizadas por professores e alunos para travar diálogos a respeito de sexualidade em uma escola onde são ministrados conteúdos presenciais de Educação Sexual, como parte integrante do currículo ordinário. Nessas redes são utilizadas, conforme se propõem, novas tecnologias de informação e comunicação como estratégia complementar às aulas vistas presencialmente dentro do tema transversal em sala de aula de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Nessas redes sociais, através de um perfil previamente criado, é possível discutir temas relativos à sexualidade, bem como dirimir dúvidas, pelo professor acerca de assuntos, tais como: reprodução humana, identidade sexual, higiene íntima, uso de anticoncepcionais e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST).

A escolha da Educação Sexual, em detrimento de temas ligados a Matemática, Língua Portuguesa, História ou Geografia, para levar a efeito esta pesquisa, é justificada, pelo fato de que essa é uma área sensível à vida humana, especialmente aos jovens, os quais se subentendem que estão ávidos a dirimir suas dúvidas sobre sexualidade. Se esse desejo é correspondido pelo professor de acordo com as expectativas de seus alunos e se há, para o professor, um “retorno” (no sentido de retroalimentação do sistema) que lhe permita refletir sobre sua prática e aperfeiçoar suas estratégias pedagógicas, entende-se, então, que estaria havendo pertencimento educacional e um processo de gestão do ambiente on-line que favorece a comunicação.

A experiência de campo, em que esta tese se baseia, aconteceu no minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (20h/a). Ele ocorreu, no dia 6 de agosto de 2011 em Campo Redondo – RN, durante o 7ª Encontro de Jovens e Adolescentes e Educadores, com o tema “Educação no enfrentamento da violência e promoção da saúde”, promovido pelo Centro de Promoção Social “Noir Medeiros de Souza”. Na experiência, vinte jovens na faixa etária entre 13 a 19 anos, de ambos os sexos participaram de forma voluntária e puderam usar um ambiente on-line exclusivamente destinado a

prestar de forma anônima informações sobre dúvidas relacionadas à sexualidade humana e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), tais como: AIDS, risco de gravidez, métodos contraceptivos e afins. Como se observa, o ambiente on-line foi eleito como área de interlocução da experiência. Nesta pesquisa, foi utilizada uma conta chamada “Por trás de links, sempre existem pessoas” na rede social on-line *Formspring*. Com essa experiência, realizada em um minicurso sobre sexualidade e saúde, busca-se ir além da utilização das redes sociais para o entretenimento social, mostrando que podem ser um ambiente impulsionador do processo de ensino-aprendizagem.

Na educação tradicional presencial, a ideia de pertencimento está ligada direta e inconciliavelmente ao seu oposto: o anonimato. Este, de modo inverso, está associado enquanto pertencimento ao sucesso da experiência aqui descrita. Por isso, no primeiro capítulo "A nominalidade do anonimato", se busca conceituar as diferentes acepções dadas ao conceito de anonimato, sobretudo, como ele pode ser uma violência simbólica. Para isso, recorreu-se ao conceito de ideologia. No capítulo seguinte, “Comunicação, mediação e diálogo na rede social on-line” desta tese, é retomada e aprofundada uma discussão teórica sobre o conceito de comunicação, já iniciado no referido trabalho dissertativo anterior<sup>4</sup>. Nesse aprofundamento, mais do que descrever o conceito de comunicação para Paulo Freire, importa mais a tecedura de relações entre esse conceito e o conceito de Teoria da Ação Comunicativa para Jürgen Habermas enquanto não só busca de entendimento mútuo e livre de dominação, mas também coparticipativa no ato de pensar visando à emancipação humana. Em termos mais específicos, se pretende analisar as potencialidades e limitações dos diálogos travados via rede social on-line, mesmo os anônimos, como se tratando de ação comunicativa em potencial no âmbito das comunidades on-line, no que tal teoria diz respeito à perspectiva ética de situação de fala entre interlocutores interessados em esclarecer dúvidas a respeito de sexualidade, tendo, como foi dito, a possibilidade de ter sua identidade preservada. O capítulo intitulado "Por trás de links sempre existem pessoas", que dá nome a esta tese, é o capítulo que pretende discutir a sexualidade humana e a experiência propriamente dita na qual esta pesquisa

---

<sup>4</sup> COSTA, Adriano Medeiros. Comunicação, mediação e diálogo freireano no Orkut. In: op. cit.

se fundamenta. Para isso, recorreu-se ao conceito de utopia, já que esse está diretamente ligado à emancipação humana enquanto expectativa futura. É, nesse capítulo, que se revelarão os dados obtidos em tal experiência. Nela, a metodologia empregada na pesquisa foi a categoria qualitativa; o método, uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação; a técnica, uma aplicação de questionários, a coleta presencial de dados e os tipos de dados primários. A seguir, será discutido como esse "anonimato on-line" pode implicar pertencimento educacional.

Procurar-se-á também demonstrar que, em se tratando de uma rede social on-line de ensino-aprendizagem, o processo de gestão alcança seus objetivos quando cria condições favoráveis para que haja comunicação, tal como já acontece no ensino presencial. Assim, tal e qual a gestão de uma escola, a gestão em comunidades on-line de ensino-aprendizagem vai muito além da pura administração, e implica, também, a incorporação de certa dose de filosofia e política.

Nesta tese, haverá também referências a fatores externos ao processo de ensino-aprendizagem, os quais são responsáveis por tabus que, ao longo do tempo, tem impedido que a sexualidade seja plenamente estudada na escola. É o caso, por exemplo, das organizações ligadas às religiões cristãs que têm sabotado, ao longo dos tempos, as tentativas de sistematização e execução da Educação Sexual nas escolas.

## 2 A NOMINALIDADE DO ANONIMATO

Quem acessar o verbete em português sobre “Anonimato” na Wikipédia, que, aliás, é uma enciclopédia on-line construída todos os dias e o tempo todo por “anônimos”, descobrirá que “Anonimato é a qualidade ou condição do que é anônimo, isto é, sem nome ou assinatura. Deriva do grego “*ανωνυμία*”, que significa ‘sem nome’”<sup>5</sup>.

O anonimato é atribuído a ações, obras literárias ou contos populares dos quais não é possível, ou propositalmente não se quis identificar a autoria. Assim, quem vota em eleições ou faz uma denúncia sobre algum crime à polícia, muitas vezes, se vale do direito ao anonimato. Há quem julgue conveniente não se identificar ou usar um pseudônimo quando está participando de fóruns ou ambientes de bate-papo pela internet, embora, tecnicamente, seja possível para especialistas identificar, pelo menos, onde se encontra o computador que está sendo usado. Há as pessoas “anônimas” chamadas de “figurantes” que ocupam um papel secundário em um filme, novela ou em uma encenação teatral, muitos dos quais não possuem nenhum texto a ser dito. Durante o Maio de 68 francês, inúmeras palavras de ordem e frases de protesto, cuja autoria é desconhecida, foram pichadas pelos jovens nos muros de Paris. Durante e logo após a 2ª Guerra Mundial, milhões de judeus foram enterrados, anonimamente, em valas coletivas, não sendo possível, portanto, identificar os corpos.

Existem diversos exemplos de anonimato nas mais diferentes formas de expressão artística. Um exemplo de obra propositalmente anônima é o texto “A trombeta do juízo final contra Hegel, o ateu e o anticristo”<sup>6</sup>, há também uma obra anônima intitulada “A vida e o espírito de Baruch de Espinosa – Tratado

---

<sup>5</sup> Cf.: ANONIMATO. Wikipédia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonimato>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

<sup>6</sup> Esse texto foi escrito e publicado por ninguém mais, ninguém menos que Karl Marx, ainda jovem, e seu colega Bruno Bauer. A intenção dos dois foi simular que um suposto autor protestante havia escrito esse texto como uma crítica ao sistema hegeliano e depois fazer a defesa de Hegel e a difusão do ateísmo através de uma série de artigos. Mas a trama foi descoberta.

dos três impostores”<sup>7</sup> não muito simpática ao filósofo holandês, mais recentemente há o livro “Cores Primárias”<sup>8</sup>, que trata dos bastidores da carreira política do ex-presidente americano Bill Clinton. Nas artes plásticas, há também exemplos de obras feitas pelo ser humano como as estátuas de pedra (Moais) da Ilha de Páscoa (Chile), as quais não se sabe exatamente por quem, nem para que foram feitas. Já as obras antigas que sobreviveram aos nossos dias, mas que não é possível saber quem as escreveu, podem ser tanto as inscrições pré-históricas do Rio Ingá (Paraíba), quanto as lendas folclóricas como a Mula-sem-cabeça ou obras literárias como “*Beowulf*” e “As mil e uma noites”. Para todas elas, seria pertinente fazer a seguinte pergunta: tem alguma importância não se saber quem é o autor? A obra se torna menos obra-prima ou menos produto da ação humana se não se sabe quem a fez? Caso a obra tenha um autor conhecido, ele, por assim ser, se torna menos devedor daqueles que o precederam? Assim, é interessante pensar que até as obras cuja autoria é conhecida não teriam sido escritas sem a contribuição da cultura, que é coletiva e anônima e da qual faz parte o autor. Assim, o que se chama de “obra anônima” é, muitas vezes, uma obra de todos (coletiva).

Uma forma parcial de anonimato é o “pseudônimo”, que literalmente significa “nome falso”. Todos sabem que quando alguém usa tal artifício, é porque, propositalmente ele não quer ser identificado, como nos casos de quem já foi perseguido politicamente, tais como Stálin, Trotsky e Lênin que entraram para a História com tais pseudônimos e não com seus nomes reais, respectivamente “Iossif Vissarionovitch Dzhugashvili”, “Lev Davidóvitch Bronstein” e “Vladimir Ilyitch Uliánov”. Nesse sentido, os pseudônimos acabaram por se transformar em seus próprios nomes. Daí, em decorrência há algo de muito original, pois, através de um pseudônimo, alguém pode dar a si mesmo um nome de forma que não seja a sua revelia, como geralmente acontece quando somos registrados em um cartório público pelos nossos pais, mas sim algo que ele mesmo escolhe e solidários com aquilo que se quer passar para a sociedade ou até mesmo para a posteridade, em alguns casos.

---

<sup>7</sup> Cf.: ANÔNIMO. A vida e o espírito de Baruch de Espinosa – Tratado dos três impostores. Anônimo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

<sup>8</sup> Cf.: ANÔNIMO. Cores Primárias: um Romance Político, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Stálin (“Сталин”: “de aço”), por exemplo, tirou seu nome de uma palavra russa que significa aço (“Сталь”).

Os primeiros enciclopedistas da História - os iluministas do século XVIII - romperam com o pensamento da Igreja ao colocar o ser humano no centro do conhecimento. Como, se sabe, o ato de colaborar não é algo novo no campo da produção do conhecimento. Exemplos como a Bíblia e o Projeto Manhattan que desenvolveram a Bomba Atômica foram realizados em épocas e com objetivos diferentes, mas ambos são projetos colaborativos. No esporte, mais precisamente no ciclismo, “gregário” ou “domestique” são termos utilizados para definir o ciclista que abdica dos seus interesses pessoais, apenas para ajudar o líder da equipe. Já os brasileiros inventam o “Frescobol”, um esporte no qual não existem competidores que alimentem a rivalidade, pois não há vencidos e vencedores. Como o jogo é praticado cooperativamente, não há adversários, mas sim parceiros. O mais importante no Frescobol é o comprometimento nas jogadas. Há uma poesia chamada “Tecendo a Manhã”<sup>9</sup> de João Cabral de Melo Neto que diz:

1

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.

2

E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

---

<sup>9</sup> Cf.: MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a Manhã. In: A Educação pela Pedra. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008, p. 219.

Assim sendo, não só as ciências, mas também alguns esportes e as artes praticadas e desenvolvidas atualmente são devedores de tudo o que foi produzido por aqueles que nos precederam.

Já faz algum tempo que a produção de conhecimento tem sido fortemente caracterizada pela fragmentação, superficialidade e descontinuidade daquilo que historicamente deveria ser encarado como integral e em processo. Visão que nos tempos da informação digital tem consideravelmente se agravado. Hoje se tem falado muito em convergência dos meios tecnológicos, quando nos parece aqui mais importante que se fale em uma convergência cognitiva ampliada pelos meios tecnológicos. É isso o que realmente importa, principalmente porque, a princípio, a internet não é uma mídia, mas uma convergência.

Não se vive uma época de ruptura dos processos históricos, pois o ser humano é, inevitavelmente, um ser historicizado; há, sim, uma época de perda da noção da história como processo, o qual implica, inevitavelmente, um enfraquecimento da capacidade de mobilização social. É interessante notar que aqui se faz referência a um "enfraquecimento", pelo seu caráter fugaz, e não pela inexistência de mobilização, pois há inúmeros exemplos de manifestações organizadas via internet, como a antiglobalização do início deste século. Há, inclusive, grandes empresas e governos que estão hoje bem atentos às discussões travadas nas comunidades de redes sociais on-line. Assim, é inevitável pensar aqui que, se os jovens pudessem entender o quanto a História é, antes de tudo um processo dialético e que suas reivindicações podem facilmente ser amplificadas pela web, aí sim haveria um quadro semelhante ao engajamento dos jovens de Maio de 1968 com o adicional peso da internet. Em substituição ao atual estado de alienação (ação sem reflexão) de nossos jovens, Paulo Freire, assim, se expressa:

O "eu existo" não precede ao "nós existimos", se constitui nele. A concepção individualista burguesa da existência não é suficiente para retirar dela sua base social e histórica. Mulheres e homens, como seres humanos, são produtores de existência e o ato de produzi-la é social e histórico, ainda quando tenha a sua dimensão pessoal. (FREIRE, 2006, p. 134).

O anonimato, portanto, representa uma imersão em tudo o que é coletivo. Além disso, é como se a multidão atenuasse as nossas responsabilidades individuais.

## 2.1 Ideologia e anonimato

Embora os pensadores da Antiguidade Clássica já compreendessem a ideologia como um conjunto de ideias e opiniões de uma sociedade, foi o conde francês Antoine Louis Claude Destutt de Tracy (1754-1836) que cunhou o termo "ideologia" em seu livro "Elementos de Ideologia" (1801) e lhe atribuiu o significado de "ciência das ideias".

É muito conveniente para as classes sociais mais altas que a questão da ideologia seja confundida com o partidarismo político ou, até mesmo, tida apenas como um conceito abstrato ou uma distorção que encobre, esconde ou oculta a realidade. A forma ideológica mais frequente de mostrar o próprio conceito de ideologia, desde a queda do Muro de Berlim (1989) e o desaparecimento dos regimes dos países do campo socialista na Europa, tem sido a de imputar ao conceito uma conotação de antiquado, obsoleto. Afinal, não há interesse por parte delas que haja qualquer tipo de mudança na hierarquia social, já que isso poderia representar a diminuição ou, até mesmo, o fim de alguns de seus privilégios. É nisso que acreditam muitos autores que se propõem a escrever sobre a questão da ideologia sem, necessariamente, ter compreendido o que é, de fato, a ideologia:

A ideologia construiu a pior das prisões. Abstrata e entranhada, é de uma violência essencial. Afasta o homem de grandeza de sua dignidade: a autonomia de ser e realizar-se a si mesmo. É que toda ideologia é sempre uma prisão abstrata. É esta ojeriza ao abstrato que explica, em grande parte, a atração duradoura que as grandes personalidades exercem sobre os homens. Apesar de todas as aparências, a pessoa é o maior esforço para salvaguardar o primado do concreto. (LEÃO, 1995, p. 17).

O discurso de que a ideologia é obsoleta é, por si, também um discurso ideológico. Até em publicações mais progressistas, é possível verificar textos

nos quais há uma crença de que existe “Estado Apolítico”, uma confusão entre politização e partidarização e a demonstração de uma compreensão limitada do que seja ideologia:

Interna e externamente, há um longo trabalho a realizar. O mundo já vê o Brasil com olhos bem diferentes, dentro do prisma de desenvolvimento acelerado e das reformas sociais em andamento. E com Dilma aguardam uma política externa mais pragmática, menos ideológica e passional, sem a preocupação de um protagonismo exacerbado. (MARQUES, 2010, p. 5).

A tentativa de desqualificação do conceito libertário de ideologia acontece também pela simples aplicação de um rótulo, como se tudo o que se diz deva parecer suspeito porque quem disse assumiu sua posição ideológica, ao contrário de quem o critica que não assumiu. Para o capitalismo moderno, não interessa o reconhecimento da existência da ideologia como modo de ver o mundo de um determinado grupo social:

[...] a ideologia é resultado da luta de classes e que tem por função esconder a existência dessa luta. Podemos acrescentar que o poder ou a eficácia da ideologia aumentam quando maior for sua capacidade para ocultar a origem da divisão social em classes e a luta de classes. [...]. Não se tratam de supor que os dominantes se reúnam e decidam fazer uma ideologia, pois esta seria, então, uma pura maquinação diabólica dos poderosos. E, se assim fosse, seria muito fácil acabar com uma ideologia. (CHAUI, 1989, p. 89 a 92).

Para Karl Marx (1818 — 1883), a ideologia representa um falseamento da realidade por parte das classes mais economicamente favorecidas, as quais, ao impor seus valores, buscam fazer com que sejam vistos como únicos e legítimos. Por isso, em última instância, ela é determinada pelo nível econômico. Porém, para outros autores como o filósofo francês Louis Althusser (1918 — 1990), que faz parte do campo marxista, a ideologia é mais abrangente. Ela representa a visão e os interesses de uma determinada classe social, não um falseamento. Em seu conceito de ideologia, Althusser parte da concepção de Marx sobre o materialismo histórico que, longe de qualquer tipo de determinismo, diz que o ser humano, em sua relação com a natureza,

produz e reproduz os meios de sua existência na Terra. Sendo assim, a sociedade da qual eles formam parte se estrutura para não só produzir os bens materiais de que necessita, como também para multiplicar o próprio modo de produção e as condições materiais que a favoreçam. Uma condição material criada é a força de trabalho, a qual, além de um salário, necessita se capacitar para desempenhar esse trabalho. Assim, ela necessitará de instrução<sup>10</sup>. Nas sociedades pré-capitalistas, tais como a feudal, na qual o indivíduo tinha uma relação mais estreita com o seu “espaço imediato” (família, tribo, povoado), essa instrumentação era realizada no próprio local de trabalho. Já nas sociedades capitalistas esse treinamento (“educação”) passou a ser realizado nas escolas laicas, nos seminários e nas instituições militares. É esse ponto que interessa para entender o conceito de ideologia para Althusser, já que é, nas escolas, que se dá a “reprodução da formação da força de trabalho”. Interpretando o pensamento althusseriano sobre ideologia, Konder diz que:

É na reprodução da formação da força de trabalho, então, que se misturam conhecimentos técnicos, informações científicas, saberes práticos e também normas adequadas à submissão e critérios destinados a promover uma adaptação à ordem vigente. Quer dizer: promove-se a aceitação da ideologia dominante. (KONDER, 2003, p. 120).

Dessa forma, em termos práticos, o que a ideologia dominante pretende é impedir todo e qualquer questionamento real sobre os fundamentos da sociedade. Para o entendimento do conceito de ideologia, bem como para o objeto de estudo desta tese, o que mais interessa é saber que é, na escola, onde se aprende as “normas adequadas à submissão e critérios destinados a promover uma adaptação à ordem vigente”, pois, é através dela que se promove a aceitação da ideologia dominante. Para Althusser, a ideologia das classes mais economicamente favorecidas é promovida em termos práticos na sociedade através do que ele chama de Aparelho (repressivo) do Estado (governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões etc.) e dos

---

<sup>10</sup> A opção pelo termo “instrução” não é por acaso, pois aqui neste trabalho se entende que “educação” possui um sentido bem mais amplo do que apenas a formação para o mercado de trabalho. Algo tão em voga na publicidade das atuais instituições particulares de ensino superior. (COSTA, 2008, p. 27 a 33). A educação tem aqui neste trabalho também o sentido da preparação para o exercício da cidadania.

Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE): família, empresas, igrejas, escolas, meios de informação etc. Segundo Althusser:

O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) do Estado, é a seguinte diferença fundamental: o Aparelho repressivo do Estado “funciona através da violência” ao passo que os Aparelhos Ideológicos do Estado “funcionam através da ideologia”. (ALTHUSSER, 1989, p. 69).

Mas o filósofo francês faz uma ressalva: não existe aparelho unicamente repressivo, tampouco aparelho puramente ideológico. Enquanto a polícia e o exército são repressivos, eles também são ideológicos, pois, igualmente, também objetivam preservar sua coesão interna; e a escola e a Igreja, além de ideológicos, também são repressivas no trato com seus funcionários e “ovelhas”. Mas, para Althusser, “[...] as ideologias não “nascem” dos AIE mas das classes sociais em luta: de suas condições de existência, de suas práticas, de suas experiências de luta, etc” (*ibidem*, p. 123). Além disso, a ideologia permeia todos os aspectos de nossa vida:

É “livremente” que se vai à Igreja, à Escola, embora esta seja “obrigatória”..., que se adere a um partido político e se obedece a ele, que se compra um jornal, que se liga a TV, que se vai ao cinema ou ao estádio e que se compram e “consomem” discos, quadros ou “Posters”, obras literárias, históricas, políticas, religiosas ou científicas. Portanto, equivale a dizer que os Aparelhos Ideológicos de Estado no sentido de que funcionam não “por meio da violência”, mas “por meio da ideologia”. (ALTHUSSER, 1999, p. 105).

Há segmentos reacionários da sociedade que defendem a premissa de que é possível atingir a neutralidade na educação, isto é, defendem o ponto de vista de que o professor deve ensinar um conteúdo programático sem que sejam explicitadas as questões ideológicas. Porém, eles esquecem de que toda produção de conhecimento é, para o bem ou para o mal, ideologicamente engajada:

EscolasemPartido.org é uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior. A pretexto de transmitir aos alunos

uma “visão crítica” da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo. Como membros da comunidade escolar – pais, alunos, educadores, contribuintes e consumidores de serviços educacionais –, não podemos aceitar esta situação. (NAGIB, 2012, site)<sup>11</sup>.

É importante dizer que confundir o conceito de ideologia com o simples partidarismo político parece uma estratégia norteada pela má-fé. Além disso, acreditar que é possível uma escola sem ideologia é ingenuidade nos melhores casos; e, nos piores, significa estar a serviço de alguma das mais retrógradas ideologias. Se a ideologia representa uma visão de mundo, e a educação faz parte deste mundo, então, todo processo educativo é ideológico.

Mas não é difícil constatar que, nos últimos tempos, houve um esvaziamento do debate ideológico no campo da educação. Isso decorre de uma perspectiva utilitarista do espaço escolar que associa a educação com a formação para o mercado de trabalho. A necessidade de capacitação para o mercado de trabalho é um aspecto importante e legítimo para a formação de uma pessoa, mas o problema é quando essa necessidade é encarada como única, deixando em segundo plano ou até totalmente de lado a formação para a cidadania. Hoje, a perspectiva dos jovens é a de repetir lugares comuns como “É preciso vestir a camisa da empresa” no lugar do velho lema marxista “Trabalhadores de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS, 2010, p. 69), o qual a grande maioria desconhece. O problema é que uma empresa privada, em contrapartida, dificilmente “veste a camisa” de seus funcionários, sobretudo, os mais braçais. A consequência mais lógica disso é a formação de bons técnicos (médicos, engenheiros, advogados, professores, jornalistas etc.), mas insipientes cidadãos, cuja ideologia é a mesma imposta por sua classe dominante, a qual, no caso do Brasil, reproduz, por sua vez, a ideologia consumista, predatória e triunfalista (o ser humano na dicotomia vencedor x perdedor) da elite dos Estados Unidos. Assim, pode-se dizer que a ideologia das elites brasileiras é uma reprodução mal-acabada da ideologia da elite americana, mas que tem o efeito ainda mais cruel devido ao não despertar

---

<sup>11</sup> Cf.: NAGIB, Miguel. Quem Somos. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/quem-somos>>. Acesso em: 23 fev. 2012.

para as evidentes contradições socioeconômicas locais. Há, inclusive, autores tais como Leandro Narloch, Luiz Felipe Pondé e Marco Antonio Villa cujos livros se destinam a popularizar o pensamento de direita em nosso país, fornecendo, com diferentes níveis de competência, muitas vezes, uma versão caricatural e deturpada da realidade cuja concepção é solidária aos interesses da classe dominante. Boa parte deles se define hoje como "conservador em política – 'mas liberal em todo o resto'"<sup>12</sup>, estratégia essa muito em voga e oportunista destinada a fragmentar o conceito de utopia e ideologia. Já que, para boa parte da geração atual, ao mesmo tempo que é fácil fazê-la se identificar com a "vitória financeira" e com um mundo dividido entre "vencedores" e "perdedores", é muito difícil instá-la a abrir mão de conquistas como a liberdade de costumes.

Em seu discurso de posse (30.10.1969) como Presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici cujo mandato foi marcado como um dos mais repressivos do país mostra um pouco de sua visão sobre luta de classes e ideologia:

Creio em um mundo sem fronteiras entre países e homens ricos e pobres. E sinto que podemos ter o mundo sem fronteiras ideológicas, onde cada povo respeite a forma dos outros povos viverem. Creio em um mundo sem fronteiras tecnológicas, onde o avanço científico fique na mão de todo homem, na mão de toda nação, abrindo-se à humanidade a opção de uma sociedade aberta. (MÉDICI, site)<sup>13</sup>

O golpe militar de 1964 não representa um início, mas sim, em termos de hegemonia, representa uma continuidade de uma visão de mundo conservadora que está, ao longo dos tempos, sob diferentes matizes em nosso país desde o início de sua povoação. Uma época que, longe de ter sido definitivamente encerrada, deixou máculas que até hoje têm aparecido no tecido social de nosso país através de grupos de pessoas que, na defesa de seus interesses e privilégios seculares, com a conivência de sucessivos governos e de posse dos mais abrangentes meios de informação, têm

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://dialogosexemplares.wordpress.com/2012/04/16/conversacomponde>. Acesso em: 17 nov. 2010.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discurso-de-posse>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

compartilhado ao longo dos anos uma mesma visão reacionária de mundo desde o Brasil Colônia. Essa visão, ao longo dos anos, por questões de interesse, já trocou de nome várias vezes e se chamou Partido Restaurador, Partido Conservador, UDN (União Democrática Nacional), Arena (Aliança Renovadora Nacional), PDS (Partido Democrático Social), PFL (Partido da Frente Liberal) e, mais recentemente, se chama DEM (Democratas). Certamente, haverá outras trocas de denominação no futuro para que possam continuar representando o mesmo. Não se trata aqui de maniqueísmo, mas de desembaraçar as linhas teóricas em benefício do entendimento, já que todas são siglas “geneticamente” ligadas à mesma prática política. É curioso observar como, ao longo da história, os representantes do pensamento conservador sempre buscam colocar no nome de suas legendas partidárias termos que fazem referências à “renovação” e “democracia”, ideais que estão, na verdade, muito distantes de seus reais objetivos no que diz respeito a um passado de opressão; à defesa intransigente dos privilégios de uma minoria; e, não raro, oferecendo suporte político e econômico à instauração de ditaduras. É fácil comprovar isso de diversas formas, como fazendo a leitura de discurso das declarações de seus representantes, do conteúdo de seu programa de governo e até de comentários de seus militantes em sites ligados oficialmente ao partido, como o da Juventude do DEM. Nessas demonstrações espontâneas de solidariedade de classe, surpreendentemente feitas por pessoas ainda jovens, é possível perceber continuidades seculares que esse grupo ainda representa, e das ideias ainda não totalmente extirpadas da nossa sociedade:

18.10.2010|11h32. Por leandro silva (nacaohiphopbrasilba@yahoo.com.br). Parabéns aos Democratas por continuarem na luta por um Brasil mais igual, justo e soberano, nosso país precisa reiniciar as privatizações das estatais, precisamos mostrar na América Latina quem manda colocando de lados esses vizinhos rebeldes descendentes de índios precisamos acabar com essa bolsa família esse prouni de merda precisamos ir a luta fortalecer a grande mídia, desarticular o movimento sindical vermelho, dirigir a UNE, colocar na cadeia esses sem terras q invadem nossas fazendas.<sup>14</sup>

---

14

Cf.:

Disponível

em:

<[http://www.juventudedemocratas.org.br/news\\_view.asp?id={A8FC4877-6D32-4F66-B86A-B575CD9A464B}](http://www.juventudedemocratas.org.br/news_view.asp?id={A8FC4877-6D32-4F66-B86A-B575CD9A464B})>. Acesso em: 22 out. 2010.

No dia 22 de maio de 2012, durante a votação na Câmara dos Deputados da Proposta de Emenda à Constituição 438, conhecida como a PEC do Trabalho Escravo, que determina o confisco de propriedades onde for flagrado o uso de mão de obra em situação análoga à escravidão, assim uma repórter descreveu o discurso de alguns deputados contrários à proposta:

“Se na minha propriedade eu matar alguém, tenho direito a defesa. Se eu tiver um bom advogado, não vou nem preso. Mas se eu der a um funcionário um trabalho que o fiscal do Trabalho vai colocar como análogo a escravo, provavelmente a minha esposa e os meus herdeiros vão ficar sem o imóvel, uma penalidade muito maior do que se eu tirar a vida de alguém”, disse o deputado federal Nelson Markezelli (PTB-SP). Seu colega Luiz Carlos Heinze (PP-RS) foi ainda mais dramático. No afã de argumentar que a lei é vaga, permitindo diferentes entendimentos, Heinze apelou. Reclamou que a falta de sanitários e chuveiros disponíveis para os trabalhadores, por exemplo, não pode ser tida como indício de trabalho degradante, pois muitos estabelecimentos não o possuem, citando inclusive a própria Câmara dos Deputados. “Para cada dez trabalhadores, tem de ter um banheiro e um chuveiro. Nesta Casa, onde trabalhamos, às vezes, até meia-noite, 2h da manhã, há três ou quatro vasos sanitários para 513 deputados. Isso aqui não é trabalho degradante, não é jornada exaustiva? Por que não vêm aqui prender e dizer que nós estamos num trabalho escravo?”, indagou o parlamentar em plenário. (TOLEDO, 2012, site).<sup>15</sup>

Interessaste notar como posturas análogas às do século XIX são facilmente encontradas entre parlamentares e sites de internet do século XXI. É por isso que Althusser, no fragmento abaixo, diz que a ideologia não tem uma história que lhe seja própria:

A ideologia não tem história, o que não quer dizer, de modo algum, que não tenha uma história (pelo contrário, já que ela não passa do pálido reflexo vazio e invertido da história real), mas *não tem uma história que lhe seja própria*. [...]. Com efeito, por um lado, creio poder defender que as ideologias *têm uma história própria* (embora ela seja determinada, em última instância, pela luta de classes nos aparelhos da reprodução das relações de produção); e, por outro, creio

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/72/rede-brasil-atual>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

poder defender, ao mesmo tempo, que a *ideologia em geral não tem história*, não em um sentido negativo (o que sua história lhe é exterior), mas em um sentido absolutamente positivo. (ALTHUSSER, 1999, p. 197).

É possível também perceber como a ideologia de cada classe social pode ser notada através de uma leitura atenta do discurso. Mas é muito frequente e conveniente para as classes sociais mais altas que a questão da ideologia seja confundida com o partidarismo político ou até mesmo tida apenas como um conceito abstrato. Afinal, não há interesse por parte delas que haja qualquer tipo de mudança na hierarquia social, pois isso poderia representar a diminuição ou até mesmo o fim de alguns de seus privilégios. Ao ser tachado como “ideológico” aquilo que é simplesmente opção partidária, parte-se de um equívoco que irá comprometer toda a análise posterior alicerçada sobre o pressuposto falso. Contudo, a ideologia está sempre presente em qualquer grupo e, muito provavelmente, o grupo só exista por causa da ideologia. Andrade lembra que:

Os olhos estão presos à cabeça, em cada cabeça há um cérebro com memórias. E você vê o mundo conforme essa memória, bem como de acordo com as experiências de vida, interesses e grupo familiar a qual pertence. Então, em cada cabeça há diferentes realidades? Não, porque vivemos em comunidades e em sociedade. Por isso, há modos peculiares de ver o mundo conforme a classe social, etnia, gênero (masculino, feminino). Mas o contra-discurso ideológico é dizer que isso ou aquilo é “ideológico”. Por isso a solução está em assumir a postura ideológica de cada um. Nós vemos o mundo conforme nosso entendimento do que o mundo representa. Os conflitos existentes dentro de uma sociedade não são pessoais, são motivados pelas relações de poder entre as classes. E aqueles que compartilham uma determinada classe social, compartilham também esta visão de mundo. (ANDRADE, 2007, site).

As pessoas têm realidades diferentes e essas realidades diferentes implicam necessidades diferentes, visões de mundo diferentes. Dessa forma, se sabe que não se pode desconsiderar a existência da ideologia, e que nela a visão dominante no modo de produção capitalista é a visão da classe dominante que é muito ciosa na defesa de seus interesses. Da ideologia, não existe escapatória, nos diz Leandro Konder:

Não existe imunidade contra a ação sutil da ideologia: ela pode se manifestar tanto na percepção sensível como na análise e na reflexão; pode aparecer tanto na pretensão à universalidade como na resignação à particularidade. O pensamento pode se perder tanto na abstração como na empiria. A sensibilidade pode falhar sendo intensa ou enfraquecida. (KONDER, 2002, p. 257).

Esse é o motivo pelo qual, segundo o entendimento deste trabalho, consideram-se as visões ideológicas de mundo, que, por vezes, são antagônicas, como coerentes internamente (mas não externamente) ao longo da história. Cada uma é norteadas por um *dégradé* de matizes que reflete o contexto histórico e os interesses das classes sociais as quais elas representam a visão. O mesmo raciocínio será aplicado mais adiante quando se falará sobre utopia e dialética.

Em países, como Portugal - um caso emblemático - há muitos relatos de discriminação contra estrangeiros de modo geral e especialmente contra africanos, sobretudo depois que este se tornou membro da União Europeia. Há inúmeros grupos e até partidos constituídos que não aceitam que o país deles se torne uma terra de imigrantes, algo que Portugal sempre contribuiu para que outros se tornassem. O antagonismo chega ao cúmulo com o fato de o líder do principal partido nacionalista português, abertamente anti-imigração, ter sido, ele próprio, um imigrante no Brasil<sup>16</sup>. Além disso, para muitos europeus do centro e do norte, os portugueses são conhecidos como “os negros da Europa”. Quando não se observa com a devida importância a questão de luta social das classes, geralmente isso abre espaço para questões de raça, religião e para nacionalismos. Ora, se o capitalismo não tem pátria, o socialismo também não deve ter.

Às elites nacionais de qualquer país, inclusive o nosso, não interessa preparar os trabalhadores através da educação para o exercício da cidadania, mas, apenas, formar para o trabalho. Seja ele um trabalhador menos qualificado ou até um mais escolarizado, tal como engenheiro de *software*. Esse pensamento continua até hoje; basta ver o discurso publicitário de grande

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://asemana.sapo.cv/spip.php?article23467>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

parte das faculdades particulares (COSTA, 2008, p. 27). No início da década de 80 do século passado, a fim de escrever um livro sobre a situação dos trabalhadores estrangeiros, um jornalista alemão se disfarçou de imigrante turco e, ao se submeter aos piores trabalhos desprezados pelos alemães, relatou uma situação de marginalização, desaforos diários, exposição a riscos em trabalhos perigosos, não pagamento integral de benefícios e encargos sociais, falta de segurança nos locais de trabalho, brutais jornadas de trabalho de 16 a 24 horas por dia impostas aos estrangeiros na época, desprezo, tratamento desumano dispensado a trabalhadores braçais e pouco qualificados e discriminação das minorias étnicas numa sociedade que se julga civilizada. Em seu relato, ele constatou uma situação que se contrapôs à questão de classe com a de etnia:

Certa vez, roubaram do armário de um colega alemão sua carteira com 100 marcos. Evidentemente, logo suspeitaram de mim.

- Olhe aqui! Durante o trabalho você sumiu por uns quinze minutos. Aonde é que foi?

E outro alemão complementou:

- É isso aí! Mande esse cara abrir a carteira!

Um terceiro operário alemão, Alfons, às vezes chamado de Alfi, tomou meu partido:

- Mesmo que Ali tenha 100 marcos na carteira, isso não prova nada. Qualquer um de nós poderia ter roubado o dinheiro. Ou até algum estranho. Por que logo ele?

É ainda Alfi quem me estimula a aprender melhor a língua alemã, dando-me um tapinha no ombro. "Você fala melhor do que pensa", diz ele. "É só se esforçar mais um pouco..."

Alfi ficou desempregado durante vários anos porque a agência oficial de empregos de Düsseldorf lhe arranjava uma colocação na firma Bastuba. Ele trabalhava o dia inteiro dentro da água fria, limpando os canais e suas margens, por ordem do Estado da Renânia do Norte-Vestfália. Só algum tempo depois percebeu que a Bastuba não o registrara e, portanto, ele trabalhava ali ilegalmente, na mesma situação de seus colegas iugoslavos. Quando levantou essa questão junto ao chefe, foi posto na rua. Tempos depois um amigo deu-lhe o endereço da GBI. (WALLRAFF, 1988, p. 54 e 55).

Um dos grandes dilemas enfrentados pelos teóricos marxistas atuais é como teorizar sobre o velho conceito de "internacionalismo proletário", que, para os ouvidos das atuais gerações, soa tão fora de moda quanto o

comunismo de Estado, e fazê-los compreender que, embora possua um padrão de vida mais elevado, um engenheiro de *software* é passível de ser tão explorado economicamente (sujeito a mais-valia) quanto um auxiliar de pedreiro; e que um atendente do McDonald's nos EUA tem mais em comum em determinados pontos com um balconista de lanchonete boliviana do que com seus compatriotas que exploram poços de petróleo. O mesmo pode se dizer de uma moça que é vendedora em uma loja de grife em comparação a outra moça que trabalha em uma lanchonete de uma periferia. Hoje grandes corporações como a Google Inc. criam estratégias, em seus ambientes de trabalho, para que seus empregados simplesmente não sintam necessidade ou vontade de voltar para casa depois do expediente, visto que podem encontrar quase tudo o que necessitam dentro da própria empresa, desde refeições gratuitas, passando por espaços esportivos, até creche para seus filhos.

Nos últimos anos, o bom momento que vive a economia brasileira e o acesso facilitado a crédito que possibilita adquirir bens de consumo têm entusiasmado as classes menos favorecidas em nosso país. Embora não seja ruim, isso não representa qualquer tipo de modificação significativa da forma como se tem organizado as classes sociais no Brasil. A economia de mercado dá uma falsa ideia de liberdade (sobretudo, de escolha), mas não há liberdade de fato se não há igualdade econômica. Mas o consumismo dá essa impressão.

É preciso sempre nos lembrarmos que o homem é um criador de necessidades. Satisfeitas as necessidades básicas, ele cria novas e tais necessidades serão sempre em um nível superior ao das liberdades de criar, de saber e de se relacionar. (ANDRADE, 2007, site).

Além disso, como diz Paulo Freire, o oprimido é o que melhor reproduz a opressão, “Condicionados pela ideologia dominante, não apenas obliteram sua capacidade de percepção do real, mas também, às vezes, se ‘entregam’, docilmente, aos mitos daquela ideologia”. (FREIRE, 2006, p. 26).

Assim, o nacionalismo, o racismo, o sexismo e, mais recentemente, o consumismo são quatro grandes inimigos do conceito libertário de ideologia, pois eles se encontram no espectro reacionário oposto. Eles distraem os povos

da divergência histórica que, realmente, lhes deveria interessar: a luta social das classes. É por isso que, nos tempos atuais, é positivo observar que os parlamentares na União Europeia e no Mercosul (em fase mais embrionária) tendem a não se alinhar por nacionalidade, mas sim em posições ideológicas representadas por partidos políticos supranacionais.

A longo prazo, a conscientização ideológica representa, em grande medida, uma utopia, pois:

Como se estivéssemos assistindo um filme, ficamos aqui olhando a história passar. A aristocracia caiu, já não temos os títulos de nobreza, mas ainda hoje existem barões em nossa sociedade desigual; a escravidão acabou, mas todos sabemos como vive a maior parte da nossa população e como é perverso o tratamento dado ao negro no Brasil; a república foi proclamada, mas são muito conhecidas as famílias dinásticas da política brasileira; a educação, leiga, gratuita e universal, existe desde a Revolução Francesa, mas, aqui entre nós, no século XXI ainda não podemos vislumbrar no horizonte uma educação pública decente. (ANDRADE, 2005, p. 3)<sup>17</sup>.

Há um livro<sup>18</sup> chamado “O Príncipe & Maquiavel sem ideologias”<sup>19</sup>, como se isso fosse possível. Mesmo assim, é importante frisar que o problema não é a explicitação, mas sim a ocultação da ideologia e a ocultação da manipulação. Inclusive, nos dias atuais, tem se dito muito que a sociedade contemporânea está permanentemente exposta a um “bombardeio de informações”, mas há quem discorde afirmando que:

A capacidade do ser humano de apreensão da informação não mudou muito ao longo dos séculos. É por isso que não estamos expostos a um bombardeio de informações, mas sim de mensagens intencionalmente organizadas, nas quais, para compreendermos corretamente, precisamos saber sobre a intenção. (ANDRADE, 2007, site).

É preciso questionar: por que as empresas jornalísticas dão tanta atenção à tão propalada “credibilidade”, se a informação é algo capaz de se impor por si mesma? Isso ocorre porque essas empresas não oferecem

---

<sup>17</sup> ANDRADE, Arnon de. Utopia e educação. Disponível em <<http://www.educ.ufrn.br/arnon/utopia.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2012.

<sup>18</sup> WEBER, Ivan Hingo. O Príncipe & Maquiavel sem ideologias, Petrópolis: Ed. Vozes,

<sup>19</sup> Uma referência ao livro “O Príncipe” de Nicolau Maquiavel.

informação em si, mas, na verdade, “opinião”. Todo órgão de imprensa (rádio, TV, revista, portal de internet) tem um dono e não só o conteúdo do que é dito nesse meio, mas a forma como é dito, a ênfase nisso e não naquilo, quem entrevistar, a escolha das fotos que acompanham o texto, o tamanho do vídeo, das fotos ou do texto, o próprio espaço que é dado ao conjunto e até a localização na página de um periódico ou em um vídeo refletem a opinião, os anseios, o desejo e, sobretudo, a posição ideológica do dono. No que diz respeito à imprensa nacional, a situação de monopólio na qual sete famílias controlam cerca de 92%<sup>20</sup> dos veículos de mídia do país não é das melhores. O jornalista Paulo Henrique Amorim diz que:

[...] Essa é a pior imprensa de todas as novas democracias. E sempre foi assim, covarde, partidária. É a mesma imprensa caluniosa do tiro no peito de Getúlio Vargas, o boletim interno da Casa Grande. (AMORIM, 2011, p. 31).

Nesse sentido, pode-se dizer que, em termos ideológicos, uma das grandes estratégias dos representantes do pensamento reacionário em qualquer país, inclusive no nosso, é rotular<sup>21</sup> para desqualificar como sendo “ideológico” apenas aquilo que eles julgam provir como uma concepção libertária. Já para si mesmos, sobretudo os meios de informação ligados às elites de cada país, reivindicam os mitos da “isenção” e “imparcialidade”, além de se autoproclamarem “formadores de opinião”<sup>22</sup>, como se suas atitudes não fossem também motivadas pela ideologia da qual são solidários. Entretanto, ideologia não é pecado. O pecado consiste na ocultação ou na tentativa de ocultação da ideologia que é representada.

Todas as instituições de uma sociedade refletem a ideologia dominante. A ela, por exemplo, convém que se confunda o não acesso à educação e ao conhecimento de determinada parcela da população com uma suposta

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://enecos.org/debate-a-importancia-da-democratizacao-da-comunicacao-na-defesa-dos-direitos-humanos/>>. Acesso em 24 mar. 2012

<sup>21</sup> O problema da rotulação é que ela é uma simplificação, algo que conseqüentemente tende a gerar uma manipulação. Assim, toda simplificação acaba por “apagar” os “meios tons”, nos quais podem estar escondidas as verdades.

<sup>22</sup> Condizente com o entendimento teórico adotado nesta tese, uma denominação melhor para “formadores de opinião”, seria “formadores de manipulação”.

incapacidade intelectual ao chama-las pejorativamente de “burra” e lhes dizer que são incapazes de aprender. Isso não é à toa, serve para que elas mesmas se convençam de sua incapacidade e permaneçam como reserva de mão de obra barata. E essa parcela também não é aleatória: dela fazem parte as mulheres, os negros, os índios (ou qualquer outra etnia de pele mais escura) e, sobretudo, quem, por parâmetros próprios de uma sociedade, seja considerado pobre. Portanto, sem mão de obra barata não há mais valia, sem mais valia não há lucro, e sem lucro não há capitalismo.

A ideologia dominante está presente até nas instituições mais críticas e pretensamente emancipadoras. Tratando-se de uma palestra acadêmica em uma instituição de ensino superior, se supõe que ela seja guiada pela ética igualitária, sensata e reflexiva. Mas, em boa parte delas, as cadeiras da frente são, geralmente, reservadas às "autoridades", como se elas enxergassem menos do que todos os outros no auditório. Talvez realmente enxerguem menos. No passado, mas ainda hoje, eventos como a posse de um representante eleito (governador, prefeito, reitor e nos pequenos municípios até colação de grau) contam com a presença da mais alta patente militar local e do representante da Igreja da mais alta hierarquia na cidade. Ali, estão para chancelar a pretensa autoridade uns dos outros e para reproduzir em escala menor um sistema opressivo de dominação. Afinal, para grande parte da humanidade, ainda é mais cômodo se submeter do que pensar.

Os interesses dos donos dos grandes meios de informação fazem com que a mídia de um país reflita os interesses da classe dominante. Mas se nosso país tivesse um sistema educacional melhor, a mídia e a religião não teriam tanta força. Como disse o ativista político Sébastien Faure, "As religiões são como pirilampos: só brilham na escuridão"<sup>23</sup>. Há, inclusive, opiniões mais radicais que pregam (porque é disto que se trata: “pregação”) o não envolvimento (alienação) de seus fiéis com a própria realidade, em uma dissociação total entre política e vida, como se isso fosse possível, e como se isso não trouxesse consequências desastrosas para a sociedade:

---

<sup>23</sup> Disponível em: <[http://pt.wikiquote.org/wiki/Sébastien\\_Faure](http://pt.wikiquote.org/wiki/Sébastien_Faure)>. Acesso em: 15 jun. 2012.

Os CRISTÃOS verdadeiros não se envolvem na política. Por quê? Porque seguem o exemplo de Jesus. Ele disse sobre si mesmo: "Eu não faço parte deste mundo". A respeito de seus seguidores, ele disse: 'Vocês não fazem parte deste mundo.'(João 15:19;17:14). [...]. A capacidade do homem é limitada. A bíblia diz que os humanos não têm a capacidade nem o direito de governar a si mesmos. O profeta Jeremias escreveu: "Não é do homem que anda o dirigir o seu passo." - Jeremias 10:23. Assim como os humanos não conseguem voar por si mesmos porque não foram criados para isso, eles não são capazes de governar a si mesmos porque Deus não os criou para isso. (A SENTINELA, 2012, p. 6)<sup>24</sup>.

O emprego de determinadas palavras em detrimento de outras não é uma ação aleatória e, portanto, isenta de ideologia. Não é à toa que um líder religioso se chama e é chamado por seus seguidores de "padre" ou "pastor". Por definição, o trabalho de um pastor é vigiar animais que pastam. A metáfora bíblica não é por acaso. Para os teólogos, os seguidores de uma religião devem ser conduzidos e cerceados como são o gado e as ovelhas. Tanto isso é verdade que tais seguidores são, usualmente, chamados de "fiéis", pois se espera deles fidelidade mesmo em questões em que haja a ausência de sentido, argumentos e de lógica. E o que é um padre, senão uma tradução para as palavras latinas "*páter*","*pátris*" que significam "pai". Aqueles responsáveis por impor como lei geral suas convicções pessoais e de sua classe social aos membros da família; aquele cuja função em casa é cuidar para que seus filhos não "saiam da linha"; que nas sociedades patriarcais organiza o espaço familiar; e que, quando necessário, são os responsáveis pela punição dos que se rebelam. A religião é reacionária porque o modelo no qual ela está baseada, o de família (a nobre e, mais tardiamente, a burguesa) é igualmente reacionário. Reacionário porque não desejam que sejam feitas mudanças em uma sociedade na qual ela é privilegiada. Sendo assim, é por isso que a liberdade sexual, que segundo esse modelo nuclear baseado em ancestralidade, tantos prejuízos causam a esse conceito de família é vista de forma tão negativa. Dessa forma, em um meio de liberdade sexual, não havia, em outros tempos, como saber com segurança se a herança genética de determinada criança é realmente a daquele determinado homem. Esse é um

---

<sup>24</sup> Cf.: A SENTINELA, volume 133, nº 9, Cesário Lange - SP, ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 2012, p. 6.

dos motivos que faz a Igreja se preocupar tanto com o sexo. Sendo assim, como não restam esperanças no mercado e meios de informação a não ser como reprodutoras da ideologia dominante, é o campo da Educação a última linha, não só de reprodução, mas, sobretudo, de defesa contra o reacionarismo obscurantista através da demonstração das contradições.

Muitos infortúnios ocorreram e ainda ocorrem porque muitos segmentos de nossa civilização erram muitas vezes em associar uma notícia publicada em jornal com a ideia de “verdade”, moral religiosa com “ética” e amor com sexo. A moral é relativa, já a ética não. Essa relação desastrosa feita entre esses conceitos é responsável por muitos equívocos. Em campanhas eleitorais, políticos usam notícias veiculadas na imprensa para atingir opositores, pouco importando se são verdadeiras ou não, e as atividades e materiais destinados às aulas de Educação Sexual são comprometidos por interesses e preconceitos que nada têm de educacionais.

Há instituições tradicionais que, graças aos meios de informação, vêm, cada vez mais, se tornando fomentadoras do que aqui se vai chamar de interdição do debate público. É o caso das Igrejas e da Imprensa. Elas demagogicamente se colocam como bastiões da ética, se aproveitando da velha estratégia de se confundir ética com moral religiosa. Ora, por que, se deus é ético e bom, alguém, ao não acreditar no culto a essa entidade mitológica, será colocado no espectro oposto e considerado amoral e antiético? Da mesma forma, os donos dos meios de informação em sua ânsia por confundir "liberdade de imprensa" com "liberdade de empresa"<sup>25</sup>, irão sempre qualificar como autoritária e antidemocrática qualquer tentativa de diminuição de seu poder como promotora da ideologia dominante. Ora, nesse sentido, as Igrejas e a imprensa irão sempre desqualificar as vozes discordantes. Em termos práticos, se um líder religioso for acusado de sonegação fiscal, ele dirá sempre aos seus fiéis que quem o acusa é um inimigo da fé e a imprensa dirá sempre que as medidas tomadas contra seu poder de manipulação são sempre atentados à liberdade de imprensa. A consequência disso é que essa

---

<sup>25</sup> O jurista Dalmo Dallari diz que "a liberdade de imprensa é um direito da cidadania incorporado às noções básicas do Estado de Direito. Só que não significa liberdade de empresa, pois há um componente social relevante" (2010), Conf.: Disponível em: <[http://www.bluebus.com.br/show/2/99690/liberdade\\_de\\_imprensa\\_e\\_liberdade\\_de\\_empresa\\_dalmo\\_dallari\\_na\\_folha](http://www.bluebus.com.br/show/2/99690/liberdade_de_imprensa_e_liberdade_de_empresa_dalmo_dallari_na_folha)>. Acesso: 12 set. 2012.

estratégia acaba por resultar na obstância prévia de toda e qualquer oposição. Assim, eles interdita o debate público através de um pseudoimpasse.

Nosso sistema midiático é um sistema de imposição da ideologia dominante, de controle e de defesa de interesses privados mais sutil que o sistema de controle dos regimes claramente autoritários. Tudo isso transforma em uma falácia a antiga máxima jornalística quanto a observar os dois lados de um fato, visto que, apenas, esse gesto não basta para descaracterizar a parcialidade, muito pelo contrário, acaba servindo como uma camuflagem. Sendo assim, o jornalista honesto não é aquele que se diz imparcial, mas sim aquele que deixa clara a sua parcialidade. Como, por exemplo, fez em 2002 a revista Carta Capital em um editorial intitulado "Carta Capital escolhe Lula"<sup>26</sup>. Já com relação aos meios técnicos, a solução pode estar naquilo que se tem observado nas Tecnologias de Informação e Comunicação em termos de pluralidade de vozes, pois "Chegamos a um estágio que a rede criou anticorpos para combater iniciativas nocivas à comunicação". (ANDRADE, 2007, site). E a mídia só não consegue ser totalmente manipuladora porque, no geral, o ser humano é passível de discernimento. É por isso que mais que nunca é preciso pensar em meios para uma comunicação possível.

Mas é claro que, ainda, há grupos que desejam confundir "liberdade de imprensa" com "liberdade de empresa" e têm interesse em acreditar que eles são "imparciais"<sup>27</sup>. É exatamente o que nos diz Andrade:

Todos os grupos humanos possuem sua ideologia. Ela representa o modo de ver o mundo de um determinado grupo social de acordo com seus interesses, ou seja, é a tentativa de explicar o mundo, de uma forma sempre solidária com os interesses, grupo e história de quem explica. Sejam eles mulheres, homens, negros, brancos, médicos jornalistas e assim por diante. Esse é um processo inconsciente. É por isso

---

<sup>26</sup> Cf.: CARTA, Mino. "Carta Capital escolhe Lula", revista Carta Capital, Ano VIII, nº 209, 02/10/2002, São Paulo: Editora Confiança, p.18

<sup>27</sup> Há uma piada corrente na qual um chefe de redação chama um jornalista e diz: "Está chegando a Semana Santa e quero que você escreva um texto sobre Jesus Cristo" O jornalista responde: "Contra ou a favor!?". Na obra "Incidente em Antares" (1971) Érico Veríssimo (1905-1975) fala de um diretor de um jornal ironicamente chamado "A verdade" o qual "Dá uma impressão de fluidez, é um homem que, como os líquidos, toma a forma do vaso que os contém, isto é, da pessoa com quem fala ou a quem serve" (1994, p. 158). Já o jornalista Mino Carta (1933- ) qualifica os jornalistas subservientes ao poder como "capitães do mato" e "sabujos de redação". Disponível em.: <<http://www.outroladodanoticia.com.br/inicial/13666-mino-carta-defende-imprensa-democratica.html>>. Acesso: 23 jul. 2012.

que a ideologia não existe para compreender a natureza, mas sim para justificar o comportamento de um determinado grupo. Sendo assim, a ideologia não é “pecado”, só é pecado quando um determinado grupo social tenta impor sua ideologia aos outros grupos. Isto é, a assimetria com relação ao poder. A ideologia não tem história, ela evolui conforme evolui a sociedade, as relações de poder. Dessa forma, as idéias dominantes são sempre as idéias da classe dominante. Por isso, a manipulação é inerente. Toda “comunicação” é manipulação. Há teóricos que dizem que comunicação é a transmissão de informação com o objetivo de mudar o comportamento do interlocutor. Contudo isso não é comunicação, mas sim manipulação. A imprensa, por exemplo, é um megafone de quem tem dinheiro sobre aqueles que não têm dinheiro. Ouvir os dois lados é uma falácia. Isso não forma opinião nenhuma. Quando se não tem informação anterior, as pessoas são facilmente manipuláveis. Os “meios de comunicação” são mais rápidos com relação a mudanças porque o sistema educativo é mais lento. Todos veem de acordo com sua história. No processo ético em comunicação vamos, então, demonstrar que a verdade tem várias faces. Por isso, sempre que usamos uma expressão, devemos explicitar nossa posição com relação a esta posição. (ANDRADE, 2007, site).

Nesse sentido, mulheres ou homens tendem a ser solidários com seu próprio gênero. Diante de um caso de estupro feminino, mais do que um homem, é natural a maior tendência de uma mulher de se colocar no lugar na vítima. Embora, não necessariamente.

As palavras adquirem sentidos diferentes de acordo com a época, o referencial teórico, a cultura na qual ela foi expressa. Por exemplo, no xadrez, a peça com menor valor é o peão, que tende a ser a primeira a ser sacrificada e não é por acaso, que, em uma obra de construção civil, é chamado de “peão” o operário menos qualificado. O conceito de “militante” para o defensor de uma causa não pode ser confundido com o que em termos de culto à personalidade no meio do entretenimento se chama de “tiete”, que é o esvaziamento ideológico do conceito. Na língua alemã, a palavra para “sol”, “*Sonne*”, não pertence ao gênero masculino, mas sim ao feminino: “*Die Sonne*” (“A sol”). O “Ocidentalismo” não é algo que diga respeito a um hemisfério, mas a um projeto ideológico visto que representa um processo através do qual as sociedades não ocidentais se submetem à influência cultural do Ocidente. Nesse sentido, se pode dizer que as culturas não ocidentais perdem espaço e caem no anonimato.

Se observarmos livros didáticos antigos sobre Educação Sexual, e aqui por “antigo” se entenda livros que foram publicados há 40 ou 30 anos, quando o assunto começou a ser discutido pelos educadores e pelas sociedades, das quais fazem parte, pode-se notar a descrição didática de uma relação sexual:

As relações sexuais constituem um modo muito especial pelo qual os maridos e as esposas demonstram seu amor um pelo outro. E é particularmente maravilhoso porque pode resultar na criação de uma nova vida – o filho deles. [...]. Nas relações sexuais o pênis entra na vagina. Fica endurecido, de modo que o marido o introduz facilmente dentro da vagina da mulher. A aberturinha na ponta do pênis fica então defronte da abertura do útero. [...]. Os espermatozoides se encaminham para o óvulo e, quando um deles consegue penetrá-lo, dá-se a fecundação e inicia-se o crescimento do bebê. O nenê inicia sua vida a partir do encontro entre o espermatozoide do pai e o óvulo da mãe, e é por isso que, ao crescer, será parecido com ambos. (DAWKINS, 1970, p. 55).

A leitura do trecho acima serve para dar uma ideia do moralismo subjacente que permeia todo o resto do livro. Uma leitura do discurso mais atenta nos levará a algumas conclusões. A primeira delas, a mais evidente, é de que a autora vê uma relação sexual como ação que deve ser levada a cabo por um casal (marido e esposa). E não só isso, ele também deve ser heterossexual. Outro detalhe é que a autora vê a relação sexual de forma romantizada, como uma demonstração de amor, quando nem sempre a relação sexual está necessariamente ligada a um ato de amor. A outra conclusão é que para a autora, uma relação sexual tem sempre o objetivo de procriar e não de causar prazer. Além disso, embora a prática recreativa do sexo tenha sido realizada desde tempos imemoriais, não se deve esquecer de que a pílula contraceptiva já havia sido inventada em 1960, ou seja, dez anos antes da publicação do livro. Assim, não é de se estranhar que tais livros tenham gerado mais confusão na cabeça dos jovens da época do que ajudado. Os que fugiam a essa visão ideológica tida como a “normal” tendiam a se sentir indiferentes, no melhor dos casos, e diferentes ou uma aberração no pior. É o caso dos jovens heterossexuais que já mantinham relações sexuais sem serem casados na altura que tiveram acesso ao livro, dos homossexuais e da mulher, em particular, vista como reprodutora. Há outro complicador importante: não se

deve esquecer de que aquela não era uma época qualquer. Vivia-se em plena era da, assim dita, “Revolução Sexual”. Em um livro didático recente sobre Educação Sexual, o conteúdo é bem diferente:

O pênis, totalmente relaxado e flácido antes da fase de excitação, com o aumento de volume de sangue torna-se progressivamente mais volumoso – o que o faz ficar ereto. Em estado de repouso, o pênis tem tamanho variável. [...]. Até que ponto um pênis maior melhora o desempenho do homem na hora do sexo? Aumentaria a satisfação sexual da mulher? É comum considerar um pênis mais desenvolvido como o responsável pela satisfação sexual mais intensa da mulher. O conceito é bem difundido, e muitos homens orgulham-se por tê-lo mais avantajado ou se sentem inferiorizados quando as dimensões são menores. Se você se encaixa nessa segunda categoria não se preocupe, pois as coisas não são bem assim. [...]. Próximo à entrada da vagina localiza-se o chamado ponto G (ponto de Graffenberg), que é um dos responsáveis pelo orgasmo da mulher. Devido à sua localização, mesmo os pênis menores conseguem estimulá-lo por ocasião da cópula. [...]. A penetração é apenas uma das fases do ato sexual, mas o prazer não depende somente dela. Não se pode esquecer que as carícias também são extremamente importantes para a mulher. (MERCADANTE, 2009, p. 59 e 60).

No trecho desse livro, há elementos que não constavam nos livros do passado. Sem adotar uma conotação pornográfica, nele se desmistificam temáticas que, cada vez mais cedo, têm deixado a ceara dos adultos para se tornar progressivamente mais populares entre os mais jovens, tais como tamanho do pênis, Ponto G e a importância das chamadas “preliminares”. São temáticas que, nos dias atuais, qualquer jovem alfabetizado pode ter contato através de textos e fotos que podem ser fartamente encontrados em revistas, programas de televisão e, sobretudo, sites de internet. Se houve evolução do estágio da Educação Sexual em que o sexo era, apenas, para fins reprodutivos até o prazer relatado nos livros atuais, isso se deve a avanços que os profissionais da Educação vêm alcançando lentamente, ano após ano, a passos ainda tímidos, pois, como veremos mais adiante, os pensamentos reacionários e anacrônicos sobre sexualidade ainda resistem nos tempos atuais. E pasmem: com muita eficiência. Inclusive, fazendo uso dos últimos avanços das novas tecnologias de informação e comunicação.

A ideologia dominante sempre impôs tabus não só no que diz respeito à condição da mulher, mas também em torno de temas como sexualidade humana. Se um homem tem muitas parceiras, para ele, são reservados adjetivos elogiosos como “garanhão” ou “pegador”; já as mulheres, na mesma situação, são chamadas de “puta” ou “galinha”. Há toda uma visão que foi socialmente construída sobre o que pode e o que não pode quando se trata de sexualidade, que, ao longo dos tempos, tem levado os homens a mentir publicamente aumentando o número de parceiras que já tiveram e as mulheres serem levadas a diminuir. Também não faltam letras de músicas que reificam a mulher e mediorizam as relações afetivo-sexuais. Os programas de TV quase sempre retratam as mulheres bonitas como pouco inteligentes, e os homossexuais de forma caricata. Tudo isso com a ajuda de algumas mulheres em um caso e de gays no outro. A classe dominante simplifica e estereotipa. Como ela controla os grandes meios de informação, a imagem que eles criam é a que fica.

Portanto, um meio de informação, porta-voz da doutrina de uma Igreja ou da ideologia de um partido político, é, em muitos aspectos, mais honesto que aqueles destinados a um público em geral que se dizem “imparciais”. Nesse caso, há a explicitação do conjunto de convicções dos donos dos meios. Dessa forma:

A ideologia, na concepção de Marx, mistura e confunde conquistas de vocação universal e marcas de um horizonte perverso que mistifica as verdades individuais proclamadas. A “verdade” imprescindível alcançada por meio da sensibilidade, da intuição, da percepção pessoal, precisa ser complementada, corrigida, enriquecida pela autodisciplina do pensamento na práxis. Quem subestima o desafio apresentado pela universalidade passa a não incorporar os elementos de “verdade” que estão no outro; então não se comunica mais, não dialoga. (KONDER, 2008, p. 227 e 228).

Se, praticamente, não é possível separar a possibilidade do namoro entre alunos no ensino presencial, por que é que a educação on-line ou semipresencial deveria ser assexuada? Por que uma rede social, que não só foi criada para ser, mas também tem se notabilizado como ferramenta de relacionamentos afetivo-sexuais, não poderia ser útil para fins educacionais e,

também importante, assim sem ter que abandonar sua face de facilitadora de relacionamentos? Só há problema a partir do momento em que haja uma subutilização do potencial da ferramenta mediante um uso exclusivamente direcionado aos relacionamentos afetivo-sexuais.

As classes socialmente privilegiadas, sobretudo nos países não desenvolvidos, preferem termos como “eleitores”, “telespectadores”, “consumidores” e “contribuintes”, em vez de termos como “cidadão”, que é usado, praticamente, como uma abstração ou um interlocutório pessoal, tal como “cara” ou “chefe”. Para tais elites, que, de fato, gerem o cenário político e econômico em seus países, não interessa falar em uma luta social das classes a não ser como um discurso que forças políticas de esquerda tentam estimular partindo de uma realidade não existente. Para elas, existe, apenas, uma forma “correta” (chamada “norma culta”) de se falar e escrever e não variantes linguísticas. Para as camadas mais ricas do país o sucesso pessoal depende exclusivamente ao mérito de cada um e a quantidade de horas que são dedicadas ao trabalho, pois, para eles, todos (rigorosamente, todos) possuem as mesmas oportunidades de ascender socialmente e, se não fizeram, é porque não possuem mérito ou são preguiçosos. A esse propósito, Marilena Chauí diz:

A sociedade brasileira é violenta, autoritária, vertical, hierárquica e oligárquica, polarizada entre a carência absoluta e o privilégio absoluto. No Brasil há bloqueios e resistências à instituição dos direitos econômicos, sociais e culturais. Os meios de comunicação de massa e os setores oligárquicos nos fazem crer que a sociedade brasileira é ordeira acolhedora, pacífica, e que a violência é um momento acidental, um surto, uma epidemia, um acidente, algo temporário que, se bem tratado, desaparece. E que pode ser combatido por meio da repressão policial. Mas, na verdade, a violência é o modo de ser da sociedade brasileira. (CHAUI *apud* BARBOSA, site.)<sup>28</sup>

Para elas, não importa que pessoas que tiveram oportunidades diferentes não possam ter desempenhos iguais. Honestidade é uma virtude que se deve exclusivamente ao caráter e à moral de cada um. Na mais recente

---

28

Disponível

em:

<[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12134](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12134)>. Acesso em: 29 mar. 2010.

greve de transportes públicos ocorrida em Natal - RN em 14 de maio de 2012, um jornal local publicou em seu site a notícia sobre a paralisação, e, como é de hábito nos dias atuais, abriu espaço para que os leitores pudessem comentá-la.

altamir\_matos@...14/05/2012 @ 12h01. Parabéns ao sindicato de transporte!!! Eu ficaria maravilhado se o aumento não fosse concedido, queria saber se eles iriam pedir demissão... Acontece que eles entraram para trabalhar achando que iriam ganhar o salário de um Governador. Todo ano é isso, greve, paradas, aumento de salário. E pra gente pagar R\$ 02,20 por transportes ruins, desorganização, falta de educação como foi citado pelo amigo loewenatal@. Aumenta o salário deles hoje, a passagem amanhã, mas a presteza vai ser a mesma! (site, 2012)<sup>29</sup>

Não há como saber se tais comentários foram escritos por usuários do transporte coletivo, embora uma leitura do discurso permita conjecturar fortemente sobre essa possibilidade. Para boa parte deles, os trabalhadores de transporte público escolheram seguir a “carreira” de motoristas e cobradores, da mesma forma que os jovens provenientes das classes mais abastadas optam por carreiras como Medicina, Direito ou Engenharia:

francisco.junior@...14/05/2012 @ 13h38. Um dos maiores erros cometidos pelos legisladores brasileiros foi permitir o direito de greve para qualquer um. Por que digo isso? Porque existem serviços que simplesmente não podem parar. Exemplos? Polícia, hospitais, transporte público. O sujeito que escolhe trabalhar nestas áreas precisa ter a consciência que está atuando numa área vital para a sociedade, logo ele não tem o direito de cruzar os braços. Se o faz, merece demissão sumária e proibição de ser recontratado por outro órgão de mesma natureza. Ninguém o obrigou a trabalhar ali; mas se entrou, que assuma a responsabilidade. (site, 2012)<sup>30</sup>.

O mais lamentável é que isso tudo acontece sob a égide do povo brasileiro mitificado como ordeiro e pacífico. É o que nos diz<sup>31</sup> Chauí:

[...] a violência em estado puro que se mantém sob a mitologia do povo ordeiro, pacífico, sensual, generoso, do carnaval, do

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/greve-dos-onibus-traz-prejuizos-e-provoca-caos-no-transito-de-natal/220088>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/greve-dos-onibus-traz-prejuizos-e-provoca-caos-no-transito-de-natal/220088>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

<sup>31</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no vídeo: 00:21:45 - 00:22:13.

samba e do futebol. Esse “verde-amarelismo” do povo ordeiro e pacífico serve para ocultar essa violência cotidiana que é cometida contra cada um de nós e contra as classes populares. (CHAUI, site).<sup>32</sup>

Nas sociedades mais socialmente injustas, não é estranho observar pessoas que fazem parte das camadas mais pobres da população se solidarizando e compartilhando uma visão condizente com a das classes mais privilegiadas. O mais lamentável é que muitas pessoas das classes pobres acabam por incorporar todo esse viés ideológico e, masoquistamente, acabam se sentindo culpadas por sua própria condição de miséria. A indução ideológica acontece em grande parte motivada pela mistificação, pois:

O poder da ideologia dominante é indubitavelmente imenso, mas isso não ocorre simplesmente em razão da força material esmagadora e do correspondente artesanal político-cultural à disposição das classes dominantes. Tal poder ideológico só pode prevalecer graças à vantagem da *mistificação*, por meio da qual as pessoas que sofrem as conseqüências da ordem estabelecida podem ser induzidas a endossar, “consensualmente”, valores e políticas práticas que são de fato absolutamente contrários a seus interesses vitais. (MÉSZÁROS, 2007, p. 472).

Assim como a ideia de uma “massa anônima” é algo que agrada a visão de mundo da classe mais rica, também é de seu interesse a fragmentação das lutas sociais dos povos oprimidos em partes menores e, muitas vezes, hostis entre si como na velha máxima napoleônica de “dividir para governar”. O movimento pela emancipação humana que, até mais ou menos a década de 60, era visto como um todo se dividiu em movimentos como os dos negros, mulheres, homossexuais, aborígenes, deficientes, idosos, pobres, ateus, dentre outros. Como se a mesma fonte (pessoa, meio informativo, grupo ou instituição) reacionária que discrimina um negro, não fosse a que discrimina uma mulher ou um homossexual. Além disso, toda lésbica também é necessariamente uma mulher e é fácil imaginar que existem homens que são, ao mesmo tempo, negros, gays e pobres. Mas é claro que há questões que são de maior interesse de determinado grupo oprimido que de outros, como, por

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=txcd7pWlvVY>. Acesso em: 23 mar. 2012.

exemplo, a questão do aborto para as mulheres. Em todo caso, quem mais sofre com o preconceito? Um homossexual que pertence às classes economicamente mais favorecidas ou um que pertence às mais pobres? Assim, tudo passa antes pela divisão social de classes. Outras divisões que possam existir em nossa sociedade são secundárias, embora também importantes. Quem pensa diferente pode estar a serviço de linhas de pensamento atualmente em voga que são fomentadas por marxistas envergonhados, inocentes úteis e conservadores pragmáticos que um dia, por modismo, se autodenominaram “marxistas”.

Como se não bastassem as divisões, também houve subdivisões, como o movimento pela meia passagem e também contra o aumento delas nos ônibus; além do fator de estarem politicamente isolados, como “#ForaMicarla”<sup>33</sup>, pelo *impeachment* da prefeita de Natal/RN. Nesse sentido, cada um dos diversos grupos se enfraquece quando imagina que suas lutas não têm nada a ver uma com a outra. Uma mulher rica não sofre as mesmas pressões sociais que uma mulher pobre. Generalizar a condição da mulher, do negro ou do homossexual sem levar em conta de forma considerável a condição de classe, gera conclusões equivocadas. Portanto, acima de todas as divisões está a luta de classes, tendo em vista que o fato de uma pessoa advinda das classes mais baixas estar em um estádio com a camisa do mesmo clube de futebol que uma pessoa de uma classe mais alta, não significa igualdade, até porque, provavelmente, eles estarão em lugares mais ou menos confortáveis do estádio. Ainda haverá luta de classes, ainda haverá ideologia e mais além: uma será a dominante; a outra, a dominada. É ingenuidade se falar em democracia ou em Estado de Direito quando o que se vive é uma “ditadura do capital” e um “Estado de Direita”. Para o político espanhol Julio Anguita González (2011, site)<sup>34</sup>, a democracia tal e qual a conhecemos hoje é uma caricatura. Um rito de ir votar, não em quem governa, mas sim nos capatazes de quem governa, porque os poderes econômicos, os mercados não se apresentam diretamente nas eleições.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <[www.foramicarla.com](http://www.foramicarla.com)>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>34</sup> Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=D-W3ciu4\\_bk&feature=plcp](http://www.youtube.com/watch?v=D-W3ciu4_bk&feature=plcp)>. Acesso em: 15 set. 2012.

Em um trabalho anterior<sup>35</sup>, neste caso de Mestrado, foram desenvolvidas algumas considerações a respeito do conceito de comunidade do ponto de vista da ideologia, que agora se faz necessário não só uma recapitulação, como também uma atualização, para se continuar a falar sobre Ideologia e Anonimato. Dessa forma, ao conceito de comunidade enquanto grupo de pessoas que se relacionam pessoalmente, com comportamentos, valores e interesses parecidos, predisposição à cooperação, associados ou não a um espaço físico, que vivem sob um mesmo governo e ligadas pelo mesmo legado histórico-cultural, implica um sentimento de pertença que, a primeira vista, em certo sentido, não é condizente com a percepção de anonimato. Nesta tese, foi abordada não o anonimato em si, mas uma situação muito específica de anonimato on-line, o qual possui mais identificação com o conceito de comunidade do que com o sentimento de pertença de quem está alijado do mercado de consumo do qual participam pessoas cada vez mais voltadas para si mesmas.

No geral, vivemos em um tempo quando não são poucas as pessoas que estão demasiadamente centradas em si mesmas. Nós, brasileiros, vivemos em uma sociedade estruturalmente conservadora por ser autoritária, hierárquica, desigual e violenta. Nesse cenário de não comunicação, de simulação e de muita manipulação, há, por parte dos envolvidos no processo, um esforço imenso e terrível de adequação a um sistema fechado, consumista e ideologicamente vinculado às classes dominantes que se crê ser verdadeiro. Seguindo a lógica do escravo, a sociedade prefere não pensar em sua situação, ela prefere “beijar a mão” de quem o domina do que se meter em algo que possa custar o sonho consumista.

A classe média brasileira, a exemplo de outras congêneres ao redor do mundo, cultiva uma equação idealizada de sobrevivência que pode ser caracterizada por: emprego estável (em uma empresa multinacional ou no alto escalão do funcionalismo público, de preferência com aposentadoria acumulada) + condomínio fechado + plano de saúde privado + lazer e consumo

---

<sup>35</sup> Cf.: COSTA, Adriano Medeiros. Comunidade. In.: Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula, dissertação (Mestrado em Meios de Comunicação e Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008, p. 14 a 41.

em *shoppings centers* x meritocracia = a vencedores. Isso gerou um sistema informal de *apartheid* social construído pela elite de forma irresponsável e mais eficiente que o sul-africano, o qual necessitava de uma vasta legislação segregacionista.

Quem atribui seu sucesso pessoal apenas ao próprio talento e à capacidade de trabalho, se esquece de que quem não teve oportunidades iguais não pode ter desempenhos iguais. É dessa forma que muitos socialmente excluídos, como já se não bastasse, por si só, a situação difícil em que vivem, também acabam injustamente levando a culpa pela própria situação em que se encontram. Por isso, não seria exagero supor que a tão em voga “filosofia de vencedor” seja um elemento motivador de boa parte dos jovens de classe média que ateam fogo em mendigos que dormem nas ruas. Assim, é essa classe social conformada, autoproclamada “bem-sucedida”, que culpa os pobres pela sua própria pobreza e cujos membros vêm trilhando esse caminho que já há algum tempo, Marcuse qualificou como unidimensional:

O uso sistemático de meios repressivos disfarçados é típico da chamada "sociedade afluyente", na qual a sensação de liberdade das pessoas é estimulada pelo fato de o empregado e o patrão poderem ver os mesmos programas de televisão, pelo fato de a empregada e a patroa poderem usar o mesmo *baton*, etc. Uma observação crítica da "sociedade afluyente", segundo Marcuse, revela os efeitos da manipulação dos comportamentos humanos. Os indivíduos falam cada vez mais sobre a diversidade, sobre as diferenças individuais, parecidos uns com os outros, pois estão sendo permanentemente pressionados no sentido de se adaptarem a um "padrão de pensamento e de comportamento unidimensionais". No passado (e até uma época recente), a cultura era capaz de contrapor críticas, idéias e aspirações à ideologia dominante, por ela mesma acolhida. Era, portanto, uma cultura bidimensional. Na segunda metade do século XX, contudo, a sublimação característica das criações artísticas foi sendo substituída por uma "dessublimação" que passava a "domesticar" os instintos dos indivíduos, enquadrando-os pragmaticamente na dinâmica do mercado. (MARCUSE *apud* KONDER, 1998, p. 22 e 23).

Isso faz pensar que, ao contrário do que se pensa, o jovem contemporâneo (grande parte usuária de redes sociais on-line) procura mais se adequar aos modelos preestabelecidos impostos pela mídia do que ter uma identidade própria e se rebelar contra eles. Mas é dentre esses mesmos jovens

que se pode encontrar aqueles que, motivados pelo bem comum, doam horas de trabalho não remunerado para melhorar softwares como o Linux ou aqueles que ajudam desconhecidos com informações através de fóruns e redes sociais on-line. O filósofo Leandro Konder faz uma reflexão interessante sobre essa época de “pragmatismo extremado”:

Acredito firmemente que a liberdade para todos depende de certa paridade nas condições sociais, econômicas e culturais asseguradas às pessoas. Se prevalecem condições privilegiadas (de concentração de poder e riqueza para uns, em detrimento de pobreza e ignorância para outros), a liberdade se degrada. Estou convencido, igualmente, de que a luta permanente pela democratização da sociedade depende da participação ampliada, do aumento da participação dos explorados no combate à exploração e do aumento da participação dos oprimidos no combate à opressão. Tenho procurado seguir essa linha, porém suspeito que não tenho acertado muito. Acumulei derrotas. [...]. Nesse nosso tempo de pragmatismo extremado, estou longe de ser um *winner*. De fato sou um *loser*. Contudo, valeu a pena ter brigado por coisas nas quais eu acreditava, mesmo que o preço fosse o fracasso. A ética me consolou nas derrotas políticas. [...]. O conceito que cada *loser* faz de si mesmo depende da avaliação que ele faz do que pretende fazer. Se não pretende fazer nada, já está objetivamente acumpliciado com os *winner*s. Os gregos chamavam isso de uma concepção agonística da vida. Dentro de seus limites, cada um de nós tem que lutar, tem que travar seu combate (*agon*) até se defrontar com o inimigo invencível (a morte). Nesse estágio final, o combate se transforma em *agonia*. (KONDER, 2008, 250 e 251).

Não é incomum discursos como “Todos têm chances iguais”, “Eu jogo o jogo, mas não fiz as regras”, “Sou rico porque tive as ideias certas na hora certa”, “Posso bancar mais despesas porque trabalho mais” e “É da natureza humana querer ser melhor que os demais”. Em todo caso, sabe-se que “É difícil falar e escrever de sonhos em tempos de ideologia não-ideológica!” (PARDO, 2012, p. 50).

Em tempos de pós-modernismo, quando se tenta explicar velhos problemas trocando o nome de antigos conceitos para fugir do estereótipo, é o caso dos “Estudos Culturais” que é o “marxismo envergonhado” (ANDRADE,

2007, site)<sup>36</sup>. Há quem chame a ideologia de “pegada cerebral” ou “pegada midiática”. Isso nos mostra que as categorias marxistas continuam atuais, mesmo que lhe sejam dados outros nomes.

Os processos ideológicos continuam os mesmos, o que muda são os aprimoramentos das ferramentas que atuam para dar amplitude e sofisticação a esses processos. Como, por exemplo, o uso do *Photoshop* para modificar fotografias de modo que elas reflitam melhor a ideologia dominante. Como por exemplo, as imagens de campanhas publicitárias que associam felicidade a bens de consumo. Neste sentido, a ideia tão em voga da morte das ideologias é uma ideologia.

## 2.2 O anonimato como violência simbólica

Historicamente, por tradição, os membros da nobreza recebem vários nomes por ocasião de seu nascimento. Exemplos disso são os nomes de D. Pedro I<sup>37</sup>, D. Pedro II<sup>38</sup>, Eduardo VIII<sup>39</sup> do Reino Unido ou Juan Carlos I<sup>40</sup> da Espanha. Já dos pobres a tradição é que lhes seja negado o reconhecimento de qualquer tipo de nome que lhe dê identidade: seja de um praça raso das Forças Armadas, seja de um trabalhador braçal negro vivendo sob o Apartheid sul-africano ou do indigente enterrado em uma vala comum de cemitério. Grande parte é distinguida, quando muito, apenas por números.

A violência simbólica, exercida de forma não percebida por meio do poder simbólico, ocorre quando indivíduos se posicionam não forçados por uma imposição econômica, psicológica, física ou social, mas sim simbólica, segundo critérios e padrões do discurso dominante. Pierre Bourdieu (1998, p. 7 e 8) diz que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só

<sup>36</sup> ANDRADE, Arnon de. Conceitos de Arnon de Andrade. Disponível em <http://www.educ.ufrn.br/arnon/entrevista.pdf> Acesso em: 02/12/2007

<sup>37</sup> Nome de batismo de D. Pedro I: Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon.

<sup>38</sup> Nome de batismo de D. Pedro II: Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga.

<sup>39</sup> Nome de batismo de Eduardo VIII: Edward Albert Christian George Andrew Patrick David.

<sup>40</sup> Nome de batismo de Juan Carlos I: Juan Carlos Alfonso Víctor María de Borbón y Borbón-Dos Sicilias.

pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Assim, a violência simbólica, sem que se precise de qualquer tipo de agressão física ou coação moral, dissimuladamente forma relações de dominação entre as pessoas (no âmbito social ou pessoalmente). Para Bourdieu:

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua, etc.) se exerce não pela lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são construtivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma [...]. A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos [...]. A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato este que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu ‘poder hipnótico’ a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem. (BOURDIEU *apud* ANDRADE, 2007, p. 27).<sup>41</sup>

Pode-se citar aqui, como exemplos de violência simbólica, o machismo e o racismo que tentam naturalizar comportamentos que são, na verdade, sociais. Quem é racialmente discriminado, em algum lugar do mundo, é ideologicamente considerado “invisível” ou até mesmo visto como inferior. Não raramente, as próprias vítimas desse preconceito incorporam a ideologia dominante e passam, elas mesmas, a se ver como inferiores de fato. É o caso dos “Dalits” (também chamados de “Intocáveis”) que, no sistema de castas da Índia, são considerados inferiores e, por essa razão, a eles são destinados os trabalhos considerados mais degradantes, como cuidar dos mortos, limpar ruas e lidar com carcaças de animais. Segundo a mitologia hindu, as quatro castas superiores vieram do deus Brahma, já os Dalits nasceram do pó que cobria os pés de Brahma. Eles são, portanto, não só seres anônimos, como também “não pessoas”. Eles são chamados de “Intocáveis” porque, segundo a mitologia hindu, não se pode tocá-los sem correr o risco de uma “contaminação cármica”.

---

<sup>41</sup> ANDRADE, Lédio Rosa de. *Violência: psicanálise, direito e cultura*, Campinas: Millennium Editora, 2007.

Até sua sombra pode poluir. Antigamente, era-lhes proibido entrar na cidade de Puna antes das nove horas da manhã e depois das três horas da tarde, pois as sombras de seus corpos, muito longas sob o sol rasante, podiam cair sobre um membro de uma casta superior e sujá-lo. Em Maharashtra, um intocável não podia cuspir na rua porque arriscava poluir aquele que pisasse em seu cuspe, e devia carregar um pote de terra preso ao pescoço para escarrar dentro dele. Se um brâmane cruzasse seu caminho, devia se deitar no chão, para não criar sombra. No Punjab, quando um gari saía à rua, supostamente deveria levar uma vassoura sob o braço para indicar sua casta, e deveria gritar para advertir a população de sua presença poluente. Na costa de Malabar, os que extraíam o sumo das palmeiras eram tão indignos que não podiam usar nem guarda-chuva, nem sapatos, nem joias de outro. (BOULET, 2009, 7 e 8).

O sistema de castas hindu é um dos melhores exemplos sobre como a religião pode ser usada como forma de dominação ideológica, em que uma minoria usa um misticismo mítico como justificativa a fim de reservar, para si mesma, todos os privilégios. Apesar de inúmeras políticas de inclusão das castas inferiores, a verdade é que esse sistema que exclui parcelas inteiras da população indiana se perpetua porque, desde tempos imemoriais, é útil como forma de exploração de mão de obra barata; algo que, de forma menos chocante, é encontrado em qualquer país do Ocidente. Basta observar a situação dos portugueses ou dos árabes na França; dos turcos na Alemanha; dos mexicanos nos Estados Unidos; dos alentejanos em Portugal; dos bolivianos na Argentina; dos argentinos na Espanha; dos cartagineses na Roma Antiga; das mulheres e crianças nas fábricas inglesas durante a Revolução Industrial; dos escravos africanos na América Latina; dos próprios hindus (mesmo os de castas mais elevadas) no Reino Unido; dos residentes nos bairros natalenses de Guarapes e Mãe Luíza nos seus trabalhos em Candelária ou Capim Macio; das empregadas domésticas vindas do interior em Natal – RN e dos nordestinos no Centro-Sul do Brasil, cuja posição de rodapé na divisão social do trabalho está paulatinamente (outra vez: graças a políticas de inclusão social) sendo perdida para os bolivianos; pois, sem mão de obra barata, não há sistema capitalista.

O curioso é que, dentro da própria casta dos Dalit, há inúmeras subcastas e, dentre elas, existe a mais baixa de todas, a dos “Bhangi” que são

os limpadores de fossas. Assim, ideologicamente é imputado, desde o nascimento de um Dalit varredor de rua (“Chura”), que ele é superior a um trabalhador cuja atividade é limpar fossas. Em outras palavras, o racismo é uma construção de uma classe social superior imposta de forma ideológica a uma classe inferior, como forma de controlá-la e explorá-la com a conivência resignada do próprio explorado. O que não é, obviamente, um pensamento exclusivo da religião hindu, visto que como doutrina, a bíblia cristã “Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele”. (Pv.22.6). Já a, não sem razão, chamada “Doutrina Espírita” interpreta a desigualdade social do ponto de vista da meritocracia e da disposição para o trabalho e quem, mesmo assim, não conseguir melhorar de vida, paciência, conforme-se:

Há ricos e pobres porque Deus, sendo justo, cada um deve trabalhar a seu turno; a pobreza é para uns a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para outros a prova da caridade e da abnegação. (KARDEC, 1993, p. 211).

Em programas de TV e em publicações impressas, são comuns expressões como “saiba o que os famosos e os anônimos estão vestindo neste verão”, bem como é raro encontrar alguém que não conheça a expressão “João Ninguém”, empregada, pejorativamente, para designar aqueles que não são, por alguma circunstância, famosos. Gestores públicos costumam se referir a seus co-cidadãos das classes mais baixas como “pessoas do povo”. A ideia de “povo” que as classes mais privilegiadas têm é algo muito abstrato e algo a que elas pertencem apenas em teoria ou durante o *frisson* midiático e apelativo que precede cada Copa do Mundo de Futebol. Assim, é bem fácil perceber o caráter de desprestígio daquilo que, embora não esteja no âmago de seu significado, muitos acabam por tornar, de forma implícita, uma violência simbólica: o anonimato. Isto é, aqueles que são desconhecidos como a maioria das pessoas, são qualificados (muitas vezes por seus próprios pares) como um “ninguém”. O filósofo Leandro Konder conta que:

Quando se defrontam com uma situação desfavorável, os pobres não desistem, mas mobilizam toda a sua experiência milenar, toda a sua reserva de paciência, para fazer o que

pode ser feito, dentro dos dolorosos limites que lhes são impostos. O mesmo poeta Brecht, há pouco citado, tem uma historinha que vale a pena lembrarmos. O protagonista é um certo Sr. Keuner, nome que em alemão soa parecido com *Keiner*, que significa "Ninguém". Estava o Sr. Ninguém em sua modesta casa quando ela foi invadida por um gigante, que se instalou numa poltrona e o interpelou com uma voz que parecia uma trovoadas: - Queres servir-me? Em silêncio, o Sr. Ninguém foi para a cozinha e passou a preparar a comida para o invasor. Cozinhou peixe, fritou carne, batatas, preparou doces variados, providenciou bebidas, durante dias, semanas, meses. Passaram-se mesmo alguns anos. Um dia, o gigante - gordíssimo! - teve uma embolia e morreu. O Sr. Ninguém removeu o corpo do gigante, enrolou num tapete vermelho, arrastou-o para o quintal, jogou-o no lixo. Então, respondeu: - Não! Essa historinha de Brecht pode nos ajudar a compreender mais profundamente a diferença dos tempos. O tempo do gigante é o da opressão, da exigência das vantagens imediatas. Mas também é o do efêmero. O tempo do Sr. Ninguém é o do lento mas persistente processo do amadurecimento da libertação. (KONDER, 2002, p. 8).

Em 1994, um pesquisador na área de Psicologia Social acompanhou por 10 anos o cotidiano de um grupo de garis que trabalham na USP – Universidade de São Paulo e como um deles não só executou as tarefas relativas à profissão (varrer calçadas, ruas, esvaziar lixeiras), como também ouviu relatos de seus colegas e sentiu na pele a humilhação social sofrida por eles. Sua experiência foi transformada em um livro chamado “*Homens Invisíveis – Relatos de uma Humilhação Social*” (2004). Em seu relato, ele descreve e analisa a brutalidade do dia-a-dia imposta a esses trabalhadores braçais e sobre como ele, tal e qual os outros garis sofreu “invisibilidade pública”:

Dias depois, varrendo com meus companheiros, três professores do Instituto de Psicologia passaram ao meu lado. O lugar era outra vez o Restaurante dos Professores. Ficamos frente a frente. Um deles, naquele ano, lecionava aulas para a nossa turma: chamava-me pelo nome e cumprimentava-me nos corredores do bloco de aulas. O outro, durante uma aula, meses antes, havia valorizado o modo como me ocorreu traduzir uma lição sua: “Posso usar o que você disse, Fernando, numa conferência que estou para realizar”? O último costumava fazer caminhadas pelo bairro de Pinheiros. Dois anos depois de eu ter cursado sua disciplina, em um desses passeios, ele fez questão de me acenar. Estávamos em calçadas opostas. Pois bem, naquele dia no restaurante dos professores ficamos frente a frente, eu e os três. Nenhum

deles fez qualquer saudação. Não me viram. Um deles – aquele que me reconheceu do outro lado de uma larga avenida – precisou desviar-se para não nos esbarrarmos. Sem dar-se conta de que era eu. (COSTA, 2004, p. 118 e 119).

Nesses termos, se pode perceber como essa “invisibilidade pública” é, segundo o entendimento adotado neste trabalho uma violência simbólica que de forma não percebida constitui e dissimula relações de dominação entre as pessoas. Além disso, a lógica perversa do sistema capitalista imputa a essas pessoas um discurso ideológico que os responsabiliza por sua situação social, como se a culpa fosse deles por falta de mérito e, sendo assim, nega-lhes o direito humano à interlocução:

Estávamos sentados no meio-fio: era hora do café. Duas mulheres, vestidas com roupas finas, vinham pela outra calçada. (...). Josias, sentado ao meu lado, compenetrado, de repente interrompeu o que fazia. Levantou-se rapidamente e foi retirar um dos carrinhos de lixo que ocupava parte do passeio. Em frente às duas, fez um grande esforço com o corpo e desequilibrou-se. Quase caiu no chão. Depois deteve-se: ficou parado, olhando-as. Com pose de cavalheiro, segurando o boné nas mãos, esperava um cumprimento. Passaram ao seu lado como se ele não estivesse ali. Nem sequer um movimento com a cabeça foi feito. Era como se o gari estivesse invisível. Josias ficou sem jeito, perdeu a graça, Demorou um pouco a esboçar qualquer reação: ficou estático, olhando para baixo. Depois, coçou a cabeça como se refletisse sobre um assunto complicado. (idem, p. 117).

Sendo assim, nesse caso, o anonimato se apresenta na forma de reificação de pessoas, transformando-as em “coisas” e contribuindo para a perda de sua autonomia e autoconsciência social:

Para quem o uso do uniforme é obrigatório existe um *lugar* social específico. Naqueles trajes, os varredores, todos eles, aparecem como se tivessem uma só identidade: “Nem dá para saber quem é um, quem é outro”. Para “os outros”, não aparecem como pessoas. Aparece o uniforme. Desaparecem os homens”. (idem, p. 123).

O processo de reificação da subjetividade humana chega às últimas consequências, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde esse processo histórico se coaduna com uma brutal desigualdade social:

Quando vem o pessoal de fora, o pessoal do exterior, os garis têm de fazer o serviço com mais rapidez, terminar logo, limpar o quanto antes os locais de passagem. Depois os encarregados aparecem, mais apressados, afoitos, ansiosos para “limpar” o lugar também de varredores. Em nossas casas, onde ficam os produtos de limpeza? Quando esperamos visita e a faxina precisa ser feita, recolhemos vassouras, o sabão, os panos de chão. Os garis, depois das faxinas públicas, são recolhidos como flanela suja, aquela que não deve ficar na sala de estar quando as visitas chegam. (idem, p. 126).

O escritor Eduardo Galeano (1940 - ) descreve a perversidade com a qual aquilo que ele chama de “Os Nadas”<sup>42</sup> (“*Los nadies*”) são tratados como se não fossem:

As pulgas sonham em comprar um cachorro e sonham "os nada" com escapar da pobreza, que algum mágico dia chova de pronto a boa sorte, que chova a cântaros a boa sorte; mas a boa sorte não chove ontem, nem hoje, e nem amanhã, nem nunca, nem um chuvisco cai do céu da boa sorte, por muito que “os nada” chamem-na e ainda que lhes coce a mão esquerda, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano trocando a vassoura.

“Os nadas”: os filhos de nada, os donos de nada.

“Os nada”: os nenhuns, os menosprezados, correndo a lebre, morrendo a vida, fodidos e refodidos:

Que não são ainda que sejam.

Que não falam idiomas, mas sim dialetos.

Que não professam religiões, mas sim superstições.

Que não fazem arte, mas sim artesanato.

Que não praticam cultura, mas folklore.

Que não são seres humanos, mas recursos humanos.

Que não têm cara, nada além de braços

Que não têm nome, mas número

Que não figuram na historia universal, mas na Crônica vermelha da imprensa local.

“Os nadas”, que custam menos que a bala que os mata!

Em um filme, por razões obviamente técnicas, o roteiro é centrado em um número não muito grande de personagens, representados por atores principais. O resto do elenco que aparece em um filme é mostrado de forma secundária. São os atores coadjuvantes. Mas há alguns atores que são ainda mais secundários. São os chamados “figurantes” ou “extras”, cuja função

---

<sup>42</sup> GALEANO, Eduardo. Os Nadas (tradução: Tereza da Praia). Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/colunas/a-companhia-dos-poetas/eduardo-galeano,228,2584.html>. Acesso em: 24/02/2010

exclusiva é compor a paisagem: dar uma aparência de normalidade às cenas que transcorrem no filme e fazem parte da busca dos produtores por reproduzirem um cenário de um mundo real. Caso contrário, seria muito estranho no filme se encontrar ruas desertas, lojas sem vendedores e compradores ou um trânsito que deveria ser de uma grande cidade praticamente sem movimento. Mas os figurantes não têm identidade própria, não têm nome e não residem em um local determinado; quando eles passam em uma rua ou entram por uma porta, não se sabe se eles residem ali ou se estão apenas de passagem. Eles só são corpos com rostos e, muitas vezes, nem isso: são apenas vultos. Já os atores principais são escolhidos de maneira que tenham todas as qualidades físicas e de caráter que amamos ou odiamos. São os ditos protagonistas ou antagonistas. É ao redor deles e em função deles e do que acontece com eles que o enredo se desenvolve. As pessoas facilmente se identificam com os protagonistas ou antagonistas, mas é raro alguém se identificar com um figurante, já que, em um filme, ele é menos gente, nem se sabe, ao certo, quais são suas características. Provavelmente, como uma ironia, Alfred Hitchcock (1899 - 1980) que, como diretor, é um membro importante em qualquer equipe de produção cinematográfica, costumava aparecer, em seus filmes, como um figurante. Tudo isso exerce um papel profundamente ideológico em nossa sociedade, visto que, em última instância, cada um tende a ver o outro como “figurante”. É fácil se constatar isso, quando se observa o comportamento egocêntrico das pessoas nas redes sociais on-line.

Uma pergunta pertinente seria: até que ponto as necessidades técnicas do cinema reificam o ser humano e contribuem para uma visão ideológica que defende a ideia de que na vida existem os “personagens principais” e os “personagens secundários”? Em última análise: Isso não representa uma contribuição para o conceito fascista de triunfalismo tão predominante na sociedade atual? Não é o propósito deste trabalho aprofundar esse assunto, mas tal análise é importante para a compreensão da violência do anonimato na contemporaneidade.

O campo da publicidade é fértil em estratégias que a todo o momento reificam características que são exclusivamente humanas, bem como se

mostram verdadeiras “máquinas” de distorcer conceitos. O meio onde impera a concorrência desenfreada em que vivem os incita a escrever para jovens estudantes da área textos através dos quais se podem perceber a visão cruel que as classes dominantes têm das classes mais pobres:

Assim como seres humanos, existem marcas que morrem como se fossem anônimos transeuntes, sem deixar traços significantes de sua passagem pela vida. E existem outros que trazem alguma contribuição é, por isso, permanecem em nossa mente ou memória. Não conheci Da Vinci ou Einstein, mas sei o que significaram. Ambos são símbolos, portanto, marcas. (CHAMMA; PASTORELO, 2007, p. 69).

Os programas de televisão<sup>43</sup>, omissos quanto à sua responsabilidade com a sociedade que concedeu a licença de transmissão de sinal, não cansam de mostrar reportagens minuciosas sobre o dia-a-dia de celebridades de fato que fogem dos *paparazzis*, e sobre “subcelebridades” (categoria recentemente criada) que, por sua vez, perseguem os fotógrafos de famosos. São pessoas que, por exemplo, se tornam notórias (embora geralmente por um curto período) por baterem recorde de tamanho do implante de silicone, por terem subido em um palco e beijado algum cantor famoso ou por terem passado por alguma situação esdrúxula que foi amplamente divulgada por ambientes como Orkut e YouTube<sup>44</sup>. O fato é que o expressivo número de inscritos a cada edição de algum *Reality Show*, como o Big Brother, demonstra a busca insana das pessoas por alcançarem a celebridade, mesmo que não seja por razões edificantes ou, pelo menos, dignas, para aqueles menos ambiciosos. A ânsia da mídia por qualquer notícia (por mais irrelevante que seja) envolvendo os famosos é tal que basta algum deles namorar um, assim dito, “anônimo”, para que esse possa de uma hora para outra alçar voos midiáticos que os permitem sonhar com carreiras como “modelo”, “tele-dramaturgia” e “apresentador de

---

<sup>43</sup> Há um programa humorístico chamado “Pânico na TV”, já famoso por ridicularizar a importância que as celebridades dão a si próprias, que recentemente criou um novo quadro chamado “O Famosão” no qual tenta confundir um “anônimo” que se transforma em celebridade instantânea. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=HbqsrAjdLk>

<sup>44</sup> Cf.: Fã que ganhou selinho de Bono vira celebridade na internet. Disponível em: <http://musica.terra.com.br/interna/0,,O1888495-E16413,00.html>. Sanduiche-iche. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pmn-dbBpgIU>. Aluna é hostilizada por usar mini-vestido curtíssimo em faculdade. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xTU5rvYStvg>. Me dá meu Chip Pedro. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=EWC\\_B1u0hBE](http://www.youtube.com/watch?v=EWC_B1u0hBE)

televisão”. De longe, as três profissões mais visadas por aqueles que querem alcançar o estrelato. Algo que irá lhes possibilitar, acreditam, poder ter um “nome”. Antes da extrema midiaticização de nossa sociedade, o casamento com alguém pertencente às camadas mais privilegiadas era a maneira mais recorrida por quem ansiava ter um “nome”. Algo, portanto, de uma profunda violência simbólica.

Há uma história famosa que envolve o encontro entre o autor J. R. R. Tolkien, autor da trilogia “O Senhor dos Anéis” e uma famosa atriz americana:

Tolkien nunca foi muito “chegado” a cultivar sua própria fama. “Existem muitas pessoas em Oxford que nunca ouviram falar a meu respeito”, ele comentava com orgulho. E isso ele provou em 1964, quando o autor Robert Graves visitou a universidade para proferir uma palestra. Durante a recepção, Graves apresentou Tolkien a uma linda e bem-dotada jovem, que estava sendo escoltada por um exército de repórteres e fotógrafos. Os dois conversaram amavelmente por vários minutos, até que Graves percebeu que Tolkien não tinha a menor ideia de quem era aquela mulher maravilhosa. Avisado de que se tratava da atriz Ava Gardner, Tolkien continuou a tratá-la do mesmo modo. Mas, tudo bem, porque ela tampouco sabia quem era ele. (SCHNAKENBERG, 2008, p. 208).

Quando alguém é qualificado como “famoso”, essa notoriedade acontece dentro de parâmetros bem determinados como a circunstância geográfica, cultural, social, política e econômica na qual ele está inserido. É por isso que, por exemplo, ao redor do mundo, a indústria cinematográfica e os atores americanos são mais conhecidos do que o cinema e os atores indianos, embora a Índia tenha uma população muito maior e seja um lugar onde se produza anualmente muito mais filmes do que nos Estados Unidos.

Sendo assim, aquilo que se considera famoso ou anônimo é sempre relativo. A notoriedade, insistida, a qualquer preço, por tantas pessoas, portanto, uma quimera falaciosa, e qualificar alguém como “anônimo” (sem nome), em circunstâncias específicas como abatimento moral, desprestígio ou submissão, apenas porque alguém não é tido socialmente como uma celebridade é um ato de violência simbólica.

Ao se falar até aqui de tantos casos sobre como o anonimato pode significar uma violência simbólica, é para demonstrar que não é pelo fato de

alguém estar em uma situação de não poder, não querer ou forçosamente ter seu nome (e conseqüentemente sua identidade) suprido que significa dizer que a pessoa não exista e que não tenha problemas a serem resolvidos. Há alunos tímidos, dentre esses “problemas”, há os tabus e dentre os tabus há os de ordem sexual, que, se não enfrentados pelas escolas, trazem, de fato, inúmeras conseqüências aos jovens sexualmente mal instruídos, que vão desde o contágio por alguma doença sexualmente transmissível tratável, passando pelos inúmeros casos de gravidez não desejada na adolescência até os casos mais graves como contaminação pelo vírus da AIDS. E já que os tabus, por definição, não são facilmente superáveis, afirma-se aqui que redes sociais on-line específicas, nas quais esses jovens já se encontram em sua maioria, podem ser usadas em benefício da Educação Sexual.

### 3 COMUNICAÇÃO, MEDIAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE SOCIAL ON-LINE

Nós só sabemos o que somos quando entramos em contato com o outro. É levando em consideração ou não os argumentos alheios que temos um referencial que nos permite fazer um julgamento sobre nós mesmo mais equilibrado e menos egocêntrico. O poeta John Donne (1572 – 1631), em sua célebre Meditação XVII, escreveu:

Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado; todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntai: Por quem os sinos doam; eles doam por vós (DONNE, site)<sup>45</sup>.

Na linguagem do dia-a-dia, denomina-se qualquer conversação entre dois ou mais indivíduos de “diálogo”. Mas se faz necessário aqui uma definição mais precisa. Andrade lembra que:

Pra você ter uma idéia do conteúdo real de um discurso, você terá que fazer uma análise desse discurso. Então, tentar apreender nesse discurso os sinais desse viés ideológico que atravessa todas as declarações. (ANDRADE, 2008, site).

Sabe-se que é muito mais fácil para a maioria das pessoas reproduzir simplesmente um modelo já conhecido do que contestá-lo. É assim quando a maioria das pessoas se decide pela opção religiosa quando tende a seguir a mesma dos pais e igualmente ocorre na vida amorosa quando elas tendem a reproduzir os mesmos modelos de estratégias de paquera e de vida conjugal. A mesma reprodução conveniente de um modelo preestabelecido também ocorre em boa parte dos estudos que se publicam e conseqüentemente das leituras que se fazem sobre a área de Comunicação.

---

<sup>45</sup> Disponível em: <http://www.editorialandmark.com.br/obr-shw.asp?k=75>. Acesso em: 13 fev. 2012.

A promoção do diálogo assegura a oportunidade de expressão àqueles que não concordam com nossa visão de mundo como sendo também dotados de Razão. Não importa se são interlocutores de etnias, religiões, idiomas, países e culturas diferentes ou se estão em uma situação cultural, socioeconômica e hierárquica inferior. Todos são capazes de chegar a conclusões importantes através de perguntas e respostas bem formuladas. Como no antigo ideal de que da discussão nasce a luz que nos permita chegar a valores universais, os quais não são inatos, Arnon de Andrade dá a conotação de Práxis ao dizer que "uma pessoa que foi criada sob a égide do diálogo está pronta para transformar conhecimento em saber" (entrevista, site, 2007)<sup>46</sup>

Com o outro, trava-se contato podendo ou não ser traduzido em um diálogo. Nesse caso, entende-se aqui que a escola seja um espaço privilegiado de discussão da sociedade. E não apenas de “discussão pela discussão”, mas sim do diálogo pela busca da superação da sociedade vigente:

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 2003, p. 68).

E se os educandos não debaterem determinados temas na escola, como uma forma de prepará-los para a vida em sociedade, tais como drogas, aborto, contraceptivos e educação sexual, certamente, eles acabarão obtendo acesso a tais informações por fontes não tão indicadas quanto uma sala de aula. Proibir o acesso de estudantes às redes sociais on-line significa abster os educandos da possibilidade de diálogo.

---

<sup>46</sup> ANDRADE. Arnon de. Conceitos de Arnon de Andrade. Disponível em: <http://www.educ.ufrn.br/arnon/entrevista.pdf> Acesso em: 02/12/2007.

Para os propósitos deste trabalho, não apenas a análise da comunicação em si é importante, mas também é nosso propósito tecer algumas considerações sobre os princípios e forças subjacentes que impulsionam o processo comunicativo. Sendo assim, neste capítulo, optou-se por retomar muito do que já foi abordado no trabalho dissertativo anterior (2008), já que ambos pertencem à mesma área (Tecnologia Educacional) e tratam de temáticas que, embora tenham objetos de pesquisa diferentes, são complementares e subsequentes (utilização das redes sociais on-line na educação). Se, no trabalho anterior – dissertação - a fundamentação teórica acerca do conceito de comunicação ficou praticamente a cargo da visão do educador Paulo Freire, agora, nesta tese, a ideia é não só reafirmá-la como também aprofundá-la com o conceito do filósofo Jürgen Habermas, enfatizando a convergência dos dois conceitos, tratados a seguir.

### 3.1 A comunicação segundo Paulo Freire e Habermas

- O que é comunicação? Essa é uma pergunta cuja resposta depende, sobretudo, da linha teórica que a resposta adota. Mas alguém poderia dizer que é próprio de uma língua ter palavras ou conceitos cujos significados mudem de acordo com o contexto. Como por exemplo, a aceção de Justiça. É justo punir, indiscriminadamente, quem seja considerado “culpado” por um delito ou se deve observar o contexto no qual o crime foi cometido, como no caso do Princípio da Bagatela<sup>47</sup>?

A interpretação de um conceito, assim como a de um fato, depende da visão de mundo (ideologia) de quem interpreta. Se for feita uma enquete sobre a deflagração de uma greve ou sobre o comportamento sexual humano haverá várias visões: em um caso a dos assalariados ou a dos donos dos meios de produção e a dos religiosos ou dos professores no outro.

---

<sup>47</sup> O Princípio da Bagatela, Princípio da Insignificância ou Furto Famélico acontece quando alguém comete um crime de furto sem importância e gravidade do qual depende sua sobrevivência, como por exemplo, roubar algo para comer, como um pacote de biscoitos. Caso tenha havido flagrante, a justiça pode não abrir inquérito policial alegando o "Princípio da Bagatela".

Como se pode perceber, a interpretação dos conceitos e as palavras, as quais nunca isentas de ideologia, adquirem nova conotação de acordo com cada uma das diversas linhas teóricas. Quanto a estas, é válido para efeito didático dividi-las em libertárias ou reacionárias. Assim, nos cabe perguntar se existe uma concepção libertária da comunicação alguém que acredita e ensina que um processo comunicativo se resume a emissor, receptor, meio, mensagem e *feedback*; alguém que acredita que fazer Publicidade e Marketing é comunicar, que aceita como válidas ideias e conceitos como “formadores de opinião”, que confunde evangelização com comunicação<sup>48</sup>. Como uma área sofista como a publicidade poderia ser proveniente da comunicação? Quando, por exemplo, alguém se depara, com uma publicidade de cigarros mostrando como é bom fumar, tem-se a impressão de que a área de publicidade é a arte da mentira transformada em profissão. Sendo assim, quando se aceita a premissa de que não há critérios para qualificar o que seja comunicação, então, é possível se admitir que até um ato de manipulação seja comunicação. Porém, o conceito de comunicação é algo que vai muito além do senso comum, embora, em muitas faculdades de Comunicação Social em nosso país isso não seja claramente definido. A falta de critérios visando qualificar a comunicação pode constituir um problema científico, ao observarmos que, em seu discurso de posse como Presidente da República (30.10.1969), o general Emílio Garrastazu Médici disse que ele mesmo se vê como “Homem de família, creio no diálogo entre as gerações e as classes, creio na participação”. (MÉDICI, site). Ora, se o presidente sobre o qual grande parte dos historiadores concordam que o mandato se notabilizou pelo auge no que diz respeito à repressão de pensamento, perseguição política e prática de tortura, se diz alguém que crê no diálogo entre gerações e classes, então, quem confessa não crer?!

A linha teórica reacionária acerca do conceito de comunicação ora peca pela falta de critérios, ora anseia por um alinhamento antidialógico:

A comunicação é equívoca. Somos limitados por uma língua na qual as palavras podem significar uma coisa para uma

---

<sup>48</sup> Cf.: BOMBONATTO, Vera Ivanise. Evangelizar é comunicar – fundamentação bíblico-teológica da pastoral da comunicação, São Paulo: Paulinas, 2009.

pessoa e algo bem diferente para outra. Não existe uma forma certa de se comunicar. Pelo menos em sentido absoluto, é impossível partilhar nossos pensamentos com os outros, pois jamais serão compreendidos de forma exatamente igual. (WURMAN, 1991, p.110)

Para a comunicação, interessa o consenso ou enxergar no outro a reprodução exata de nossos pensamentos? Isso não seria propaganda fascista disfarçada de comunicação? Onde o autor citado acima vê equívocos é exatamente onde se encontra a riqueza dos processos comunicativos.

O escritor Eduardo Galeano diz [tradução nossa]<sup>49</sup> que "Para não ser mudo, há que se começar por não ser surdo"<sup>50</sup>, já que a riqueza de um processo comunicativo reside justamente, na pluralidade de pontos de vista, ou seja, mais na discordância embasada do que na concordância coagida. Assim, as palavras não só podem como devem adotar diferentes significados segundo a área de conhecimento ou a ideologia de quem as usa. Não só existe, como também não deve existir uma forma certa de se comunicar. Se os nossos interlocutores têm dificuldade em entender nossos pensamentos, isso pode ser um indicativo de que não estamos sendo suficientemente claros, precisamos rever nossos argumentos ou de que estamos equivocados. Se não for nosso objetivo a doutrinação dos nossos interlocutores, não há nada de útil em ser entendido "de forma exatamente igual" pelo outro. A "ansiedade" por matar tudo isso é uma versão moderna do que pode ser a contaminação fascista em termos de Teorias da Comunicação. Essa contaminação totalitária e não a multiplicidade de pontos de vista e formas de entendimento é o verdadeiro problema da área.

Para Arnon de Andrade, a comunicação mantida entre os seres humanos não só é provável, como também é inevitável. No entendimento teórico adotado neste trabalho, falar na comunicação como algo improvável é, no mínimo, um exercício de neurastenia. E tudo o que foi tratado até aqui só confirma essa teoria:

---

<sup>49</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no vídeo: 00:07:40 - 00:07:48.

<sup>50</sup> *ESTA ES MI TIERRA.* Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SECx7HWsb70>. Acesso em: 25/07/2011.

O advento da comunicação pode até ter sido anterior ao surgimento da própria espécie humana. Pois pode ter sido a comunicação (por exemplo, através de onomatopéias) mantida pelas espécies que nos precederam que desenvolveram aquilo que hoje entendemos por comunicação. Inclusive, hoje em diversas línguas há palavras que nos lembram onomatopéias, como é o caso de “zumbido”. Pois a única forma que o ser humano encontrou para sobreviver ao longo dos tempos foi conhecer o seu meio e se comunicar. Por isso, a comunicação é inevitável e não improvável, como diz Luhmann. (ANDRADE, site, 2007).

Estabelecer um diálogo implica a instauração de um processo de análise do discurso, durante esse diálogo, capaz de analisar as construções ideológicas presentes e que se entenda o discurso como uma construção social, que só pode ser analisado considerando suas condições de produção e seu contexto histórico e social. Dessa forma, o discurso reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). Quando se refere à colaboração e coautoriação, como já foi dito, se está, de certa forma, fazendo referências ao processo dialógico, o qual, muito além de um mero processo de interlocução, implica, necessariamente, o entendimento, não só do que está explícito, como também daquilo que está implícito na fala de cada um. Assim, é estabelecida a análise do discurso, da mesma forma que os temas usados, vocativos e formas de despedidas, em recados pessoais são reveladores da situação afetiva entre os sujeitos na troca de mensagens, tanto presenciais quanto on-line:

Muitas vezes, a defesa do diálogo feita por Paulo foi interpretada como um falar por falar, sem desafio para a construção de novos conhecimentos. Outras vezes, esta defesa do diálogo deu origem à idéia de que o educador democrático não pode se valer de uma exposição narrativa. O próprio Paulo respondeu a esta falsa compreensão: “Pode haver diálogo na exposição crítica, metódica, de um educador a quem os educandos assistem não como quem ‘come’ a fala, mas como quem aprende sua inteligência. É que há um diálogo invisível, em que não necessito de inventar perguntas ou fabricar respostas. Os educadores democráticos não estão – são dialógicos. (FREIRE *apud* BARRETO, p. 65, 1998).

O “pensar crítico” que possibilita o desvendamento daquilo que está implícito na fala está bem entendido naquilo que Freire chama de “pensar verdadeiro”, ou seja, algo que garantirá a continuidade do processo dialógico:

Não há o diálogo verdadeiro se não há nos sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo / Homem, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. É um pensar que percebe a realidade como processo que se capta em constante devenir e não como algo estático. Para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos Homens. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. (FREIRE *apud* BARRETO, 1998, p. 66).

A própria concepção dos diferentes conceitos de diálogo encontrados na obra de diversos autores, tais como Harold Lasswell, Marshall McLuhan, Lucien Sfez, Muniz Sodré, Hans Magnus Enzensberger e Jürgen Habermas, só se desenvolveu mediante um processo dialógico, através do qual cada teórico estruturava sua concepção diretamente dialogando com outros teóricos e/ou mediante a leitura desses teóricos. Livros e publicações científicas serviram como área de interlocução, assim como o Formspring (confira anexo 1 – Página inicial do Formspring) serve aqui nesta pesquisa de área de interlocução de educandos com seus educadores.

A visão distorcida, manipulada e sem consistência teórica do conceito de “comunicação” e o uso generalizado e não adequado do adjetivo “comunicador”, é muito usado para qualificar simplesmente quem transmite uma informação, como um doutrinador ou dono de meio de informação.

Há duas formas de se resolver um impasse ou de entrar em contato com o outro: através de um processo de empatia (no qual somos cientes de que não somos donos da razão e há a observância de uma outra “verdade”: a do nosso interlocutor ou de um processo de antipatia (onde não nos colocamos no lugar do outro, mas sim de forma antagônica ao outro). O entendimento recíproco, objeto da ação comunicativa, busca o consenso para a resolução de uma situação prática comum: visa que os interlocutores possam coordenar de comum acordo suas estratégias de ação e, a partir daí, suas ações. É por isso que a dialética e a comunicação têm um importante ponto de intersecção nos

sentido de que não só as pessoas tendem a mudar quando entram em contato conosco, como também nós mudamos ao entrar em contato com os outros. Um processo comunicativo real implica respeito, o que não significa concordância, pelos pontos de vista alheios. Não há, dessa forma, espaço para “argumentos de autoridade”<sup>51</sup>, que representa *stricto sensu* o abandono do argumento como meio de se chegar à Razão. A verdade não é, pois, um fato, ela é uma busca permanente. Como já escreveu Dom Hélder Câmara:

Se discordas de mim, tu me enriqueces, se és sincero e buscas a verdade como podes, ganharei tendo a humildade em complementar com o teu pensamento e aprofundar assim a minha visão (CÂMARA, 1993, p.11).

O início de um processo dialógico implica a preexistência de igualdade e importância recíproca antes mesmo de as pessoas virem a se tornar nossos interlocutores. Isso é inerente ao processo, pois, ao se considerar alguém um interlocutor, se está oferecendo a ele uma condição de respeito.

Em um diálogo legítimo, costuma-se observar que os interlocutores se empenham para que o mesmo diálogo entre pontos de vista, diametralmente opostos, consiga reverter em benefício de todos. O diálogo é animado pelo desejo de ampliar o horizonte de ideias ou, mais que isto, pelo de se somar, solidário, às reflexões sobre nossa época. O ideal é que, mesmo cientes de nossos pontos de vista opostos, é importante observar os pontos de contato que levam a uma confluência, não de busca do consenso, mas de continuidade do próprio diálogo. Um bom exemplo (mas, nesse caso, epistolar) é o caso de um debate travado através da imprensa escrita (depois, se tornou um livro chamado “Em que creem os que não creem?”<sup>52</sup>) entre o escritor ateu Umberto Eco (1932 – ) e o cardeal da Igreja Católica Carlo Maria Martini (1927 – ) sobre a existência de Deus e outros temas que norteiam a religião. Nesse caso, pode-se dizer que os dois interlocutores viram um ao outro como um ser dotado de racionalidade. Isso, de fato, é uma precondição importante para a

---

<sup>51</sup> O argumento de autoridade é uma estratégia de convencimento que se apoia no prestígio de um indivíduo ou grupo de indivíduos que se valem não de indícios e raciocínio lógico, mas sim de sua posição em áreas científicas ou filosóficas. Bem como em uma opinião unânime ou máximas de áreas como Física ou Teologia, dentre outras.

<sup>52</sup> ECO, Umberto e MARTINI, Carlo Maria. Em que creem os que não creem?. Rio de Janeiro: Editora Record. 1999.

existência de comunicação, mas não significa que se deva elevar o artigo de fé, ou seja, a crença mística, à condição de argumento. Por definição, o argumento é o desenvolvimento de um raciocínio lógico e, sobretudo, racional e, sendo assim, ele está aparado em uma concepção de mundo que não é a mesma concepção de um pensamento de cunho religioso. Assim, não concepções diferentes, mas não são lógicas diferentes, porque o misticismo não é lógico. Mas isso não significa que pessoas que façam parte desses grupos tão diferentes não possam coparticipar no ato de pensar. Visto que, quem nunca teve, não tem e pensa que, provavelmente, nunca terá qualquer tipo de relação com um deus. Mesmo assim, essa pessoa tem relação com muita gente que o tem. E isso faz toda a diferença. Por exemplo, um diálogo de um ateu com um religioso que esteja também interessado em conversar sobre dialética pode ser muito proveitoso para ambos. É possível, nesse caso, estabelecer um bom debate de cunho filosófico, mas certamente seria complicado do ponto de vista meramente científico. Haja vista que a ciência está baseada em evidências, enquanto que a fé religiosa se baseia em crenças ancestrais. Nesse sentido, convém aqui perguntar: As escolas devem ensinar a Teoria da Evolução ao lado de teorias como Criacionismo, tal qual defendem alguns defensores de uma suposta pluralidade de visões? Ou no que diz respeito à temática tratada aqui nesta tese: Deve-se ensinar Educação Sexual nas escolas seguindo duas linhas, uma concepção científica e outra religiosa? Não, porque, das escolas se espera que formem cidadãos intelectualmente emancipados e a religião está mais dedicada, por definição, a doutrinação. E isso aqui é dito de forma não pejorativa. Um diálogo científico, escolar, implica, necessariamente, reconhecer a divergência, sem se sentir na obrigação de convencer, persuadir. Um diálogo implica a possibilidade, não na certeza, de mudança nos interlocutores por meio de argumentos.

O dramaturgo George Bernard Shaw (1856-1950) escreveu uma frase famosa que é exemplar para compreender o encontro das áreas de comunicação e dialética através de uma alegoria simples:

Se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã, e se nós trocarmos nossas maçãs, cada um de nós terá apenas uma maçã. Mas se você tem uma ideia e eu tenho uma ideia, e se

nós trocamos nossas ideias, então cada um de nós terá duas ideias. (SHAW, site).<sup>53</sup>

Em novembro de 2009, o ex-presidente da República Luis Inácio Lula da Silva foi muito criticado<sup>54</sup> por ter se aberto ao diálogo e se encontrado com o presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad, cujo país é acusado de repressivo e não observante dos direitos humanos. Estar disposto a iniciar um processo dialógico não significa concordância com os argumentos do interlocutor nem legitimação de suas ideias e ações, mas sim o reconhecimento de que o isolamento para se resolver uma crise, não é o melhor caminho. O desprezo traduz uma atitude de negação radical do outro. Uma recusa de um atributo essencialmente humano: o direito à interlocução. Só se odeia aquilo que não se conhece. É por isso que, nesse sentido, a intolerância que nasce do desconhecimento e da antipatia, é fomentada, em grande medida, quando há indisposição ao diálogo. Uma discussão em si, sempre decorre em avanço. Pois, até quando há regressão em termos de empatia, só o fato de estar havendo uma discussão já representa em si um avanço.

Os interlocutores que mais estimulam o processo dialógico não são, necessariamente, aqueles com quem concordamos, já que eles têm a capacidade de rever e melhorar nossos argumentos, pensar novas conjecturas e, sendo assim, nos fazer reafirmar ou desistir por convencimento os nossos pontos de vista. O consenso é relevante nas transações comerciais ou nas negociações políticas. Nelas o consenso não só é importante, como também é imprescindível. Nesses casos, a falta de consenso pode significar desde vendas não realizadas a guerras.

Depois da invasão da Baía dos Porcos em Cuba perpetrada pelos americanos (1961), no ano seguinte a União Soviética resolveu instalar mísseis nucleares na ilha em um episódio que entrou para a História como a “Crise dos mísseis de Cuba”. Durante a crise diplomática que colocou o mundo à beira de

---

<sup>53</sup> Disponível em: <http://lionel-fischer.blogspot.com.br/2009/11/teatrocritica-candida.html> Acesso em: 13 fev. 2012.

<sup>54</sup> Cf.: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/congressista-americano-critica-lula-por-receber-ahmadinejad-20091120.html>. Cf.: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/ahmadinejad- apenas-mais-marionete-ditadura-islamica>. Cf.: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1395031-5602,00-WASHINGTON+POST+CRITICA+LULA+POR+TER+RECEBIDO+O+PRESIDENTE+DO+IRA.html>.

uma guerra nuclear durante treze dias, americanos e soviéticos negociaram uma saída para o impasse. Em um episódio relatado<sup>55</sup> em um documentário<sup>56</sup> por Robert McNamara (1916 – 2009), então secretário de defesa dos Estados Unidos, o líder soviético Nikita Khrushchov enviou dois telegramas a John Kennedy (1917 – 1963), então presidente dos Estados Unidos. O primeiro deles propondo a retirada dos mísseis da Ilha, porém sob a condição de que os americanos se comprometessem a não mais invadir a Ilha; e o segundo, com o seguinte teor:

Nem vocês nem nós devemos puxar as pontas de uma corda, na qual vocês deram o nó da guerra. Quanto mais puxarmos, mais apertado ficará o nó. E aí, será preciso cortá-lo e o significado disso não sou eu quem vai dizer. (SOB A NÉVOA DA GUERRA, DVD, 2003).

No final do conflito, a guerra nuclear não foi deflagrada. Khrushchov concordou em retirar os mísseis de Cuba se Kennedy se comprometesse em não atacar, tampouco promover outro ataque à ilha. Não é propósito deste trabalho se aprofundar sobre os aspectos desse conflito histórico. Mesmo que as mensagens trocadas entre esses dois líderes em vias de um processo beligerante tenham evitado uma guerra nuclear, uma negociação não implica em um processo comunicativo.

A negociação não é uma ação comunicativa, mas sim instrumental. A necessidade de negociar acontece quando os interlocutores envolvidos no processo percebem que se cada qual não abrir mão, pelo menos em parte, de sua própria posição, haverá perdas para ambos. Assim, a negociação é importante para que sejam equilibradas as perdas inevitáveis para ambos os lados. Acredita-se aqui que é disso que se trata a famosa conclamação para a “abertura para o diálogo” que já se transformou em um lugar comum, como no caso da manchete de jornal “Governo da Síria aceita cessar-fogo e abertura para o diálogo, diz ONU” (ZERO HORA, 2012, site)<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 00:13:18 - 00:13:48

<sup>56</sup> SOB A NÉVOA DA GUERRA. Direção: Errol Morris. EUA. Co-produção Errol Morris, Michael Williams, Julie Ahlberg. 2003. 1 disco (Tempo 95 minutos). DVD.

<sup>57</sup> Cf.: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/mundo/noticia/2012/03/governo-da-siria-aceita-cessar-fogo-e-abertura-para-o-dialogo-diz-onu-3707902.html>

A política, a economia e a diplomacia subsistem pelo consenso, mas não as relações de ensino-aprendizagem entre docentes e discentes. Na educação e na comunicação, o consenso é empobrecedor. Sobre a importância dialógica, o filósofo Leandro Konder afirma:

O sujeito posto em estado de solidão pode pensar que está desenvolvendo uma reflexão original, profunda, enriquecedora, no entanto pode estar somente emburrecendo, por falta de interlocutores. Vale a pena lembrarmos que os antigos gregos já alertavam para esse risco: no idioma deles, o superlativo de *ídion* (singular) era *idiotês*. O indivíduo singular é formado socialmente, ele se individualiza na relação com os outros. Sua singularidade (originalidade?) se desenvolve com base na incorporação crítica das experiências alheias, num movimento incessante de ir ao outro para crescer. O *idiotês* é o sujeito que instalado em si mesmo, se sente dispensado de qualquer esforço de auto-superação. (KONDER, 2002, p. 8)

Esta é uma tese na área de Educação, mais precisamente na área de Tecnologia Educacional. Se, em uma dissertação anterior (2008), já se questionou sobre como redes sociais on-line (que não foram criadas para fins educativos) podem ser utilizadas para a Educação, agora é pertinente se abordar sobre como essa mesma estratégia pode ser útil para a promoção da Educação Sexual enquanto temática transversal tabu, de modo que haja pertencimento educacional por parte de docentes (quando atingem seus objetivos pedagógicos) e dissidentes (quando se valem das redes que permitem o anonimato para ter suas expectativas sobre a temática satisfeitas). A diferença da experiência descrita na dissertação para esta tese é que, enquanto, na dissertação, foi utilizada a rede social Orkut, na qual professores e alunos estavam totalmente identificados, aqui procurar-se-á descrever como foi utilizada a rede social Formspring, onde houve a possibilidade de anonimato. Como tais redes fazem parte do que se conhecem como novas tecnologias de informação e comunicação, abordar a comunicação é a razão de ser deste capítulo, inclusive porque, para nós, assim como para Paulo Freire, educação é comunicação. Nesse sentido, faz parte do nosso referencial teórico na área, além do próprio educador brasileiro, o filósofo alemão Jürgen Habermas através de sua Teoria da Ação Comunicativa. Não é à toa, pois,

concepções sobre comunicação desses dois pensadores estão intimamente ligadas como se verá a seguir.

Conviver com pessoas em casa, no trabalho, pelas ruas e até mesmo cumprimentá-las, simplesmente solicitar e lhes pedir informações não é se comunicar. Paulo Freire não vê o processo comunicativo como uma simples “extensão”, ou seja, transferência mecânica. Sendo assim, a troca de informações constitui, apenas, uma ação instrumental e não ação comunicativa. É por isso que segundo o entendimento adotado aqui neste trabalho, o conceito de comunicação, para Paulo Freire, é convergente com conceito de comunicação adotado por Jürgen Habermas. O brasileiro publicou originalmente em espanhol seu livro “Extensão ou comunicação?” em 1969 durante seu exílio no Chile e, em 1971, em nosso país. Trata-se de um ensaio no qual Freire discute a natureza da relação estabelecida entre o técnico agrícola e o camponês que, segundo ele, não pode se restringir a uma relação “extensionista”, mas de comunicação. A extensão presume a mera transferência do saber do técnico agrônomo, sem levar em conta o universo cultural do camponês em sua totalidade. Habermas publicou os dois volumes de sua hermética Teoria da Ação Comunicativa pela primeira vez em 1981<sup>58</sup>. Essa publicação marca a célebre “guinada linguística” do filósofo que, ao sentir a necessidade de outros meios para fundamentar sua atividade crítica, passa a criticar a razão baseada na autorreflexão e substitui a consciência pela linguagem como critério de racionalidade por excelência Dessa forma:

Habermas sustenta que Marx subestimou a problemática da ação comunicativa porque se fixou na luta revolucionária, que deveria mudar as relações de produção. A ação que lhe interessava era a dos conflitos materiais. A interação, a linguagem, a comunicação não lhe pareciam decisivas. Hoje em dia, entretanto, de acordo com Habermas, os combates se deslocaram, a postura crítica exige que sejam sempre

---

<sup>58</sup> Em língua portuguesa, essa obra só veio a ser publicada pela primeira vez, em 2012, (No Brasil, pela Editora Martins Fontes). Até essa data, os pesquisadores brasileiros que usavam a obra como referência só tinham acesso ao seu conteúdo através do original em alemão ou de outras línguas estrangeiras como francês, inglês e, sobretudo, espanhol. É igualmente necessário frisarmos que Habermas, em sua hermética obra, se embasa em autores alemães do início do século XX que também nunca foram traduzidos para a língua portuguesa e praticamente são desconhecidos de nosso meio acadêmico. Neste sentido, em benefício da inteligibilidade, a opção que se fez neste trabalho foi, além do próprio Habermas, utilizar também “interpretadores” brasileiros de sua Teoria da Ação Comunicativa.

denunciadas as situações de comunicação *sistematicamente distorcidas*. Estamos num período histórico no qual a razão instrumental se expande, cerceando a razão comunicativa. E o sistema vai *colonizando* os espaços do mundo vivido. Habermas vai adiante e assegura que sua compreensão da razão comunicativa estabelece um novo paradigma para a Teoria do Conhecimento: ao invés de se apoiar sobre o sujeito ou sobre o objeto, o conhecimento tem de se concentrar desde logo na relação sujeito/objeto. Esse paradigma é o paradigma do *agir orientado no sentido do entendimento mútuo*; ele evita que o sujeito seja concebido como uma *subjetividade subjugante*. (KONDER, 2006, p. 113)

Com o aparente fim da luta revolucionária nos moldes que propunha Marx, aqui nos parece que a ação comunicativa, se há 30 anos já era pertinente, hoje não só ela assim continua como também passa a ser de extrema atualidade.

Na prática, Habermas pensa o conceito de racionalismo comunicativo, que é expresso por meio do discurso, em substituição ao racionalismo instrumental, em que a ciência deixa de ser motivada pela ética e pelo conhecimento para ser instrumento de dominação que legitima a ideologia dominante:

Entre os seus conceitos, Habermas propôs o de “mundo da vida”. Em sua história, os seres humanos têm precisado organizar as atividades produtivas que lhes asseguram a sobrevivência, e também têm precisado organizar a sociedade, as instituições e os conhecimentos. Essa organização constitui o *sistema*. O *mundo da vida* é a realidade inesgotável das vivências humanas, uma realidade que não cabe no *sistema*. A *razão instrumental* se desenvolve em função das necessidades do *sistema*, porém somente a *razão comunicativa* pode se abrir para a inesgotabilidade do *mundo da vida*. No entanto, a *ideologia* embutida na consciência tecnocrática dominante conseguiu promover um *esgotamento* das *energias utópicas*, e o *sistema* consegue *legitimar* formas constrangedoramente antidemocráticas de desigualdade e de dominação. (KONDER, 2003, p. 132).

Para Habermas, a Razão Instrumental diz respeito ao trabalho e à subsequente necessidade de produção. Para esse fim, ela funciona mediante a observância de normas técnicas, pois possui uma meta claramente definida. Por isso, ela está diretamente ligada ao atendimento das expectativas e necessidades do “sistema”. Já a Razão Comunicativa está ligada às práticas

sociais simbólicas e mediatizadas pela linguagem. Por isso, ela está diretamente ligada ao “mundo da vida”, o qual representa o oposto da esfera sistêmica. Visto que, enquanto no sistema predominam as estratégias instrumentais, através das quais a linguagem é usada para interesses privados ou de grupos, o mundo da vida se caracteriza pela utilização da linguagem para o entendimento. É o espaço da produção simbólica espontânea. Pode-se, inclusive, dizer que a discussão sobre sexualidade, enquanto vivência humana, faz parte deste mundo da vida. Todavia, quando houver suspeitas de que linguagem não está sendo empregada com vistas ao entendimento, mas sim de forma deturpada ou até trapaceira, é necessário haver a observância das pretensões de validade como aferidores do discurso. Sendo assim, a Teoria da Ação Comunicativa (*Theorie des kommunikativen Handelns*), em linhas gerais, é direcionada ao entendimento através de suas pretensões de verdade, inteligibilidade e correção normativa. Segundo Habermas:

Podemos sustentar, em primeiro lugar, que o conceito da racionalidade comunicativa deva ser analisado segundo o fio condutor de um entendimento linguístico. O conceito de entendimento remete a um comum acordo almejado pelos participantes e racionalmente motivado, que se mede segundo pretensões de validade criticáveis. As pretensões de validade (verdade proposicional, correção normativa e veracidade subjetiva) caracterizam diferentes categorias de um saber que se corporifica simbolicamente em exteriorizações. Essas exteriorizações podem ser analisadas mais de perto: por um lado, sob o aspecto da possibilidade de fundamentar exteriorizações como essas; por outro, sob o aspecto de como os atores se relacionam, por meio delas, com alguma coisa no mundo. (HABERMAS, 2012, p. 147 e 148).

Assim, segundo os princípios da Teoria da Ação Comunicativa pormenorizados pelo pensador alemão, a situação de fala possui quatro condições de validade (expressas ou não expressas) para que exista a ação comunicativa (a qual traz em si mesma o momento do entendimento livre de dominação); são elas: verdade exposta (ética), inteligibilidade (mesmo dado do universo comum), correção (em referência a normas, uso do mesmo código linguístico) e veracidade pessoal (não hipócrita). Na citação acima, Habermas cita três, mas REESE-SCHÄFER (2008, p. 47) diz que, em algumas passagens, Habermas se refere a três pretensões de validade, porque a

inteligibilidade nas enunciações é entendida não como pretensão específica, mas como pressuposto das demais. A seguir outra explicação acerca das expectativas de validade em uma situação de fala para Habermas:

Na situação da fala existe um falante que se comporta como um *eu* (*ego*), que faz um proferimento em relação ao mundo, aos outros homens ou a si mesmo, para o qual busca o assentimento de outro *eu* (*alter*). *Alter*, por sua vez, vai reagir à afirmação de *ego* com um “sim” ou um “não”, pelos quais aceita o proferimento de *ego* como verdadeiro, ou o rejeita como falso. Em todos os casos, é preciso necessariamente que *alter* compreenda o que *ego* diz, demonstrando conhecimento do sentido dos termos utilizados por *ego* (que corresponde à dimensão semântica da linguagem), mas também que a frase esteja gramaticalmente correta (relativa a dimensão sintática). Falta ainda mencionar a dimensão performática ou pragmática, pela qual *alter* assume uma posição de reação ao proferimento de *ego*, em que a linguagem assume a dimensão de uma ação social, através do estabelecimento de uma relação entre atores sociais através da fala. (ARAGÃO, 2002, p. 112).

Para exemplificar de forma ainda mais completa o conceito de comunicação empregado neste trabalho, pode-se recorrer a uma analogia, ao dizer que quando um advogado é contratado por uma pessoa, mas duvida do que o seu cliente está dizendo, eles não estão realizando ação comunicativa. Mas, se no decorrer do processo, o advogado passa a acreditar na verdade pessoal de seu cliente, então, nesse caso, passa a existir ação comunicativa. De forma análoga, o mesmo acontece quando um machista e uma feminista dialogam e, depois desse diálogo cada um se torna menos radical. Outro exemplo ilustrativo é com relação ao cinema. Da mesma forma, um romance escrito, um filme ficcional é, em si, um meio de expressão produzido para a contemplação e fruição dos expectadores e não um meio de comunicação. Há pessoas que, no final da projeção de um filme, sempre têm o desejo de conversar com outras pessoas que também assistiram à sessão de cinema para discutir o que elas acharam da obra cinematográfica. Sabe-se, porém, que ter uma oportunidade é difícil, sobretudo quando se reconhece que aquelas pessoas são desconhecidas e uma sala de cinema convencional em si geralmente não oferece a oportunidade. Ávidos em debater sobre o filme, essas pessoas desejam transformar o que, naquele momento, é em essência

um meio de informação em um meio de comunicação. O mesmo acontece com as obras literárias: a comunicação ocorre quando seus leitores debatem o livro entre si.

Nesse sentido, para o próprio Habermas (2012, p. 192), o falante, portanto, reivindica: verdade para enunciados ou pressuposições existenciais, correção para as ações reguladas de maneira legítima e para seu contexto normativo, e veracidade para a manifestação de vivências subjetivas. A partir daí, Habermas qualifica como racionais suas precondições de validade discursiva; por isso, se pode falar em racionalidade comunicativa, haja vista que:

Habermas denomina *racionais* as três pretensões de validade (verdade, correção e veracidade), pois elas exigem atribuir a qualquer parceiro do diálogo, ao menos até sua verificação, que ele age racionalmente. Se presumíssemos de antemão sua irracionalidade, não conseguiríamos nem ao menos verificá-las seriamente. Podemos evidenciar isso num experimento de pensamento. Digamos que um oponente fale só inverdades. É provável que essa suposição ocorra frequentemente no debate político hostil. Porém, se ele expuser agora uma verdade incontestável, ela já teria que ser falsa, pois *ele* a enuncia. (...). O exame de suas enunciações pode, entretanto, ter um resultado negativo. A fim de caracterizar esse tipo de pressupostos de racionalidade, Habermas fala em *racionalidade comunicativa*. Segundo sua teoria, ela é universal: com base nela, é possível avaliar todas as sociedades presentes e futuras. (REESE-SCHÄFER, 2008, p. 48 a 49).

Ora, nesse sentido, é pensado que cada interlocutor não só é racional, como também age com boa fé ao fazer sua intervenção discursiva, até que se constate o contrário pelos demais envolvidos no processo. Dessa forma, fica claro que a lógica utilizada pelos seguidores de doutrinas é diferente, pois eles temem perder o referencial que norteia sua crença quando se deparam com a análise de uma temática complexa, com diferentes caminhos que levam a diferentes alternativas. Sobre a Teoria da Ação Comunicativa, também se pode dizer que:

Habermas parte do pressuposto de que se a linguagem for clara, sem distorções nas palavras (ou mau uso intencional), ela torna-se uma garantia para o entendimento, pois apoia-se na compreensão mútua entre os diversos atores sociais que

trabalham em busca de consenso. No entanto, para se chegar a uma linguagem clara é necessário o abandono da razão instrumental, ou da razão instrumentalizada para a persuasão, para a busca de poder e para a dominação, presas aos esquemas da subjetividade, e obter uma razão, de natureza intersubjetiva, que valorize a interação entre os sujeitos, a razão comunicativa. (TEMER; NERY, 2009, p. 96).

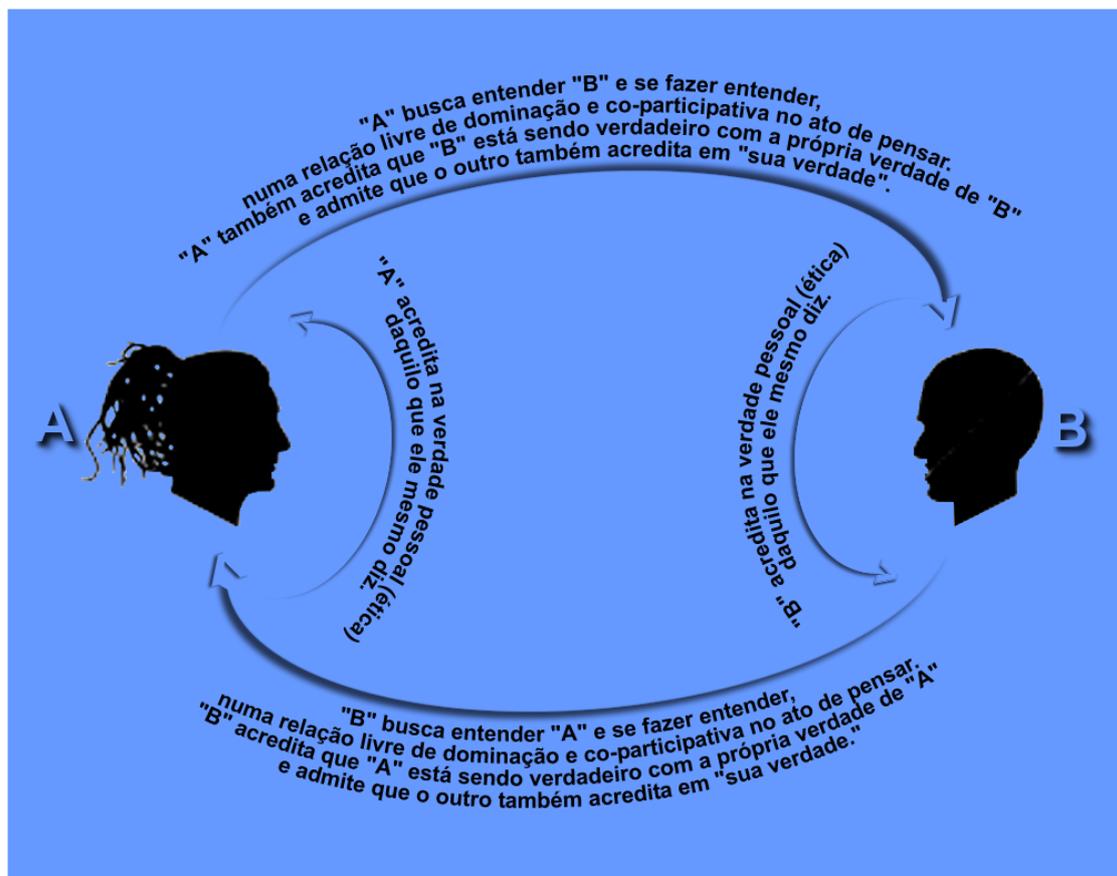
Em sua Teoria da Ação Comunicativa, Jürgen Habermas parte do princípio de que os homens são capazes de ação, e, para tanto, se utilizam da linguagem para se comunicar com seus pares, buscando chegar a um entendimento recíproco. Para o filósofo alemão, a maior garantia de compreensão mútua entre os interlocutores é a prática de uma linguagem clara, sem distorções ou mau uso intencional, tais como: o exercício da hipocrisia; as tentativas de persuasão, dominação e busca de poder. Assim, a reflexão ética é indispensável para as pessoas envolvidas no processo. O filósofo Leandro Konder nos diz que:

Muitas vezes em um diálogo, a “paixão” nos move e nos confunde. No terreno das divergências políticas, é bom ter posições próprias. Mas muitas vezes as ideias pré-concebidas e endurecidas não se expõem devidamente ao diálogo. Isso é ruim. (...). Um interlocutor que é ao mesmo tempo inimigo, adversário, mas que também é concorrente e interlocutor mesmo. As divergências que aparecem na fala do interlocutor não podem ser atribuídas unicamente à má fé. Não é verdade. As vezes o interlocutor é bem intencionado, tem argumentos mais convincentes do que os meus e me obriga a rever minha argumentação. Mas para isso, não quer dizer que eu abra mão das minhas próprias convicções. São elas que me movem, são elas que me põe em movimento: dando aula, discutindo política. Essas convicções são preciosas. Mas eu preciso estar atento para o fato de que ao envelhecer, as convicções pedem uma discussão para poder serem renovadas. (...). Sair de você e ir ao outro, esse movimento...eu gosto de etimologia. Do latim, o “outro” é “*alter*”. Você ir ao outro é você admitir que você se altera, se modifica. (KONDER, site).<sup>59</sup>

Nesse sentido, os interlocutores que agem comunicativamente (HABERMAS *apud* REESE-SCHÄFER, 2008, p. 47) “referem-se não mais diretamente a algo no mundo objetivo, social ou subjetivo, mas relativizam suas enunciações diante da possibilidade de que a validade delas seja contestada

<sup>59</sup> Cf. KONDER, Leandro. O filósofo que sonha. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=71O1j1z3zqU>. Acesso em: 26/08/2010.

por outros autores”. Assim, a concepção de diálogo oferecida por Konder está em confluência com a de Habermas. A ética, a busca de entendimento livre de dominação e a coparticipação no ato de pensar, que já se pode aqui resumir chamando essas pretensões de “diálogo”, bem como os agentes dessa ação de “interlocutores”, é o centro de tudo. O mesmo acontece, conforme se verá mais adiante, com a concepção de Paulo Freire. Logo, como já foi dito e será ainda mais aprofundado no decorrer desta tese, é possível traçar uma “genética” ideológica (linha teórica) entre diferentes autores através da aceção de conceitos nos quais eles são solidários com o princípio norteador, embora cada um tenha se deparado, ao longo de sua trajetória, com um contexto histórico e teórico diverso, nesse caso, a ética no discurso e a coparticipação no ato de pensar. É possível assim ilustrar essa situação de fala, tendo como parâmetro a proposta desta tese, da seguinte forma:



- A**  = Interlocutor A
- B**  = Interlocutor B
-  = Sentido das interlocuções

ILUSTRAÇÃO 1 – Representação gráfica da situação de fala em uma ação dialógica mantida por interlocutores.

Ao mesmo tempo que o interlocutor "A" demonstra possuir verdade subjetiva, ele age da mesma forma com o interlocutor "B" (pois, o que ele diz é aquilo que ele pensa) e vice-versa. Eles juntos são produtores de um processo de interlocução que não busca a retórica, a demagogia ou o argumento de autoridade; eles respeitam o ponto de vista alheio ao mesmo tempo que preservam (até certo ponto) o seu. Além disso, o interlocutor "A" acredita que o interlocutor "B" tem a boa fé de acreditar naquilo que o próprio "A" diz de si. Aqui é dito até certo ponto porque é provável que haja mudança de opinião de

alguma das partes durante o processo, sempre através de argumentos. Inclusive, “a argumentação tem lugar privilegiado no pensamento habermasiano: o ‘debate argumentativo sobre pretensões de validade hipotéticas pode ser descrito como a forma reflexiva do agir comunicativo” (HABERMAS *apud* BANNELL, 2007, p. 284). Dessa forma:

Habermas se caracteriza, politicamente, como um *reformista radical*. Ele sustenta a ideia de que o pensamento crítico precisa se ligar ao inconformismo, rorientando-o no sentido da busca de uma situação de comunicação (intersubjetiva) “isenta de dominação”, como seria a “situação ideal de fala”, na qual os falantes, sem se cercearem uns dos outros, poderiam assegurar condições livres de expressão para todos, porque cada um teria interesse em ser mais bem compreendido e em compreender melhor os demais. Sua perspectiva está voltada para a criação de condições nas quais o *outro*, o *diferente*, possa ser reconhecido como autor de um discurso competente, quer dizer, como falante capaz de argumentar numa situação de paridade com os demais falantes. (KONDER, 2003, p. 133 e 134).

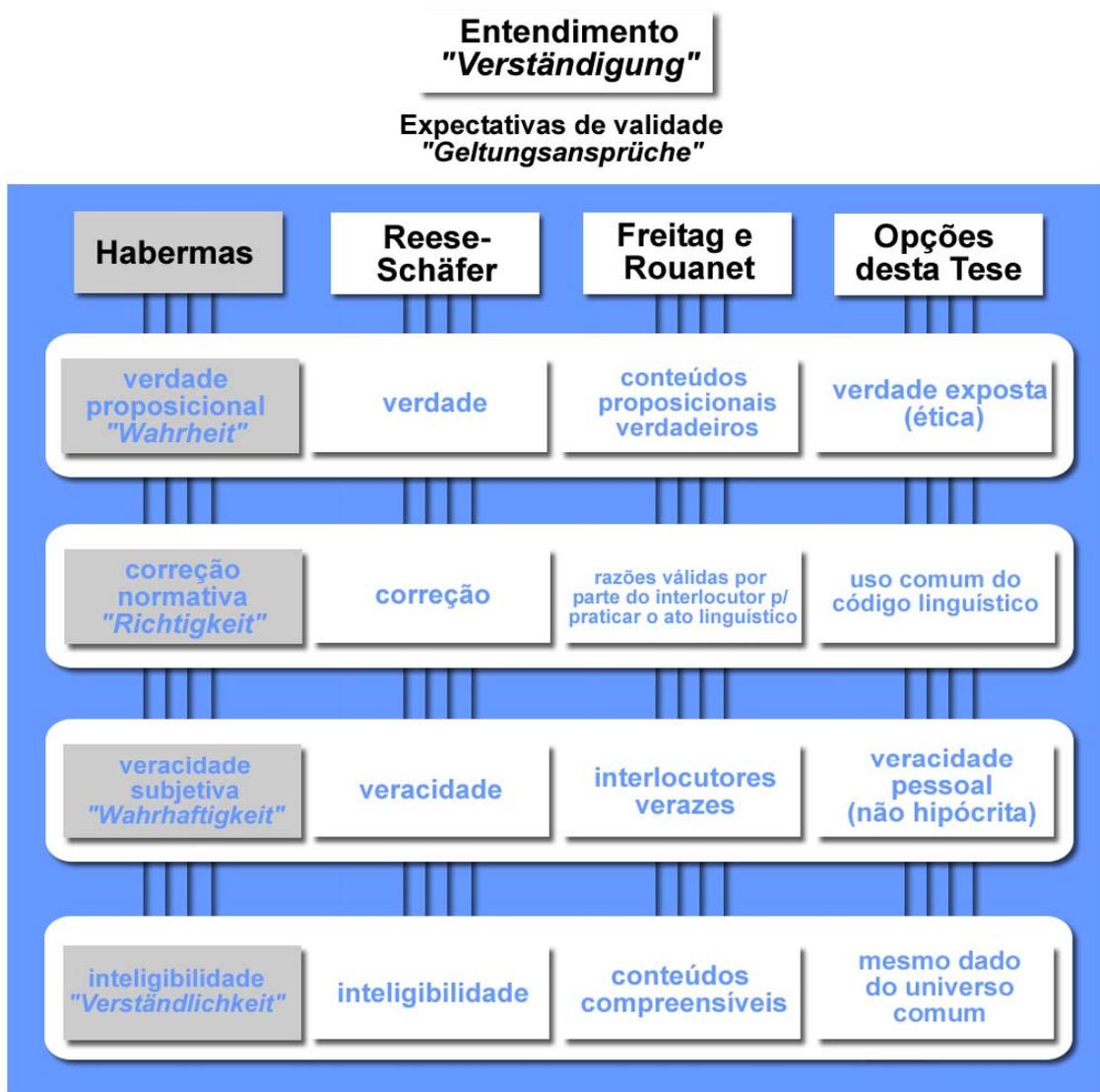
Habermas fundamenta sua teoria em uma característica estrutural da linguagem: a implícita racionalidade que implica a compreensão mútua dos interlocutores. O conhecimento da Teoria da Ação Comunicativa tem potencialmente a virtude de mudar a forma como se vê um processo comunicativo, seja a visão corrente de que se comunicar é o mesmo que se informar, ou a visão da comunicação como um debate com elementos de retórica, no qual cada um dos interlocutores busca ora intimidar uns aos outros (inclusive fazendo uso de argumentos de autoridade) ora buscar o convencimento do outro como sendo a meta final. Nesse mesmo viés, Paulo Freire chama de antidiálogo ao dizer que esse está “tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e ao mesmo tempo tão antagônico ao clima de transição” (2006, p. 116).

Em diversos autores, as precondições de validade de uma situação de fala da ação comunicativa de Habermas aparecem traduzidas (“interpretadas”) de diferentes formas e isso gera certa confusão. Talvez, isso seja um reflexo da demora que a obra levou para ser traduzida para o português, já que muitos autores tiveram que recorrer a línguas intermediárias diferentes do alemão (por exemplo, inglês ou espanhol) e a questões de tradução. Como é o caso do

próprio Habermas, como já foi dito, recentemente traduzido para o português (2012) e de Reese-Schäfer, cuja obra consultada, nesta tese, se trata de uma tradução.

Aqui, importa dizer que a abordagem deste tema acerca das opções feitas por diferentes autores no que diz respeito às precondições de validade de uma situação de fala não tem aqui nesta tese a intenção de ser um simples exercício de erudição, uma vez que não contempla o objeto de estudo desta pesquisa. Mas, durante o processo de escrita, verificou-se que há, pelo menos, no que diz respeito a alguns livros disponíveis em nosso país, uma certa variedade de traduções, bem como interpretações livres, dos conceitos originais escritos por Habermas, o que não ajuda no processo de entendimento que, por si, já é hermético.

Segundo a perspectiva adotada nesta pesquisa, serão citadas a seguir três casos que se mostraram perfeitamente coerentes entre si (incluindo os termos originais do próprio Habermas e a opção feita por seu tradutor), que serão comparados com a opção adotada por esta tese, inclusive, já abordada, de passagem, em um trabalho dissertativo anterior (COSTA, 2008, p. 134).

**Fontes:****Habermas:**

HABERMAS, Jürgen. Teoria do agir comunicativo, volume 1, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 147 e 148.

**Reese-Schäfer:**

REESE-SCHÄFER, Walter. Compreender Habermas. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 47.

**Freitag e Rouanet:**

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sérgio Paulo. Habermas, coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 15, São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 17 e 18.

ILUSTRAÇÃO 2 – Representação gráfica sobre como diferentes autores interpretam o entendimento em uma situação de fala em uma ação dialógica mantida por interlocutores.

Nessa representação gráfica (ilustração 2), os conceitos de cada autor estão dispostos seguindo uma ordem vertical, não necessariamente

obedecendo à mesma sequência dos vocábulos presentes em suas obras. Na verdade, para efeito de entendimento, optou-se por seguir a mesma sequência adotada na obra de Habermas (com o original alemão abaixo). O efeito prático dessa estratégia é que, a partir dessa perspectiva, é possível comparar as soluções encontradas por cada autor ou tradutor. Todas as opções correlatas estão dentro de quatro grandes retângulos brancos. Optou-se também por dar ênfase às fontes bibliográficas de onde os conceitos foram retirados. A razão disso é que muitos desses autores explicam a Teoria da Ação Comunicativa de formas diferentes em obras distintas. De acordo com essa representação gráfica, observa-se que a opção de Reese-Schäfer (de acordo com seu tradutor) é a mais fiel ao termo original habermasiano, enquanto a de Freitag e Rouanet, grandes especialistas brasileiros na obra do filósofo alemão, é a mais elucidativa. A opção adotada nesta tese foi construída graças ao nosso entendimento acerca dos conceitos de comunicação de Paulo Freire, bem como de Arnon de Andrade. Sendo assim, é por isso que o mais importante é que se compreenda a essência dessas precondições, em vez da simples nomenclatura. É evidente que isso é certo para tudo, mas parece ser ainda mais para a teoria de Habermas.

Interessa ainda dizer que tais pretensões de validade, em uma situação ideal de fala, devem ser entendidas como um parâmetro aferidor de discurso, não como uma meta a ser sempre concretamente realizada. Por exemplo, em termos práticos, se todos os participantes da interlocução aceitam, racionalmente, as pretensões de validade de cada um, pode-se, então, entender o que está sendo dito como uma “verdade”. Todavia, se, durante o discurso de um interlocutor, tais pretensões forem postas em dúvida pelos outros interlocutores envolvidos no processo comunicativo, rompe-se a verdade proposicional e passa a não existir mais ação comunicativa.

Há críticos que veem na ação comunicativa habermasiana um certo utopismo ou mesmo uma certa ingenuidade, pois não seria possível haver uma situação ideal de fala (interlocutores em uma situação de igualdade tanto em termos argumentativos, quanto em termos de participação no discurso), tomando como base um diálogo entre pessoas que não são filósofos e além disso fazem parte de uma humanidade que vive, basicamente, em uma

situação de desigualdade socioeconômica na qual prevalece a violação de direitos civis. Existe, de fato, certa dose de otimismo em Habermas, mas acontece que ele fundamenta sua teoria em uma característica estrutural da linguagem: a implícita racionalidade que implica a compreensão mútua dos interlocutores, pois, “mesmo quando um sujeito falante insulta, ameaça, ordena algo com rispidez, ele se empenha em ser entendido pelo outro.” (KONDER, 2003, p. 134.). Nesse sentido, a ação comunicativa é utópica sim, mas não no sentido reacionário do conceito.

A Teoria da Ação Comunicativa é ideológica no sentido libertário porque acredita que a visão de mundo do interlocutor não é uma distorção; é utópica no sentido igualmente libertário porque busca entender e se fazer entender pelo interlocutor numa relação livre de dominação. Também ideologicamente, a figura religiosa do pastor (líder religioso) ou padre (pai) e seu rebanho (fiéis) é doutrinária, portanto não comunicativa. O mesmo se pode dizer de uma conversa travada entre dois militares de diferentes patentes.

Em um diálogo, cada um dos interlocutores envolvidos no processo reconhecem no outro a capacidade de expressão, mesmo para aqueles cuja visão de mundo é divergente. Há também o reconhecimento de que cada um é capaz de chegar a resultados pertinentes através de perguntas e respostas argumentadas. Para que um diálogo autêntico exista realmente, essa premissa deve ser aceita mesmo no caso em que um dos interlocutores seja subalterno a outros. Nesses termos, mesmo havendo relações de poder que certamente irão permear o processo, haverá, portanto, a suposição de que há não só uma certa igualdade e respeito pelo que o interlocutor diz, mas há também o próprio reconhecimento do outro como interlocutor. A desigualdade continua a existir, mas há também o aceite da importância de algo universal: o direito à interlocução. Ora, do ponto de vista da utopia libertária adotada nesta tese, só o esforço dos interlocutores no sentido de que se transcendam as relações de poder em benefício de um diálogo, por si só, já constitui uma iniciativa louvável.

Depois de um diálogo, propriamente dito, a tendência é a de que os interlocutores não formulem concepções sobre sua própria realidade exatamente da mesma forma que faziam antes, já que eles tiveram a

oportunidade de “testar” seus argumentos, de aperfeiçoar seus conceitos sobre sua realidade e sua própria concepção de mundo.

Em termos práticos, o entendimento da ação comunicativa propicia a concepção de que a latente riqueza cultural de um contato dialógico com uma pessoa de outro país, sexo oposto, etnia, orientação sexual ou de outra classe social torna a xenofobia, o sexismo, o racismo, a homofobia e o preconceito de classe algo muito mais sem sentido. Basta observar as próprias redes sociais on-line para se constatar como muitos dos que fazem parte desses grupos se insultam. O discurso político, enquanto publicidade ou debate passa a ser visto como algo muito mais próximo da retórica do que da comunicação. Se, por um lado, a doutrinação religiosa passa a ser vista como algo pouco sofisticado em termos dialógicos, a liberdade religiosa das pessoas é beneficiada porque a repressão passa a ser vista como algo igualmente pouco sofisticado que vai fortalecer ainda mais a religiosidade do outro. Estabelece-se, assim, a premissa básica de que, para dialogar sobre religião, não se deve ofender, usar argumentos de autoridade, nem tentar “colonizar” o outro, no sentido de convencer um ao outro. A interlocução acontece apenas sobre uma base argumentativa, ao mesmo tempo que cada um reconhece (e não “cede” ou “oferece”) no outro a legitimidade enquanto interlocutor. Não há problema se alguém acabe por se convencer, mas esse não é o objetivo essencial. Além disso, o arcabouço teórico oferecido por Habermas sobre comunicação permite desmistificar meios de informação como TV, rádio, jornal e site enquanto meios de comunicação, a publicidade e o jornalismo enquanto área comunicativa. Tais áreas não são áreas do campo da comunicação, mesmo que o senso comum acredite no contrário. Mas não haveria problema de âmbito conceitual se jornalistas e publicitários, bem como os professores de tais áreas, substituíssem a palavra “comunicação” tão presente de forma indiscriminada em seus textos pela palavra “informação”. Por extensão de sentido, permite até conceber os populares perfis de pessoas nas redes sociais on-line enquanto simulações que elas mesmas criam sobre a forma como gostariam de ser vistas. Para o campo educacional, a mudança de perspectiva aproxima o professor e a direção de uma escola da perspectiva freireana da educação e a afasta da visão corrente que se tem dela enquanto treinamento, adestramento,

doutrinação, formação para o mercado de trabalho, pois, como disse o educador brasileiro, “Precisávamos de uma Pedagogia de Comunicação, com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo. Há mais. Quem dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa. Esta alguma coisa deveria ser o novo conteúdo programático da educação que defendíamos”. (2006, p. 116). Algo que também é verdadeiro para outros educadores, tanto no que diz respeito à implementação de projetos educacionais: “(...) é bom saber que se a realidade não couber no modelo, certamente o modelo é que está errado.” (ANDRADE, 2006, p. 2), quanto no processo de ensino-aprendizagem em si.

A livre expressão e a ação coletiva que nasce de todos a distinguem de outras pedagogias. A cooperação implica num trabalho comum que alia diferenças sem conflito, comunicação como experiência compartilhada; o aluno torna-se, ao mesmo tempo, participante e responsável, que busca, através do confronto, o crescimento individual e coletivo. (ELIAS, 2004, p. 90).

Em suas obras<sup>60</sup>, Paulo Freire afirmou que existir humanamente é manifestar-se e modificar o mundo: “Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de ‘pronunciar’ e de ‘nomear’ o mundo.” (FREIRE, 1978, p. 145). Assim, procurar-se-á esclarecer o conceito de comunicação para Paulo Freire, o qual se trata do referencial teórico deste trabalho. Como premissa básica, importa dizer que, na formulação de seus conceitos teóricos, o educador parte sempre da própria realidade do ser humano e de que educação implica, necessariamente, comunicação, a qual é a coparticipação no ato de pensar, em ética e afetividade (confiança):

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 1988, p. 69).

---

<sup>60</sup> Cf.: FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978 e FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

Dessa forma, a “educação pela liberdade” não pode ocorrer sem o conhecimento da realidade na qual todos nós estamos inseridos, bem como os educandos, que chegam à sala de aula trazendo consigo suas experiências de vida, seus saberes e formas de interpretar a realidade, que pode ser entendida como sendo a utilização pelos alunos de determinados códigos linguísticos, concepções sobre etnicidade, sexualidade, formas de expressão, comportamentos e classes sociais. Essa realidade foi aprendida em suas famílias e nas comunidades (grupos), onde estão inseridos e das quais participam. A escola não pode ignorar a forma como seus educandos interpretam a realidade.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. (FREIRE, 2003, p. 78).

É por isso que, quando uma instituição de ensino, de forma autoritária, toma a decisão de bloquear o acesso às redes sociais on-line em seus laboratórios, os quais podem ser facilmente acessados pelos jovens na *lan house* mais próxima, os gestores dessa instituição abdicam da possibilidade de diálogo e, como já foi dito, de conferir à escola seu legítimo papel de ambiente privilegiado de debates para tais assuntos. Dessa forma, evita-se que a educação como prática para a liberdade seja uma educação dialógica, a qual vai muito além do direito de poder se expressar e ser ouvido. A dialogicidade começa quando o educador pensa o conteúdo programático.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo – mais que um instrumento do educador – é uma exigência da natureza humana. O educador não deve impor sua visão ao educando, mas problematizar a sua própria realidade e a do educando. Aqui se faz necessário o esclarecimento de alguns conceitos sobre diálogo e mediação. Para o autor, o diálogo se estabelece entre dois ou mais interlocutores que fazem declarações a respeito de um dado do universo a ser conhecido. Essas declarações dizem respeito à compreensão ou à busca de

compreensão sobre esse dado, que pode partir de uma experiência real ou simbólica, estabelecendo-se, assim, o processo de mediação.

É interessante falar, nesta tese, sobre como as novas tecnologias de informação e comunicação podem ser úteis como estratégia complementar às aulas presenciais de Educação Sexual, é fácil perceber como a comunicação funcionalista (baseada no esquema de estímulo – resposta), não é suficiente para dar conta das expectativas de sucesso que se esperam de nenhuma disciplina escolar, muito menos das temáticas relativas à Educação Sexual enquanto tema transversal do currículo:

A educação sexual não constitui uma disciplina escolar como as demais, seja pelo seu conteúdo, seja pelos métodos pedagógicos que ela requer. A pedagogia tradicionalmente adotada pela maioria dos professores das várias disciplinas escolares se baseia num processo de comunicação “unilateral”, isto é, o aluno (receptor das mensagens do professor) não participa ativamente e não se torna em nenhum momento emissor. Esta pedagogia faz do aluno um ser passivo cuja função é a de ouvir – de preferência em silêncio, tranquilamente – as exposições em geral teóricas e abstratas do professor, não se exigindo que as compreenda e assimile. A maioria dos alunos, no decorrer da vida escolar, vai decorando e esquecendo as noções fragmentárias que lhes são transmitidas, sem que elas lhes sirvam para o conhecimento deles próprios e do mundo que os cerca. Se esta pedagogia não convém ao ensino de qualquer das matérias escolares, ela é absolutamente inadequada para a educação sexual. (WEREBE, 1998, p. 176).

Certamente, a motivação para essa postura está nos atuais tempos conservadores da, cada vez mais, burguesa sociedade moderna. Mas já no início da década de 70, o poeta e ensaísta Hans Magnus Enzensberger escreveu uma pequena obra chamada "Elementos para uma teoria dos meios de comunicação" a qual traz uma explicação para isso, já que, na visão do autor, a grande expansão da visão apolítica (e afirma-se aqui: por isso funcionalista e conseqüentemente conservadora) sobre os processos de comunicação é, em grande parte, culpa da "insuficiente compreensão dos marxistas" no que diz respeito à mídia, bem como ao "uso questionável" que alguns governos que foram, ou ainda são, de inspiração marxista fizeram dela. A esse respeito, é importante analisar o que diz Enzensberger, embora a

citação a seguir seja um tanto longa, todavia a opção em fazê-la é em benefício da clareza sobre o que se está afirmando:

Ignóbeis colocaram-se à frente das novas forças produtivas, baseados puramente em intuições, às quais o comunismo não quis dar atenção, para sua desvantagem. Atualmente, essa vanguarda apolítica encontrou seu ventríloquo e profeta na figura de Marshall McLuhan, um autor a quem faltam, é verdade, todas e quaisquer categorias analíticas para a compreensão de processos sociais, cujos livros, apesar de confusos, podem servir de playground de observações incontroladas sobre a indústria da consciência. (...). Incapaz de qualquer elaboração teórica, McLuhan não resume seu material em um termo, mas no denominador comum de um ensinamento reacionário de salvação. Contudo, o que ele não inventou, mas foi o primeiro a realizar de forma explícita, foi uma mística das mídias, na qual todos os problemas políticos evaporam como névoa - aquela névoa azul com que ela ilude seus discípulos. Seu atrativo é a salvação da humanidade por meio da tecnologia da televisão, especificamente da televisão tal como é realizada hoje. Diga-se, porém, que a tentativa de McLuhan de colocar Marx de ponta-cabeça não é exatamente nova. Como seus numerosos antecessores, ele divide a determinação de minimizar todos os problemas da base econômica, o enfoque idealista, a banalização da luta de classes no azul celeste de um humanismo vago. Um novo Rousseau, assim como todas as reprises, apenas um débil reflexo do antigo, ele proclama o Evangelho dos novos primitivos que, sem dúvida num patamar mais elevado, devem retornar à "aldeia global", numa existência tribal pré-histórica. Não vale a pena debruçar-se sobre tais concepções. Talvez a frase mais famosa desse marqueteiro mereça maior atenção: "*The medium is the message*" (o meio é a mensagem). Apesar dessa idiotice provocadora, ela revela mais do que seu autor sabe. Ela desmascara o traço tautológico da mística das mídias em pormenores: o único elemento digno de nota na televisão seria, de acordo com ele, o fato de estar ligada; uma tese que, de fato, tem algo de sedutor se considerarmos os programas americanos. A frase de que a mídia é a mensagem, porém, transmite ainda outra muito mais importante. Ela nos comunica que a burguesia dispõe, é bem verdade, de todos os meios de nos comunicar algo, mas que ela não tem mais nada a dizer. Ela é ideologicamente estéril. Sua intenção de agarrar-se a todo custo ao poder de dispor sobre os meios de produção sem estar em condições de deles fazer o uso social necessário é aqui expressa claramente na superestrutura: ela deseja as mídias como tais e para nada. (ENZENSBERGER, 2003, p. 80 a 83)

Assim, Hans Magnus Enzensberger faz uma crítica ao funcionalismo de Marshall McLuhan. Mas todos sabem como é difícil fazer a opção pela

perspectiva crítica, já que isso significa abandonar a tranquila perspectiva funcionalista, na qual as pesquisas apenas geram hipóteses e modelos teóricos derivados do trabalho empírico. A opção crítica significa abraçar a incerteza e exercer a reflexividade, ou seja, questionar e pôr à prova às próprias questões a que se chega enquanto pesquisadores. Algo que só se pode chegar mediante a realização de algumas leituras, por vezes, excessivamente herméticas, conhecer em profundidade a filosofia da área de conhecimento específica (Teorias da Comunicação e da Educação, no caso desse trabalho), as quais nos possibilitarão “fazer a costura” de um sistema teórico que tenha coerência externa e sobretudo interna. É esse percurso, cujo tempo é um fator importante, e possibilitará a aquisição de certa autonomia intelectual, e que, dependendo do nível conduzirá ao que se pode chamar de maturidade intelectual. A desilusão pode ser fecunda em termos de autocrítica, mas essa autocrítica não pode ser uma pseudocrítica para apenas se sair fortalecido na luta interna em um grupo. É através do aprofundamento da autocrítica que se chega à crítica mais fecunda e verdadeira visando reeducar as pessoas, tornando-as mais realistas.

Comunicação, educação e ideologia são áreas que estão intimamente ligadas. A existência de um diálogo real é afetada pelas “relações de poder” travadas entre os participantes. Em um diálogo, a neutralidade só existe no âmbito da pretensão. Em termos ideológicos, é possível se pensar em um processo que não seja apenas de “não comunicação” (ausência de comunicação), mas também de “anti-comunicação” (contrário ao processo comunicativo), como o “silêncio obsequioso”<sup>61</sup> a que foi condenado (1985) o teólogo Leonardo Boff (1938 - ). Nesse caso, há uma imposição, que se pode considerar grosseira, baseada muito mais em uma relação de poder hierárquico do que “um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1988, p. 69).

---

<sup>61</sup> Objetivando conter dissensões, o silêncio obsequioso (“respeitoso”) é uma punição imposta pela Igreja Católica a religiosos que, no seu entendimento, pregam ou divulgam através de declarações ou de publicações doutrinas consideradas errôneas em relação à doutrina da Igreja. A punição consiste em exigir ao padre ou outro membro que tenha feito voto de obediência um afastamento da pregação ou publicação por um período de tempo determinado.

Assim, não é à toa que as grandes empresas donas dos meios de informação adotam sem hesitar a conveniente visão funcionalista acerca do conceito de comunicação. Assim, o sistema teórico adotado nesse trabalho no que diz respeito ao conceito de comunicação não aceita como válida a simples visão funcionalista do processo, pois:

O processo comunicativo vai muito além do tradicional esquema "emissor", "receptor", "meio", "mensagem". O qual apregoa a mudança de comportamento a partir da informação transmitida. Só que isso não é teoria da comunicação, é doutrinação e manipulação. A qual é usada tradicionalmente pela publicidade, pelo mercado de consumo, pela propaganda de guerra. Os americanos criaram isso apenas para justificar a prática dos meios. As pessoas pensam diferente, mas não conseguem se libertar disso. Jesús Martín-Barbero, Marshall McLuhan, dentre outros, ficaram presos nesse sistema. Na comunicação há informação necessitando de interesse, avaliação e interpretação. Os novos paradigmas surgem do movimento das teorias. (ANDRADE, 2008, site).

Assim, um receptor não vai simplesmente interpretar aquilo que o emissor deseja, mas reelaborar a mensagem com base em pressupostos ideológicos, de classe, profissionais e familiares, dentre outros. Normalmente, sobretudo em ambientes on-line, costuma-se adotar um conceito acerca da mediação, que não é o adotado nesta pesquisa. Tal conceito, usualmente, está explicitamente relacionado ao papel do mediador como "intermediário" e "arbitragem" e implicitamente relacionado à suscetibilidade de manipulação. Sobre o papel do mediador, de acordo com esse conceito, o fragmento abaixo é bastante ilustrativo:

Todo mediador tem como objetivo primeiro facilitar o trâmite de dados e informações que fazem parte de uma comunidade virtual, baseada, por exemplo, em troca de e-mails e extrair, de tudo que foi postado, a síntese, conclusão ou resultado acerca do debate realizado. Cabe também ao mediador gerenciar o grupo, atualizar as ferramentas tecnológicas, fomentar novos debates e zelar pela conduta ética do fórum. Mas cabe ao mediador, principalmente, contextualizar a síntese de cada discussão, formatá-la em linguagem acessível e utilizar este novo conhecimento para propor alterações e avaliações na vida real de cada pessoa que faz parte da comunidade virtual. (OLIVEIRA, site).

Segundo o conceito de mediação freireano adotado nesta pesquisa, a mediação representa um dado do universo comum, mas, apenas, no momento em que está havendo interlocução<sup>62</sup>: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 2003, p. 68). Nesse momento, os alunos reelaboram um dado do universo comum, simbólico, que é real para cada um deles em suas vidas:

Eu me recuso a aceitar que qualquer que seja um conhecimento ele seja mediado pela tecnologia. A tecnologia é um instrumento de aproximação do ser humano. Eu não posso dizer que o que eu vejo é mediado pelos meus óculos. Meus óculos são apenas instrumentos de aproximação do real. Se afirmarmos o contrário disso, seria como se estivéssemos dizendo que se apagarmos a luz, os objetos que estão neste ambiente iriam sumir, pois não estaríamos mais os vendo. Então, é uma questão de percepção. (ANDRADE, 2008, site).

Sendo assim, por mais que a propaganda das empresas que comercializam produtos de tecnologia informática afirme, incessantemente, o contrário, um processo de interação não acontece diretamente com uma máquina, mas sim de pessoa para pessoa tendo o mundo como mediador. Mas não é isso que a publicidade a seguir dá a entender:



ILUSTRAÇÃO 3 – Banner publicitário no qual o conceito de “interação” é usado de forma trivial.

<sup>62</sup> Um “dado do universo comum” sem interlocução representa apenas um dado do universo comum em si. É a interlocução que possibilita sua transformação em um elemento mediador.

Atualmente, essa banalização do conceito de interação é não só largamente empregada, mas sim cada vez mais empregada. Um problema ainda mais grave é que é esse conceito baseado no senso comum que está sendo ensinado nas faculdades. Da mesma forma, digitar textos em uma máquina (por exemplo, computador ou *smartphone*) não é dialogar. Uma máquina permite, mas não garante um processo comunicativo. Tudo isso gera muita confusão e dá margem a possíveis manipulações.

Segundo Paulo Freire, a mediação se faz em função do dado do universo comum e possibilita que a interlocução ocorra. Serve para definir o posicionamento dos interlocutores em relação ao dado, para compreendê-lo ou para declarar a sua compreensão. Por isso, é plausível que não se confunda diálogo com mediação, pois esta última ocorre em função do dado do universo comum (identificação) que possibilita que o diálogo ocorra. Assim, no processo comunicativo, para Freire:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isso mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significativo mediador dos sujeitos. Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em *paciente* de seus comunicados. A comunicação, pelo contrário, implica em reciprocidade que não pôde ser rompida. (FREIRE, 1988, p. 66 e 67).

Ao se estabelecer o diálogo entre interlocutores, há ainda algumas premissas necessárias para que, de fato, ele ocorra: que haja ética (sinceridade) de ambas as partes, que haja um objeto do universo comum e que sejam utilizados, no processo, alguns elementos de linguagens comuns a todos, como, por exemplo a língua. Em entrevista, Arnon de Andrade nos diz:

Então, você está pressupondo que ele entende o que você está dizendo, que o que você está dizendo é verdade, que você acredita nisso, terceiro, que é a respeito de um objeto que está no universo comum entre vocês. Objeto que eu falo, um dado do universo comum. Esse dado pode ser uma pessoa, pode ser um comportamento, pode ser um sentimento, pode ser um objeto concreto, pode ser qualquer coisa desse universo comum nosso que não é povoado apenas de matéria. Assim, é essa a diferença entre diálogo e mediação. A mediação é importante no diálogo, ela é fundamental no diálogo, mas ela é aquele dado do universo que faz com que essa interlocução ocorra. (FREIRE *apud* ANDRADE, 2008, site).

Contextualizando, o que já foi dito sobre o uso das redes sociais on-line para a interlocução de forma anônima entre alunos e professores, pode-se dizer que, ao analisar um dado do universo comum (dúvidas acerca de conteúdos sobre sexualidade), educandos e educadores são interlocutores dispostos a transformar conhecimento em diálogo. A confiança entre ambas as partes qualifica a troca de opiniões ou informações e se transforma em busca conjunta de significados. Portanto, diálogo não é uma prática de conversação egoísta e doutrinadora que aqui pode ser chamada de "monólogos alternados". Nesse sentido:

Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado. Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos lingüísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação. (FREIRE, 1988, p. 66).

Então, determinou-se uma área de interlocução; no caso desta pesquisa, uma rede social on-line que permita postagens anônimas. A partir daí, alunos "postaram" (publicaram), cada um, suas dúvidas, seguindo o direcionamento dos assuntos propostos pelo professor, segundo a necessidade dos próprios alunos e o programa do minicurso (sobre o qual falaremos em detalhes mais adiante no subtópico 4.2 - A experiência e a metodologia em aulas de Educação Sexual). Posteriormente, as dúvidas foram respondidas pelo professor através do mesmo ambiente. Quando cada um faz isso, não só se está emitindo uma declaração acerca da compreensão dele, como também

descrevendo o objeto estudado por ele, e, portanto, transformando esse objeto de uma experiência real em uma experiência indireta simbólica.

Um exemplo de experiência real seria a busca de significado ou de informação sobre uma pedra por parte de interlocutores e uma experiência simbólica aconteceria quando tais interlocutores fazem uma descrição da mesma pedra. (FREIRE apud ANDRADE, 2008, site).

Quando alunos e professores leem as perguntas e as respostas publicadas (mesmo sem a revelação da autoria das perguntas) e solicitam mais esclarecimentos ao professor (que forneceu a resposta) e se comunicam uns com os outros de forma presencial na sala de aula acerca dos conteúdos ali publicados, professores e alunos irão fazer um exame daquele mesmo objeto. Só que, diferentemente do primeiro, o contato dele com esse objeto é através da descrição simbólica feita e através da emissão de uma declaração acerca de seu entendimento daquele objeto. Então, tem-se um diálogo. Estabelece-se, assim, um processo que faz com que a interlocução ocorra, ou seja, a mediação, que, como já foi dito, se faz em função do dado do universo comum. É como se cada um dissesse: – Da mesma forma que o que você diz faz sentido para mim, é meu desejo que também possa fazer sentido para tantos outros.

Sendo assim, é importante observar, na sequência, o processo de diálogo em uma comunidade on-line do Orkut, usada em uma dissertação anterior (2008, p. 142), correlacionado com o conceito de comunicação segundo Paulo Freire:

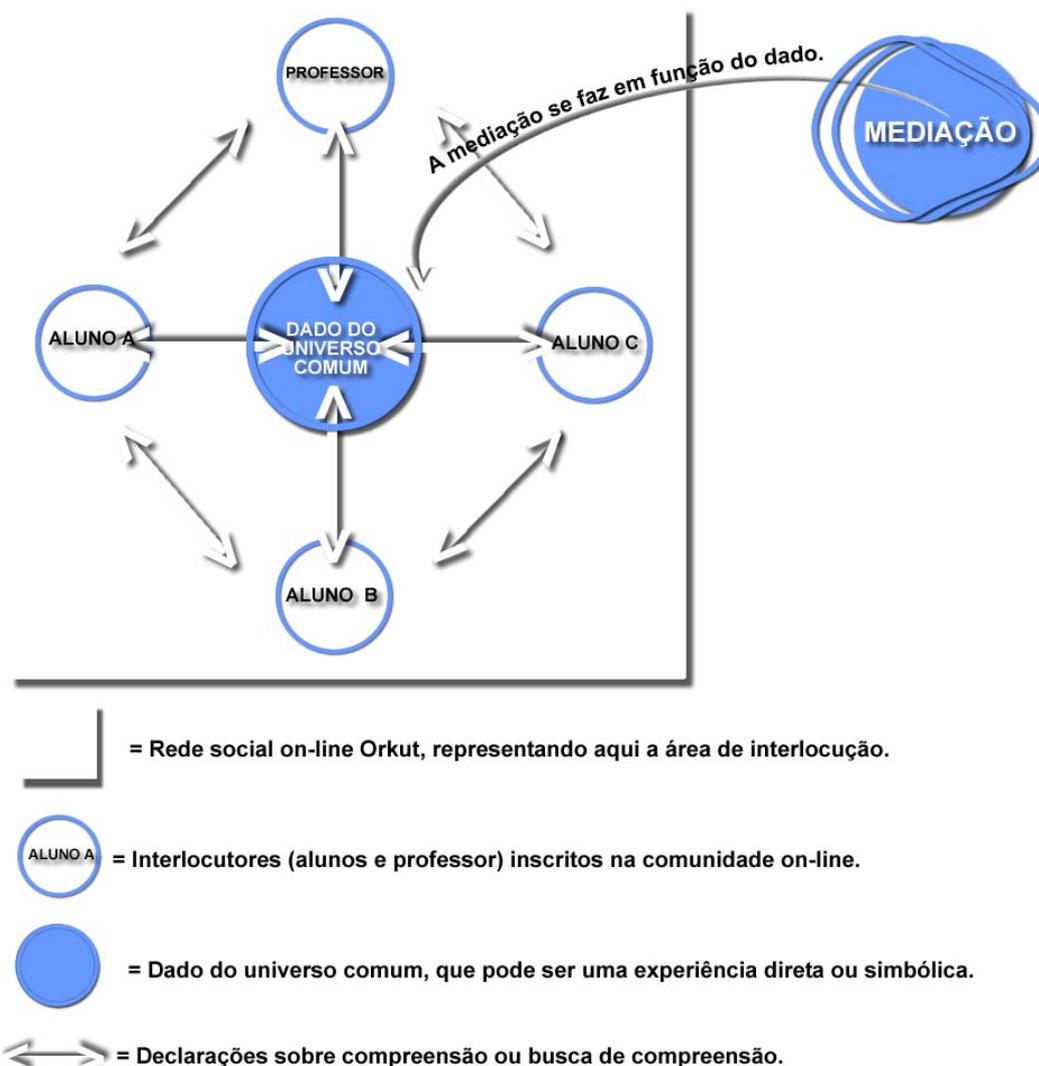
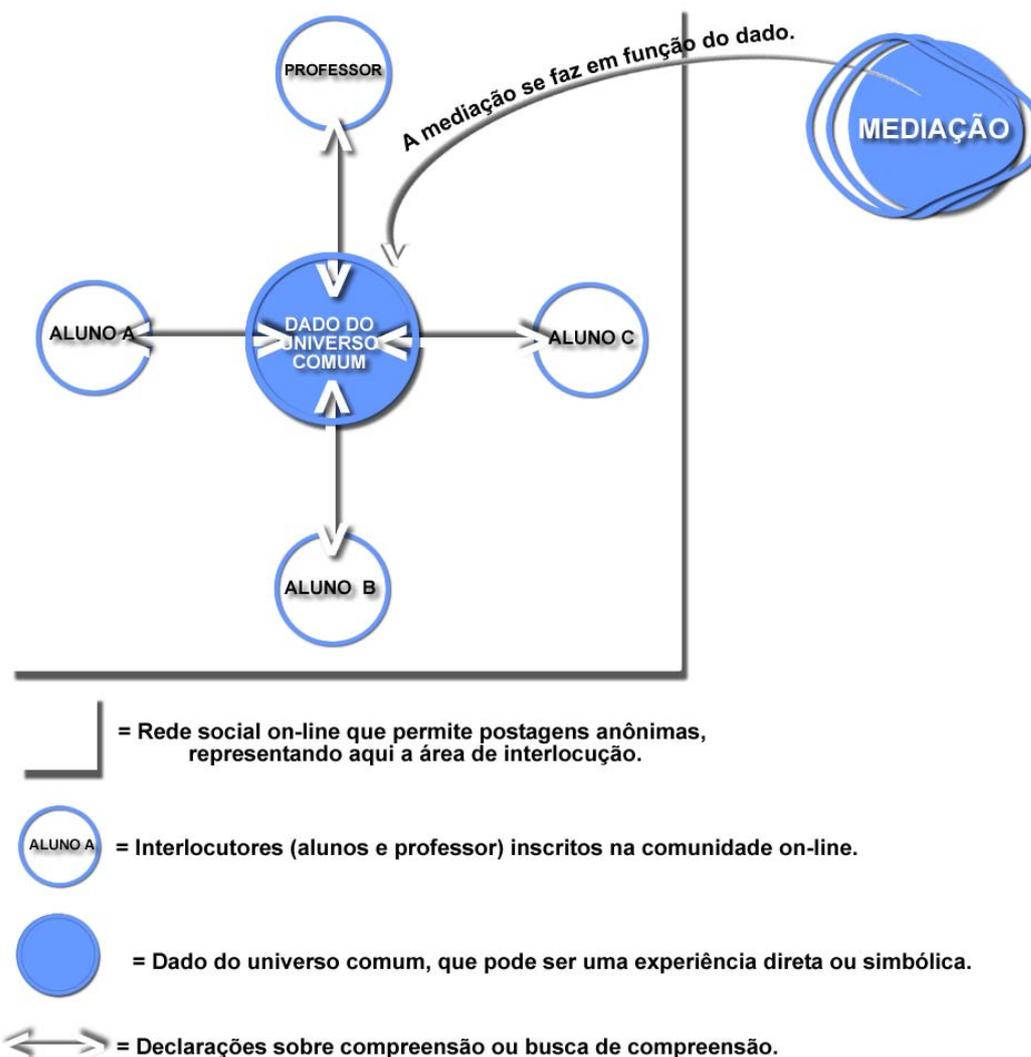


ILUSTRAÇÃO 4 – Representação gráfica em que a efetivação do diálogo ocorre ao tomar como parâmetro, a experiência com uma comunidade no Orkut conforme publicado em uma dissertação anterior (2008).

Já nesta outra sequência, urge observar o processo de diálogo no perfil de uma rede social on-line Formspring usada nesta pesquisa de tese, correlacionado com o conceito de comunicação segundo Paulo Freire:



comum com outro educando, contanto que haja uma reinterpretação referenciada do dado objeto. Nesse sentido, o *feedback* significa muito mais que a informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem e serve para avaliar os resultados da transmissão. Na verdade, o processo implica uma “retroalimentação” do sistema, que aqui significa “alteração das metas”; ou seja, a tentativa de aproximar o máximo possível a intenção do resultado, e isso não é realizado de forma ingênua. Dessa forma:

A intersubjetividade ou a intercomunicação é a característica primordial deste mundo cultural e histórico. Daí que a função gnosiológica não possa ficar reduzida à simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo. A relação gnosiológica, por isto mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto. (FREIRE, 1988, p. 65).

Um processo comunicativo não é objetivo, uma vez que a objetividade representa, apenas, uma experiência sensível que independe do pensamento e da cognição humana, tampouco ele é subjetivo, enquanto instância apenas atrelada à consciência individual de cada pessoa. Na verdade, a comunicação é intersubjetiva na medida em que envolve as consciências individuais de mais de uma pessoa, ou seja, é subjetivamente coletiva. Consequentemente, o conhecimento produzido também é intersubjetivo. Assim, todo processo educativo implica um processo comunicativo, tendo em vista que é um processo educativo que resulta em produção de conhecimento. Desta forma, é a intersubjetividade, enquanto interação linguisticamente mediada, e não a objetividade ou a subjetividade que abre caminhos para a emancipação humana. Essa interação é linguística e mediada porque, no diálogo, o “dado do universo comum” é sempre apresentado sob a forma simbólica, em uma linguagem comum.

A ideia ora defendida é que os diálogos travados de forma anônima entre professores e alunos<sup>63</sup> via rede social on-line, tratam de ação

---

<sup>63</sup> Como já foi dito, na experiência realizada por esta tese não houve interação entre aluno – aluno através do ambiente Formspring. Aliás, não custa lembrar que disso dependia o

comunicativa em potencial, visto que se subentende que há, por parte do interlocutor anônimo, uma disposição em estar sendo sincero em suas afirmações. Esta é, portanto, o que se pode chamar de a tese desta tese. Contudo, falar em “anonimato” como uma forma de pertencimento educacional parece um tanto quanto paradoxal. O que não deixa de ser verdade, se o que está sendo analisado está sob o mesmo ponto de vista das circunstâncias que norteiam o ensino presencial.

Assim sendo, pode-se dizer que a possibilidade de comunicação acontece quando as redes sociais on-line (áreas de interlocução) são usadas por duas ou mais pessoas para interagir em uma busca coletiva de significação para um dado comum ao universo deles que seja real ou simbólico, como, por exemplo, quando os membros de uma comunidade sobre DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis, buscam mútuo aconselhamento. Nesse último caso, há o estabelecimento de um processo comunicativo, o mesmo se acredita que tenha havido na experiência do ambiente on-line Formspring reservado para esta pesquisa. Nesse caso, entende-se que há a presença das quatro condições que caracterizam o diálogo – pré-condição para a existência do processo comunicativo. Igualmente, à utilização de elementos da linguagem comum a todos (no caso, a língua portuguesa), ao dado do universo comum (no caso, o conteúdo sobre sexualidade na forma de perguntas e respostas), à verdade exposta (ética) tendo em vista que a condição de anonimato permite que eles façam as perguntas que, realmente, desejam fazer e veracidade pessoal (não hipócrita), pois a intenção expressa (através da pergunta postada no ambiente) indica que coincide com a intenção de quem pergunta (um aluno).

Ao estudar as perguntas postadas pelos alunos no ambiente on-line e a satisfação deles com as respectivas respostas (expressas através de declarações de simples satisfação ou de novas perguntas realizadas para melhor entendimento), o professor pode analisar o fluxo sobre como as informações trocadas entre os participantes (alunos e professor) se dão nos dois sentidos: dialógico e impositivo. Dessa forma, ele pode investigar se estaria havendo a possibilidade de mudança nos conteúdos e valências do sistema, não no sentido de simples entendimento da mensagem, mas no

---

sucesso da experiência. Logo, se sequer houve interação, também não houve ação comunicativa neste caso específico.

sentido da acepção correta do termo, isto é, de retroalimentação do sistema e de avaliação dialógica e propositiva. Afim de que se possam assegurar as intenções dos emissores.

Nesse sentido, essa experiência mostra que o desenvolvimento dos conceitos convergentes de educação e comunicação pode ocorrer na Tecnologia Educacional sem que se necessite da criação de uma área nova, capaz de representar esse encontro. Novas áreas de conhecimento são criadas, ao longo do tempo, surgidas dos conflitos sociais humanos e da necessidade humana em atuar e entender seu próprio meio. Para isso, geralmente, servem como substrato a outras áreas já existentes que precisam se unir visando contemplar as respostas adequadas para as perguntas elaboradas. É o caso da Cibernética e da Bioquímica. Atualmente, tornou-se muito popular entre o meio acadêmico dos estudos de Comunicação Social um conceito chamado “Educomunicação”. O debate em torno desse conceito, embora louvável como contribuição à área da Comunicação, sobretudo por enfatizar sua associação natural com o campo da Educação, é dispensável pela redundância em que o conceito é empregado, pois todo processo verdadeiramente educativo implica, necessariamente, o estabelecimento de um processo comunicativo. Neste sentido, em um processo simbiótico retroalimentado, a existência de um implica a preexistência do outro. O problema é que, ao mesmo tempo que o conceito de “Educomunicação” associa os dois campos, ele também indiretamente sugere que existem processos educativos e comunicativos que, por não enquadrarem no novo conceito, estão dissociados um do outro. Isso significa dizer que, pode haver “outras educações” que não sejam contempladas pela comunicação e vice-versa. Ora, educação sem comunicação não é educação, da mesma forma que comunicação sem educação não é comunicação, já que toda vez que há comunicação, há de forma potencialmente latente uma mudança nos interlocutores. Há, entretanto, de forma corrente, uma certa confusão entre comunicação e extensão e entre comunicação e informação.

Andrade (entrevista, 2008) afirma não ser válida a questão de realizar ou não a união de ambos (educação e comunicação), tendo em vista que não há como dissociá-las. O professor usa uma analogia ao dizer que não é uma

questão de decidir ou não pela “união do casal”, mas de discutir seu “casamento”. Segundo Paulo Freire, educação é comunicação na medida em que é o encontro de sujeitos interlocutores na busca da significação dos significados.

Sendo assim, neste trabalho, evitou-se o uso indiscriminado do termo “comunicação”, com frequência, negligentemente, usado por quem, na verdade, quer falar em “interação” (por exemplo, as redes sociais on-line são ferramentas de interação), “informação” (por exemplo, a TV Universitária da UFRN é um veículo de informação) ou “notificação” (por exemplo, quando um professor envia e-mail para os alunos transmitindo um aviso). Por isso, nas redes sociais – meios fundamentalmente de interação e espaços onde ocorre a interlocução – podem, eventualmente, servir como meio de comunicação. Assim sendo, no processo comunicativo, na concepção de Célestin Freinet.

(...) tudo ou quase tudo, sem dúvida, pode ser dito na condição de saber utilizar uma boa forma, as palavras ou os outros veículos possíveis. Trata-se então, de dominar as linguagens próprias em diversos tipos de expressão para utilizar o meio adaptado, o mais liberal possível. (SOUZA; DANTAS, 2007, p. 74).

Se o conceito de comunicação para Paulo Freire e Habermas, possui objetivos convergentes, o mesmo se pode dizer acerca da colaboração para Freire e Célestin Freinet. A esse propósito, o próprio educador brasileiro afirma:

"Eu e Freinet somos primos". Foi com essa expressão afetuosa que Paulo Freire, ao receber uma homenagem do Grupo de Educadores Freinet da PUC/SP, referiu-se ao educador francês Célestin Freinet. Esse "parentesco" indicado por Freire se baseia em muitas semelhanças em seus pensamentos e práticas. Ambos se envolvem diretamente com a prática pedagógica (Freire com adultos e Freinet com crianças e adolescentes) no seio do povo elaborando, cada um na sua realidade, uma proposta de educação popular voltada para a real participação dos indivíduos na sociedade e não a mera "integração" na realidade social em que se situam. Os "primos" se inseriram nas lutas sócio-políticas de seu tempo, na defesa da educação pública de qualidade e sofreram, por essa postura, a intolerância e a perseguição. Freinet e Freire são mestres que privilegiam o ser humano e sua capacidade de humanizar-se pelo processo educacional,

alavanca potencializadora de suas possibilidades intelectuais e sociais. (PEREIRA; CAMPELO, 2005, p. 6 e 7).

O círculo virtuoso da dialogicidade em uma rede social on-line se dá quando cada um é livre para se expressar e questionar, ou seja, cada resposta leva a uma nova pergunta, a outra resposta e assim por diante. Isso corrobora com a pedagogia proposta por Paulo Freire e também por Freinet. Nesse sentido, pode-se dizer que:

O processo educativo na Pedagogia Freinet é essencialmente interativo e, assim sendo, deve processar-se num clima vivo e construtivo de cooperação mútua, para que o aluno participe plenamente de todas as atividades e tenha sucesso nas suas aquisições, ou seja, nas suas aprendizagens. (Ibid., p. 88).

Dessa forma, pode-se dizer que a comunicação só se efetiva a partir da possibilidade de entendimento do outro, bem como se cada um acredita no que está dizendo, e do outro poder interagir, se assim ele quiser. Porém, quando alguém não acredita no que diz, e, ainda assim, tenta convencer o(s) outro(s) daquilo que ele próprio não acredita, não há comunicação entre os envolvidos no processo, mas sim fraude. É por isso que a TV, rádio, internet ou o telefone não são meios de comunicação; eles podem servir como meios de informação, de expressão e de controle social. Só, eventualmente, como já foi dito, é que podem servir como meios de comunicação. Nesse caso, quando, por exemplo, duas ou mais pessoas assistem a um programa de TV e se comunicam não com o programa, mas sim sobre o programa, que serve de mediação entre os telespectadores e não de comunicação direta com o telespectador, bastando que, para isso, ele seja pensado de tal forma por seus produtores no sentido de apenas não haver a simulação da comunicação. Nesse aspecto, é interessante observar a transcrição<sup>64</sup> de uma palestra<sup>65</sup> proferida pelo escritor Ariano Suassuna sobre seu encontro com Paulo Freire em um aeroporto logo após este voltar do exílio:

---

<sup>64</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 00:03:25 - 00:03:59

<sup>65</sup> Cf.: ARIANO SUASSUNA EM AULA ESPETÁCULO. Direção: Vladimir de Carvalho. Brasília. Co-produção CPCE/UnB e Ministério da Cultura. 1997. 1 disco (Tempo 45 minutos). DVD.

Eu sou muito amigo de Paulo Freire, o educador. Aí Paulo Freire chegou no Recife...fazia muito tempo que eu não o via. Aí quando eu avistei Paulo, eu corri e nós nos demos um abraço. Aí um pessoal de televisão que estava lá correu e pediu pra eu repetir dizendo: Nós não pegamos o abraço. Aí eu disse: Eu não sei representar a amizade, não. Eu tenho amizade por Paulo. Representar a amizade é pra ator, não é pra mim não. (SUASSUNA, DVD, 1997)

Em um debate ou quando alguém faz um discurso que faz uso de estratégias de retórica (por exemplo, um político ou um líder religioso) não há comunicação, há proselitismo, já que, quem se dirige a um público dessa forma, normalmente quer seduzi-lo e manipulá-lo para convencê-lo; o ato de impor a própria opinião não implica um ato comunicativo.

Diplomatas estrangeiros que tiveram encontros com o líder relataram que não havia possibilidade de acontecer diálogo franco entre Kim Il Sung e nenhum outro cidadão norte-coreano. Suas palavras eram acatadas como ordens divinas, os assessores se limitavam a ouvir instruções de cabeça baixa e a acatá-las. Ordens dadas pelo Grande Líder, mesmo quando provadas erradas, ineficientes ou quando tornavam-se inúteis com o tempo, nunca eram revertidas devido ao temor de represálias. (ABREU, 2002, p. 84).

O que o autor, na citação acima, chama de “diálogo franco”, o qual é de uso corrente, se trata na verdade de uma redundância, visto que todo diálogo para que assim seja, implica franqueza por parte dos interlocutores. Caso ele seja desleal, dissimulado, mentiroso, fingido ou hipócrita não é um diálogo.

O mesmo se pode dizer de alguém que entre amigos (por exemplo, em uma mesa de bar) quer ganhar uma discussão apenas pelo desejo de vencer. Não é comunicação uma conversa entre pessoas, em que a discordância de uma delas faz com que a outra se sinta desafiada. Quando duas ou mais pessoas conversam e, ao mesmo tempo, se encontram em uma situação de hierarquia militar, religiosa ou funcional (no sentido laboral), também não estão realizando um ato comunicativo. Quando uma criança chora em busca da mãe ou quando uma pessoa se confessa a um padre em um confessionário não estão realizando um ato comunicativo. Mas sim de informação (no caso da criança que procura chamar a atenção da mãe) e ritualístico de doutrinação (no caso de um fiel da Igreja que busca absolvição por seus pecados). Quando

alguém escreve um texto em prosa ou poesia; atua em uma telenovela, no teatro ou no cinema; busca se expressar através da dança, moda ou da música, ele está realizando uma expressão artística e não se comunicando. Mesmo refletindo o mundo, o momento histórico, a sociedade em que foi feita, neles entram o componente da imaginação do artista (ator, cineasta, escritor, dançarino) Dessa forma, eles não precisam ter um comprometimento ético com a verdade no discurso, tampouco a coparticipação no ato de pensar. Neste sentido, o compromisso dessas áreas deve ser com a arte. E a arte não comunica, a arte se expressa.

Por mais nobre que a arte seja, ela não necessita estar comprometida com a ética. E isso não é ruim. É claro que aqui se faz referência à ética no sentido de “veracidade pessoal”. Mas também pode-se dizer que a arte (independentemente do nível de sua qualidade) não precisa sequer da ética no sentido moral que a palavra tem. Um exemplo disso são as obras de escritores como Louis Ferdinand Céline ou de compositores como Richard Wagner que eram profundamente antissemitas e o ator Jack Nicholson que é célebre pela sua misoginia. Ninguém poderia dizer que o trabalho deles não é arte de qualidade ou que seja, pelo menos, arte.

Convém ainda citar, como exemplo, a simulação de contato pessoal e espontaneidade de um(a) apresentador(a) que fala olhando para uma câmera ou de um(a) apresentador de telejornal que, ao olhar para a câmera, está na verdade, lendo um aparelho de *TelePrompTer*<sup>66</sup>. A própria necessidade de existência de um apresentador de telejornal é algo discutível, considerando que no passado a figura do apresentador nasceu da necessidade que se tinha de alguém que lesse as notícias sobre as quais o canal de televisão não tinha acesso às imagens daquilo que estava sendo noticiado. Hoje, não há mais a mesma dificuldade de antes em se conseguir tais imagens. Sendo assim, é óbvio questionar: por que, então, as emissoras de televisão ainda continuam a usar os apresentadores? Provavelmente, a resposta mais óbvia e ingênua seria a de que o papel deles é importante para imprimir credibilidade àquilo que está sendo informado. Mas, nesse caso, questiona-se: a verdade não se impõe por

---

<sup>66</sup> *TelePrompTer*: dispositivo formado por tela ou rolo de papel rotativo, adaptável à câmara, usado para expor um texto em letras grandes e permitir, assim, que um locutor ou ator o leia com facilidade (Houaiss).

si só? Ela realmente necessita de alguém que pretensamente dê credulidade a uma notícia? É por isso que o Jornalismo não pode ser caracterizado como uma prática de comunicação, muito menos um jornal ou telejornal em si é um meio comunicação. Mas se duas ou mais pessoas discutirem uma notícia em um jornal impresso, um site na internet ou um telejornal, eles podem vir a se tornar um elemento de mediação.

Há várias razões pelas quais uma emissora de televisão não pode ser considerada, por si só, um meio de comunicação. Os jogos de luzes e sombras, os cenários que escondem e, por isso, dissimulam a forma como o programa é feito, o “ponto”<sup>67</sup> em um dos ouvidos dos apresentadores, a placa que acende e pede às pessoas do auditório que aplaudam em momentos determinados pela produção não podem ser considerados exemplos de comunicação. O mesmo se pode dizer de alguns programas televisivos que fazem uso, em seus convidados, de um aparelho “detector de mentiras”, o qual inclusive é de eficácia discutível. Outro exemplo são os populares DVDs<sup>68</sup> de treinamento de administradores de empresas onde se fala francamente em comunicação, quando, na verdade, se está tentando adestrar executivos na arte da manipulação. Esses vídeos mostram que, no mundo dos negócios, os treinamentos que falam em “comunicação” não seguem uma metodologia científica. Eles transitam muito mais em uma área que pretensamente busca dar a seus alunos a capacidade “exotérica” de tentar adivinhar o que o chefe pensa (habilidade da qual depende o sucesso de cada um), e assim ajustar previamente o discurso a fim de garantir seus objetivos. Uma missão cruel.

Pode-se dizer, ainda, que o conceito de comunicação em Paulo Freire e Habermas fazem referência à precondição de que haja a crença entre os interlocutores de que está havendo sinceridade de ambas as partes, para que haja o estabelecimento de um processo de comunicação. O que implica o que se pode chamar, coloquialmente, de “fé nas pessoas”.

---

<sup>67</sup> Ponto: pequeno equipamento eletrônico (fone de ouvido) que serve para que os produtores de um programa de TV ou de um telejornal possam, oculto do público, se comunicar com quem está em cena quando necessário. A origem do ponto está no teatro, onde uma pessoa acompanhava o desempenho dos atores com um texto para lembrar os atores de alguma fala, caso eles esquecessem.

<sup>68</sup> Cf.: A ARTE DE INFLUENCIAR PESSOAS. Direção: Fabiana Oliveira. São Paulo. Digerati. 2007. 2 discos (Tempo 50 minutos cada disco). DVD.

A fé nos seres humanos é um dado a priori do diálogo. O Homem dialógico tem fé nas outras pessoas antes de encontrar-se frente a frente com elas. Sem esta fé o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação paternalista. (FREIRE *apud* BARRETO, 1998, p. 65 e 66).

O esclarecimento do conceito de comunicação em Paulo Freire implica, necessariamente, o estabelecimento do processo dialógico na busca pela apreensão, via sua obra, de sua inteligência. Ao escrever sobre dialogicidade, seus textos se mostram repletos de construções que desafiam a buscar não só o “pensar crítico” a que se refere o autor, como também o “pensar crítico” oculto em seus próprios textos. Em suma, em um exercício de metalinguagem, Freire faz uso precisamente daquilo que aborda enquanto código linguístico. Além de sua fé nas pessoas, é difícil não notar, em seus livros, uma imensa esperança na redenção dos seres humanos e na superação de suas dificuldades para que um dia ele seja livre.

A esperança está na própria essência da imperfeição dos Homens, levando-os a uma eterna busca. Uma tal busca não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os Homens. Se o diálogo é o encontro das pessoas para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. (FREIRE *apud* BARRETO, p. 66, 1998).

Como foi dito acima, o diálogo se estabelece por interlocutores, em que cada um emite declarações (interlocuções) em busca de significação para um dado objeto comum (real ou simbólico). Tais interlocutores veem o mundo como mediador. Mas o processo dialógico, inevitavelmente entremeado por um viés ideológico, só se estabelece e tem sentido quando os que vivem em comunidade buscam “ser mais” através da comunicação. Mas a “esperança”, aliada ao componente ético, é um pré-requisito para que haja o desejo de superação de nossas dificuldades. Se não temos esperança, não desejamos escolher nós mesmos nossos destinos; sendo assim, não há como haver diálogo. Se as pessoas perdem a esperança, elas não votam. Se elas não votam, elas perdem a liberdade de escolha, nesse caso, de escolher seus destinos enquanto sociedade. E é em sociedades assim, permeadas pela

desesperança e desacreditadas que os conflitos sociais são motivados pelas relações de poder entre as classes, que meios de informação são chamados de “meios de comunicação”. Conforme já dito, comunicação implica educação<sup>69</sup> e uma nação educada é mais difícil de controlar de forma autoritária. Portanto Paulo Freire, em seu conceito de comunicação, entendeu que o pessimismo é uma forma de controle social.

Sendo assim, a imposição da moral burguesa sobre a sexualidade de jovens e das classes menos favorecidas, definindo o que é ou não adequado, se trata, segundo o entendimento adotado neste trabalho, de uma violência simbólica (confira subtópico 2.2 – O anonimato como violência simbólica). Dessa forma, essa imposição se torna ainda mais grave, quando essa violência é usada para impedir, através da pressão de Igrejas e políticos a elas ligados sobre gestores escolares, que os jovens tenham acesso a informações sobre sua sexualidade que permite não só uma existência mais plena e sadia, como também lhes salvar vidas.

### 3.2 A rede social on-line como um ambiente dialético

Um dito popular famoso diz que “Águas passadas, não movem moinhos”. Embora poético, esse ditado se mostra antidialético porque nega a história enquanto processo. Por isso, ele está mais de acordo com as aspirações religiosas de “recomeço” do que com a cientificidade. Mas em um discurso, quando um político fala em “(...) trocar o ‘não pode’ pelo ‘como pode’” (SILVA, p. 5, 2007), encontra-se maior proximidade com o método dialético. Mais do que uma simples evolução, a dialética implica em uma capacidade de evoluir a capacidade de evolução da crítica e autocrítica. A crítica não é problema se ela vier sempre acompanhada de autocrítica. Mas, no dogma, não há argumentação, evidências, nem, muito menos, autocrítica. É como se na mente houvesse uma constante reflexão sobre como éramos, como

---

<sup>69</sup> Cf.: FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?, coleção O mundo, hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 67.

achávamos que seríamos e como acabamos sendo. É por isso que, do ponto de vista dialético, o dogmatismo é tão rude.

Uma definição corrente para dialética é "a arte do diálogo". Ou seja, uma contraposição de ideias através de uma discussão em que pontos de vista divergentes são defendidos ou combatidos pelos interlocutores envolvidos em um processo, que, a priori, não tem fim, uma vez que, cada debate suscita novos pontos de vista, os quais, por sua vez, suscitam outros pontos de vista. A origem da dialética é motivo de controvérsias, porém se sabe que seu surgimento foi na Grécia Antiga. Não é propósito deste trabalho tecer conjecturas aprofundadas sobre a dialética, no que diz respeito ao método filosófico que ela representa. Mas sim, usa-la como subsídio para se falar aqui sobre como as redes sociais on-line podem ser ambientes de experimentações dialéticas no debate sobre Educação Sexual. Portanto, a conceituação sobre a dialética será vista aqui de forma básica.

O filósofo alemão Hegel (1770 — 1831) fez da dialética, nesse caso, chamada, "dialética hegeliana", um sistema para entender a história da filosofia e o nosso próprio mundo. De forma pedagógica e simplificada, ela pode ser entendida como uma ideia (tese) que entra em embate com uma ideia oposta (antítese) e que, ao se contrapor com a tese, gera uma nova ideia (síntese), cujo resultado prático é a superação das anteriores, mas que também carrega dentro de si o resultante do embate anterior. A questão principal sobre a dialética hegeliana é que ela é idealista. Ou seja, é coerente com a corrente filosófica do Idealismo, que sustenta que a natureza da realidade é fundamentalmente mental e, por assim ser, o mundo material (objetivo) só pode ser compreendido plenamente por meio de sua verdade mental, subjetiva e espiritual. Hegel entendia a realidade como processo espiritual, mas passível de análise racional, destinado a um propósito supremo. A lógica dessa "marcha histórica" é a própria essência da dialética. Ao serem superados os conflitos que geram as mudanças, ocorreria então uma harmonia que significaria o fim da história. Na representação gráfica (ilustração 6) abaixo, pode-se ver uma demonstração gráfica do conceito de dialética. Observe-se como a cor de determinados círculos subsequentes é, na verdade, determinada pela mistura de cores dos círculos antecedentes. Essa metáfora foi a forma aqui

encontrada, em termos de design, para caracterizar que algo novo foi criado, mas ele ainda leva consigo, e continuará levando em seu âmago, algo daquilo que o originou:

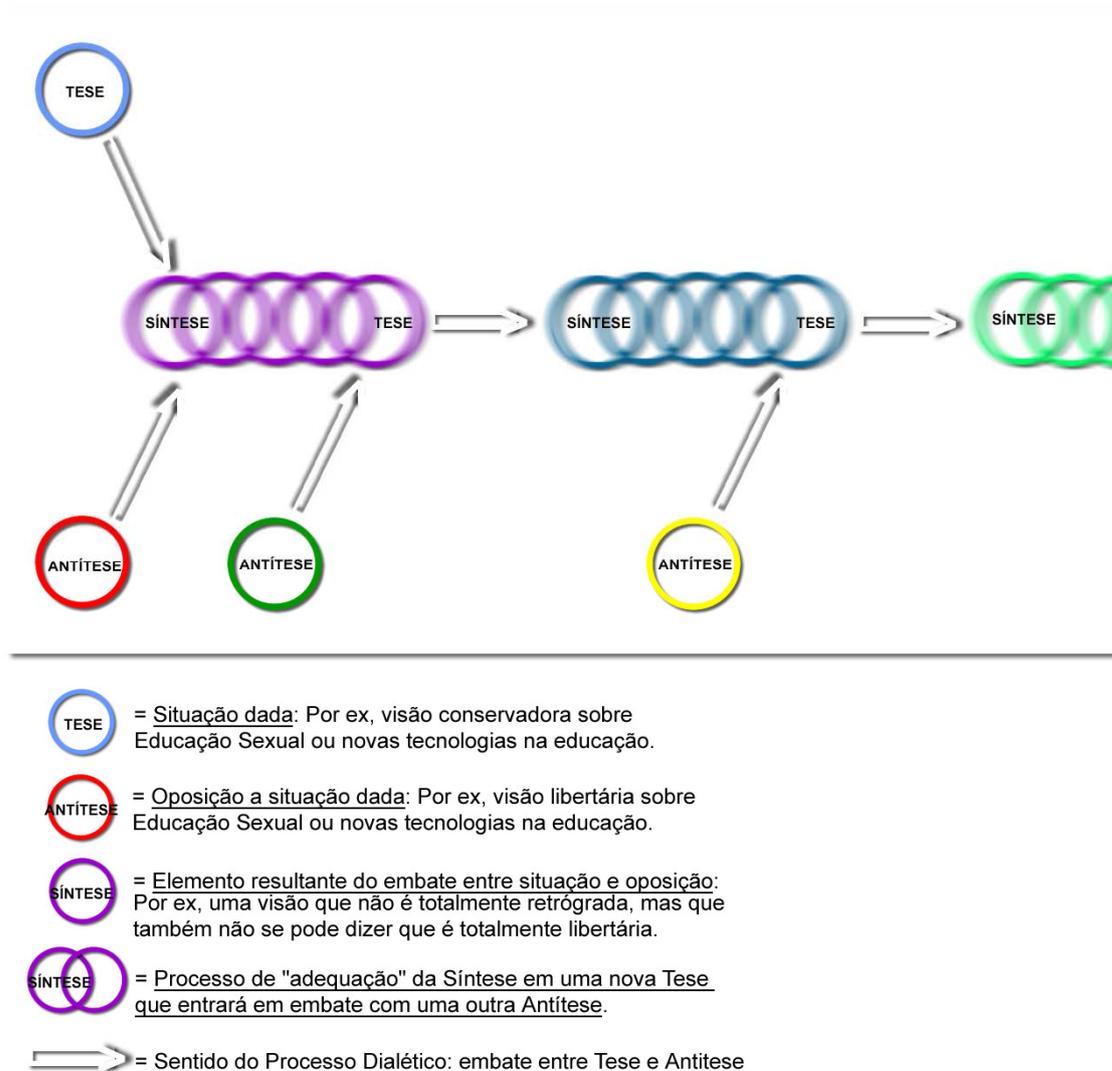


ILUSTRAÇÃO 6 – Representação gráfica do conceito de dialética, em que cada síntese nova leva consigo algo das teses e antíteses que a originaram.

Assim como Hegel, Marx também acreditava que os processos históricos poderiam ser objetos de investigação racional e que a lógica subjacente a esses processos era igualmente dialética.

Assim sendo, os conflitos históricos contêm conflitos internos que os tornam inerentemente instáveis, levando a um novo estado de coisas. Mas, ao

contrário de Hegel, Marx via essa lógica inexorável como material, não espiritual. Em carta a Kugelmann, datada de 6 de março de 1868, Marx afirma:

Sebe muito bem que meu método de desenvolvimento não é hegeliano, uma vez que sou materialista e Hegel é idealista. A dialética de Hegel é a forma básica de toda dialética, mas somente depois que ela foi extirpada de sua forma mística, e isto é precisamente o que distingue meu método. (MARX, 1974, p.214).

É exatamente, neste ponto, que o Materialismo se opõe ao Idealismo, e conseqüentemente é aqui que Marx discorda de Hegel. Para o filósofo idealista, a existência consiste em um progresso do espírito (*Geist*) rumo a um estado de absoluta harmonia através de inúmeros ciclos dialéticos. Já para o materialista Marx, esse processo não é uma jornada de desenvolvimento espiritual, mas sim de mudança histórica real levada a cabo pela luta de classes em direção a uma Revolução que faria surgir uma sociedade perfeita, sem classes sociais. Isso originaria, posteriormente, uma sociedade utópica, isenta de conflitos que marcaria o fim do processo dialético, o que igualmente a de Hegel, também significaria um fim da história.

Uma aplicação importante do método dialético é a práxis, entendida, em linhas gerais, como a teoria e prática se aperfeiçoando, mutuamente, em um processo retroalimentado. O conceito da práxis para a educação pode ser entendido como a teoria e a prática e a ação e reflexão ao mesmo tempo: refletir para agir e depois refletir sobre a ação para corrigir a ação. Essa é uma maneira de entender e atuar na sociedade. A consequência disso é o estabelecimento de uma relação fecunda entre teoria e prática que estimula a saída das forças libertárias do interior da sociedade. É por isso que na famosa décima primeira tese sobre Feuerbach, Marx e Engels dizem que “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”. (2007, p. 535). O pensamento crítico, além de dialeticamente materialista, consiste em ser analítico e politicamente ativo.

Nas “Teses sobre Feuerbach” (“*Thesen über Feuerbach*”, 1845), Karl Marx (1818 — 1883) e Friedrich Engels (1820 — 1895) criticam tanto o Materialismo, quanto o Idealismo. A limitação que Marx vê no Materialismo é a concepção de que os seres humanos são determinados pelas circunstâncias

(socioeconômicas e naturais). Já o Idealismo, na visão do filósofo alemão, é limitado porque concebe os seres humanos como determinados pelas ideias. Na primeira tese, Marx diz:

O principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach, incluído) é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto [*Objekt*] ou da *contemplação*, mas não como *atividade humana sensível*, como *prática*; não subjetivamente. Daí o lado *ativo*, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente desenvolvido pelo idealismo – que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis [*sinnliche Objekte*], efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento: mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva [*gegenständliche Tätigkeit*]. Razão pela qual ele enxerga, n'A *essência do cristianismo*, apenas o comportamento teórico como o autenticamente humano, enquanto a prática é apreendida e fixada apenas em sua forma de manifestação judaica, suja. Ele não entende, por isso, o significado da atividade “revolucionária”, “prático-crítica”. (MARX; ENGELS, 2007, p. 533)<sup>70</sup>.

Nesse sentido, há um cerceamento em que a capacidade de o próprio ser humano se aperfeiçoar e, sobretudo, se emancipar é limitada ora por suas circunstâncias (no caso materialista), ora porque depende do recebimento de novas ideias através da educação (no caso idealista). Assim, acabam por reproduzir a estrutura vigente da sociedade de classes. A crítica de Marx é bem lógica quando ele observa que se por um lado as circunstâncias são promovidas pelos próprios seres humanos, por outro lado quem educa um educador é outro educador que o precedeu. Nesse sentido, para Marx, o ser humano é o centro irradiador do processo de Práxis. Tudo parte dele e é ele quem conduz a ação transformadora. É sobre essa ação teórico-prática que Marx criou o seu conceito de práxis revolucionária: As circunstâncias criam na

---

<sup>70</sup> Em outras traduções para o português das "Teses sobre Feuerbach" a palavra "práxis" aparece em substituição a palavra "prática" escrita aqui nesta citação da primeira tese (linhas 5 e 15, respectivamente). A razão disto é que no passado, as edições em nosso país do livro "A ideologia alemã" de Marx e Engels, obra em alemão na qual se encontram as "Teses sobre Feuerbach", eram não só incompletas, como também era traduzidas ora de edições em inglês ora de edições em francês. A presente citação que consta nesta tese foi retirada da edição de 2007 da Boitempo Editorial. A qual não só foi publicada de forma integral pela primeira vez em nosso país, como também foi traduzida diretamente do alemão para o português.

prática novas ideias e tais ideias acabam por formar novas circunstâncias. Essa transformação impede que as teorias se transformem em dogmas e as práticas, em alienação. Para a teoria da práxis, as ideias só têm existência e sentido nos atos. É no plano da ação prática que elas são germinadas; e é na prática que encontram as condições favoráveis para a reprodução social.

Ao contrário da Educação, a religião não é dialética tampouco dialógica; ela é dogmática. Observe, então, o que diz Santo Agostinho, um filósofo muito caro para o Catolicismo: "Deus não é para ser compreendido, mas para ser adorado!"<sup>71</sup> Nesse sentido, a assim dita, "educação religiosa" e até mesmo uma instituição de ensino ligada a uma religião representa, por si só, uma contradição. Tais instituições até são capazes de capacitar seus alunos para que passem em um vestibular e para exercer uma profissão do ponto de vista puramente técnico. Mas elas não foram fundadas para oferecer aos seus alunos uma educação no sentido iluminista da palavra. Tanto é que uma faculdade religiosa, recentemente fundada, disponibilizou, em seu site, alguns pré-requisitos (dentre outros) para quem quiser se tornar professor da instituição. A faculdade informa que o candidato deve necessariamente ter "compromisso com a moral cristã católica" e "contínua internalização dos valores da universidade"<sup>72</sup>

O termo "iluminação" é frequentemente manipulado e, muitas vezes, usado de forma inapropriada. Diferentes grupos têm adotado esse termo de acordo com suas conveniências, como, por exemplo, pode ser usado tanto por grupos neonazistas que criem uma revista chamada "Iluminação", quanto por organizações judaicas que reúnam vítimas do Holocausto. A luz tem, para cada um, significado próprio. Assim, há padres cantores cujo CD se chama "Iluminar"<sup>73</sup>, mas é preciso lembrar que toda essa luz cujas letras das músicas se inspiram, não é a mesma luz que motivou o Iluminismo<sup>74</sup> no sentido<sup>75</sup> de "Esclarecimento" (*Aufklärung*) que o termo tem e é normalmente empregado:

---

<sup>71</sup> Cf.: AQUINO, Felipe. Quem é Deus?. Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2007/03/10/quem-e-deus/>. Acesso em: 23 abr. 2011.

<sup>72</sup> Cf.: <http://www.fcn.edu.br/professor/>

<sup>73</sup> Cf.: <http://www.somlivre.com/?1867/produto/CD/Iluminar-Pre-venda-%28entrega-a-partir-de-27/11%29/Padre-Fabio-de-Melo>

<sup>74</sup> O Iluminismo foi um movimento intelectual do século XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico, o que implica

Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (*Aufklärung*). (KANT, 2009, p. 63 e 64)

Em 2005, um pequeno jornal local publicou uma notícia sobre a primeira livraria aberta no município de Macau – RN (que possui 28.954 hab. [IBGE – 2012]<sup>76</sup> e está há 176 km da capital do Estado). O título da reportagem ironicamente diz “Estação do livro: O Iluminismo chega a Macau” e revela que a chegada da novidade acontece “para resgatar um descompasso histórico existente em Macau, cidade que completa 130 anos sem nunca ter contado no seu território urbano com a presença de uma livraria (...)” (ONDA NATAL EXPRESS, 2005, p. 11).

Assim, por definição, “Iluminação” é ter coragem de fazer uso de nosso próprio entendimento. Esse é um processo que leva a transcender preconceitos (religiosos, de gênero, de opção sexual, etários, étnicos, culturais e sociais) e essa transcendência é um “farol” que leva ao caminho para a emancipação humana. Esse é o princípio norteador que une o pensamento de diversos autores libertários em um mesmo sistema teórico coerente. Mas, em um típico caso de subversão do conceito, a iluminação a que o padre cantor se refere é, na verdade, a escuridão religiosa da Idade Média. É nessa escuridão que os mitos e as mistificações (inimigas da Razão) se escondem. É fácil perceber que onde há doutrinação não há emancipação humana. Como já foi dito no subtópico “2.1 - Ideologia e anonimato”, não é à toa que os católicos chamam seu guia espiritual de padre (que quer dizer “pai”) e os protestantes têm a figura daquele que eles chamam de “pastor”.

---

recusa a todas as formas de dogmatismo, esp. o das doutrinas políticas e religiosas tradicionais; Filosofia das Luzes, Ilustração, Esclarecimento, Século das Luzes.

<sup>75</sup> Cf.: KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (*Aufklärung*). In: Textos seletos, 5ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2009.

<sup>76</sup> Cf.: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=240720>

Uma Religião segue sistematicamente ao longo dos tempos uma doutrina que, por definição, é imutável. Assim sendo, como não há espaço para o diálogo, nem para a crítica e a autocrítica, logo, não é dialética. O hoje conferencista Leonardo Boff (1938 - ) foi padre e por muitos anos foi considerado um teólogo do movimento da "Teologia da Libertação". Ora, por razões óbvias e aqui explicitadas, os conceitos de "teólogo" e "libertação" já são, por si só, uma incoerência. Sobre a elevação do cardeal Joseph Ratzinger (1927 - ) como o papa Bento XVI ocorrida em 2005, Boff ingenuamente declarou que o agora papa "puniu mais de 150 teólogos e cerceou a liberdade de pensamento na Igreja".<sup>77</sup> Liberdade de pensamento sob uma hierarquia religiosa?! Como disse o papa João Paulo II, "*La Chiesa non è una democrazia*"<sup>78</sup> ("A Igreja não é uma democracia"). Embora a Teologia da Libertação tenha sido de fundamental importância para a humanização da Igreja excessivamente voltada para si mesma, perspectiva que fracassou, e nas lutas pelo fim das torturas nas ditaduras latino-americanas das décadas de 60 a 80, iniciativa louvável; o problema deste movimento é que, por razões óbvias, ele tenta conciliar esferas antagônicas: o real (a luta social das classes) com o mitológico (a religião).

No subtópico "2.1 – Ideologia e anonimato" desta tese há referências sobre a concepção reacionária de ideologia que a entende como uma distorção da realidade. Na mídia e em discursos públicos, não é incomum o uso de expressões sobre dialética que, muitas vezes carecem até de sentido, tal como "ortodoxia dialética"<sup>79</sup> ou em uma suposta "Doutrina Marxista"<sup>80</sup> em textos sobre o materialismo dialético. Ora, como algo dialético pode ser doutrinário? Ortodoxia e doutrina são termos mais adequados quando há referências a partidário político ou a religião do que a dialética. Há textos em que a palavra "dialética" chega a ser introduzida em um contexto completamente

---

<sup>77</sup> Cf.: <http://ww1.rtp.pt/noticias/index.php?article=152122&tm=&layout=121&visual=49>

<sup>78</sup> Cf.: <http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2004/01/11/papa-wojtyla-la-chiesa-non-democrazia.020papa.html>

<sup>79</sup> Cf.: FIORILLO, Marília Pacheco. O mestre pensador, Revista Veja, nº 620, 23 de julho de 1980, p. 80.

<sup>80</sup> Cf.: BERGAMINI, Ricardo. A Doutrina Marxista. Portal Jurídico Investidura, Florianópolis/SC, 02 Out. 2008. Disponível em: [www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/politica/1085](http://www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/politica/1085). Acesso em: 23/05/2012

esdrúxulo, fora de contexto e à margem de seu significado. A esse respeito, o texto abaixo, extraído de um seminário do setor hoteleiro:

A premissa em qualquer debate é obedecer à ordem dialética e traçar um "caminho entre as ideias" - tradução primitiva do termo grego. Tese, antítese e síntese devem ser balizas para que a discussão refaça dogmas e construa novo hiato para a realidade que está arraigada - seja nas questões pessoais ou profissionais. O mercado hoteleiro, que segue constante mudança, vive desta necessidade de ser traduzido, redesenhado e conquistar um ar mais primoroso - focos primeiros do 3º Seminário Hôtelier News de Marketing e Vendas, findado na última quinta-feira (6), no InterContinental São Paulo, capital paulista. (MATOS; BELLEGARD, 2011, site).<sup>81</sup>

A superficialidade com que o termo é utilizado acima, não deixa claro o que o seu autor quis dizer exatamente com o uso da dialética para refazer dogmas (no sentido de fazer outros dogmas), não para minimizá-los ou até mesmo erradicá-los.

A educação libertadora, tão destacada em Paulo Freire, só acontece quando existe enquanto práxis dialética. Se alguns alunos transcendem a formação que receberam e se tornam profissionais capazes de problematizar a própria realidade, de se estar abertos ao diálogo e se engajarem política e socialmente para se ter um mundo melhor, tal como um médico que não se preocupa, apenas, em curar uma enfermidade típica de quem vive mal, mas também com a condição de pobreza de seus pacientes, esses alunos são devedores da influência de outros meios. Sendo assim, dá-se margem a manipulações quando se confunde "formação" com "educação". E a pergunta pertinente é: a que interesses se serve quando se faz tal confusão?

A maneira como uma instituição de ensino religiosa despreza como tema transversal ou concebem, as aulas sobre Educação Sexual não difere muito de suas congêneres no passado. O mais frequente é que tais instituições aproveitem a oportunidade de falar sobre sexo para jovens para incutir-lhes os pontos de vista oficiais da Igreja sobre o assunto, pois, como já foi dito

---

<sup>81</sup> Cf.: MATOS, Dênis; BELLEGARD, Juliana. Seminário HN: Distribuição, RM e mídias possíveis à hotelaria. Disponível em: <http://www.hoteliernews.com.br/HotelierNews/Hn.Site.4/Imprimir.aspx?Noticia=69577&Midia=1>. Acesso em: 06/02/2012.

anteriormente, a religião cristã é a responsável, em grande medida, por ter transformado a sexualidade em um tema tabu. Mesmo sem a religião ser dialética, é possível abrir espaço para o assunto dentro de uma instituição religiosa. Para isso, basta que os professores despertem em seus alunos a atenção para as contradições de sua própria realidade e sobre como é possível agir. Ao fazer isso, os professores “plantam a semente” do materialismo dialético dentro de um espaço guiado pela não dialética. Como isso será feito do ponto de vista prático, vai depender de cada caso, já que, nas instituições religiosas de ensino, há diferentes graus de abertura para isso. Mas nunca é demais insistir que não se está falando, nesse momento, em mudar uma instituição religiosa, mas sim em uma instituição religiosa de ensino, já que essa última possui outros fatores que não fazem parte de um sacerdócio. Um exemplo é a presença, até certo ponto, do Estado laico e a de professores, assim chamados, leigos. É por isso que o filósofo Leandro Konder, escrevendo sobre dialética em meio aos “escombros” que já se produziam com o fim do Muro de Berlim (1989) de do bloco socialista, fala sobre um retorno às origens ao dizer que:

Nas condições atuais, a dialética possível é bem mais modesta que a de ontem. De algum modo, ela recupera a consciência da necessidade do *diálogo*, que estava presente no seu nascimento na Grécia antiga. Dialética e diálogo são – não podemos esquecer isso – irmãos gêmeos: ambas as palavras provêm do prefixo *dia* (que indica reciprocidade) e de *lêgein* ou *logos* (o verbo e o substantivo do discurso da razão). A dialética, por consequente, nasceu incorporando, através do diálogo, as razões do *outro*. (KONDER, 1990, p. 8).

Para a dialética, o processo conta mais do que as categorias de análise. A construção do próprio conceito de dialética é, por si mesmo, um processo dialético. No caso particular desta pesquisa, há uma grande perda quando cada uma das instâncias abordadas aqui é analisada isoladamente: Educação Sexual, redes sociais on-line, escola, juventude. A dialética predispõe uma mudança gradual. Inclusive, pode-se dizer que qualquer tipo de mudança abrupta na opinião de uma pessoa é sinal de manipulação.

O interesse dos jovens por determinado tema é diretamente proporcional às respostas que um professor possa dar e satisfazer a curiosidade, os anseios e as inquietações contemporâneas de seus alunos.

O debate e a discussão em educação sempre serviram como forma de sedimentar informações obtidas. Embora uma discussão nestes termos possa ser desenvolvida entre professores, pesquisadores e alunos, e entre todos estes a sociedade, nos referimos aqui às discussões mantidas entre aluno – professor – aluno. A discussão, seja presencial ou a distância, concorre para a contextualização dos conhecimentos obtidos, socializando informações secundárias, inclusive os assuntos são levantados e “entrançados” com o tema principal e uns com os outros, em que as suposições acertadas tornam-se consenso e as equivocadas, descartadas. Dúvidas são expostas, respostas são dadas, opiniões pessoais são comentadas. Sendo assim, o momento da discussão é quando o ensino-aprendizagem revela todo o seu potencial em termos de reciprocidade. Através da formação de uma comunidade on-line, educandos e professores podem dirimir dúvidas sobre as tarefas, sugerir textos, postar e checar calendário de atividades, debater temas sugeridos, compartilhar informações e desenvolver atividades em grupo.

No assunto que trata desta tese, uma rede social on-line a qual professores e alunos possam fazer uso para anonimamente tirar dúvidas e se informar sobre sexualidade humana, pode-se dizer que a própria forma como o processo ocorre, é dialético, visto que, após uma aula presencial, a dúvida que um determinado aluno não tem coragem de revelar presencialmente é postada no ambiente on-line. O professor sabe que se trata de um aluno seu, e o aluno obviamente sabe que quem está respondendo às perguntas é o seu professor. Nesse sentido, há, potencialmente, uma relação de confiança entre interlocutores, embora não seja possível, para o professor, saber a identidade exata do aluno. Não somente há necessidade dessa informação, mas também ela é importante para o sucesso da experiência. Nesse sentido, esta tese traz, como contribuição teórica para o campo da Educação, um novo paradigma: A educação não implica um professor conhecer exatamente a identidade do seu aluno, mas, sobretudo, uma relação de confiança.

Ao ler as perguntas de seus alunos, o professor pode ter uma ideia sobre que preocupações de ordem sexual afligem uma parte significativa da comunidade escolar. Após um determinado tempo, cada aluno pode ler no ambiente on-line a resposta para não só sua pergunta, como também as demais respostas para as perguntas de seus colegas. Algumas dúvidas também podem ser coletivas. Depois, percebendo melhor o quadro geral das preocupações sexuais de seus alunos, o professor pode ajustar suas aulas presenciais para que elas melhor satisfaçam as reais necessidades educativas de seus alunos. De sua parte, os alunos vão se sentindo pertencidos a aulas que abordam temáticas, muitas vezes, tão complicadas para eles e tão suscetíveis a tabus. É uma atitude coerente com o que Paulo Freire almeja quando fala em "(...) representar situações conhecidas pelos indivíduos cuja temática se busca, o que faz reconhecíveis por eles, possibilitando, desta forma, que nelas se reconheçam." (2003, p. 108). Nesse sentido:

A leitura do mundo sempre serve para me aproximar do mundo e retirar dele os elementos que servem para a minha vida e a vida dos outros e, para isso, não precisa muito, precisa apenas de curiosidade epistemológica, é o que Freire dizia. Ele havia lido Habermas, onde se afirma que o interesse precede o conhecimento. Freire diz que "antes de conhecer somos curiosos, porque todo ser humano é curioso". Freire no seu método parte sempre das necessidades do ser humano, e é a partir destas necessidades, que são a extensão do projeto de vida das pessoas, é que poderemos construir o conhecimento. (ALMEIDA, site)

Assim sendo, esse maior interesse por parte dos alunos, certamente, tenderá a não passar despercebido por parte do professor que reflete sobre sua própria prática, caracterizando um processo de retroalimentação do sistema. Nesse processo de constante construção e reconstrução não só de conceitos como também de estratégias pedagógicas por parte do professor pode-se dizer que todos: educandos, educadores e o próprio campo da educação tendem a ganhar. Para isso basta o professor se dispor a ler o mundo dos grupos populares que formam a comunidade escolar, como nos diz Paulo Freire:

Como educador preciso de ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra". (FREIRE, 2004, p. 81)

Se essa "leitura do mundo" for adequadamente realizada, o professor tenderá, certamente, a perceber que seus educandos estão imersos em um meio agressivamente cada vez mais voltados para as novas tecnologias de informação e comunicação, no qual diferentes recursos como celulares e computadores estão em franca convergência através das redes sociais. Em uma *lan house* próxima à escola, os jovens observam que eles têm acesso a ambientes virtuais cada vez mais atrativos e dinâmicos, enquanto em sua própria escola, sequer há sequer um laboratório de informática e, quando há, eles são objeto de culto e de proteção por parte de gestores que parecem não entender que tais equipamentos irão se defasar e quebrar, mesmo sem uso. Todo esse cuidado com os computadores é bem típico das sociedades atrasadas que só, recentemente, tiveram acesso ao que, antes, lhes parecia inacessível. Mas um laboratório de informática, tal qual o seu congênere de Química, perde sua razão de ser se não for objeto de experimentações em situações práticas e teóricas que envolvam alunos e professores imersos em um constante ir e vir dialético através de interações dialógicas. É por isso que a tecnologia precisa cada vez mais estar a serviço da emancipação de todos e dos socialmente oprimidos em particular.

Se as elites opressoras se fecundam, necrofilamente, no esmagamento dos oprimidos, a liderança revolucionária somente na *comunhão* com eles pode fecundar-se. Esta é a razão pela qual o quefazer opressor não pode ser humanista, enquanto o revolucionário necessariamente o é. Tanto quanto o desumanismo dos opressores, o humanismo revolucionário implica a ciência. Naquele, esta se encontra a serviço da "reificação"; nesta, a serviço da humanização. Mas, se no uso da ciência e da tecnologia para "reificar", o *sine qua* desta ação é fazer dos oprimidos sua pura incidência, já, não é o

mesmo o que se impõe no uso da ciência e da tecnologia para a humanização. Aqui, os oprimidos ou se tornam sujeitos, também, do processo, ou continuam "reificados". E o mundo não é um laboratório de anatomia em os homens são cadáveres que devam ser estudados passivamente. (FREIRE, 2003, p. 130 e 131)

O educador desempenha um papel primordial no auxílio ao educando, quanto ao acesso e à utilização da tecnologia. Implica práxis e não em teoria e/ou prática. Como diz Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2004, p. 29).

Em dois tópicos intitulados “Comunidades on-line” (2008, p. 86 a 88) e “Aprendizado pela discussão on-line” (2008, p. 153 a 163) e em um subtópico intitulado “Incorporação dos blogs, fóruns e listas de e-mails pelas redes sociais on-line” (2008, p. 210 a 213), ambos de um trabalho dissertativo anterior, foram feitas conjecturas que precisam ser recapituladas, problematizadas com as circunstâncias atuais das redes sociais on-line e aprofundadas segundo a abordagem dialética que norteia este trabalho.

Escrever confidências, desabafos e pensamentos pessoais em linguagem coloquial em diários de papel tem sido um hábito comum presente na humanidade em diferentes culturas. Tais diários refletem a personalidade de quem os escreve, o meio cultural e o momento histórico no qual ele é escrito. Com o passar do tempo, o suporte sobre o qual esses diários são escritos foi mudando. Se, antes do papel, era pele de animal ou pergaminho, foram, nos últimos 30 anos do século XX, que eles vieram a tomar a forma de “quadros de avisos” digitais, os BBS (*Bulletin Board System*). O primeiro surgiu em 1978, em Chicago, Estados Unidos, e se chamava CBBS. Depois, vieram os fóruns na forma de “grupo de discussão” ou “lista de discussão”, também chamados de “clã virtual” e “*newsgroup*”. Os últimos anos do século viram a popularização massiva dos blogs (antes chamados weblogs), graças não só ao aumento de

usuários da internet como também a facilidade de publicação. Embora ainda em plena utilização graças à modernização de sua tecnologia, são eles os predecessores mais próximos dos atuais perfis no Twitter. Tais ambientes, desde seu início, representaram uma volta da importância do texto escrito trocado entre interlocutores distantes. Eles representam a evolução do desejo humano por se comunicar. Seus criadores e usuários fizeram uso da tecnologia disponível em sua época e essa trajetória nos foi levando do individualismo para a colaboração na construção de softwares e na participação em ambientes on-line.

Na dissertação anteriormente defendida há mais ou menos quatro anos (o que é muito em termos de internet) e na qual esta tese se embasa com vistas a um aprofundamento, as redes sociais on-line já eram vistas como espaços potenciais de interlocução para o benefício do processo de ensino aprendizagem. Mas nela não houve a preocupação em se aprofundar a teorização acerca dos conceitos de ideologia, utopia e dialética que norteiam um processo de comunicação e educação crítica, já que, a preocupação na dissertação foi tentar mostrar a viabilidade de tais redes, na época vistas apenas como espaços fúteis destinados aos relacionamentos sociais, afetivos e sexuais de, principalmente, jovens como espaço privilegiado para projetos educativos de interlocução informais extraclasse entre professores e alunos. Afinal, diferentemente dos tradicionais ambientes de Educação a Distância, nessa época, já eram, nessas redes, que os jovens se encontravam massivamente. Hoje, essas redes sociais on-line possuem muito mais recursos tecnológicos do que quatro anos atrás. A própria diversidade de opções, de especialidades que cada uma se propõe é maior e os blogs que estavam carecendo de atualização de recursos (“*upgrade*”) ganharam fôlego com o advento do WordPress<sup>82</sup>. Mas já, naquela época, havia a possibilidade de imaginar perspectivas de integração futuras:

(...) podemos dizer aqui que os blogs não desaparecerão, mas há um processo de incorporação dos blogs pelas redes sociais on-line. Obviamente, isso surtirá efeitos nos meios em que os blogs são usados como ferramentas educacionais. (COSTA, 2008, p. 213).

---

<sup>82</sup> Cf.: <http://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>

Hoje, as possibilidades dessa integração são ampliadas por elementos da Web 2.0<sup>83</sup> e aplicativos como o *mashup*<sup>84</sup>.

Ter acesso à informação não é um processo dialético, mas criar com esse acesso a informação, subverter tecnologias criadas para a opressão, dialogar com colegas com vistas à reelaboração, à transmutação e ao aperfeiçoamento dessa informação pode ser um exercício dialético útil.

Ultimamente a mídia tem feito muitas referências aos protestos internacionais e nacionais que são articulados através dos blogs e das demais redes sociais. Mas falta aos movimentos “blogueiros” um projeto político. Para tais movimentos, os blogs são entendidos como movimento em si e não como um braço informativo que represente um movimento organizado. É o que se pode chamar aqui de “fetichismo blogueiro”. Mas é claro que essa crítica não se restringe aos blogs libertários; os reacionários também carecem de um projeto político. Para citarmos um exemplo recente, o Movimento “#ForaMicarla” pelo *impeachment* da prefeita de Natal – RN se assemelha muito mais a um ataque pessoal, embora não o seja de maneira nenhuma, do que a um movimento político que, *grosso modo*, possa transmitir para o povo a mensagem de que existem outros e outras “Micarlas” a serem combatidos neste nosso Estado cuja sucessão de poder mais parece dinástica. Afinal de contas, os problemas locais não cessam com a cassação do mandato de apenas um político que corrompe ao mesmo tempo que é corrompido. Para Muniz Sodré, as redes sociais caem naquilo que Heidegger chamava de “falatório” (*das Geredete*):

Esse reconhecimento passa, evidentemente, pelo discurso e implica diálogo, que não deve ser confundido com parolagem intransitiva, ou seja, como, com a mera produção, distribuição e recepção de palavras e mensagens em transitividade existencial, isto mesmo que o filósofo Martin Heidegger chama de falatório (*das Geredete*). Na acepção forte e simbólica do

---

<sup>83</sup> É a atual fase pela qual passa a web. O primeiro princípio da web 2.0 é dar poder aos usuários na geração e qualificação da informação, com sistemas que permitam aos internautas influir no conteúdo dos sites que visitam, como a enciclopédia on-line Wikipédia, o portal de hospedagem de vídeos YouTube e redes sociais como o Orkut. A colaboração entre os usuários é, portanto, um dos traços fundamentais da Web 2.0.

<sup>84</sup> Em linhas gerais, podemos dizer que os aplicativos *mashup* usam conteúdo de mais de uma fonte na internet para criar um novo serviço completo.

termo, o diálogo social não prescinde da cultura concebida como processo de reconhecimento de si mesmo pela presença do outro. Isto significa um substrato formativo ou "educativo" ("educação" em sentido lato, como deslocamento ou viagem do sujeito na direção do outro) que se deixava ver, por exemplo, nas origens do espaço público europeu. (SODRÉ, Muniz, site, 2008)<sup>85</sup>

Desde o fim do socialismo, dito "real", nos anos 90 em diversos países europeus, as novas gerações entraram em uma espiral de cinismo, conduzindo a uma regressão do pensamento crítico e, conseqüentemente, a falta de um direcionamento político, cujo resultado mais imediato é a fragmentação de lutas sociais cuja face mais evidente da indignação é o atual "zum zum zum" produzido por usuários de blogs, muitos dos quais até bem intencionados, mas que se encontram completamente perdidos ao "atirarem" em todas as direções; basta perceber, algum movimento por parte do "outro", motivados por crenças tão antigas quanto ingênuas de "imparcialidade" e apolitismo advindos dos meios de informação americanos. Não se está aqui caindo no simplismo tradicional e saudosista de sempre culpar as novas gerações pela sua desarticulação política. O que se pretende dizer aqui é que, ao longo dos tempos, a juventude está cada vez mais politicamente desarticulada. O engajamento através de redes sociais, por um menor preço da gasolina, não só existiu porque esse é um assunto que diz respeito diretamente ao bolso da classe média, como também só surte algum efeito a curto prazo. A longo, o que predomina é a reação à reação. Vladimir Lenin, ao escrever sobre a necessidade da luta teórica, diz algo em "Que Fazer?" (1901-1902) que se poderia adaptar ao cerne do que aqui se diz sobre o atual movimento "blogueiro":

Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário. Não seria demasiado insistir sobre essa ideia em uma época, onde o entusiasmo pelas formas mais limitadas da ação prática aparece acompanhado pela propaganda em voga do oportunismo. (LENIN, 1978, p. 18).

---

<sup>85</sup> SODRÉ, Muniz. O jornalismo e a blogosfera. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_jornalismo\\_e\\_a\\_blogosfera](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_jornalismo_e_a_blogosfera) Acesso em: 13/12/2011.

Na melhor acepção da práxis, enquanto prática da teoria e teorização da prática, não se pode esperar de um veículo de informação como um blog mais do que ele realmente é: um meio. Sem um movimento revolucionário, o próprio Lênin apenas por meio do Pravda<sup>86</sup>, teria se tornado somente mais um jornalista ou articulista. Um movimento político necessita de meios que lhe permita se aproximar do povo, mas esse meio (jornal, revista, rádio, site, blog, rede social on-line), por si só, não constitui um movimento; caso contrário, a tendência é um esvaziamento. Em outras palavras, um blog deve representar a face visível de um movimento, e não o próprio movimento em si. Isso nos mostra que o pensamento marxista continua, em grande parte, válido, embora por razões óbvias haja hoje uma necessidade de atualização, não apenas por razões puramente cronológicas, mas também pelas mudanças políticas ocorridas nas últimas décadas. Mas o que isso tem a ver com o objeto de estudo desta tese? Bem, se está aqui fundamentando, analogicamente, a seguinte premissa: a de que a experiência com a rede social Formspring para a Educação Sexual não deve funcionar como mera analogia do que é realizado fora da escola, tampouco ser uma experiência solta, fragmentada; deve sim estar inserida dentro de uma proposta pedagógica articulada ao contexto e à práxis escolar de modo a haver intencionalidade significadora, através do qual o professor possa inclusive, aferir os resultados, considerando que a busca por uma educação sexual de qualidade faz parte da utopia emancipatória da humanidade.

Pensando em termos das contradições existentes não só no sistema capitalista, mas também na própria concepção dialética, pode-se observar um invento que foi fruto da beligerância do imperialismo militar americano (a internet) como um ambiente também capaz de fecundar, abrigar e difundir “sementes” (textos, vídeos, fotos, sons) que apregoam não só a destruição do próprio capitalismo como também a necessidade de um mundo que possa refletir uma maior diversidade de poder; neste caso, faz referências a movimentos anti-imperialistas. Tudo isso atualmente se está sendo feito como

---

<sup>86</sup> O Pravda (Правда: Verdade) foi o principal jornal da União Soviética e um órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista entre 1918 e 1991. O jornal ainda existe, está em circulação na Rússia e possui uma edição na internet disponível em: [www.gazeta-pravda.ru](http://www.gazeta-pravda.ru).

nenhum outro meio de informação foi feito antes no mundo. Dessa forma, é possível se falar sobre as potencialidades dialógicas de tais redes. Uma rede social surge no âmago da sociedade capitalista apenas como um ambiente para relacionamentos sociais e que possa dar lucros no âmbito da publicidade para a própria empresa criadora (Tese). Mas os inúmeros recursos tecnológicos e possibilidades pedagógicas das redes sociais on-line são suficientes para fazer os educadores imaginar como seriam se elas estivessem totalmente a serviço da Educação, da mesma forma que quando se está assistindo a um bom canal destinado a exibir documentários, pergunta-se porque a TV não poderia ser totalmente educativa (Antítese). Mas, mesmo isso não sendo possível e os interesses mercadológicos dominarem as motivações com as quais tais redes são construídas e mantidas, as redes sociais on-line têm despertado o interesse de diversas pesquisas e experiências acadêmicas (o caso de uma dissertação anterior e dessa própria tese) que têm enxergado que as redes sociais on-line, mesmo nas atuais circunstâncias, podem ser um ambiente educativo (Síntese). Nesse sentido, os educadores e os estudantes que planejam e executam projetos neste sentido, estão revolucionando e assumindo seu papel histórico e dialético, pois eles subvertem um meio tecnológico capitalista, criado, originalmente, para gerar lucro para as empresas mantenedoras através de publicidades opressoras, para projetos educativos em benefício da emancipação humana. É por isso que, quando se fala sobre dialética, não, apenas, se está fazendo referência a Hegel, que o próprio Karl Marx também fazia, mas o que interessa aqui é usar o Materialismo Dialético (em outras palavras, a parte materialista da dialética) como aporte teórico. Pois, ao não sermos idealistas, não entendemos a Razão como determinante da realidade objetiva. Em um mundo onde cada vez mais a educação se transforma em um negócio, seguindo a lógica capitalista os educadores viram funcionários nos melhores casos e “objetos” reificados nos piores; são peças de reposição facilmente substituíveis na “linha de produção” das instituições que só se preocupam em formar jovens para o trabalho e não para o exercício pleno da cidadania. A esse propósito, Arnon de Andrade faz a seguinte declaração:

Já tentaram transformar o professor em um mero apertador de botões, assim como já tentaram fazê-lo ter medo de ser substituído pela máquina. Há pessoas tão entusiasmadas com a tecnologia que acha que a tecnologia vai mudar o homem. Tecnologia da informação e comunicação não como um valor em si. Nós poderíamos ter a melhor tecnologia e a pior educação. Não é a tecnologia que vai salvar a educação. Também não é o aluno que tem que se adequar a tecnologia, mas sim o contrário. Pois, não podemos inventar um sistema de educação em que o aluno é uma incógnita. A tecnologia em si não vai fazer a história andar com o progresso. Pois, nós temos um sistema social vigente e a tecnologia serve as relações de poder. Nós não podemos perder de vista que temos na sociedade brasileira inimigos terríveis. Nós não temos uma cultura tecnológica porque a tecnologia sempre foi usada contra o povo. A cultura da tecnologia passa pela identificação do povo com a tecnologia. Quem inventou o alfabeto, inventou também instantaneamente o analfabeto. (ANDRADE, 2009, site).

De um educador, assim como de um cidadão, se espera que ele tenha compromisso com valores democráticos, com o projeto histórico de criar uma sociedade mais justa, livre e emancipadora.

É interessante observar que a própria internet em si, teve, em sua criação, a participação de órgãos militares americanos, assume também por si e por razões idênticas às das redes sociais on-line, uma característica dialética no que diz respeito às contradições geradas entre os interesses que motivaram a sua criação e os resultados que a negam, no que concerne às suas contradições. A internet, hoje, oferece, pois, não só possibilidades educacionais, como também de contestação do próprio sistema que a criou. Da mesma forma, existe, atualmente, uma relação dialética entre a visão reacionária e a visão reacionária da Educação a Distância. A visão reacionária sobre a Educação a Distância é a de que se trata de um engodo, uma modalidade educacional que visa substituir a modalidade presencial, destinada a baratear custos e gerar lucro, fazer demagogia, tira campo de trabalho de educadores e que é falha em seus objetivos. Inclusive, as próprias redes sociais on-line também não constituem uma exceção, sendo mostradas como espaço destinado, apenas, ao desenvolvimento superficial e nada intersubjetivo das relações sociais humanas, sobretudo nas camadas mais jovens. Já a visão libertária (ANDRADE, site, 2009), acredita que a Educação a Distância é uma modalidade paliativa destinada tão somente a suprir carências educacionais

em comunidades remotas onde a educação presencial não é possível. Isso, por si só, não é pouco mérito. No futuro, ainda segundo Andrade (site, 2009), a tendência é a de que não haja mais diferenças entre ensino presencial e a distância, já que, todos os conteúdos serão debatidos de forma semipresencial.

No que concerne à visão libertária sobre as redes sociais on-line adotada neste trabalho, o que se pode dizer é que elas não só podem, como devem ser usadas em projetos educacionais. Só porque um jovem tímido não se expressa com a frequência desejada em uma sala de aula ou porque ele é seguidor de uma determinada religião cujas práticas reprimem a sexualidade e desenvolvem preconceitos a respeito, isso não significa dizer que ele não existe ou que deva ter à sua disposição, apenas, os meios tradicionais com os quais as aulas sobre Educação Sexual são ministradas em todo o país, e que, muitas vezes, não diferem em nada das estratégias usadas em sala de aula pelos educadores de outras áreas como Trigonometria, Relevo ou História Medieval. A Educação Sexual está longe de ter seus objetivos alcançados e frequentemente fracassa com relação aos alunos desembaraçados, e, sobretudo, com os tímidos, porque suas estratégias estão equivocadas e carecem de uma atenção especial. Nesse sentido, é que as redes sociais on-line, nas quais os jovens já estão socialmente inseridos, podem ajudar.

Para o incipiente campo de estudo das redes sociais on-line, é utópico, no sentido libertário do conceito imaginar que um dia essas redes possam ser o que se vai chamar aqui de uma grande constituição orgânica on-line, no sentido que todas estejam facilmente interligadas e simultaneamente alimentadas. Sendo assim,

Em um cenário ideal, não poderia haver restrições quanto às possibilidades de que as comunidades on-line pudessem estar de fato “em rede”, ou seja, entrecruzadas. Sendo assim, nada faria parte de um sistema fechado. (COSTA, 2008, p. 221).

Embora já haja muitas experiências neste sentido, como a interconvergência de todos os ambientes on-line da Google Inc., essa mega rede ainda é limitada por conveniências empresariais e interesses pecuniários. O objetivo deveria ser a criação não mais de redes, mas sim de uma “malha de

redes”, porém as dinâmicas próprias do sistema capitalista impedem que isso aconteça.

Como não é de nosso interesse esperar que, no mundo das grandes cooperações empresariais, essa visão mude um dia, o campo da educação (pelo menos, a parte libertária que ainda não entende uma escola como uma empresa), possa agir no sentido de criar meios para a realização dessa grande constituição orgânica on-line. Pois:

O uso pedagógico de ferramentas de internet, como as redes sociais on-line como o Orkut, nos mostra que não é preciso se isolar em um ambiente específico para fins educacionais, isto é, pedagogicamente construído para o estabelecimento do processo de ensino-aprendizagem, nos termos de uma “consciência intersubjetivamente partilhada”. Além disso, o uso dessas redes que, a priori, são apenas para relacionamentos sociais, permite juntar elementos e possibilitam que se estabeleçam conjecturas que estariam separadas, se isoladas em ambientes excessivamente pedagógicos, metódicos, cronologizados e hierarquizados. A troca de idéias entre pessoas conectadas à internet se faz cada vez mais necessário na medida em que cresce o mito de que “na internet tem tudo”. Se pensarmos na web apenas como uma imensa enciclopédia, apenas no sentido denotativo do conceito, isso em grande parte não deixa de ser verdade. Nunca é desnecessário dizer que a web não pensa por nós, ela não tem a capacidade que nosso cérebro tem de realizar cognições e de tecer conjecturas entre conceitos distintos. Não há uma previsão cientificamente aceitável de que este quadro mude. Por essa razão, as redes sociais on-line e sua capacidade de congregação de pessoas e convergência de mídias, seguindo a “capilaridade” das aplicações, se fazem tão necessárias. Para a efetivação desse propósito pedagógico, podemos dizer que não é preciso abdicar do Orkut como ambiente de relacionamento social. Nem, muito menos, desconsiderar a escola como um espaço de validação do conhecimento. (COSTA, 2008, p. 218 e 219).

Não obstante, nesse ponto cabe uma advertência. As comunidades das redes sociais e fóruns on-line propiciam, mas não garantem a possibilidade de debate. Muitos debates travados nas comunidades on-line mostram que seus participantes estão longe de ser capazes de manter uma atitude dialógica como coparticipantes no ato de pensar, uma vez que é frequente se observar a expulsão de membros e a remoção de tópicos e mensagens desses locais pelos moderadores motivados pela simples discordância de opinião. Muitos

não primam pelos argumentos o que leva a ocorrer diversos problemas de caráter não comunicativo; dentre os quais pode-se citar: conduzir uma discussão para o âmbito pessoal, discutir assuntos fora do tema proposto, estabelecer um clima de animosidade entre os membros, postar mensagens ofensivas, fazer perguntas sem sentido e postar propagandas não solicitadas. São também atitudes antidialógicas: fazer uso da retórica, argumento de poder, estratégias de manipulação e sedução; desqualificar do argumento (tese) do interlocutor não por meio de outro argumento (antítese), mas sim por meio de assuntos de âmbito pessoal; transformar o conceito de ideologia em sinônimo de partidarismo político; usar sofismas como argumento e apresentar a Publicidade (uma área que prima pelo sofismo) como um processo comunicativo; tirar proveito da acepção equivocada<sup>87</sup> (em uso corrente) de um jornal, rádio ou TV como “meio de comunicação” do da pretensa “imparcialidade jornalística” para tirar proveito político de uma notícia (factoide ou não) divulgada por um desses meios. Como se tal notícia fosse uma prova por si só, e como se ela não tivesse sido produzida por uma empresa informativa que tem um ou mais donos com interesses (não puramente jornalísticos) não só na divulgação daquela notícia, mas também no destaque que é atribuído a ela. Quando se conhece a posição do meio de informação, isso nos liberta da possibilidade de manipulação.

Sabe-se que é possível a abordagem de determinada temática dos mais variados pontos de vista. Por exemplo, abordar o significado da vida do ponto de vista da Biologia, da Filosofia ou da Física, de forma isolada se restringindo aos limites de cada área. Mas também é possível abordar uma temática de um ponto de vista transdisciplinar, onde cada área presta uma contribuição para a compreensão de forma integral do tema. Mas é uma atitude antidialógica levar a discussão de propósito para uma área muito específica que é de pleno domínio de um ou mais interlocutores, mas não dos demais, de modo a passar

---

<sup>87</sup> Nota: Historicamente, a classe social dominante prima pelo uso destes artifícios. Por exemplo, o Golpe Militar de 1964, cujos participantes (que se auto-intitulavam “revolucionários”) chamaram-no erroneamente e propositalmente de “Revolução de 1964”, como se a chegada deles ao poder tivesse significado uma grande transformação nas instituições do país. Na época, o mesmo ocorreu com a acepção errônea de “terrorista” quando o correto seria “guerrilheiro”, já que estes não praticavam atos de violência deliberados contra a população civil.

aos outros uma falsa impressão de que os outros interlocutores não poderiam abordar determinado tema porque não têm domínio.

Essas ações, neste trabalho, qualificadas como “anti-comunicativas” só existem porque atendem a uma demanda de boa parte da sociedade por acepções funcionalistas (pragmáticos). Aqueles para os quais é conveniente não discutir a prática e depois reproduzi-la. Como se informação fosse uma “commodity”<sup>88</sup>. Para tais pessoas, os meios de informação (ditos “de comunicação”) devem contribuir para institucionalizar e legitimar o sistema. Não lhes interessa despertar as contradições histórica da época retratada por tais meios. Para eles, basta ver os noticiários policiais, o bem *versus* o mal é uma questão moral e conseqüentemente de polícia e não social. Para uma classe social dominante que fomenta a falsa noção de meritocracia em tais meios<sup>89</sup>, onde para eles todos (rigorosamente todos) desfrutam das mesmas oportunidades não interessa mostrar o sucesso pessoal como uma questão de oportunidade, mas como conquista de âmbito pessoal.

Isso só confirma que a democracia (mesmo a burguesa) é uma conquista, não apenas um direito e que assim como na vida presencial, nos ambientes on-line também é comum encontrar pessoas não capacitadas para o exercício da democracia. Nesses termos, é oportuno perguntar: Qual deveria ser a atitude diante disso? Não ter as comunidades?! Não! Pois, se espera que, com o tempo, os participantes irão aprendendo que uma comunidade on-line, enquanto um grupo de pessoas que possuem um sentimento de pertença, não é lugar apenas para consensos, o que seria empobrecedor.

Nos últimos anos, a rede social on-line Orkut tem perdido membros para uma nova rede social. De acordo com as estatísticas<sup>90</sup>, desde março de 2010, os acessos ao Orkut são feitos por cerca de 70% dos usuários conectados à rede. Mas o Facebook aumentou de 15,7% em 2010 para 40,8% em 2011, o que representa uma alta de 159%.

Na visão de alguns jovens entrevistados, a troca de uma pela outra rede social on-line foi motivada pela maior dinamicidade que o Facebook oferece, o

---

<sup>88</sup> Commodity (plural: commodities) é uma mercadoria em estado bruto de origem primária. Por exemplo: café, açúcar, soja, trigo, petróleo, ouro, outros minérios e etc.

<sup>89</sup> Cf.: [http://veja.abril.com.br/gustavo\\_ioschpe/index\\_290808.shtml](http://veja.abril.com.br/gustavo_ioschpe/index_290808.shtml)

<sup>90</sup> Cf.: <http://veja.abril.com.br/blog/vida-em-rede/facebook-x-orkut/orkut-estaciona-no-brasil-e-facebook-cresce-159/>

que, indubitavelmente, eles têm razão, conforme se constata no fragmento abaixo:

Eu acho o Facebook mais dinâmico, mais interativo, pois nossas postagens vão para todos os "amigos" e, se estes quiserem, podem "compartilhar", o que faz as informações (texto, foto ou vídeo) circularem mais, tanto as que enviamos quanto as que recebemos. No Orkut isso não ocorre (ou não ocorria). Além disso, a rede social para funcionar tem que ser muito acessada e, mesmo que eu preferisse, o uso do Orkut não seria interessante, pois quase todos meus contatos já migraram para o Facebook. (ANÔNIMO, 2012, entrevista)

É pertinente discutir, nesse momento, as opções das empresas que mantêm esses ambientes sobre onde investir essa nova dinamicidade, a qual sem dúvida, poderia ser usada em ferramentas que favorecessem o debate entre os membros nela inscritos. O que não ocorreu no Facebook, que não possuem comunidades, mas sim o que a empresa chama de "páginas", através das quais os membros podem "curtir" e divulgar determinados assuntos, mas não discuti-los em fórum. O resultado disso é que as redes sociais on-line estão cada vez mais dinâmicas, mas, de modo inversamente proporcional elas estão cada vez menos dialógicas. A atual euforia cada vez maior em torno da dinamicidade das redes sociais on-line só engana os mais ingênuos e deslumbrados. Enquanto que o Orkut, cujas opções de dinamicidade têm também cada vez desestimulado os debates, como por exemplo, a retirada da opção de postagens anônimas nas comunidades, o Facebook ao centrar quase que totalmente suas possibilidades não em fóruns, mas nos perfis está dando vazão ao mesmo tempo que estimula o egocentrismo crescente das sociedades conectadas a internet. A parte mais dinâmica do Facebook, a "página inicial" do perfil de cada um de seus usuários, através da qual cada um deles pode acompanhar as atualizações constantes das postagens novas de seus conhecidos (por razões lógicas, quanto mais conhecidos alguém possui cadastrado, mais dinâmico o espaço fica), na falta de uma analogia melhor, se assemelha ao blog Kibe Loco<sup>91</sup>, mas construído coletivamente: fotomontagens cômicas, links de vídeos, charges e piadinhas passíveis de comentários por parte de um grupo ou de qualquer pessoa que possua um perfil na rede. Nesse

---

<sup>91</sup> Cf.: <http://kibeloco.com.br/>

sentido, pode-se dizer que as redes sociais on-line, desde 2004, data da estreia do Orkut, têm incontestavelmente, evoluído em dinamicidade, graças às inovações constantes dos ambientes virtuais, mas têm involuído no que diz respeito ao favorecimento da dialogicidade. Isso é uma péssima notícia para os pesquisadores que tentam adequar as redes sociais para fins educativos. A compreensão de que leva a deduzir que o aprendizado se faz através do processo comunicativo leva a deduzir que os usuários das redes sociais estão atualmente em franco processo de desaprendizado.

As redes sociais on-line, desde sua criação e popularização, estão se tornando cada vez mais dispersivas do ponto de vista da dialogicidade (o que não é salutar para projetos educacionais) e cada vez mais egocêntricas do ponto de vista comportamental, na qual não só elas são o reflexo da sociedade atual, como também a reproduzem e a retroalimentam.

#### 4 POR TRÁS DE LINKS SEMPRE EXISTEM PESSOAS

Em que medida as relações travadas através do fórum de uma comunidade on-line implica uma nova forma de sociabilidade? E de que modo a compreensão dos processos comunicativos travados via comunidade on-line pode surtir avanços benéficos para as relações de ensino-aprendizagem? Neste capítulo, abordar-se-á o anonimato como fator de pertencimento educacional.

Parece estranho se falar em "pertencimento" e "anonimato" como fatores correlatos, sobretudo para aquelas pessoas que viveram grande parte do seu período formativo em uma fase anterior ao surgimento e consolidação dos novos ambientes on-line. Isso é verdade quando são considerados unicamente os pressupostos dos ambientes presenciais de aprendizagem, inclusive, fazer perguntas de forma nominal sobre o que realmente se quer saber sobre assuntos relativos à sexualidade é, por si só, uma atitude tradicionalmente inibidora.

Nos ambientes on-line, ao contrário dos presenciais, as possibilidades de anonimato são potencializadas, tendo em vista que um moderador (gestor) de um desses ambientes (seja uma plataforma típica de educação a distância, uma rede social on-line ou um simples fórum), ao construir tecnicamente um desses ambientes, pode optar por habilitar ou não os cursistas ou participantes a fazer perguntas anonimamente. Isto é, terem a possibilidade de fazerem as perguntas que eles realmente querem saber. Em outras áreas do conhecimento, essa vantagem não é tão necessária, mas não no caso de Educação Sexual. Sendo assim, é essa particularidade dos ambientes on-line que Será abordada nesta pesquisa, ou seja, é essa a hipótese norteadora desta pesquisa.

De modo geral, pode-se dizer que os problemas que ocorrem, em uma discussão on-line, são praticamente os mesmos encontrados em uma congênera presencial em sala de aula: há educandos que, por diversas razões, são mais participativos e há os que preferem se abster da discussão. Um dos fatores principais é a timidez. Não é objetivo desta pesquisa dissertar sobre

esse aspecto da personalidade humana, muito menos, abordar métodos que possam tornar extrovertidos educandos tímidos, mas sim, sobre como um professor pode agir no sentido de entender esse processo numa comunidade on-line e que atitudes poderia tomar.

Na sala de aula presencial, a interação dos educandos entre eles próprios e com o professor se dá predominantemente de forma oral, em situações que normalmente não deixam registro. Logo, o nível de desconforto ou de coação não é tão grande quanto se estivesse havendo um registro (fonográfico, audiovisual, escrito) da intervenção. Todavia, mesmo assim, não são poucos os estudantes que se sentem coibidos em participar das aulas. Já nas salas de aulas on-line das plataformas de EaD e nos fóruns de debate, grande parte, senão toda a interação, se dá através da troca de mensagens escritas. Isto é, o educando sabe que, de uma forma ou de outra, suas palavras, suas opiniões, seus argumentos ficarão registrados. Ele poderá sentir-se “julgado” pelo professor e por seus pares, por um texto que ele não terá controle depois de ser “postado”, isto é, publicado. Ele poderá sentir que esse texto, como todo texto escrito, poderá dar margem a mal-entendidos.

Muitos internautas têm dado às redes sociais on-line uma utilização muito mais ampla do que apenas procurar amigos ou namoros. Há comunidades formadas por usuários dedicados a prestar esclarecimento sobre profissões, o dia-a-dia em países estrangeiros para quem vai viajar, esclarecer dúvidas sobre línguas estrangeiras, doação de sangue, pagamento de bolsas (como por exemplo, os bolsistas da Capes)<sup>92</sup> e até há pessoas que se dedicam a dar conselhos a quem lhes pede anonimamente. É o caso da comunidade “Preciso de um Conselho”.<sup>93</sup> Sem contar as comunidades sobre crianças desaparecidas<sup>94</sup> e as inúmeras comunidades no Orkut dedicadas a esclarecer

---

<sup>92</sup> Cf.: Comunidade “Bolsistas Capes” no Orkut (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=168275>). Através dela, os bolsistas de Pós-Graduação da Capes (Mestrado e Doutorado) em todo país costumam trocar informações sobre valores, pagamento e eventuais atrasos de suas bolsas.

<sup>93</sup> Cf.: Comunidade “Preciso de um conselho” no Orkut (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1118436>).

<sup>94</sup> Cf.: Comunidade “S.O.S. crianças desaparecidas” (<http://www.orkut.com/UniversalSearch.aspx?searchFor=C&q=S.O.S.+crian%C3%A7as+desaparecidas>).

dúvidas sobre AIDS e DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis<sup>95</sup>, através das quais usuários do Orkut podem fazer perguntas sobre o tema aos membros da comunidade, muitos dos quais são profissionais ou estudantes de cursos como Enfermagem e Medicina. São pedidos de informação, às vezes feitos de forma desesperadora, conforme se constata abaixo:

RESPONDAM, ME AJUDEM! SEXO ORAL. Uns dias atrás uma “profissional do sexo” que com certeza tinha Aids me chupou, e meu pênis estava com uma feridinha no freio do prepúcio. Certo? Corro grande risco de ter contraído? Não estou dormindo, nem comendo, pois ainda não deu o período da “janela”. aguardo respostas o quanto antes! Obs.: Não estou comendo nem dormindo de tanta preocupação! Sei que é difícil quantificar o risco...mas por favor, respondam aí!! (ANÔNIMO, 2008, site).<sup>96</sup>

São comunidades onde qualquer pessoa, a qualquer hora, pode encontrar informações sobre algum sintoma que esteja sentindo ou, angustiadamente, eliminar dúvidas sobre o risco que correu ao fazer sexo de forma desprotegida na noite anterior. É óbvio que recorrer a tais comunidades não substitui uma consulta médica tradicional, mas acaba servindo como um encaminhamento a um especialista ou, no mínimo, fazendo as vezes de “conselho de amigo” a quem não possui ou está longe dos seus. Assim sendo, é um erro achar que uma rede social on-line, uma ferramenta que não foi originalmente criada para ser usada em sala de aula, funciona apenas como entretenimento, e só com projetos induzidos e fechados seria possível o estabelecimento da ferramenta como rede de conhecimento. Cabe, portanto, ao professor mostrar a seus educandos que a internet pode ser usada para fins de aprendizagem.

E enquanto educadores, é nossa obrigação discutir a forma como é possível podemos ajudar as pessoas no geral, mas especialmente os jovens em situação de risco de contaminação por DST. Uma dessas novas estratégias óbvias é a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação. Há,

---

<sup>95</sup> Cf.: “Aids, DST...Conscientização” (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=196218>) e “Prevenção às DST/Aids e Drogas” (<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=842317>)

<sup>96</sup>Cf.:<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=196218&tid=5201635819913666268&start=1>

inclusive, um site chamado InSpot<sup>97</sup> que é exemplar para mostrar como tais tecnologias podem ser usadas para contornar velhos tabus historicamente arraigados em nossa sociedade e dificilmente superáveis. Quando alguém descobre que está contaminado por alguma DST - Doença Sexualmente Transmissível, ele pode usar o site para entrar em contato de forma anônima com ex-parceiros e/ou ex-parceiras sexuais que podem ter sido contaminadas sobre a exposição delas a alguma doença e sobre a necessidade de procurar o serviço de saúde. O serviço on-line garante a privacidade do contaminado e o protege de algum tipo de “estigma”, evitando que a notícia da sua condição sorológica se espalhe. Sabe-se que esse temor quanto ao estigma geralmente é um fator decisivo que impede que os avisos sejam feitos de forma não anônima. A consequência mais óbvia disso é o aumento da contaminação já que muitos dos contaminados se quer desconfiam que estão doentes. Mas a notificação de forma anônima sobre a probabilidade de contaminação por doenças não é novidade. No passado, isso já era feito através de cartas. Na década de 80, no auge da contaminação pelo vírus HIV, essa foi a opção escolhida pelo ator americano Rock Hudson para avisar seus ex-parceiros sexuais:

Rock decidiu enviar cartas anônimas a três pessoas com quem mantivera contato sexual pouco antes de saber que estava com AIDS. Para isso, Mark Miller foi até Palm Desert com o rascunho e seu companheiro George Nader redigiu as cartas à mão. Em seguida, despachou-as da agência local do correio para que não pudessem ser associadas a Rock: *“Oj, Esta carta é anônima por razões óbvias. Tivemos contato sexual íntimo, e por isso me sinto na obrigação de lhe dizer que acabo de descobrir: estou com AIDS. Estou aterrorizado por ter de lhe contar isso. Sugiro que você se submeta a testes médicos para se certificar de que está tudo bem com você”*. Rock sabia que poderia ter contaminado muita gente. E isso o preocupava muito. (HUDSON, Rock; DAVIDSON, 1986, p. 8)

Em termos de serviço de aviso on-line, um caso similar brasileiro é o da ABHA - Associação Brasileira de Halitose que é uma organização formada por profissionais da área da saúde que se dedicam principalmente ao estudo e às

---

<sup>97</sup> O serviço está disponível para habitantes dos Estados Unidos e Canadá através do site: <http://www.inspot.org>

pesquisas sobre o mau hálito (halitose). Ela criou um serviço chamado “SOS Mau Hálito”<sup>98</sup> através do qual qualquer pessoa pode informar anonimamente a algum amigo que ele tem mau hálito. Basta através do site da ABHA informar o nome e o e-mail ou o endereço da pessoa que a própria associação informa à pessoa sobre o problema através de uma carta.

Há também pelo país serviços como CVV – Centro de Valorização da Vida<sup>99</sup>, uma das ONG mais antigas do Brasil através da qual voluntários iniciaram o serviço prestando atendimento por telefone a pessoas com pensamentos suicidas. Hoje, o serviço foi diversificado e também presta atendimento por chat, e-mail, VoIP e correspondência ou pessoalmente nos postos do CVV em todo o país. No espaço destinado ao chat, pode-se ler o seguinte aviso:

Bem Vindo ao atendimento do Programa de Apoio Emocional do CVV pelo chat. Aqui, como em qualquer outra forma de contato com o CVV, você é atendido por um voluntário, com respeito, anonimato, não aconselhamento, não julgamento e que guardará estrito sigilo sobre tudo que for dito. Nossos voluntários são devidamente treinados para conversar com qualquer pessoa que procure ajuda e apoio emocional. *(nota: se houver perda de conexão durante o chat não desista, tente novamente ou tente mais tarde... tudo o que você diz, pensa e sente é importante para nós...)*. (CVV, site, 2012)<sup>100</sup>.

Os voluntários que prestam atendimento nesse tipo de serviço entendem que muitas vezes quem procura o serviço, deseja preservar seu anonimato e necessita apenas conversar com alguém para falar sobre o que o angustia. Sendo assim, muitos suicídios poderiam ser evitados.

A educação sobre a sexualidade humana não pode ser vista como uma estratégia isolada e vista sem o amparo de uma visão transdisciplinar, pois:

A investigação sobre a sexualidade demanda uma análise mais aprofundada do campo temático que a envolve. Demanda também a compreensão da antropologia que a fundamenta, da visão política, da filosofia que hegemoniza uma determinada formação social, do imaginário de uma época, das premissas éticas e dispositivos morais, além da

---

<sup>98</sup> Cf.: <http://www.abha.org.br/sosmauhalito>

<sup>99</sup> Cf.: <http://www.cvv.org.br>

<sup>100</sup> Disponível em: <http://www.cvv.org.br/site/chat.html>. Acessado em: 25/08/2012.

clara definição da natureza da investigação com a qual a escola abordaria o tema. Não há, portanto, a possibilidade de sucesso político e avanço teórico de uma investigação sobre sexualidade se os projetos a serem desenvolvidos não reunirem condições de superar a abordagem do senso comum, feitas de maneira simplista, voluntarista, burocraticamente institucionalizada em prescrições parenéticas ou supostas normatizações comportamentais, sem investigar suas imbricações teóricas e as raízes que as sustentam. (NUNES, 2005, p. 99).

Por trás de links não existem apenas uma parafernália tecnológica que faz tudo funcionar. Existem pessoas e essas pessoas precisam de ajuda, precisam ser educadas por professores capazes de entender que as novas tecnologias de informação e comunicação podem ser usadas para isso.

Assim como algumas tecnologias são adaptadas para outros fins científicos, tal como o tomógrafo e o endoscópio que, criados para a área de saúde, se mostraram de enorme utilidade para a Arqueologia, no que diz respeito ao estudo de múmias sem danificá-las; as novas tecnologias de informação e comunicação que já são vastamente usadas em áreas tão díspares como a Astronomia, a Química e a Arquitetura, podem ser usadas para a promoção da educação e saúde sexual dos jovens. Mas ainda é lamentável que a internet continue subutilizada no presente ano, como era há cinco ou dez anos antes como revelam trabalhos monográficos<sup>101</sup> e dissertativos<sup>102</sup> anteriores a esta tese da mesma autoria:

Em nossa sociedade a internet tem sido associada ao consumo e ao lazer. Dessa forma, infelizmente em diversas circunstâncias nas ciências humanas e sociais, a internet está perdida em algum lugar entre a subutilização e, o que é pior, a não utilização. Há ainda muitos professores que, por falta de formação, não a utilizam como parte fundamental de suas aulas. (COSTA, 2008, p. 72)

---

<sup>101</sup> Cf.: COSTA, Adriano Medeiros. Barcelona virtual: nunca foi tão fácil para um pequeno município se informar sobre si mesmo e de acordo com sua própria cultura, monografia (Bacharelado em Comunicação Social/ habilitação em Jornalismo), Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

<sup>102</sup> Cf.: COSTA, Adriano Medeiros. Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula, dissertação (Mestrado em Meios de Comunicação e Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

Se a internet é usada largamente para transações comerciais, bancárias, relacionamentos afetivo-sexuais e educação de modo geral, não há por que não desenvolver e utilizar ambientes on-line para prevenir a transmissão de doenças e o enriquecimento da vida sexual de indivíduos e comunidades.

#### 4.1 Utopia e sexualidade humana

Segundo a concepção reacionária do mundo, o conceito de utopia é uma quimera, sonho, fantasia, projeto irrealizável. Algo que está bem de acordo com a própria etimologia da palavra<sup>103</sup> e com obras literárias<sup>104</sup> que celebrizaram o conceito. E é claro que essa aceção é a que ideologicamente interessa aos reacionários que seja mantida. Ao tentar descrever sua visão de utopia (aqui considerada libertária) como uma alienação, um famoso líder espírita escreve, ele próprio, um texto alienado e superficial sobre o que ele entende sobre os processos desestruturadores, quando, na verdade, são emancipatórios:

O socialismo: Grandes idéias florescem na mentalidade de então. Ressurgem, aí, as antigas doutrinas da igualdade absoluta. Aparece o socialismo propondo reformas viscerais e imediatas. Alguns idealistas tocam a *Utopia* de Thomas More, ou *A República* perfeita, idealizada por Platão. Fundam-se as alianças de anarquismo, as sociedades de caráter universal. Uma revolução sociológica de consequências imprevisíveis ameaça a estabilidade da própria civilização, condenando-a à destruição mais completa. (XAVIER, 2009, p. 246).<sup>105</sup>

Na ficha catalográfica do livro do qual foi retirada a citação acima, a autoria é atribuída ao espírito de “Emmanuel”, mas como a ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas *ainda* não regulamentou as normas relativas às

<sup>103</sup> A palavra foi cunhada a partir dos radicais gregos *ού*, "não" e *τόπος*, "lugar", portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe".

<sup>104</sup> Dentre tantas, nos referimos aqui a quatro obras: “A República” (século IV a.C) de Platão (428/427- 348/347 a.C.), “Utopia” (1516) de Thomas Morus (1480-1535), “A cidade do sol” (1602) de Tommaso Campanella (1568-1639) e “Nova Atlântida” (1624) de Francis Bacon (1561-1626).

<sup>105</sup> Cf.: Emmanuel(Espírito). A caminho da Luz: história da civilização à luz do espírito. (psicografado por Francisco Xavier), 37 ed., 2ª reimpressão, Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.

obras escritas por espíritos, optou-se aqui por atribuir a autoria da citação ao próprio “psicografista”.

Perceba que, quando o autor fala sobre ameaças destrutivas à “estabilidade da própria civilização”, o que ele considera “estabilidade” é a acomodação social, totalitarismo, unidade do povo e o respeito as instituições hierárquicas vigentes (mesmo as injustas). Essa é uma boa definição para o que se conhece hoje como Fascismo, considerado qualquer reivindicação (política, econômica, social, cultural) uma desarmonia social. A única virtude na citação acima é o entendimento de que ele parece demonstrar das lutas libertárias como um movimento que, apesar de sua diversidade, tem os mesmos objetivos. Esse assunto será tratado mais adiante.

De fato, os conceitos filosóficos que servem de subsídio não só para o próprio campo da Filosofia, mas também para os campos da Educação e da Comunicação através da “Filosofia da Educação” e das “Teorias da Comunicação” possuem certa coerência ao longo do tempo. As ideias e a visão ideológica de mundo que alguns teóricos defendem, ao longo dos séculos, não surgem do nada e não irão “desaguar” em nada. A essência está viva, mas sempre em mutação se adaptando a contextos políticos, econômicos, sociais e culturais diferentes. Che Guevara estava falando de utopia quando disse<sup>106</sup> certa vez: “Se eu morro não chores por mim. Faz aquilo que eu fazia e vou continuar vivendo em ti”. (2012, site)<sup>107</sup>. Além disso, no melhor sentido da práxis, ele procurou através do movimento guerrilheiro, fazer ação de seu pensamento e de sua ação fazia uma reflexão teórica através dos diários que escrevia.

Aquilo que, muitas vezes, se apresenta como uma novidade esconde em sua gênese um conceito antigo. É o caso da colaboração pela internet através da constante melhoria do sistema operacional Linux ou da produção coletivas de verbetes para a Wikipédia. Isso acontece, inclusive, no que diz respeito ao trabalho voluntário promovido por organizações não governamentais. Mesmo que a despolitização das utopias esteja cada vez mais em voga, basta olhar

---

<sup>106</sup> Na verdade, essa frase de Che Guevara são versos de uma milonga argentina que ele gostava muito e que dizia: “*Si yo muero no llores por mi / haz, lo que yo hacía / y seguiré viviendo en ti.*”

<sup>107</sup> Cf.: <http://www.e-cheguevara.com/PORTUGUES.htm>

para o passado e ver, como referência, os “sábados comunistas” assim chamados os dias de trabalho voluntário (não remunerado) na União Soviética nos primeiros anos após da Revolução Russa (1917) ou o trabalho voluntário promovido por Che Guevara (1928 — 1967) nos primeiros anos da Revolução Cubana (1959) como um projeto de consciência social:

O trabalho voluntário é a expressão genuína da atitude comunista em relação ao trabalho em uma sociedade onde os meios fundamentais de produção são de propriedade social. O trabalho voluntário é uma escola criadora de consciência. É o esforço realizado na sociedade e para a sociedade como contribuição individual e coletiva que vai formando esta alta consciência que nos permite acelerar o processo de transição até o comunismo! (GUEVARA, site).<sup>108</sup>

Assim, o conceito de utopia que aqui interessa é o libertário enquanto projeto histórico, inclusive, Herbert Marcuse conceitua como "imaturidade das condições sociais, que obstaculiza a realização de um determinado fim" (MARCUSE, 1969, p. 15).

Nos anos 60, o conceito de utopia estava em plena voga entre os jovens, e os tempos eram de efervescência, de paixão e de renovação. Em outras palavras: tudo o que nos faz falta atualmente. É tanto, que não faltam livros, filmes e documentários que retratam e celebram essa época de uma juventude inconformista que:

Lutaram numa época em que mercado era o lugar no qual as donas de casa faziam compras, e não a toda-poderosa entidade mítica que, atualmente, para alguns, deve comandar a humanidade com sua mão invisível. Massa era o povo a caminho de se encontrar com seu destino revolucionário, e não uma tentação para os que estão em dieta. Quem não tinha informação sobre um assunto estava mais por fora do que umbigo de vedete, uma expressão que chega a soar brejeira hoje, tal o recuo do pano e o avanço da carne nos fios dentais, tangas e asas-delta. O sucesso era importante, mas não a qualquer preço. Valores como solidariedade, lealdade, amizade ainda não tinham virado piada e esquentavam o

---

<sup>108</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no vídeo 00:01:47 a 00:02:22. JORNADA CHE GUEVARA - TRABALHO VOLUNTÁRIO Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0ROvJLMIEjl>. Acesso em: 20/04/2012.

coração de muita gente. Era um tempo diferente. (MARTINS, 2008, p. 8 e 9).<sup>109</sup>

A utopia tem feito tanta falta aos jovens da nossa geração e é essa falta que a tem transformado em “monstros” movidos pelo egoísmo carreirista, pelo consumismo e pela simulação midiática numa época de adaptação às ideias dominantes, resignação ao ideário capitalista neoliberal e de escapismo para um Pós-Modernismo que não leva a lugar nenhum, pois boa parte de seus defensores objetivam uma acomodação dos ânimos contestadores e uma aceitação do que há de mais perverso da fase atual do Capitalismo, bem como uma tentativa de quebra da concepção dialética da História enquanto processo.

O conceito de utopia nasce da eterna busca humana por alternativas melhores e vai muito além de sua acepção reacionária de “busca pelo impossível”, uma visão castradora. Já o ideal libertário nos diz que a utopia é como a linha do horizonte: por mais que tentemos nos aproximar dela, mais ela se distancia. Então, por que ela é importante? Eduardo Galeano faz sempre referência a uma ideia anteriormente dita pelo cineasta argentino Fernando Birri, e diz que a utopia é importante justamente para nos fazer caminhar:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (BIRRI *apud* GALEANO, site, 2010)<sup>110</sup>

A utopia não é um conceito pragmático com começo, meio e fim, ela é um processo dialético que avança sim, mas cujos resultados libertários não estão totalmente livres do pensamento reacionário e vice-versa. A verdade é que a busca humana pela emancipação ainda permanece:

Quando o primeiro-ministro chinês Chou En-lai estava em Genebra, em 1953, nas negociações de paz para acabar com a Guerra da Coréia, um jornalista francês perguntou-lhe o que pensava sobre a Revolução Francesa; Chou En-lai respondeu: “Ainda é muito cedo para dizer alguma coisa.” (ŽIŽEK, 2008, p. 7).

<sup>109</sup> Cf.: MARTINS, Franklin. Prefácio. In.: PAZ, Carlos Eugênio. Viagem à luta armada. Rio de Janeiro: BstBolso, 2008.

<sup>110</sup> Cf.: <http://pensador.uol.com.br/frase/ODczMTQ/>

Como bem escreveu Ernst Bloch, ao longo dos séculos, a humanidade tem expressado sua esperança de uma existência melhor. Bloch chamou esse conceito de “O Princípio Esperança” (*Das Prinzip Hoffnung*)<sup>111</sup>. O filósofo alemão tinha a convicção de que, embora um mundo “redimido” fosse, inevitavelmente, muito diferente, do mundo que conhecemos (e nesse sentido seria uma “utopia”), outro mundo melhor era ainda sim possível, sem nos termos de resignar aos conceitos cristãos de morte e posterior ressurreição.

Ao longo dos séculos, o conceito de utopia foi representado por movimentos que assumiram nomes e propostas diferentes, embora possuíssem a mesma essência libertária. Não é o propósito desse trabalho tecer considerações aprofundadas sobre tais movimentos, mas mostrar a coerência que de certa forma norteava seus princípios. Um desses movimentos é o anarquista. É certo que houve inúmeras divergências internas e subdivisões teóricas entre o movimento anarquista e o movimento comunista decorrentes da Primeira Internacional Socialista (1864). Nesse sentido, para simplificação, será adotada aqui uma concepção de movimento libertário não unificado, mas sim convergentes, já que, por características dialéticas próprias uma coesão, a rigor, nunca foi possível e talvez nunca seja. Porém, todos tinham em comum como objetivo a emancipação humana, conforme ficou demonstrado na união de comunistas e anarquistas durante a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Além disso, depois do fim do, assim dito, “socialismo real” o que resta é apenas um “retorno filosófico” aos tempos anteriores à cisão da Primeira Internacional no sentido da constatação de que as divergências que separam anarquistas de comunistas são menos importantes do que as convergências que os aproxima. Anacronismo é permanecer dividido por experiências históricas que foram postas em prática e que não mais existe; anacronismo é quando há trabalhadores que não recebem um salário justo pelo trabalho que desempenham, quando uma mulher é coisificada e essa reificação é amplamente difundida pela mídia, é um atraso antigo tal e qual é antigo o que similarmente acontecia na Idade Média. Isso, obviamente, importa, enquanto linha teórica para se discorrer sobre educação sexual

---

<sup>111</sup> Cf.: BLOCH, Ernst. O princípio esperança, volumes I, II, III. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2005.

humana, pois, para ela, a utopia implica a possibilidade de homens e mulheres serem livres para o exercício pleno sobre o seu próprio corpo como lhes for de seu desejo.

Quando o Movimento Anarquista, ao difundir uma consciência revolucionária, se coloca contra o conceito de família, na verdade, o que deveria ficar claro é que ele é contra o conceito burguês (cristão e ocidental) de família, baseado em hierarquia, descendência, dinastia e “tribalismo”, e não ao afeto que possa existir em um grupo que convive junto. Portanto, quando alguém privilegia sua família por exclusivas razões de parentesco como se essa fosse um clã, tribo ou casta, ela automaticamente está excluindo todos os que estão fora daquela ligação genética. Quando outras famílias agem da mesma forma, isso acaba por gerar uma “reação de cadeia” que nos leva a decadência humana. Não é, por acaso, que a máfia italiana, a Igreja e as classes privilegiadas enfatizam sobremaneira o status da família. Algo que não ocorre em boa parte das sociedades indígenas brasileiras, onde as crianças não são separadas entre as “minhas”, as “suas” e as dos “outros”. A ideia anarquista é a de que todos no grupo devem coletivamente se sentir pais de cada uma das crianças, sem que a paternidade seja associada, apenas, a questões de sangue. Neste caso, a não observância da prática monogâmica dentro do grupo pode contribuir para o estabelecimento dessa concepção de família. Isso, obviamente, contraria valores das classes privilegiadas e das igrejas cristãs. É por isso que, ao longo dos tempos para a burguesia e para os religiosos, o medo das consequências advindas das informações sistemáticas obtidas sobre sexualidade parece ser maior do que o medo de seus jovens se contaminarem com alguma DST: a longo prazo, isso poderia representar o fim da instituição familiar tal qual conhecemos hoje. Mas ações violentas (Propaganda pela Ação) de alguns grupos anarquistas somados a uma campanha massiva pelo mundo dos grandes veículos de informação contra o movimento fazem com que essa concepção dos anarquistas como “socialmente instáveis” e violentos se tornasse a predominante no início do século XX.

A cada dia instituições particulares de educação são criadas porque é cada vez mais crescente o desinteresse por educar os pobres. E ao longo

desse declínio, muitos pensadores foram sensíveis às contradições históricas da época quando eles se formaram enquanto pessoas. É dessa sensibilidade a contradições que provém o interesse deles para as causas sociais. Nesse sentido, embora Paulo Freire não possa ser considerado um educador anarquista tal como foi o espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1849 - 1909), fortemente anticlerical, Freire foi bastante influenciado por esse educador e por ideias educacionais anarquistas como o movimento da Escola Moderna (1901), sobretudo no que diz respeito à educação da classe trabalhadora em um ambiente não coercivo, as quais estavam muito em voga nos anos anteriores ao nascimento e na juventude do educador brasileiro. Freire deixou um legado libertário que objetivava o respeito físico, emocional e mental das crianças e a emancipação irrestrita do ser humano:

A pedagogia que me toca é a pedagogia que escuta, provoca e vive a difícil experiência da liberdade, reconhecendo que há também uma distorção, o autoritarismo. Minha opção é por uma pedagogia livre para a liberdade, brigando contra a concepção autoritária de Estado, de sociedade. (FREIRE *apud* SILVA, 2001, p. 17).

Nos tempos atuais, os pobres estão sendo educados cada vez mais por educadores das classes baixas. Mas, antes de tudo, é preciso que esses professores tenham consciência de classe.

O período dos anos pós II Guerra Mundial é de uma imensa prosperidade, sobretudo para os cidadãos das potências vencedoras. Em uma época de expansão do sistema capitalista e do progressivo aburguesamento da sociedade, alguns jovens cada vez mais numerosos (filhos do “*Baby Boom*”) se sentem sufocados e reprimidos em seis anseios. Nos Estados Unidos, por exemplo, milhares deles começam a ser recrutados para a Guerra da Coreia (1950 – 1953) e, depois, para a Guerra do Vietnã (1959 - 1975), um conflito sangrento longe de suas casas e de suas vidas. É nessa época turbulenta e de contestação quando surgem o movimento negro, o movimento feminista, a descoberta de novas drogas, o “rock-and-roll”, novas drogas, as manifestações pacifistas, o Movimento Hippie, e, com ele, todo um novo estilo de vida que redescobria alguns antigos ideais anarquistas como a vida em comunidades,

não violência, internacionalismo<sup>112</sup>, humanitarismo, apoio mútuo, antiautoritarismo, não doutrinação e a liberação sexual proporcionada pelas pílulas anticoncepcionais (1960). Inclusive, referente à análise do discurso, é interessante observar que, em termos de construção ideológica, os hippies formavam um “movimento” e que o espaço geográfico ocupado por eles era chamado de “comunidade”. O processo libertário, iniciado pelos jovens no início da década de 60, encontrou seu apogeu nas manifestações de Maio de 68 que significaram segundo Edgar Morin o “Êxtase da História”<sup>113</sup>

Em 1967, um documentário chamado *Revolução dos Hippies (The Hippie Revolt)*<sup>114</sup> se propôs a mostrar uma visão geral do Movimento Hippie segundo a visão dos próprios hippies. Através de depoimentos, os integrantes do movimento falam sobre seu modo de vida, predileções estéticas, crenças, pensamento filosófico, concepções políticas, uso de drogas, relacionamentos afetivos e sexualidade. A esse respeito, é interessante observar a transcrição<sup>115</sup> dos diálogos travados entre um “sacerdote hippie” em uma cena que mostra alguns casamentos sendo realizados:

- Allan, durante seu casamento se Sally se interessar por outro homem ou outra mulher para o prazer dela, você aprovaria isso?
- Sim
- Farei uma condição ao casamento de vocês: Se durante o casamento um dos dois quiserem o divórcio, vocês dirão: Me divorcio de você, Me divorcio de você, Me divorcio de você. E este casamento não será mais válido. Você concorda com isso?
- Sim.
- Coloque sua mão direita em cima da mão direita do Allan segurando as mãos. Pela autoridade e pela confiança a mim concedida por vocês mesmos, eu os declaro marido e mulher.  
(...)
- Você gostaria que o Carl fosse seu marido?
- Sim
- Carl, você gostaria de Diana como sua esposa?
- Manda ver, bicho.
- Se algum dia Carl tiver algum problema ou dificuldade ou se

<sup>112</sup> Não se deve confundir aqui a antiga aspiração pelo internacionalismo (proletário) com globalização.

<sup>113</sup> Cf.: VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. 3ª edição, São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p. 17.

<sup>114</sup> REVOLUÇÃO DOS HIPPIES. Direção: Edgar Beatty. EUA. Distribuição: Magnus Opus. 1967. 1 disco (Tempo 75 minutos). DVD.

<sup>115</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 00:12:40 - 00:15:07.

houver algum tipo de azar, você ainda será sua esposa, o amaré e cuidará dele durante toda a sua vida?

- Sim

- Carl, seja Diana boa ou má no casamento, você a amaré e cuidará dela?

- Sim.

- Carl, se Diana se interessar por outro homem ou mulher, você continuará amando-a e amando seu casamento?

- Sim.

- Pela autoridade e pela confiança a mim concedida por vocês mesmos, eu os declaro marido e mulher.

(...)

Voz em off. Com licença...Espero que possamos aguentar...Espero que possamos aguentar um estigma de um contrato legal, mas sabemos que é algo completamente voluntário. Porque o amor é algo que acontece, não um contrato legal. Duas pessoas se amam, não é preciso esse negócio de contrato. Pensem, todos acham que podem sair por aí e se o mundo fosse um enorme tribunal, imaginem quantas pessoas ele não pegaria? (REVOLUÇÃO DOS HIPPIES, DVD, 1967)

Das três grandes religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), a variante cristã católica é a mais conservadora no que diz respeito ao comportamento sexual; pois tanto os judeus, quanto os muçulmanos não aceitam o mito do pecado original e não fazem nenhuma restrição ao planejamento familiar ou ao uso de métodos contraceptivos. Para a Igreja Católica, o casamento é um ritual que legitima a prática sexual entre um homem e uma mulher e condena comportamentos que escapam a esse modelo: masturbação, adultério, homossexualismo e até as relações heterossexuais casuais são vistas como reprováveis, tendo em vista que o sexo é visto por tais religiões como um meio para se atingir a reprodução da espécie. O diálogo travado no referido documentário acima representa uma postura libertária, pois, para eles, o ato cerimonial é apenas uma forma de selar um compromisso com o prazer e a sinceridade entre ambas as partes, não com a monogamia involuntária e a reprodução. Retomando uma ideia de Freud sobre como as padronizações e restrições da civilização moderna são cada vez mais incompatíveis com os instintos e desejos dos indivíduos que a constituem e que têm se tornado cada vez mais infelizes devido a essa repressão, a qual, paradoxalmente, quer dar a entender que a liberdade está preservada, Marcuse nos diz que:

O conceito de homem que emerge da teoria freudiana é a mais irrefutável acusação à civilização ocidental – e, ao mesmo tempo, a mais inabalável defesa dessa civilização. Segundo Freud, a história do homem é a história de sua repressão. A cultura coage tanto a sua existência social como a biológica, não só partes do ser humano, mas também sua própria estrutura instintiva. Contudo, essa coação é a própria precondição do progresso. Se tivessem liberdade de perseguir seus objetivos naturais, os instintos básicos do homem seriam incompatíveis com toda a associação e preservação duradoura: destruiriam até aquilo a que se unem ou em que se conjugam. O Eros incontrolado é tão funesto quanto sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação que a cultura não pode consentir: a gratificação como tal e como um fim em si mesma, a qualquer momento. Portanto, os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral de necessidades – é abandonado. (MARCUSE, 2009, p. 33).

Essa foi uma das razões pelas quais Herbert Marcuse foi muito popular entre os jovens dos anos 60, que viam, em suas ideias, uma forma de libertação da opressão que sofriam advinda da estrutura social burguesa. O mesmo Marcuse se refere aos movimentos estudantis e *hippies* como “tendências anarquicamente desorganizadas, tendências espontâneas” (1969, p. 23), as quais:

(...) anunciam uma total ruptura com as necessidades dominantes de uma sociedade repressiva. (...) são a revelação de uma desagregação em ato no interior do sistema. Pois bem, como fenômeno em si isolado, esses grupos não possuem nenhuma força subversiva; mas podem desenvolver uma importante função se entrarem em relação com outras forças, bem mais fortemente ligadas à realidade objetiva. (MARCUSE, 1969, p. 23 e 24)

Embora a real influência teórica do filósofo alemão na deflagração das manifestações dos jovens nas décadas de 60 e 70 seja ainda alvo de controvérsia, há autores da época que viam uma relação de “cumplicidade” entre o velho filósofo e seus jovens seguidores “Marcuse que via na ação estudantil a realização de seus projetos e os estudantes que pediam a Marcuse a justificação teórica de seu movimento” (MASSET *apud* SOARES, 1999, p. 163).

Há quem hoje afirme que as ideias de Herbert Marcuse estão ultrapassadas e que a herança das reivindicações de Maio de 68 já foi definitivamente enterrada devido ao conservadorismo dos jovens de hoje, da atual situação de avareza e da aparente liberação sexual em que os seres humanos vivem atualmente. Mas o que se pode observar é que as ideias do filósofo alemão nunca estiveram tão atuais. “Afinal, quando os valores estão em fase de mudança, cria-se um vazio de sentido; certos teóricos – pela densidade e fertilidade de suas ideias – são trazidos de volta, então, para preenchê-lo” (SOARES, 1999, p. 154)<sup>116</sup>. O também filósofo Leandro Konder, citando "Ideologia da sociedade industrial" um livro publicado originalmente em 1968, por Marcuse, lembra que:

O uso sistemático de meios repressivos disfarçados é típico da chamada "sociedade afluyente", na qual a sensação de liberdade das pessoas é estimulada pelo fato de o empregado e o patrão poderem ver os mesmos programas de televisão, pelo fato de a empregada e a patroa poderem usar o mesmo baton, etc. Uma observação crítica da "sociedade afluyente", segundo Marcuse, revela os efeitos da manipulação dos comportamentos humanos. Os indivíduos falam cada vez mais sobre a diversidade, sobre as diferenças individuais, parecidos uns com os outros, pois estão sendo permanentemente pressionados no sentido de se adaptarem a um "padrão de pensamento e de comportamento unidimensionais". No passado (e até uma época recente), a cultura era capaz de contrapor críticas, idéias e aspirações à ideologia dominante, por ela mesma acolhida. Era, portanto, uma cultura bidimensional. Na segunda metade do século XX, contudo, a sublimação característica das criações artísticas foi sendo substituída por uma "dessublimação" que passava a "domesticar" os instintos dos indivíduos, enquadrando-os pragmaticamente na dinâmica do mercado. (MARCUSE *apud* KONDER, 1998, p. 22 e 23).<sup>117</sup>

Isso tudo nos mostra que Marcuse, há muito tempo já havia escrito algo capaz de explicar alguns fenômenos atuais. Assim, ele que já estava certo em seu tempo, está cada vez mais certo à medida que o tempo passa. Vive-se, portanto, ainda e cada vez mais em plena era da “unidimensionalidade”. O resultado disso é que a originalidade em uma mulher para os homens se tornou

---

<sup>116</sup> SOARES, Jorge Coelho. Marcuse – uma trajetória. Londrina: Editora UEL, 1999.

<sup>117</sup> KONDER, Leandro. Marcuse, revolucionário. Physis - Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 8(1), 1998., p. 22 e 23.

algo sublimemente encantador. Essas moças (mas também rapazes) com originalidade são espontâneas (uma virtude cada vez mais rara) e cientes de sua própria identidade, isto é, o que poderia se chamar literalmente de “fora de série” ou de “artesanais”, enquanto as unidimensionais que parecem que catam suas atitudes em uma linha de produção são, portanto, “fordistas”. Cada uma, sendo a mais parecida possível com todas as outras e todas se espelhando em meia dúzia de padrões: de comportamento, vestimenta, gírias, cabelo e etc. Tais padrões não surgem do nada, eles são ideologicamente impostos pela mídia a partir de símbolos de sensualidade, de feminilidade ou masculinidade. A “indução ideológica” acontece em grande parte motivada pela mistificação, pois:

O poder da ideologia dominante é indubitavelmente imenso, mas isso não ocorre simplesmente em razão da força material esmagadora e do correspondente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes. Tal poder ideológico só pode prevalecer graças à vantagem da mistificação, por meio da qual as pessoas que sofrem as conseqüências da ordem estabelecida podem ser induzidas a endossar, “consensualmente”, valores e políticas práticas que são de fato absolutamente contrários a seus interesses vitais. (MÉSZÁROS, 2007, p. 472).<sup>118</sup>

Já se disse muito que vivemos em uma “Sociedade de Consumo”, “Sociedade do Conhecimento” e “Sociedade do Espetáculo”. Mas esses jovens que parecem ter saído de uma linha de montagem, fazem pensar que se vive em uma “Sociedade da Simulação”, onde todos se comportam não segundo a sua própria identidade, mas de acordo com aquilo que se espera de cada um. E isso é feito por vontade própria como se nós nos autocensurássemos, ou como dizia a geração de jovens anterior à nossa: nos autorreprimíssemos. Ao contrário da geração anterior, que lutava para não ser “enquadrada”, nós não só mais lutamos contra isso, como também não esperamos que os mais velhos nos tentem encaixar em um padrão, nós estamos fazendo isso espontaneamente. Algo muito diferente da geração que nos antecedeu.

---

<sup>118</sup> MÉSZÁROS, István. O poder da ideologia. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 472.

Ao longo de sua existência, a história da humanidade tem sido escrita sempre com “conjunções adversativas”<sup>119</sup> que tem frustrado os ideias de várias gerações, mas que, ao mesmo tempo, tem mantido viva a chama da utopia, como se nossas conquistas fossem sempre pela metade, sempre com restrições que, a longo prazo, têm tornado as pessoas cada vez mais cínicas.

Em um debate que resultou no livro “O fim da Utopia” (1969), publicado originalmente em 1967 (“*Das Ende der Utopie*”), Marcuse disse que a utopia havia acabado, porque finalmente podíamos realizá-la. Em termos quantitativos, os alimentos produzidos em nosso planeta, é mais do que o suficiente para toda a população mundial. Os avanços, na indústria farmacêutica, são enormes, e com exceção de algumas enfermidades para as quais ainda não há cura, como a AIDS; em tese há tecnologia medicamentosa para todos. Há possibilidades que ascendamos ao conhecimento, que tenhamos todos um teto, água potável. Sendo assim, a utopia é possível.

Existem hoje todas as forças materiais e intelectuais necessárias à realização de uma sociedade livre. O fato de que não sejam utilizadas deve ser imputado exclusivamente a uma espécie de mobilização geral da sociedade, que resiste com todos os meios à eventualidade de sua própria libertação. Mas essa circunstância não basta, de nenhum modo, para tornar utópico o projeto da transformação. (MARCUSE, 1969, p. 16)

Seria preciso, segundo ele, a liberação de novas necessidades humanas, transformadas das anteriores, cujos valores sustentavam o sistema social vigente, tais como: a produtividade, competição e conformismo. Em substituição, ocupariam tais lugares as necessidades de paz, solidão (enquanto esfera particular), tranquilidade, beleza, felicidade e alegria. Em consequência disso, o mundo técnico também seria transformado: cidades seriam reconstruídas, a natureza seria restaurada e seria revista a industrialização galgada sobre o desperdício e a destruição. Mas, Marcuse advertiu que isso não significava uma romântica regressão a uma época anterior à técnica, pois

---

<sup>119</sup> As conjunções adversativas ligam orações ou períodos que apresentam as mesmas propriedades sintáticas: contudo, entretanto, todavia, apesar disso, não obstante. Com variações de sentido, introduz o segmento que denota basicamente uma oposição ou restrição ao que já foi dito. Após uma negativa, estabelece (ou restabelece) a verdade sobre determinado assunto.

os benefícios da técnica só seriam realmente evidentes e reais com o fim do capitalismo. Ao falar das novas necessidades humanas, Marcuse também se refere às que interessam diretamente a esta tese: as sexuais, conforme fragmento a seguir:

No espírito dessa necessidade vital, o nascimento da nova antropologia implica também no surgimento de uma nova moral, como herança e negação da moral judaico-cristã, que determinou até hoje – em medida preponderante – a história da civilização ocidental. A sociedade repressiva continua incessantemente a reproduzir em seus membros as necessidades que ela mesma estimula e satisfaz, de modo que os indivíduos, por sua vez, continuam a reproduzi-la em suas necessidades, inclusive através e além da revolução. Essa continuidade das necessidades repressivas, assim, é o obstáculo que impediu até agora o salto da quantidade à qualidade de uma sociedade livre. (MARCUSE, 1969, p. 17 e 18).

Aqui se está falando de novas necessidades reais, não de simulação. Mas, segundo a concepção adotada neste trabalho, praticar a tão em voga “simulação social” não é tão grave quanto dissimular que se está simulando. Isto é, disfarçar ou até negar que se está adotando essa postura. Por exemplo, já que se está falando em relacionamentos afetivos e sexualidade, pode-se dizer que o Festival de Woodstock (o original de 1969) foi um evento espontâneo. Tão natural que basta ler qualquer bom texto sobre o vento ou ver as imagens feitas na época para informar que aquele foi um evento que teve sérios problemas de organização, pois não se esperava que tantos jovens afluíssem para o local. Quando se vê esses jovens com suas roupas, com sua forma de falar e tomando banho nus em um lago próprio vendo pessoas que ainda não adotavam um grau de simulação no nível que temos hoje, eles estavam ali de uma forma um tanto quanto (embora não totalmente) espontânea. Já as outras edições do festival realizadas respectivamente em 1979, 1989, 1994, 1999 e 2009 se tratam de simulação do evento original, e gradativamente cada vez mais fortes. Pois neles os jovens fingiam um desleixo de comportamento e mostravam uma liberdade sexual que já existe como se fosse uma contravenção, assim como foi em 1969. Há até uma expressão da área da Moda muito em voga que reflete bem a nossa geração cínica: “cabelos

controladamente despenteados”. Ora, os cabelos são penteados ou despenteados, manter os cabelos “controladamente despenteados” é simular. Não se está dizendo aqui que tudo aquilo que não seja inicial (1ª versão), seja simulado. Mas sim que algo é simulado quando se finge de original, quando se disfarça a diferença, quando se age seguindo um roteiro pré-estabelecido. Tanto um evento quanto os sucessivos relacionamentos afetivos encadeados podem cada um ser original à seu modo.

O Movimento Hippie não mais existe, a não ser em comunidades isoladas pelo mundo<sup>120</sup>. Mas não deixa de ser interessante (e contrastante em termos contemporâneos) observar através desse exemplo como aquela era uma geração em busca da essência que se traduzia não só em seu estilo de vida, como também em seus relacionamentos afetivos e sexualidade<sup>121</sup>. A repressão sexual (um comportamento reacionário) sempre existiu, mas se expandiu muito graças ao advento da moral judaico-cristã para a qual “É má disposição ouvir as palavras de Deus com espírito crítico”<sup>122</sup>. Algo que se adéqua perfeitamente com os cada vez mais numerosos jovens ligados, de alguma forma, às igrejas protestantes ou ao movimento da “Renovação Carismática Católica”<sup>123</sup>, a qual, além de fé e submissão aos dogmas cristãos, também incentivam a obediência e adequação ao sistema por parte de seus seguidores. O Cristianismo que, assim como a burguesia, nasceu como um movimento libertador, paulatinamente foi-se tornando opressor. Para muitos dos ideólogos desse movimento, a lógica sobre sexualidade é muito simples: a promiscuidade é pecaminosa. Um sofisma repetido por um ideólogo do movimento no Brasil é “a juventude não foi feita para o prazer, mas para o desafio”. (CLAUDEL *apud* AQUINO).<sup>124</sup> Sendo assim, a castidade é um

<sup>120</sup> Cf.: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL1267316-7084,00-G+VISITA+O+ULTIMO+REDUTO+HIPPIE+DO+BRASIL+EM+AREMBEPE+NA+BAHIA.html>

<sup>121</sup> Embora o Movimento Hippie seja libertário do ponto de vista afetivo e sexual, ele carece de coerência ideológica quando se leva em consideração o estímulo ao consumo de drogas, pela perda de contato com a realidade quando se faz uso de tais substâncias.

<sup>122</sup> ESCRIVÁ, José Maria. Caminho, 945. Disponível em: <http://pt.escrivaworks.org/book/caminho-capitulo-44.htm>. Acesso em: 24/02/2011.

<sup>123</sup> Movimento católico conservador nascido na década de 60 nos Estados Unidos como uma reação à Teologia da Libertação. Sua principal característica é o apego a ortodoxia dos rituais católicos e as, assim chamadas, “missas-shows”.

<sup>124</sup> AQUINO, Felipe. Castidade - "Eu quero esta medalha!". Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4351>. Acesso em: 12/03/2010.

comportamento que todo jovem deve ansiar, pois, além de mais próximos de um deus, os jovens castos evitam ser contaminados pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, já que a Igreja também desaconselha o uso do preservativo. Portanto, como já disse José Saramago (1922 - 2010) “À Igreja Católica importa pouco ou nada o destino das almas, o seu objectivo sempre foi controlar os corpos (...)”.<sup>125</sup> O é de acordo com o que prega José Maria Escrivá, fundador do Opus Dei<sup>126</sup> ao dizer que o corpo é o invólucro impuro do espírito santo, pois, “Acertou quem disse que a alma e o corpo são dois inimigos que não se podem separar, e dois amigos que não se podem ver”<sup>127</sup>. Fora do âmbito da abstração ideológica, o pecado não existe. A cultura judaico-cristã-islâmica inventou o pecado para não só incutir o sentimento de culpa, e o perdão para oferecer a ideia de redenção. Nesse sentido, a ideia de pecado é uma farsa para reprimir e controlar os seguidores da religião e ao mesmo tempo ganhar poder. Ao longo dos séculos, os sacerdotes cristãos (padres e pastores) fizeram e ainda fazem da sexualidade um pesadelo e, é por isso, que tanto se preocupam com o controle dos corpos. A repulsa pelo amadurecimento sexual encontra eco nos ambientes on-line que chegam facilmente a jovens imaturos que são cada vez mais céticos ou equivocados sobre as influências ideológicas em suas vidas. A citação a seguir é bastante longa, mas a opção por fazê-la é em benefício da clareza sobre o que se está, nesse momento, conjecturando:

No início da minha adolescência, foi-me colocado nas mãos, um grande livro, chamado “O Brilho da Castidade”, de Monsenhor Tiamer Toth. Nos meus 13 anos eu li aquelas páginas e me encontrei com a grandeza dessa bela virtude. E o que mais me atraía para ela era exatamente o “desafio que representava” para um jovem, que começa a viver nesta fase, o fogo das paixões. Não me esqueço daquela frase do Monsenhor, que dizia: “Se eu tivesse que dar uma medalha de ouro a um general que ganhou uma guerra, ou para um jovem

<sup>125</sup> SARAMAGO, José. Laicismo. Disponível em: [http://www.dn.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content\\_id=1253245&seccao=Caderno%20de%20Saramago/](http://www.dn.pt/inicio/opiniaio/interior.aspx?content_id=1253245&seccao=Caderno%20de%20Saramago/). Acesso em: 23/02/2011.

<sup>126</sup> É curioso como as contradições internas e externas da mesma sociedade espanhola do início do século XX, não só gestaram o pensamento reacionário que viria anos mais tarde a fundar o Opus Dei, como também gestou um dos movimentos anarquistas mais fortes do mundo.

<sup>127</sup> ESCRIVÁ, José Maria. Caminho, 195. Disponível em: <http://pt.escrivaworks.org/book/caminho-capitulo-6.htm>. Acesso em: 24/02/2011.

que vive a castidade, eu a daria para esse último". Eu disse, para mim mesmo: "eu quero esta medalha!" A tal ponto, fiquei entusiasmado com a beleza e o desafio da castidade, que tomei a decisão de vivê-la; isto é, ter vida sexual apenas no casamento; "nem antes dele e nem fora dele". E não me arrependo, pelo contrário! Sou grato aos que me ensinaram a vivê-la. Depois de mais de trinta anos, hoje casado e com cinco filhos, vejo o quanto aquela decisão foi importante na minha vida. Nos encontros de casais e de família, por este Brasil a fora, não me canso de repetir o quanto isto foi fundamental para a felicidade do meu casamento, do meu lar e dos meus filhos. Entre as muitas vantagens que o livro apontava, ressaltava a importância do "auto-domínio" sobre as paixões e más inclinações do coração de um jovem, preparando-o, com têmpera de aço, para ser um verdadeiro homem, e não um frangalho humano que se verga ao sabor dos ventos das paixões. Dizia o autor que "ser homem não é dominar os outros, mas dominar-se a si mesmo". E que, se o jovem não se exercitasse na castidade antes do casamento, depois de casado não teria forças para ser fiel à sua esposa ou a seu marido. Tudo aquilo me encantava e desafiava. Além disso, ensinava Tiamer Toth, que a castidade era garantia de saúde para o jovem, tônico para o seu pleno desenvolvimento físico e mental, dissipando todas as mentiras de que a vida sexual é necessária antes do casamento. Alguns anos depois, lendo o belo livro de João Mohana, "A vida sexual de solteiros e casados", pude confirmar todas essas vantagens da castidade para a saúde do jovem, seja em termos de vigor físico e mental, seja em termos de prevenções às doenças venéreas; e, hoje, especialmente a AIDS. Os homens e mulheres que mais contribuíram para o progresso do ser humano e do mundo foram aqueles que souberam dominar as suas paixões, e, sobretudo viver a castidade. Fico impressionado de observar como têm vida longa, por exemplo, a maioria dos nossos bispos católicos, e tantos sacerdotes que sempre guardaram com carinho a castidade. Se ela fosse prejudicial à saúde, não teríamos tantos bispos, padres e freiras, tão idosos, felizes e equilibrados. Você já ouviu falar que algum deles colocou fim à própria vida, por infelicidade? Não. Vivem a vida toda servindo a Deus com alegria, e vivem longos anos. Depois das décadas de 60 a 80, que tristemente quiseram sepultar a castidade, vemos hoje ela ressurgir com todo o seu vigor e brilho, exatamente na hora da angústia da AIDS. O mundo todo redescobre o seu grande valor. (AQUINO, site, 2006)<sup>128</sup>

Não deixa de ser irônico que tal texto tenha sido escrito para jovens que, em grande parte, são filhos e netos de pais que viveram a desrepressão sexual das décadas de 60 e 70. O texto acima, coerente com a posição oficial da

---

<sup>128</sup> AQUINO, Felipe. Castidade - "Eu quero esta medalha!". Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4351>. Acesso em: 12/03/2010.

Igreja Católica, deixa claro que o melhor remédio para combater a epidemia de AIDS é a “castidade”. Quando na verdade, dada a ainda inexistência de uma vacina, o acesso à Educação Sexual representa a única forma de combate efetivo da doença. Nesse sentido, a Igreja aspira por uma educação antisssexual. Se, no passado, os religiosos diziam simplesmente “não pode!” ou “está proibido!”, algo que não deu muito certo, pois, ao ouvir isso, os jovens se sentem desafiados e são naturalmente levados a fazer o contrário. Hoje, o discurso se sofisticou e o que é dito aos jovens é "Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém / Convém ser honesto, convém a verdade / Convém ser mais puro, convém castidade".<sup>129</sup>

A visão da sexualidade como algo reprovável não só é bem antiga como também se encontra em nossa "certidão de nascimento nacional", ou seja, na “*Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*” (1500), na qual o escrivão Pero Vaz de Caminha declarou ao rei de Portugal suas primeiras impressões sobre as nativas brasileiras:

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. (CAMINHA, site).<sup>130</sup>

O historiador marxista Eric Hobsbawm (1917 - 2012) em um texto intitulado “Revolução e Sexo”, defende, com muita propriedade, que, com exceção da dominação dos homens sobre as mulheres, não há relação entre “revolução política” e “revolução sexual”,

Atualmente vem se tornado bastante difícil até mesmo movimentar as campanhas contra a obscenidade, nas quais os editores e produtores de apoiaram por tanto tempo para obter publicidade gratuita. Para fins práticos, a batalha pela publicidade do que se relaciona a sexo já foi ganha. Mas isto aproximou mais a revolução social ou mesmo acarretou qualquer tipo mudança, fora da cama, da página impressa e do divertimento público (mudança que pode ou não ser desejável)? Não há qualquer sinal disso. Tudo o que trouxe,

<sup>129</sup> Cf.: ALENCAR, Walmir. Convém. In: Em Santidade - Ministério Adoração e Vida. Petrópolis: Paulinas, 2011. 1 CD. Faixa 2.

<sup>130</sup> Cf.: [http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/pero\\_vazcaminha/carta.htm](http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/pero_vazcaminha/carta.htm)

obviamente, foi uma abundância de manifestações públicas de sexo em uma ordem social que permaneceu inalterada. (HOBBSAWM, 2003, p. 218).

Embora a, assim dita, “Revolução Sexual” tenha apenas uma relação indireta com as revoluções políticas, sociais e econômicas, a repressão sexual tem funcionado, ao longo dos tempos, como um elemento de autoritarismo e controle social nas sociedades ocidentais, pois, caso contrário, esse assunto não interessaria tanto às igrejas cristãs (a católica, sobretudo) que nunca estiveram fora de sintonia com as classes locais mais economicamente favorecidas. Quem é reacionário do ponto de vista político tende a ser solidário, pelo menos, em termos de discurso, com o reacionarismo sexual. Aqui se está falando de ideologia e a ideologia é onipresente, eterna e não histórica<sup>131</sup>. E o discurso comunicativo é o que aqui interessa discutir, pois eventuais casos de retórica permeada pela hipocrisia existente não é o que este trabalho pretende abordar. Mais adiante, no subitem 4.2 desta tese intitulado “A experiência e a metodologia em aulas de Educação Sexual”, observar-se-á o poder político (em boa parte, ligado a Igrejas), ao fazer uso do discurso reacionário, tem intervindo ao longo dos tempos na busca pelo direito dos jovens de, pelo menos, sequer terem acesso a aulas de Educação Sexual. Além disso, sabe-se que o poder político do Vaticano sobre seus membros é exercido sobre padres solteiros, visando evitar problemas de herança para famílias. Àqueles que, em plena efervescência das décadas de 60 e 70, acreditavam que a “batalha” da liberação sexual já estava vitoriosa, mal sabiam eles que o neoconservadorismo de políticos, da burguesia cada vez mais ascendente, a eleição de papas mais conservadores que estimulam as novas comunidades católicas e o fim do socialismo como projeto de Estado que viria nas décadas de 80 e 90, onde até a epidemia de AIDS foi usada, em termos de discurso, como tentativa de refrear essa liberação sexual. Em termos de aspirações, a atual sociedade de consumistas e triunfalistas lembra muito mais sua congênere das décadas anteriores à contestadora década de 60 do que um desenvolvimento consequente. O texto “Revolução e sexo” de Eric Hobsbawm foi escrito em 1969 e, compreende-se, como uma crítica ao enlace que então

---

<sup>131</sup> Cf.: ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado, 4ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989, p. 82 a 85.

se estava fazendo da política com a liberação sexual. Segundo uma perspectiva daquela época, como não poderia deixar de ser, talvez ele estivesse correto, já que, era o que o contexto sociocultural permitia ver. É difícil fazer uma projeção, mas se o texto fosse escrito hoje, provavelmente, ele seria diferente, visto que a relação não seria tão indireta no nível que ele explicita em seu texto. Por obra das crescentes igrejas evangélicas e renovação carismática católica, pode-se dizer que se vive, hoje tempos sexualmente repressivos e, embora a influência desses grupos ainda não seja hegemônica a ponto de provocar retrocessos consideráveis em termos de direitos civis, eles já mostraram que possuem força para barrar projetos de leis inclusivos como a tão debatida “PL 122”<sup>132</sup>, cuja autoria é de uma professora de escola pública que exercia mandato como deputada. A filósofa Marilena Chauí define a repressão sexual nos seguintes termos:

A repressão sexual pode ser considerada como um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade, pois, como inúmeras expressões sugerem, o sexo é encarado por diferentes sociedades (e particularmente pela nossa) como uma torrente impetuosa e cheia de perigos – estar “perdido de amor”, “cair de amor”, “cair de amores”, ser “fulminado pela paixão”, beber o “filtro de amor”, receber as flechas do amor”, “morrer de amor”. As proibições e permissões são interiorizadas pela consciência individual, graças a inúmeros procedimentos sociais (como a educação, por exemplo) e também expulsas para longe da consciência, quando transgredidas porque, neste caso, trazem sentimentos de dor, sofrimento e culpa que desejamos esquecer ou ocultar. Temos, assim, um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo) sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História. Deslocamento que aparece com maior nitidez quando nos lembramos que reprimir, numa das acepções oferecidas pelos dicionários, significa ocultar, dissimular, disfarçar. Com efeito, a repressão sexual será tanto mais eficaz quanto mais conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual

---

<sup>132</sup> O Projeto de Lei da Câmara 122 de 2006 ou PLC 122/2006 ou ainda PL 122 como é mais conhecido é um projeto de lei apresentado pela então deputada Iara Bernardi (PT - SP). O objetivo do projeto é criminalizar a homofobia em nosso país. Ele prevê detenção de até 5 anos para quem criticar publicamente, por qualquer motivo, a homossexualidade. Mas para algumas entidades católicas e protestantes, o projeto fere tanto a liberdade de expressão, quanto a liberdade religiosa.

daquilo que está sendo reprimido (...). (CHAUÍ, 1984, p. 9 e 10).

A moral cristã até hoje impede que haja a desrepressão em uma escala que possa ser considerada benéfica aos propósitos educativos. Há publicações recentes que podem dar uma ideia sobre como atua de forma repressiva a mescla de religião e sexualidade, bem como quando esta é subjugada por aquela:

Meu pai morreu quando minha mãe estava grávida de mim. Ainda menino, quando minha mãe não estava em casa, eu vestia as roupas dela. Meu jeito ficou afeminado, e as pessoas passaram a me encarar como *gay*. Com o tempo, comecei a fazer sexo com outros meninos e homens. (...). No carnaval, eu me vestia de mulher e desfilava em escolas de samba. Eu era muito popular. Muitos de meus amigos eram *gays*, prostitutas e viciados em drogas. Alguns deles me influenciaram a experimentar *crack* e logo fiquei viciado. (...). Fiquei tão magro que as pessoas pensavam que eu estava com AIDS. (...). Por volta dessa época, conheci as Testemunhas de Jeová. Elas foram muito atenciosas comigo. Um dos textos que leram para mim foi Romanos 10:13, que diz: “Todo aquele que invocar o nome de Jeová será salvo”. (...). Ao continuar meu estudo da Bíblia, percebi que precisava fazer grandes mudanças. Abandonar a homossexualidade foi mais difícil, visto que esse estilo de vida fazia parte de mim desde que eu era bem novo. Algo que me ajudou foi mudar o ambiente. Rompi com minhas antigas amizades e parei de ir bares e boates. (...). Em 2002, eu já não praticava mais atos homossexuais e fui batizado como Testemunha de Jeová. (...). Nos últimos oito anos, tenho servido por tempo integral ensinando a Bíblia a outros. Confesso, porém, que houve ocasiões em que tive de lutar contra desejos impróprios. Mas o que me fortalece é saber que, por resistir ao impulso de ceder a eles, eu agrado muito a Jeová. (ARAÚJO, 2012, p. 19 e 20).

Pode-se facilmente observar no trecho acima, como o autor induz o leitor a relacionar assuntos que, a priori, são de searas diferentes ao dizer que “Muitos de meus amigos eram *gays*, prostitutas e viciados em drogas”. Outro aspecto que pode ser analisado é sobre como a repressão sexual atuou em seus desejos que ainda estavam (estão) de acordo com sua opção sexual: “Confesso, porém, que houve ocasiões em que tive de lutar contra desejos impróprios”.

Em uma entrevista paradoxalmente intitulada “Eu acredito no diálogo”, um líder religioso evangélico que também exerce mandato como deputado federal e que contraditoriamente também é presidente da “Comissão de Direitos Humanos e Minorias” da Câmara dos Deputados, diz:

O homossexual é uma pessoa. Como pessoa eu o respeito, eu tenho carinho por ele. Não pratico violência contra ele. Todavia, o ato eu não sou obrigado a aceitar. Isso não faz de mim alguém que o odeia. (FELICIANO, 2013, p. 20).

O discurso proferido pelo deputado nos permite entender que para ele a violência é um ato basicamente físico e que ao condenar publicamente os “atos” homossexuais para um público seguidor que se autodenomina como “fiel”, “crente” ou “ovelha” ele não estaria incitando violências (físicas, inclusive) contra pessoas que mantem relacionamentos sexuais com parceiros ou parceiras do mesmo sexo. A violência psicológica que o deputado quer impor e que já é imposta (inclusive, por muitos homossexuais) se traduz no sentido de que o homossexual até pode permanecer homossexual, desde que ele não assuma essa condição publicamente e seja celibatário.

Para a atual geração de jovens já foi feito, inclusive, um software chamado “X3watch”<sup>133</sup> para viciados em pornografia e que pode ser baixado de forma gratuita facilmente da internet. Ele foi criado por uma igreja<sup>134</sup> protestante americana cuja razão de existência é sua luta contra a indústria audiovisual pornô. O princípio de funcionamento do software é bastante simples: ao instalá-lo, ele salva, automaticamente, os nomes e endereços de todos os sites visitados pelo usuário do computador, inclusive, os de conteúdo pornográfico. Um amigo escolhido pelo usuário do PC recebe, a cada 30 dias as informações sobre o acesso. A ideia é que, ao constrangimento autoimposto somado a conversas do âmbito da moral cristã, sirva para coibir o acesso. Textos bíblicos são “atualizados” pelas igrejas protestantes nestes termos:

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois

---

<sup>133</sup> Cf.: <http://www.baixaki.com.br/download/x3watch.htm>

<sup>134</sup> Não é à toa que a igreja se chama “XXXchurch”. As três letras “XXX” é um código universal associado a sites e produtos pornográficos.

de vós mesmos” (1 Co 6.19).6.19 NOSSO CORPO É O TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO. Se somos cristãos, nosso corpo é a morada pessoal do Espírito Santo (ver Rm 8.9,11, onde vemos que o Espírito Santo é o selo de Deus em nós, mostrando que lhe pertencemos). Porque Ele habita em nós e pertencemos a Deus, nosso corpo nunca deve ser profanado por qualquer impureza ou mal, proveniente da imoralidade, nos pensamentos, desejos, atos, filmes, livros ou revistas. Pelo contrário, devemos viver de tal maneira que glorifiquemos e agrademos a Deus em nosso corpo (v. 20). (LIÇÃO 6 - MORDOMIA DA ALMA, site, 2012)<sup>135</sup>

Os jovens para os quais tais textos são dirigidos acabam por ser facilmente doutrinados por uma pregação que atrapalha não só o desenvolvimento psíquico, mas também educativo e sexual. E isso é ainda mais grave no sentido de que tais adolescentes serão, em grande parte, futuros pais. Um sectarismo religioso cada vez mais presente na vida das pessoas, sobretudo porque há muitos anos uma brecha<sup>136</sup> na legislação permitiu-lhes manter canais de televisão e estações de rádio para fazer proselitismo religioso. Hoje, essa influência é mantida e ampliada através dos recursos on-line oferecidos pela internet como redes sociais, blogs e sites multimídia, tão próximos dos jovens de qualquer lugar do país. Enquanto isso, salvo algumas exceções, o campo da educação mal descobriu as potencialidades da web. Por exemplo, todos sabem que, nos tempos atuais, a Wikipédia<sup>137</sup>, por suas peculiaridades próprias, é cada vez mais usada por internautas do mundo inteiro como fonte básica de informação e, até certo ponto, confiável. Inclusive, nos buscadores é muitas vezes o site que primeiro aparece quando se pesquisa um determinado assunto. Se alguém consultar o verbete da Wikipédia

<sup>135</sup> Cf.: [http://www.ebdweb.com.br/licoes/licao5\\_0403.htm](http://www.ebdweb.com.br/licoes/licao5_0403.htm)

<sup>136</sup> LIMA, Vinício A. de Lima; LOPES, Cristiano Aguiar. Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999 - 2004) - As autorizações de emissoras como moeda de barganha política, p. 10 – 15. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Coronelismo\\_eletronico\\_de\\_novo\\_tipo.pdf](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/download/Coronelismo_eletronico_de_novo_tipo.pdf). Acesso em: 23/03/2010.

<sup>137</sup> A Wikipédia (<http://wikipedia.org>) revolucionou o conceito de enciclopédia. Não apenas em relação ao formato, já que se encontra alojada na Internet, mas também quanto à elaboração e acessibilidade para os usuários. É gratuita e livre, e qualquer pessoa interessada pode colaborar para torná-la mais extensa. A ideia por trás desse ambicioso projeto é criar enciclopédias livres em todos os idiomas, graças à colaboração dos internautas. A Wikipédia tem esse nome graças ao Wiki (pronuncia-se “*wiquie*”). O qual é usado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou software colaborativo usado para criá-lo. Permitem que sejam editados coletivamente com uma linguagem de marcação muito simples apenas através da utilização de um navegador web. A expressão “*Wiki wiki*” significa “super-rápido” no idioma havaiano.

sobre Educação Sexual<sup>138</sup> (confira anexo 4), irá descobrir surpreso que a área da Educação Sexual possui quatro abordagens: “Abordagem Pedagógica”, “Abordagem Religiosa Tradicional”, “Abordagem Religiosa Liberadora” e “Abordagem Política”. Cada uma com suas características didaticamente explicitadas. Através da leitura do verbete, fica-se sabendo de absurdos como a Abordagem Religiosa Tradicional "liga a vivência da sexualidade ao amor de Deus e à submissão às normas religiosas oficiais", enquanto que a Abordagem Religiosa Liberadora "liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e ao próximo". Que seja, enquanto a primeira visão é incrivelmente absurda; a segunda visão é, apenas, absurda em se tratando do que se entende por um verbete que se pretende ser enciclopédico. Ainda há outro complicador: a irresponsabilidade ao afirmar que ao vincular o “sexo ao amor pelo parceiro, ao casamento e à procriação” a abordagem tradicional “valoriza a informação de conteúdos específicos da sexualidade (encarando-a, porém, como uma meta secundária)”. Nesse sentido, os autores anônimos que infiltraram tais informações em um verbete coletivamente construído sobre sexualidade humana em uma enciclopédia on-line largamente acessada (sobretudo por estudantes) prestam dois desserviços à sociedade: O primeiro é que contribuem para que jovens que se sentem identificados com a fé religiosa e em situação de risco não se informem sobre sua sexualidade e sobre métodos que possam impedir uma gravidez indesejada e o contágio por DST. O segundo desserviço, muito em voga no debate falacioso que se tem travado nos últimos tempos em torno do Criacionismo X Evolucionismo, é a confusão que se está fazendo nesse verbete em questão da Wikipédia ao misturar informações científicas (educativas) com religiosas (místicas). A quem isso interessa? Alguns autores da área de Educação Sexual veem, nas igrejas, um papel relevante a desempenhar com relação ao tema:

A mais importante contribuição da Igreja nesta área reside no desenvolvimento de conceitos corretos a respeito da moral sexual, do casamento e da educação dos filhos. Muitas igrejas estão dando cursos e propiciando discussões em grupo sobre a vida familiar e o ajustamento sexual tanto para jovens como

---

<sup>138</sup> EDUCAÇÃO SEXUAL. Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação\\_sexual](http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação_sexual). Acesso em: 11/06/2011.

para adultos, cursos que podem ter uma grande influência na sua vida futura. (MATARAZZO; MAZIN, 1988, p. 14).

Antes de qualquer coisa, é preciso dizer que a Educação Sexual abrange um campo muito mais vasto do que apenas o sexo na “vida familiar”. Além disso, o que vem a ser exatamente “moral sexual” e “ajustamento sexual”? Por tudo isso, das instituições sociais – família, as igrejas, a comunidade, a mídia, o governo e a escola – é provável que, apenas, as igrejas devam ficar fora dessa tarefa de serem também responsáveis pela Educação Sexual dos jovens. Pelo menos, no que concerne ao reconhecimento desse papel por parte do Estado que for, de fato, laico, já que o elemento religioso (mitológico) trazido pelas mais diversas religiões, não chega, sequer, a ser neutro, ele funciona, em boa parte, apenas como distorção e deseducação.

A utopia religiosa não visa a sua concretização na Terra, mas sim em um “além”. Portanto, ela é espiritual, seja através de reencarnações ou da ideia de paraíso após a morte. É uma utopia reacionária, porque a ideologia que a criou atua no sentido de acomodamento das lutas sociais por uma vida melhor aqui e agora.

No passado, a informação sobre a sexualidade não era difundida porque “a juventude era ignorante ou porque seu saber era parcialmente inexato ou porque ela atribuía um valor muito negativo à sexualidade, mas somente para poder melhor combater a auto-satisfação” (USSEL *apud* WEREBE, 1998, p. 161). Em um manual sobre Educação Sexual popular entre os professores na década de 70, diz sobre pornografia:

O professor poderá sentir-se extremamente chocado ao descobrir que certos alunos andaram escrevendo e fazendo circular estórias pornográficas, que revelam um grau de conhecimento e sofisticação muito surpreendente para alunos relativamente tão jovens. A idade em que isto tem maiores probabilidades de acontecer vai dos doze aos quinze anos, mais ou menos. A natureza sumamente infeliz e depravada dessas produções merece, de fato, reprovação. Seus efeitos sobre outras crianças podem ser desastrosos. Entretanto, o seu autor é geralmente uma criança que vem de ambientes conturbados e utiliza-se desse tipo de vazão para expressar um pouco de sua infelicidade e cólera. Essas crianças necessitam de apoio e compaixão. Poderá haver outros sinais

de perigo e a criança talvez esteja precisando de ajuda especializada. (DAWKINS, 1970, p. 89).

Discurso moralista ou pseudocientífico sobre sexualidade não é algo novo. Há hoje toda uma crítica com origem no pensamento reacionário a uma suposta supererotização da sociedade. Inclusive obras como “Pornificados - Como a Pornografia está transformando a nossa vida, relacionamentos e famílias”<sup>139</sup>, onde a autora observa com repulsa que cada vez mais homens casados passam madrugadas acessando sites pornográficos e que há cada vez mais jovens que querem que suas namoradas se comportem como o que ela chama de atrizes pornô. Bem, nesse ponto, questiona-se: a nossa sociedade está ficando erotizada como defende alguns autores ou ela sempre foi erotizada e, nos últimos tempos, vem, paulatinamente, perdendo a repressão sexual que foi imposta ao longo dos séculos por instituições como igreja, família, governos? Inclusive, essa “desrepressão” vem se acelerando nos últimos tempos graças ao advento da internet que dá amplitude aos anseios sexuais humanos. Assim sendo, será muito mais revelador uma problematização sobre o que tem motivado pessoas como a autora do livro acima citada a pensar que se está em uma fase de hipererotização (algo que parece óbvio) da sociedade contemporânea? Em seguida, um questionamento parece oportuno: por que tais pessoas têm se incomodado tanto com isso? São políticos conservadores, religiosos puritanos, hipócritas ou simplesmente são pessoas sexualmente reprimidas? Se a sociedade ocidental não fosse historicamente tão reprimida, algo que, em grande parte, é proveniente do Cristianismo, certamente a “indústria pornô” presente em inúmeras revistas, sites, livros e filmes, não teria tanta força e possivelmente não viveríamos em um ambiente tão “pornificado”. Um indício disso são as sociedades indígenas brasileiras. A simplificação é um risco, mas não parece que há tantos índios interessados em pagar para ter acesso a revistas com fotos de índias nuas.

Para este trabalho, é importante falar sobre a pornografia porque ela perpassa todos os grupos sexuais existentes (heterossexuais, homossexuais,

---

<sup>139</sup> Cf.: PAUL, Pamela. Pornificados - Como a Pornografia está transformando a nossa vida, relacionamentos e famílias, São Paulo: Cultrix, 2006.

bissexuais) da humanidade e está ao alcance ou é consumida, em maior ou menor escala, por praticamente todas as faixas etárias dos dois gêneros (masculino e feminino). Ademais, ela representa um forte indício da repressão sexual, pois, quanto mais repressiva é uma sociedade, mais é suscetível à pornografia.

A pornografia é tão antiga quanto a própria humanidade. Basta observar algumas pinturas rupestres deixadas nas cavernas e pichações que eram feitas nos muros da Roma Antiga. Recentemente, fez um certo sucesso, na internet, alguns filmes pornô antigos: um alemão de 1910 chamado “*Die Klein Gefahren*” (“Pequenos perigos”) e outro americano sem título de 1925, cujas atrizes eram, já naquela época, arregimentadas nos círculos da prostituição. Os dois filmes mudos mostram, no caso do alemão (6min14s), um homem andando pelo mato até o momento quando ele encontra e transa com duas mulheres ao mesmo tempo, enquanto o americano (7min17s) com direito a um roteiro rudimentar e às legendas típicas das produções mudas da época, retrata um casal de classe média chegando em casa de carro e transando no jardim após um breve piquenique. No caso da produção americana, há até o uso de preservativo por parte dos atores.

Todos sabem que o cinema pornô tem alimentado a fantasia dos seres humanos praticamente desde os primórdios do próprio cinema. Com o passar dos anos, os filmes pornô que, antes, eram vistos em cinemas passaram a ser vistos em casa graças ao advento e à popularização das fitas em VHS. Com a internet, todos acompanharam a incrível invasão do cinema pornô em milhões de lares pelo mundo afora graças aos incontáveis *downloads* de filmes que têm baixado em uma velocidade cada vez mais rápida graças a tecnologias que têm proporcionado um constante alargamento de banda. A procura por produções relacionadas a sexo é tão grande, isto é, a busca pela “desrepressão” é ainda tão grande, que ambientes de hospedagem gratuita de vídeos como o YouTube, serviram de inspiração para a criação de um ambiente específico para produções pornô (amadoras ou não) chamado não sem propósito de PornoTube<sup>140</sup>. Inclusive até em uma enciclopédia colaborativa on-line, inspirada no layout na Wikipédia e especializada em

---

<sup>140</sup> Cf.: <http://www.pornotube.com>

pornografia de modo geral chamada Wikiporno<sup>141</sup> ou em, apenas, seios chamada de Boobpedia<sup>142</sup>.

Se hoje, graças à internet e à TV paga, a pornografia está mais farta, anônima, barata e facilmente acessível como nunca foi antes e se as “sex shops” (lojas de artigos eróticos) estão cada vez mais numerosas e frequentadas como nunca, e, ainda, se a pornografia está cada vez mais presente na música, no cinema, na televisão e nas publicações impressas, é porque, atualmente, há uma enorme quantidade de pessoas querendo ter acesso a esse material e, para obtê-los, elas estão dispostas a utilizar os mais diversos meios. Assim, o que se pode dizer é que a tecnologia capitalista não inventou a pornografia; ela, apenas, conferiu amplitude a uma reação humana, embora frequentemente velada, à repressão sexual. O que não é pouco.

Da mesma forma que a repressão religiosa, ao longo dos tempos, não tem impedido que muitos casais adultos que se denominam como católicos consumam material pornográfico, ela também não tem impedido que eles façam uso regular de métodos contraceptivos, apesar de todos os esforços em sentido contrário. Portanto, ela não representa, para os adultos, um problema tão grande quanto representa para os jovens, visto que cresce, cada vez mais, o número de jovens que se tornam pais cada vez mais cedo; uma das razões é a pressão que os grupos religiosos exercem sobre as escolas que impedem que elas possam formular tranquilamente seus planejamentos para as aulas de Educação Sexual, nas quais esses jovens em fase ainda educacionalmente formativa tenham acesso adequadamente a informações seguras sobre sua sexualidade e sobre anticoncepcionais.

Uma cartilha distribuída, em algumas *lan houses* pelo país, dá a seguinte orientação a pais e jovens no que concerne ao uso da internet: “Não acesse sites de conteúdo adulto ou que contenham pornografia, eles também podem ter links cheios de vírus. Uma boa dica é visitar sites sobre saúde e sexualidade.” (ABCID, 2008).<sup>143</sup> A pretensão da cartilha tem motivações ingênuas, pois se destina a ser solenemente ignorada pelos jovens em plena

---

<sup>141</sup> Cf.: <http://www.wikiporno.org>

<sup>142</sup> Cf.: <http://www.boobpedia.com>

<sup>143</sup> Cf.: Internet: Dicas e orientações. Disponível em: [www.cdipr.org.br/cartilha](http://www.cdipr.org.br/cartilha). Acesso: 23/08/2008.

“ebulição hormonal” típica da idade. Isso lembra que, em se tratando de educação, não se pode partir das condições supostamente ideais dos alunos, mas sim das reais. Dessa forma, coibir o livre acesso à internet não representa uma solução real para um problema que se pretenda que vá além das aparências de solucionabilidade. Do contrário, os jovens apenas aperfeiçoarão as estratégias para burlar a repressão da família e dos educadores. É, então, nesse sentido, que o discernimento, para os jovens, representa algo mais eficaz do que a repressão. Por isso, é bom lembrar o que diz Andrade sobre cerceamento da liberdade no ambiente escolar:

Se você está preocupado sobre o uso que se faz da liberdade, não a restrinja. Eduque. Pois, quando aprendemos a ler, aprendemos a ler não só o que é bom, mas também o que é ruim. E isso não é motivo para deixar alguém analfabeto. (ANDRADE, 2007, site).

Ora, “ultrapassar” por definição é “passar à frente”. Sendo assim, aqui parece óbvio que não é possível desreprimir sem que sejam superados antigos preconceitos, tabus e subjugações aos quais as mulheres e outros grupos são submetidos. Mas a liberdade não é realmente liberdade se não vier acompanhada de conhecimento de causa.

Grande parte das meninas é preparada, ao longo de gerações, para desempenhar o papel de donas de casa e de mães; basta ver a relação delas com suas bonecas para se comprovar isso. Sendo assim, é inconcebível, para boa parte delas manter relacionamentos amorosos que, desde o princípio, esteja claro que não levará ao casamento, o qual é bom que seja contraído com um homem capaz de assumir o papel de provedor da família. Um exemplo disso é observar que há uma comunidade no Orkut chamada “Eu sou pra casar”<sup>144</sup> (com mais de 20 mil membros) e outra (com quase 10 mil membros) chamada “Eu sou REALMENTE pra casar”<sup>145</sup> (assim mesmo com o “realmente” em letras maiúsculas para torná-las ainda mais enfáticas e não

<sup>144</sup> Cf. comunidade “Eu sou pra casar”:  
<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=4534929>

<sup>145</sup> Cf. comunidade “Eu sou REALMENTE pra casar”:  
<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=98962053>

deixar qualquer sombra de dúvida). É desnecessário informar que a quase unanimidade dos membros dessas comunidades é constituída por mulheres.

Sabe-se que a situação de submissão da mulher é uma história longa e tem acompanhado a humanidade ao longo do seu desenvolvimento. Não é propósito deste trabalho detalhar esse assunto, mas basta lembrar dos “cintos de castidade” medievais, da própria cerimônia de casamento católico em que a noiva, vestindo branco como sinal para o público de sua virgindade, passa diretamente da mão do pai para a mão do noivo em uma tradição que ainda hoje se mantém. No Brasil do período colonial e imperial, o poder político da sociedade patriarcal exercia forte influência sobre o gênero feminino e sobre sua sexualidade:

Diante de uma concha perversa em isolamento feminino, o sistema tratou de minorar os frutos perniciosos derivados da supremacia do patriarca. Defendeu abertamente a prática do confessorário, veículo restaurador da ordem social e psicológica do grupo. As mulheres foram suas maiores usuárias – motivos não lhes faltavam. Frequentemente assíduas por carregarem culpas que a própria história do patriarcalismo fortaleceu ou procurou justificar. Culpas e mais culpas...somente a bênção do padre poderia apagar. E o confessorário congregava vantagens irrefutáveis: o segredo religioso trazia a marca do respeito e da confiabilidade. Aliás, um sigilo que se queria eterno. Do mesmo modo, ninguém ia ao confessorário para declamar virtudes. Esperavam-se faltas, transgressões, recalques, pensamentos licenciosos...pecados. Os atenuantes eram muitos. Os pecados, também. Afinal, para os terríveis vícios, nada mais eficaz do que as penitências institucionalizadas. Assim, limbos terrestres seriam proclamados, isto é, lugares onde os recursos da assepsia se instalavam com poderes invioláveis de verdadeiras faxinas morais. Ali, tudo se permitia. Inclusive pecar. Monopolizaram, tais conversas secretas, uma insígnia redentora: a de lavagem espiritual, no sentido do termo. Descarga de máculas e impurezas. Alívio exterior. Tiveram uma função relevante na condução do equilíbrio feminino. (QUINTAS, 2008, p. 90).

Não se deve esquecer também da negação de direito a voto por tantos séculos às mulheres, os baixos salários que recebem até hoje, mesmo que executem o mesmo trabalho que os homens, ainda, e a situação de jugo que, até hoje, persiste através dos incontáveis casos de assédio sexual que as

mulheres sofrem todos os dias ao redor do mundo, dos quais pouquíssimas têm efetivamente meios para se defender. Pouco a pouco, elas vêm conseguindo trilhar o caminho da emancipação. Inegavelmente o advento das ideias anarquistas e socialistas representou um importante avanço. É bom lembrar que, embora tenha sido para efeitos publicitários, em 1963, foi uma operária soviética (Valentina Tereshkova) a primeira mulher a ir para o Espaço. Sobre a situação da mulher e o que o governo soviético fez para melhorá-la, assim se expressa Lênin ainda em 1919:

Na república burguesa (isto é, onde existe a propriedade privada da terra, das fábricas, das ações etc.) ainda que se trate da república mais democrática, a mulher não tem sido plenamente equipada em direitos em nenhuma parte do mundo, em nenhum país, nem mesmo no mais avançado. E isso apesar de haver transcorrido mais de um século e um quarto desde a Grande Revolução Francesa (democrática burguesa). Em palavras, a democracia burguesa promete igualdade e liberdade. Mas, de fato, as repúblicas burguesas, por mais avançadas que sejam, não têm dado à mulher, que constitui a metade do gênero humano, plena igualdade com o homem ante a lei nem a tem liberado da tutela e da opressão do homem. (...). Em dois anos, em um dos países mais atrasados da Europa, o Poder soviético tem feito em favor da emancipação da mulher, de sua igualdade com o sexo “forte”, o que não tem feito em cento e trinta anos todas as repúblicas avançadas, ilustradas e “democráticas” do mundo, tomadas em conjunto. Instrução, cultura, civilização, liberdade: em todas as repúblicas capitalistas e burguesas do mundo, estas pomposas palavras vão unidas a leis inauditamente infames, repugnantemente sujas, brutalmente grosseiras que reforçam a desigualdade da mulher; leis como a de direito conjugal e o divórcio, a da desigualdade de filho natural e o “legítimo”, a dos privilégios para o homem e a humilhação e o ultraje para a mulher. (LÊNIN, 1980, p. 75-77).<sup>146</sup>

O filme “Um dia muito especial” (“*Una Giornata Particolare*”, dir. de Ettore Scola, 1977) se passa em um único dia em um condomínio quase deserto, quando Antonietta (Sophia Loren) uma solitária dona de casa se encontra, por acaso, pela primeira vez e dialoga com Gabrielle (Marcello Mastroianni) que tinha sido demitido, recentemente, da rádio onde trabalhava por ser homossexual. Nesse dia, grande parte da população (inclusive a família

<sup>146</sup> LÊNIN, Vladimir Ílitch. O poder soviético e a situação da mulher. In: Sobre a emancipação da mulher. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

e o marido fascista de Antonietta) vai a um grande desfile militar em homenagem a Adolf Hitler que, em visita a Roma, se encontrava com Benito Mussolini para selar a união política que, no ano seguinte, levaria o mundo à 2ª Guerra Mundial. Antonietta, de uma forma um tanto quanto ingênua, também era fascista e flagra Gabrielle vendo seu álbum de fotos de Mussolini no momento quando ele lê uma legenda que os leva a travar o seguinte diálogo:

Gabrielle: - “Inconciliável com a fisiologia e a psicologia feminina, o gênio é só masculino”. Concorda com isso?

Antonietta: - Claro que concordo. Por quê? São sempre os homens que enchem os livros de história. Não é?!

Gabrielle: - Sim. Talvez até demais! É por isso que não há espaço mais ninguém. Muito menos para as mulheres.

Antonietta: - Na verdade, você é bem complicado.

Gabrielle: - Minha mãe, por exemplo, não era um homem, mas era um gênio. Escrevia, pintava, trabalhava como contadora. Era ela que tocava a casa, não era meu pai. Tomava todas as decisões. A única decisão que meu pai tomou foi a de sair de casa. Era uma grande mulher, mas não soube manter o marido...ou talvez não quisesse mantê-lo. (Um dia muito especial DVD, 1977)<sup>147</sup>

Nas atuais sociedades capitalistas, o problema da emancipação feminina passa pela questão de sua própria autonomia financeira. É muito difícil ter direitos quando se depende inteiramente dos proventos recebidos pelo marido. O problema é que, seguindo uma extraordinária estratégia manipulatória, as muitas mulheres contemporâneas querem ter direito aos bônus da emancipação (direito a voto, assento nos parlamentos, salários iguais aos homens), mas não o ônus (pagar as contas).

Em uma análise das relações humanas, não se pode deixar de notar o viés fortemente ideológico como modo de ver o mundo de um determinado grupo social, em que se espera por parte de cada pessoa, mediante seu sexo (papel de gênero), que ela desempenhe esse ou aquele papel.

Não faltam referências culturais que falam do poder masculino sobre o feminino, da figura da mulher como um objeto, propriedade ou um adereço do qual os homens podem (ou não) se envaidecer perante seus congêneres. Homens que são educados para ser super-heróis e não para ser “homens que sangram” (homens comuns), postura que só vai lhes criar muitos problemas de

<sup>147</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 00:57:36 - 00:59:03

relacionamento no futuro. Quase todo mundo tem na mente a figura estereotipada do homem das cavernas puxando sua mulher pelos cabelos e filmes como “Coração valente” (1995) que faz referência a um costume medieval em que o senhor do feudo tinha direito a manter relações sexuais com todas as mulheres que se casavam antes mesmo do marido destas. A Bíblia cristã diz que “Foi pela mulher que começou o pecado, e é por causa dela que todos morremos”. (Livro do Eclesiástico 25:33) e “Se ela não andar sob a direção de tuas mãos, ela te cobrirá de vergonha na presença de teus inimigos”.(Livro do Eclesiástico 25:35). Relatos históricos fazem referência a um costume da Bolívia que data da época de sua colonização:

Certa vez, um grupo de espanhóis resolveu realizar uma grande festa, convidando os aborígenes para a confraternização. Estes acorreram, prazenteiros, ao singular convite. A festa penetrou noite adentro, com fantasias, fogueiras e gritaria que de longe se faziam notar. Lá pelas tantas, alguns fogosos rapazes empanaram o brilho da noitada ao raptarem as jovens com que simpatizaram. Ora, não se sabe como e por que, a tal festa foi institucionalizada por vontade popular, a ponto de, todo ano, ocorrer o tradicional “rpto” de moçoilas, agora, certamente com a aquiescência destas...A alegria acabou quando um severo bispo proibiu, terminantemente, a realização de novos festivais. (ACQUAVIVA, 1980, p. 19)<sup>148</sup>

Não se vive, atualmente, em uma situação de liberdade sexual em um nível tal que muitas pessoas da Geração de 68 achavam que se viveria. Muito menos somos hoje os filhos e netos sonhados por aqueles que participaram da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Vive-se em uma espécie de limbo que ora é liberal, ora é conservador. Somos o resultado de uma dialética sexual que foi sendo construída ao longo da história. Isso não impede que nasçam conceitos absurdos de mulheres que desejam se manter virgens para o casamento, mesmo sabendo elas que não conseguirão escapar da “tentação da carne”. E qual, então, o “jeitinho” que elas encontraram?! Acreditam que se manterão castas, para seus futuros maridos, se elas praticarem apenas sexo anal com seus namorados. Como se, apenas, a perda do hímen caracterizasse

---

<sup>148</sup> Cf.: ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. Lendas e tradições das Américas – Arqueologia, etnologia e folclore dos povos latino-americanos, 2ª edição, São Paulo: Hemus Editora. 1980

a perda da virgindade. Somados a essas distorções da lógica, todos convivem com pessoas tão liberais a ponto de praticar o *swing*, no qual vários casais trocam de parceiros e casais que, por motivos religiosos, são constituídos e mantidos de uma forma medieval, para os quais a liberação sexual das décadas de 60 e 70 simplesmente não influenciam, pelo menos em nível das aparências sociais. É o caso dos religiosos mais conservadores. Como se pode constatar abaixo:

Quando um membro desta Obra de Deus sente-se vocacionado ao namoro partilha com o seu formador sobre os seus sentimentos. Este, por sua vez, acompanha mais de perto o casal e o orienta a enviar uma carta para o Conselho da Comunidade a fim de pedir permissão para o namoro. “Assim como pedimos para os nossos pais para namorar ou para tomar determinadas decisões, os missionários também pedem para o Conselho da Canção Nova. A Comunidade é uma família”, explica o Formador Geral, diácono Nelsinho Corrêa. Se aprovado pelo Conselho, o casal começa a fazer o caminho de namoro para verificar se o sentimento é mesmo amor de homem para mulher ou de amizade. “Este caminho é realizado porque temos um cuidado com o amor humano, logo que a nossa meta é constituir famílias sólidas, santas e que vivam o Evangelho. A base do casamento é o namoro, assim, um namoro bem vivido dará um casamento frutuoso”, conta a Formadora dos namorados e noivos, Fabiana Azambuja. Logo depois desta etapa, começa a formação específica para os namorados, que acontece semanalmente, com duração de uma hora. Dentre os temas trabalhados nesta formação, estão: por que namorar na Canção Nova; onde quero chegar com o namoro; e como ser um casal de namorados referência. Além disso, eles renovam os seus conhecimentos sobre os princípios de Vida da Comunidade, só que dentro da realidade do namoro. Para trabalhar estes assuntos, os formadores se embasam nos estatutos e documentos desta Obra de Deus; e no Catecismo da Igreja. O tempo de duração do namoro varia de casal para casal. (CANÇÃO NOVA, 2009, site).<sup>149</sup>

É estranho saber que muitas pessoas correm o risco de ter seus “pedidos” de namoro aceitos ou negados não pela outra pessoa em questão, parte diretamente interessada no pedido, mas por uma terceira pessoa ou conselho constituído que tem poder de veto sobre o destino do casal. E a esse esquema todos se entregam até certo ponto de forma voluntária, pois, de uma

---

<sup>149</sup> Cf.: <http://comunidade.cancaonova.com/namorados/>

forma ou de outra, suas decisões estão sendo influenciadas por sua ideologia, e não absolutamente obrigatória como ocorria no passado. São, portanto, pessoas que, assustadoramente, se entregam, de forma voluntária, às “trevas medievais” em pleno período francamente pós-iluminista. Nesse sentido, são estimuladas através de meios de informação como estações de rádio, TV, sites e até chips<sup>150</sup> para celular 24h dedicados à doutrinação. Isso tudo lembra, ironicamente, que padres não deveriam aconselhar sobre sexo, assim como políticos não deveriam dar conselhos sobre ética.

Não constitui novidade dizer que, ao longo dos séculos, o *status quo* das instituições sociais (religião, governo, família e etc) tem tentado dar aos homens e às mulheres uma linearidade comportamental que não faz parte de nossa essência. A novidade reside na amplitude (impulsionados por um pretenso anonimato) que não só os meios tradicionais de informação, como também os novos meios como os ambientes de internet (chats, redes sociais on-line, blog, fórum, webcam) têm atribuído a comportamentos reprimidos pela sociedade que, em essência, estão muito mais próximos dos chimpanzés Bonobos do que daqueles idealizados pelas instituições religiosas. Alguns estudiosos dos comportamentos humanos, nos ambientes virtuais diriam que essa disparidade de comportamento possível de ser encontrada em uma mesma pessoa é um indício de que os usuários desses ambientes virtuais têm assumido “*personas*”, em uma referência ao conceito da Psicologia Analítica relativa à função psíquica relacional voltada à busca pela adaptação ao mundo social externo. Nesse sentido, sabe-se que comportamentos díspares já são, naturalmente, encontráveis desde os primórdios da humanidade, pois essa estratégia da “máscara” constitui uma estratégia de defesa perfeitamente normal na nossa vida em sociedade. É aquilo que na linguagem coloquial, comumente chamamos de “duas caras”. Mas existem autores, sejam teóricos das novas mídias ou jornalistas, que ainda não entenderam que eles estão atribuindo, como uma novidade advinda da internet, comportamentos já perfeitamente encontráveis em qualquer sociedade humana há muito tempo:

---

<sup>150</sup> Cf.: <http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=274129>

Há uma semelhança muito grande, acho, entre o ambiente de um reality show e o Twitter. Ambos são espaços de representação, onde cada pessoa se esforça na construção de um perfil, com o qual pretende se relacionar com os demais. Como no BBB, no Twitter sempre aparece alguém que garante estar sendo totalmente transparente, que jura não estar representando nada. (STYCER, 2010, site).<sup>151</sup>

Interpretações equivocadas como as citadas acima, resultam em toda uma gama de mistificações funcionalistas que, com o passar dos anos, devido ao grande poder de amplitude dos meios de informação, vão ficando cada vez mais difíceis de contrariar visto que caíram no senso comum.

Essa estratégia de sobrevivência da máscara também não pode ser confundida com algum tipo de transtorno de personalidade, como se as pessoas no momento em que estão imersas em algum dos ambientes da internet assumissem essa ou aquela personalidade de acordo com a conveniência do momento. Esse é mais um indício de que o advento da internet não criou nada de novo, mas tem conferido amplitude ao que sempre existiu nas sociedades humanas. Assim, na verdade, cada “*persona*” que alguém use na internet para imprimir visibilidade, nada mais é do que uma simulação de como ela quer ser vista ou a nossa verdadeira personalidade sendo mostrada através da perda de superego e sem o ônus social de quem revela sua própria identidade.

Se, antes, quando o problema da Pedofilia ainda não era um assunto corrente nos bate-papos, os comunistas eram rotulados de “comedores de criancinha” (literalmente); nos dias de hoje, os comunistas costumam ser estereotipados como “dinossauros”, “sonhadores” ou “românticos”. E toda simplificação, ao mesmo tempo que se fecha para a dialética, representa uma porta de entrada para o Fascismo. Mas o que é ser romântico no sentido empregado pela simplificação em questão? Significa uma forma “politicamente correta” para se tachar os comunistas como “alienados”<sup>152</sup>, curiosamente um

---

<sup>151</sup> Cf.: STYCER, Maurício. Tomara que Boninho não tenha acreditado no que viu no Twitter. Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/bbb/mauricio-stycer/2010/01/05/ult9869u1.jhtm>. Acesso em: 06/01/2010.

<sup>152</sup> Alienação: Um dos conceitos centrais do Marxismo, a Alienação representa a ação, estado ou processo pelo qual um indivíduo, grupo, instituição ou sociedade se torna ou permanece alheio. Alienado, o ser humano se afasta de sua real natureza, torna-se estranho a

adjetivo que servia para a esquerda dos anos 60 e 70 rotular os reacionários de direita. Mas a questão pertinente é: Quem é realmente que se aliena? Quem analisa os processos históricos como um todo (os libertários) ou aqueles que analisam a História de forma fragmentada (os reacionários)? Um bom exemplo de como a utopia é permeada pela dialética pode ser percebida em uma frase do ativista político britânico William Morris (1834 - 1896) quando ele escreveu em um dos seus poemas<sup>153</sup> "Entre na batalha. Nela ninguém perde. Mesmo para aquele que perde, seus feitos ainda prevalecem." [tradução nossa], (MORRIS, site)<sup>154</sup>.

Os problemas que a humanidade ainda enfrenta, sobretudo, a parte mais pobre, lembram que as ideias socialistas não foram superadas. Na verdade, elas conservam seu potencial rebelde e a vivacidade apenas propiciada por aquilo que ainda não foi superado. E isso é facilmente observável por todos aqueles que veem a História como um todo, como uma longa busca do ser humano pela sua emancipação e não apenas sob a perspectiva oportunista de quem olha a História "esquartejada" em períodos específicos. Assim, para se ter uma visão o menos ingênua possível, é preciso que se cultive uma visão dialética dos processos históricos. É justamente por isso que o fim da União Soviética e do regime socialista nos países do leste europeu não impede que o marxismo continue a ser a perspectiva mais correta pela qual se pode interpretar nossas relações sociais, econômicas e políticas, pois a problemática marxista ainda é absolutamente contemporânea quando se estuda a sociedade. A experiência socialista, nesses países, representou apenas, mais um capítulo da história da humanidade em busca da emancipação. Tal como um dos capítulos anteriores que entrou para a História com o título de "Comuna de Paris" (1871) e voltando mais ainda no tempo, nos depararemos com outro capítulo denominado "Revolução Francesa" (1789) quando a ação consciente dos homens quis mudar a História. Cada um faz

---

si mesmo na medida em que já não controla sua atividade essencial (o trabalho), pois os objetos que produz, as mercadorias, passam a adquirir existência independente do seu poder e antagônica aos seus interesses.

<sup>153</sup> Cf. original: "*Come, join in the only battle / wherein no man can fail, / Where whoso fadeth and dieth, / yet his deed shall still prevail.*"

<sup>154</sup> MORRIS, William. *The Day Is Coming*. Disponível em: <http://www.poemhunter.com/poem/the-day-is-coming-2/>. Acesso em: 25/06/2010.

lembrar que ainda há ideais grandiosos pelos quais vale a pena viver e morrer. A política não é algo episódico, mas sistêmico, está sempre em processo.

O conceito de utopia, do ponto de vista libertário, está diretamente ligado ao anseio pela práxis desse conceito. Segundo essa perspectiva, o fervor revolucionário tende sempre a se alastrar. Mas derrotas temporárias não devem desanimar e reduzir o fervor desse movimento ideológico, pois há, nos movimentos contestatórios, geralmente a crença de que, em breve, seja no ano seguinte, em vinte anos ou em duzentos anos, a revolução irá triunfar. Assim, está estabelecido como parte da História futura a ser mudada. As derrotas momentâneas devem ser recebidas como vitórias, já que pois um primeiro passo foi dado e que o esforço e, muitas vezes, sacrifício para transcender os percalços que aparecem pelo caminho faz parte daqueles que se propõem a mudar para melhor os rumos da História, da qual somos senhores acima do destino, do puro acaso ou dos desígnios religiosos. Como nos diz a célebre 11ª Tese de Marx sobre Feuerbach (1845) "Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é *transformá-lo*." (MARX, 2007, p.539)<sup>155</sup>. Para gerações e gerações de revolucionários que nos antecederam, o desafio sempre foi não só tomar o poder, mas também ser capaz de mantê-lo.

Mas, ao longo da História, cada um teve suas características próprias de Ação Direta: paralelepípedos que foram passados de mão em mão para a construção de barricadas, distribuição de espadas e, depois, fuzis para os insurgentes, coquetéis molotov e pedras passadas das mãos de estudantes para as mãos de outros estudantes que, por sua vez, as arremessavam. Como cada "munição" é aproveitada sempre dentro de um contexto local, onde cada um segue as necessidades de seu tempo, não seria estranho se imaginar que o intercâmbio de arquivos de áudio, imagens, vídeo e textos digitais, sobretudo através da internet, representa, para a nossa geração atual, o que foram as pedras para as gerações que nos precederam. Certamente, sempre haverá as forças antagônicas dispostas a restabelecer a ordem vigente, mas a resistência, enquanto imperativo ético e político daqueles que lutam pela

---

<sup>155</sup> Cf.: MARX, Karl; ENGELS, Frederick, A ideologia alemã, 1ª edição, São Paulo: Boitempo Editorial. 2007.

emancipação humana, vai continuar acontecendo da mesma forma, ou seja, através da solidariedade.

Por tudo isso, o reacionarismo, por suas intrínsecas características opressivas, pode ser considerado uma “distopia”, “antiutopia” ou “utopia negativa”, por representarem antíteses de utopia. Em termos do campo educacional, são diatópicas por seu conteúdo pessimista, as visões da escola como um espaço apenas para formação e, por seu conteúdo moral, a de que há assuntos tabus que nela não devem ser debatidos, como, por exemplo, a sexualidade humana. Dialeticamente, da mesma forma que o advento da escrita trouxe também o surgimento de analfabetos (ANDRADE, 2009, site), pode-se dizer que o nascimento da utopia, enquanto expectativa eterna, também foi acompanhada pelo aparecimento da distopia. Mas, ideologicamente, os críticos da utopia se negam a acreditar que a educação representa a crença no ser humano em se aperfeiçoar com vistas a sua emancipação. Nesse sentido, pode-se dizer que a educação só existe graças à utopia.

A instrumentação<sup>156</sup> e a reflexão crítica sobre o meio que nos cerca por parte de educandos, educadores ou qualquer pessoa em benefício da qualidade de sua educação propiciam um maior número de conjecturas cognitivas que nos possibilitam a realização de inovações com um maior nível de originalidade. É por isso que para ANDRADE (2007, site) a educação, representa ao longo dos séculos a crença de que o ser humano é capaz de se aperfeiçoar:

Bem no início da aventura humana, quando começamos a desenvolver uma forte consciência individual e social, quando começamos a dividir os poucos recursos, quando começamos a associar o prazer a um rosto e descobrimos a longa e duradoura dor da perda, quando começamos a conversar e a partilhar todas as nossas lembranças; começamos a sonhar com um tempo e um lugar em que pudéssemos amar sem cuidados, cevar nossos filhos sem grande esforço, e assim viver longa vida. Enquanto vivíamos sonhávamos, e o nosso sonho se tomou trabalho e transformação. Enquanto sonhávamos morríamos, e o nosso sonho se tornou fé e

---

<sup>156</sup> Não confundir “instrumentar” (oferecer instrumentos as pessoas) com “instrumentalizar” (transformar as pessoas em instrumentos, manipular o comportamento).

religião. E essa esperança, de bem estar na vida e na morte, nunca mais nos deixou. Radical em sua esperança o homem pôde arriscar tudo o que tinha por uma idéia, um desejo, uma certeza... (...). Nenhuma sociedade prescindiu da Utopia e todos os sistemas educacionais a consagram nas suas finalidades ou objetivos. Quando constatamos os problemas da sociedade brasileira, é quase sempre na crise educacional que vemos a causa. Não é difícil encontrar causas no déficit qualitativo e quantitativo da educação, para a má qualidade dos serviços, para os acidentes de trânsito, para as doenças decorrentes de falta de higiene, para o racismo, a intolerância religiosa, a eleição de políticos corruptos, os crimes contra o consumidor, a poluição do meio ambiente. Quase não sentimos que é na proposta educacional que guardamos a nossa Utopia e é o esforço para ir à sua direção, que nos dá a confiança no futuro. (ANDRADE, ca. 2005, p. 1)<sup>157</sup>

O que se está cobrando dos jovens da geração atual não é que se joguem coquetéis Molotov em tropas de choque pelas ruas. Isso hoje, pelo menos por enquanto, não é mais necessário. O que se cobra, é apenas, que os jovens saiam de sua apatia de meros espectadores do seu tempo no melhor estilo “*couch potato*”<sup>158</sup> e não sejam tão cínicos diante daquilo que foi conquistado graças não a uma concessão benevolente das classes privilegiadas, mas ao sangue derramado pela geração precedente que não se conformava com a situação do país desde antes do Golpe Militar de 1964. Não sejam conformistas, que contestem. Pois, “(...) vale a pena morrer por tudo aquilo sem o qual não vale a pena viver”. (ALLENDE *apud* GALEANO, 2010, p. 290). Que sejam mais críticos com os culpados pela frustração de várias gerações de brasileiros. Como já disse o político espanhol Julio Anguita González sobre a rebeldia:

Custará muito tempo e sacrifício, mas é glorioso lutar e inclusive morrer por isso. Porque se teremos que morrer, pelo menos morramos lutando por um ideal nobre e não se consumindo como um braseiro. [tradução nossa]. (GONZÁLEZ, DISCURSO, 1999).<sup>159</sup>

<sup>157</sup> Cf.: ANDRADE, Arnon de. Utopia e educação. Disponível em <http://www.educ.ufrn.br/arnon/utopia.pdf>. Acesso em: 06/01/2012.

<sup>158</sup> O mesmo que “batata de sofá”. Não por acaso uma expressão que se originou nos Estados Unidos e é empregada para descrever aquelas pessoas, geralmente obesas, que passam o tempo todo largadas no sofá assistindo televisão.

<sup>159</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no vídeo do site: 00:16:00 - 00:16:13

Um filme argentino chamado “Lugares comuns”<sup>160</sup>, que narra a história de um velho professor universitário em fim de carreira, sua relação com a família, seus princípios iluministas e os dissabores da crise econômica argentina de 2002, pinça trechos da obra (*El renacimiento*, de Lorenzo F. Aristarain) na qual o filme foi baseado para falar sobre a dualidade de se ter consciência sobre sua própria existência e realidade, por isso é importante observar a transcrição<sup>161</sup> de um dos trechos mais significativos do filme, onde o protagonista cita a escritora argentina Alejandra Pizarnik:

A lucidez é um dom e um castigo. Está tudo em uma palavra: lúcido vem de Lúcifer, o arcanjo rebelde, o demônio...Mas também se chama Lúcifer a Estrela da Manhã, a primeira estrela, a mais brilhante, a última a se apagar...Lúcido vem de Lúcifer e Lúcifer vem de Lux e de Ferous, que quer dizer “o que tem luz, o que gera a luz que permite a visão interior”...O bem e o mal, tudo junto. A lucidez é dor e o único prazer que se pode sentir, a única coisa que se parecerá remotamente com a alegria, será o prazer de ser consciente da própria lucidez (...) (LUGARES COMUNES, 2002)<sup>162</sup>

O filme faz referência à utopia da razão e lembra ainda algo extremamente lapidar, que “1789” não é um número, é ainda mais que um nome, é um conceito. A não ser que lhe seja conveniente continuar religioso, acredito que desde que seja devidamente informado, qualquer um tende a se tornar ateu. Quem se deixou iluminar pela luz da racionalidade, não quer mais voltar para a escuridão. Por exemplo, perguntando a uma pessoa que acabou de se descobrir traída, se ela quer voltar a ser inocente, certamente essa pessoa não vai querer. Não se deve esquecer também que se o “programa de metas”, por assim dizer, dos hippies não se concretizou em seu todo, pelo menos muito do que se pensa e se pratica hoje, inclusive em termos de sexualidade, é herança desse movimento. Como ironicamente disse Millôr

<sup>160</sup> Cf.: LUGARES COMUNES (*Lugares Comunes*). Direção: Adolfo Aristarain. Buenos Aires. Produção: Tornasol Films. 2002. 1 disco (Tempo: 110 minutos). DVD.

<sup>161</sup> Espaço de tempo em que decorre a citação no DVD: 01:02:50 - 01:03:31

<sup>162</sup> Trecho no original: “*La lucidez es un don y es un castigo. Está todo en una palabra: Lúcido viene de Lucifer, el Arcángel rebelde, el Demonio... Pero también se llama Lucifer el Lucero del Alba, la primera estrella, la más brillante, la última en apagarse... Lúcido viene de Lucifer y Lucifer viene Lux y de Ferous, que quiere decir 'el que tiene luz, el que genera luz que permite la visión interior'... El bien y el mal, todo junto. La lucidez es dolor, y el único placer que uno puede conocer, lo único que se parecerá remotamente a la alegría, será el placer de ser consciente de la propia lucidez (...)*”

Fernandes “A Revolução Sexual tai mesmo pra ser percebida por qualquer um que tenha bom ouvido – a moçada está mais interessada em alta frequência do que em alta fidelidade”<sup>163</sup>.

É preciso não se enganar; salvo casos e situações isoladas, o momento atual é de franca contratendência dos ideais libertários. Não há mais como se reviver experiências passadas da mesma forma como foram realizadas, a não ser como simulação, já que, simplesmente o contexto mudou. Mas as “linhas teóricas” (reacionárias ou libertárias) são imanentes. Como se vê, o conceito libertário de utopia permanece quase o mesmo ao longo do tempo, cabendo a cada geração apenas lhe dar forma. Sempre houve, ainda há e haverá aqueles que lutam pela posse do futuro contra a autoridade do presente. O poeta anarquista britânico Herbert Read (1893–1968), cuja data de falecimento simbolicamente marca também os últimos confrontos do Maio de 68, escreveu significativamente sobre a necessidade da revolta:

Na história, as águas paradas, sejam as de costume ou as do despotismo, não toleram a vida. A vida depende da agitação provocada por alguns indivíduos excêntricos. Em homenagem a essa vida, a essa vitalidade, a comunidade deve aceitar certos riscos, deve admitir um pouco de heresia. Deve viver perigosamente... se é que quer viver. [tradução nossa]. (READ, 1959, p. 89)<sup>164</sup>

Somos filhos da memória, somos o que somos graças ao nosso meio social, nossas vivências e recordações. Somos a atualização de tempos passados, mas que ainda estão vivos. Mas é nosso direito nos rebelarmos contra aquilo que não concordamos. Neste sentido, como revisar a herança que nos foi legada, sem que se perca a autenticidade do que nos foi legado? E se nos pedem para adequar as aspirações com as possibilidades dos tempos presentes, como então podemos criar novas possibilidades? Sem utopia não há ação humana transformadora, é uma forma de morte em vida que implica na

---

<sup>163</sup> FERNANDES, Millôr. Millôr definitivo: a bíblia do caos. Porto Alegre: L&PM, 1994, p. 422

<sup>164</sup> Cf. citação original: “*En la historia, las aguas estancadas, sean las de la costumbre o las del despotismo, no toleran la vida; la vida depende de la agitación promovida por unos pocos individuos excéntricos. Por causa de esta vida, de esta vitalidad, una comunidad debe correr ciertos riesgos, admitir una pizca de herejía. Si quiere vivir, ha de vivir peligrosamente.*”

perda das ilusões, do entusiasmo e da concepção da vida como algo maravilhoso, mesmo tendo seus problemas. Que, enfim, existem para todos...

#### 4.2 A experiência e a metodologia em aulas de Educação Sexual

A sexualidade constitui um comportamento intrínseco de todas as pessoas e é fundamental para a saúde de todos, especialmente dos adolescentes. Ela transcende o âmbito estritamente biológico e se reflete também em nuances tanto sociais, quanto psicológicas. Cada um com suas características específicas.

A necessidade de uma educação para a sexualidade nunca é uma ação neutra, ela surgiu a partir do momento quando o primeiro casal da história fez sexo pela primeira vez. A Educação Sexual intencional e sistemática nasceu no século XVIII, o mesmo do Iluminismo. Desde seu nascimento e ainda hoje ela tem seu desenvolvimento tolhido por uma sociedade repressora, que, como se vê, existe até os dias de hoje de forma mais ou menos explícita e é mais ou menos presente em cada grupo humano. Mas mesmo os que na época defendiam o acesso dos jovens, a informações sobre sexualidade, essa defesa era motivada por medo da difusão de comportamentos sexuais considerados inadequados ou até perigosos, como é o caso da masturbação, da homossexualidade, das relações extraconjugais, da explosão demográfica, das doenças sexualmente transmissíveis que para boa parte das quais ainda não havia tratamento ou cura e até motivada por princípios eugênicos, ou seja, de seleção racial por controle genético. Nesse período inicial, não havia ainda por parte de quem defendia a necessidade da Educação Sexual qualquer tipo de preocupação em atender às necessidades e às expectativas dos jovens, os quais já chegam à escola com conhecimentos prévios:

Quando se inicia a educação sexual formal, o aluno já foi “marcado” pelos valores e normas que lhe foram inculcados, já possui uma série de conhecimentos (certos, incompletos ou errados), já formou muitas ideias sobre o sexo, sobre sua própria sexualidade e sobre a sexualidade dos pais e de membros da família, dos amigos e colegas. As intervenções educativas não se fazem sobre uma “tabula rasa”, mas sobre

um ser em desenvolvimento, no seio de uma família com características próprias, inserido em grupos de pares e num mundo social e cultural com valores e regras mais ou menos rígidas ou permissivas. Estes conhecimentos e ideias, que o aluno possui, interferem evidentemente na compreensão e assimilação das novas informações que lhe são transmitidas. (WEREBE, 1998, 190).

Comparando as ilustrações de órgãos genitais humanos presentes reproduzidos para fins didáticos em livros que se propunham a abordar de alguma forma a Educação Sexual percebe-se, facilmente, essa maior ou menor rigidez. Há inúmeros exemplos de livros, sobretudo os produzidos nos anos da redemocratização posteriores a Ditadura Militar (1964 – 1985). A título de exemplificação, seguem dois casos antagônicos: um livro produzido durante o período de exceção militar, e outro mais atual produzido recentemente. No primeiro exemplo (confira ilustração 7), o órgão genital masculino e feminino é representado de uma forma quase abstrata, necessitando de uma dose de imaginação e, sobretudo, de conhecimento prévio, para se saber do que se trata, porque não se deve esquecer de que o livro é destinado, previamente, a jovens que, teoricamente, possuem poucos conhecimentos sobre o próprio órgão sexual e, sobretudo, sobre o órgão do sexo oposto, conforme figura a seguir:

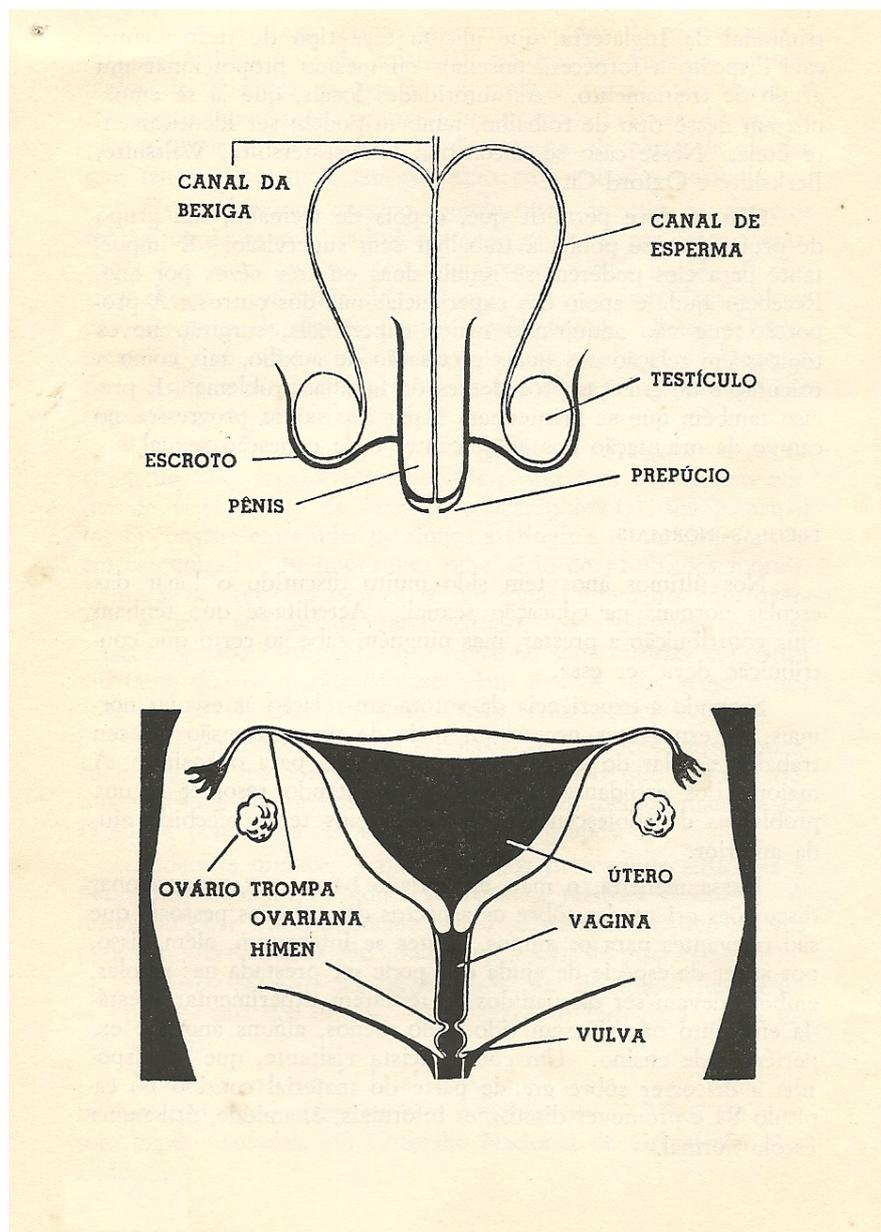


ILUSTRAÇÃO 7 – Ilustração do órgão genital masculino e feminino presentes na página 102 do livro “Manual de Educação Sexual” (Julia Dawkins), Editora Cultrix, Brasil, 1970.

Poder-se-ia argumentar dizendo que isso se deve a deficiências gráficas da época. O que não é verdade, pois técnicas de desenho desenvolvidas, séculos antes, já permitiam que houvesse ilustrações mais detalhadas e em três dimensões, mesmo que em preto e branco. Nesse sentido, as evidências levam a crer que as ilustrações nos livros sobre Educação Sexual, dessa época, eram propositalmente abstratas para que não ferissem a sensibilidade de segmentos que não entendiam muito de educação, mas que, ao mesmo tempo, detinham o poder de decidir sobre vários aspectos da vida nacional no

geral e sobre os livros didáticos em particular, como é o caso de religiosos e militares. Já nos livros publicados nos dias atuais (confira ilustração 8 e 9), as ilustrações dos órgãos genitais são muito ricas em detalhes e, de maneira alguma, se pode dizer que foram reproduzidas de maneira erótica, visto que, os sexualmente não reprimidos entendem que há diferenças entre a “sexualidade” e a “pornografia”:

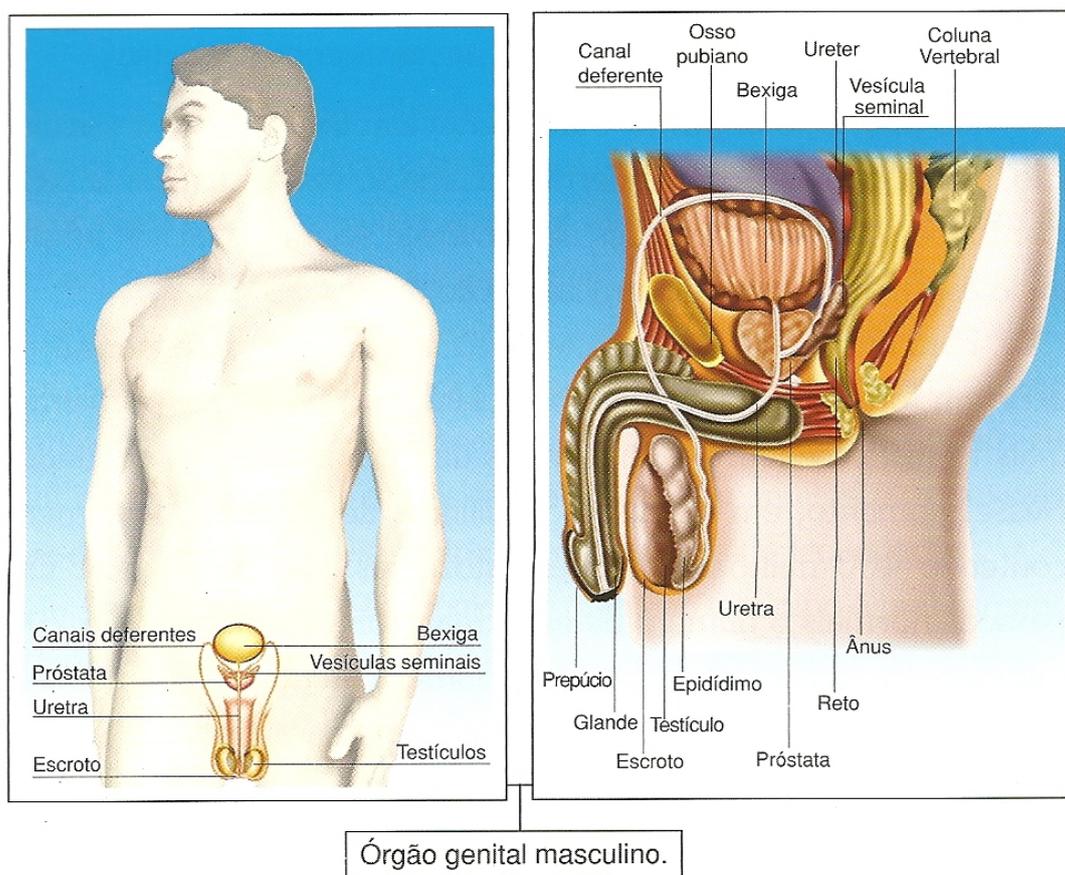


ILUSTRAÇÃO 8 – Ilustração do órgão genital masculino presente na página 58 do livro “Evolução e sexualidade: o que nos fez humanos” (Clarinda Mercadante), Editora Moderna, Brasil, 2009.

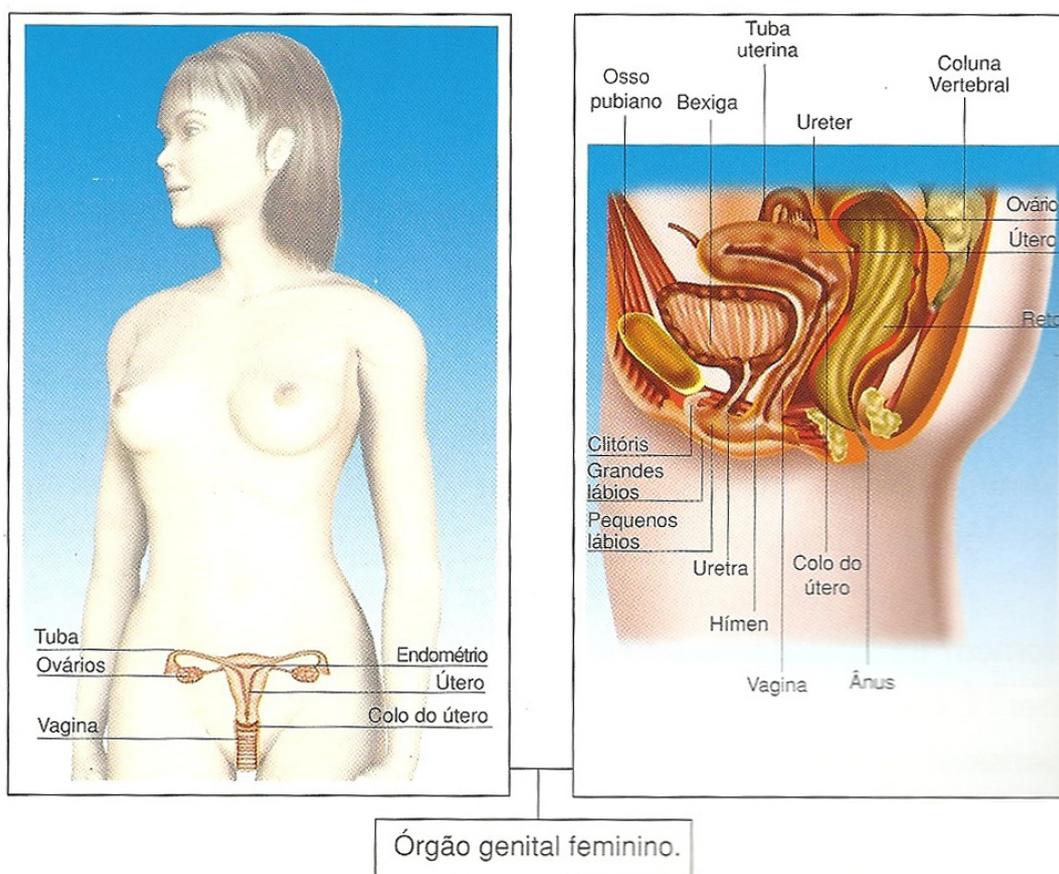


ILUSTRAÇÃO 9 – Ilustração do órgão genital feminino presente na página 60 do livro “Evolução e sexualidade: o que nos fez humanos” (Clarinda Mercadante), Editora Moderna, Brasil, 2009.

Nos anos da Ditadura Militar em 1968, data simbólica pelas revoltas estudantis já citadas acima, a deputada federal Júlia Steimbruck (MDB – RJ), posteriormente cassada, apresentou um projeto de lei que visava tornar obrigatória a Educação Sexual nas escolas primárias e secundárias de todo o Brasil. As objeções a esse projeto de membros da Comissão de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura e que levou à sua não aprovação oferecem a preciosidade de saber, hoje, como tais questões eram tratadas naquela época e que as intolerâncias atuais são uma consequência de um passado ainda mais intransigente. A seguir citadas em alguns trechos (WEREBE, 1998, p. 173) retirados de alguns pareceres, como o do padre Francisco Leme Lopes:

A iniciação sexual, para ser verdadeiramente eficaz, no dizer unânime dos psicólogos e pedagogistas, requer um complexo de qualidades – e entre elas um respeito e amor à pureza de cada aluno – que fora ingenuidade esperar se encontrar em cada professor ou professora. Na maioria dos casos, o efeito seria desastroso, e os escândalos começariam bem cedo a contaminar as escolas, com incrível prejuízo da saúde, higiene e moral das novas gerações. (LEME LOPES *apud* WEREBE, 1998, 173).

Embora seja estranho ler pareceres de padres acerca de algo que, teoricamente, eles não dominam, não deixa de ser imprescindível que o padre tivesse embasado com referências sua afirmação de que seu parecer se baseava “no dizer unânime dos psicólogos e pedagogistas” (*sic.*). Um outro conselheiro, almirante Benjamin Sodré, foi ainda mais enfático e assim escreveu em seu parecer:

A expressão educação sexual deveria ser substituída por “educação da pureza”... “a inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade”... não ensinar materialmente como a procriação se procede para o homem e para a mulher, mas antes exaltar o que caracteriza o sexo masculino: caráter, coragem, respeito e amor que, sem egoísmo, mais dá do que recebe; e o sexo feminino: a delicadeza, a bondade, a pureza, a confiança, indo até à doação, ao casamento, à maternidade. (SODRÉ *apud* WEREBE, 1998, 173).

Outro membro da comissão, o general Moacir Araújo Lopes, assim sintetizou a questão em seu parecer com viés de poética conservadora ao dizer que “Não se abre à força um botão de rosa e, sobretudo, com mãos sujas”. (LOPES *apud* WEREBE, 1998, 173). Ingenuidades e demagogias à parte, bem como à parte a nossa estranheza em imaginar o que um almirante, um general e um padre estariam fazendo em uma comissão do Ministério da Educação, pois se conhece bem o contexto histórico da época. É tentador imaginar quantos e quantos milhares de jovens foram contaminados por DST ou foram pais ainda muito jovens graças à triste consequência de tais pareceres.

Há quem possa pensar que isso faz parte do passado. Mas, em abril de 2010, vereadores da Câmara Municipal da cidade do Recife (PE) abriram uma polêmica em torno do livro paradidático de Educação Sexual “Mãe, como eu nasci?” (Marcos Ribeiro). Acusando o livro de ser pornográfico, eles cobraram

e obtiveram por parte da Secretaria de Educação Municipal o recolhimento dos livros, afirmando que “cabe à família e não ao poder público educar sexualmente os filhos”. (site, 2010)<sup>165</sup>. Não é estranho que o principal autor do requerimento, o vereador André Ferreira (PMDB), assim é definido em um trecho de seu perfil parlamentar escrito por sua assessoria e disponibilizado no site da Câmara Municipal do Recife:

O vereador André Ferreira, juntamente com o seu pai, Deputado Manoel Ferreira, faz um elo de ligação no desempenho de atividades em diversos setores sociais: saúde, educação além de desempenhar um papel importante na representação do segmento evangélico, trabalhando a religiosidade nos mais diversos segmentos da sociedade, enfim, como membro da Igreja Assembléia de Deus, vem atuando nessas áreas, buscando no decorrer de sua vida, pôr em prática aquilo que mais acredita – “Que a família e a fé são os alicerces do mundo”. Em virtude desse incessante trabalho de dedicação ao povo recifense, o vereador André Ferreira acredita que aconteceria de fato uma queda no índice de marginalização se a família recifense recebesse um apoio no que se refere à educação doméstica e preservação de um fator linear chamado FAMÍLIA. Ele acredita que a raiz de todos os problemas coletivos está na ótica de como cada um vê o mundo. O investimento que se faz hoje em relação à educação de jovens e adultos é pequeno e a política de ressocialização é quase uma utopia. (site, 2011)<sup>166</sup>.

Uma leitura do discurso mais atenta do trecho transcrito acima possibilita fazer algumas considerações: a primeira é a de que membros pertencentes às comunidades religiosas dominantes (protestante e católica) estão cada vez mais fazendo uso de cargos públicos eletivos para não só servir a seus próprios interesses, mas também para servir de *lobby* para as concepções demagógicas e retrógradas de mundo de tais comunidades, algo muito próximo da tradição da classe política dos EUA. A consideração seguinte é sobre como a concepção de “família” do político em questão se coaduna a de outros membros de sua igreja, a de que a família deve ser uma espécie de “clã” fechado e excludente a pessoas que não compartilham uma mesma herança

---

<sup>165</sup> Cf.: VEREADORES QUEREM SUSPENDER NO RECIFE CARTILHA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL. Disponível em: <http://www.recife.pe.leg.br/noticias/vereadores-querem-suspender-cartilha-sobre-educacao-sexual>. Acesso em: 13/08/2010.

<sup>166</sup> Cf.: VEREADOR ANDRÉ FERREIRA. Perfil parlamentar. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/camara/detalhe.php?Matricula=15615>. Acesso em: 22/03/2011

ancestral (“fator linear chamado FAMÍLIA”), na qual tudo pode e tem obrigatoriamente que ser resolvido em seu seio, inclusive questões claramente de responsabilidade dos poderes públicos. A terceira consideração é sobre como a concepção de “utopia” do parlamentar é estreita por não procurar fugir do senso comum. Sendo assim, de certa forma, esse trecho transcrito revela, em um mesmo texto, um bom exemplo de boa parte do que se tem falado até aqui sobre repressão religiosa sobre a Educação Sexual, ideologia e utopia.

No que diz respeito à iniciação sexual dos jovens, ela tem ocorrido cada vez mais cedo (confira gráfico 1). Estima-se que, no século XX passado, ela tenha ocorrido cerca de 2 a 3 anos mais cedo do que os jovens na mesma faixa etária do século XIX. Os dados publicados nas Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde<sup>167</sup> (2010), com base em dados fornecidos pela Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS)<sup>168</sup> de 2006, indicam (confira o gráfico abaixo) que, predominantemente, as mulheres jovens costumam ter sua primeira relação sexual a partir dos 12 anos de idade (na qual a curva inicia uma forte ascensão), com pico aos 16 anos de idade. A redução na idade da primeira relação sexual começa aos 18 anos. Já no que diz respeito aos homens jovens, a idade média da primeira relação sexual não muda muito com relação à idade das jovens, pois ela ocorre com geralmente aos 16,2 anos, com maior concentração na faixa etária entre 15 e 17 anos de idade. Apenas, 20% deles têm sua primeira relação depois dos 17 anos. O informe ressalta ainda que não se observam diferenças significativas regionais, sociais e de etnia. Confira o gráfico com os números totais da amostra de 15.575 jovens pesquisados, incluindo ambos os sexos:

---

<sup>167</sup> Cf.: DIRETRIZES NACIONAIS PARA A ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DE ADOLESCENTES E JOVENS NA PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E RECUPERAÇÃO DA SAÚDE. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

<sup>168</sup> Cf.: PESQUISA NACIONAL DE DEMOGRAFIA E SAÚDE DA CRIANÇA E DA MULHER. Relatório Final. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

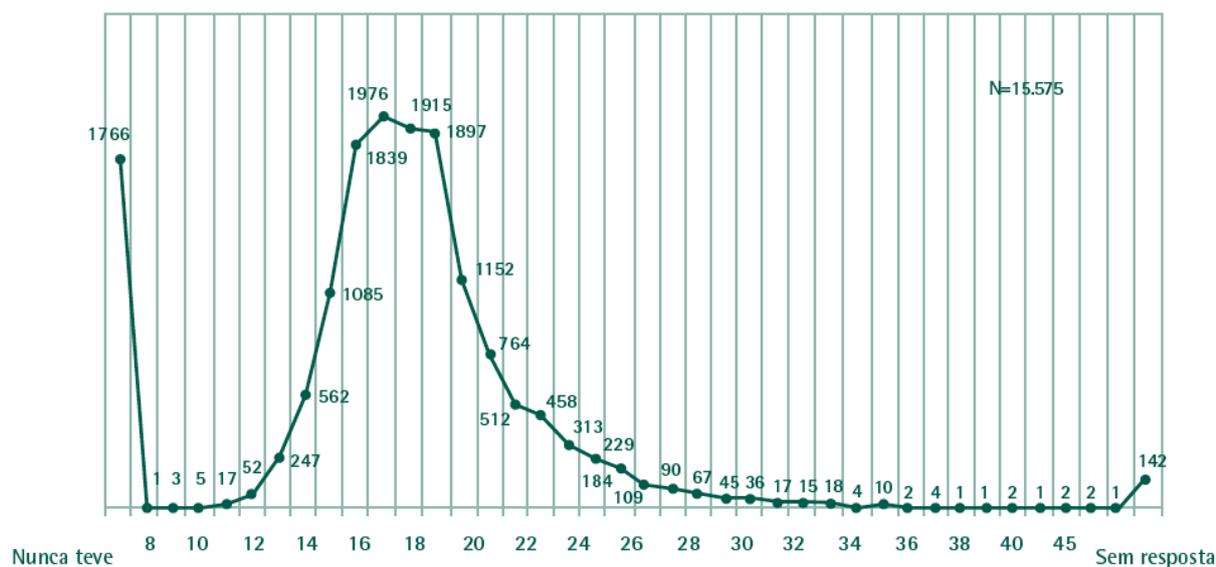


GRÁFICO 1 – Idade da primeira relação sexual (total da amostra). Brasil, 2006. Fonte: SIM/SVS/MS.

O documento também informa que, em 2006 33% das mulheres pesquisadas já tinham tido relações sexuais até os 15 anos. O que representa o triplo da porcentagem obtida, na mesma faixa etária, na primeira vez que a pesquisa foi realizada dez anos antes em 1996.

No que diz respeito à caracterização dos parceiros sexuais da primeira relação, segundo dados do estudo “Um olhar sobre o jovem no Brasil”<sup>169</sup>, há um contraste para ambos os sexos, já que, no que diz respeito ao sexo masculino, 50% dos rapazes iniciam sua vida sexual com parceiras eventuais, 45% com a namorada e apenas 5% com profissionais do sexo. Já os dados que correspondem ao sexo feminino, indicam que 86% das moças costumam iniciar sua vida sexual com os namorados. Dentre eles, predominam os etariamente mais velhos e mais experientes. Apenas, 4% delas iniciam sua atividade sexual com o marido.

Mais da metade dos rapazes (57%) disse que desejavam que a primeira relação acontecesse o mais rápido possível. Enquanto que, apenas 20% das moças revelaram o mesmo desejo. A atitude passiva de não pensar no assunto é a justificativa de 52% das moças pesquisadas. Mas apenas 30% dos rapazes

<sup>169</sup> Cf. UM OLHAR SOBRE O JOVEM DO BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar\\_sobre\\_jovem\\_brasil.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar_sobre_jovem_brasil.pdf). Acesso em: 25/07/2009.

deram a mesma resposta. Nesse sentido, é que se revela a opressão social que impõe as jovens mulheres que reprimam sua sexualidade bem mais do que para os jovens homens.

A IV Conferência Internacional sobre a Mulher, realizada em Pequim (1995), avançou ao definir os direitos sexuais e reprodutivos como parte dos direitos humanos. Hoje, é possível constatar que os direitos reprodutivos avançaram muito mais do que os direitos sexuais. Nessa conferência, os direitos sexuais e reprodutivos foram definidos nos seguintes termos:

Direito de controle e decisão, de forma livre e responsável, sobre questões relacionadas à sexualidade, incluindo-se a saúde sexual e reprodutiva, livre de coerção, discriminação e violência. A igualdade entre mulheres e homens, no que diz respeito à relação sexual e reprodução, incluindo-se o respeito à integridade, requer respeito mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades pelos comportamentos sexuais e suas consequências. (CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE A MULHER, 1995).

A Educação Sexual é a parte dentro do campo da Educação que trata da sexualidade humana. Em termos de conteúdo, dentro das escolas são temáticas pertinentes nas aulas assuntos como órgãos reprodutores (masculino e feminino), orientação sexual e gênero, relações sexuais propriamente ditas e reprodução humana, planificação familiar, uso de contraceptivos e demais temas, tidas com maior ou menor ênfase dependendo da escola, que tenham o objetivo de educar sobre saúde sexual. Para Maria José Garcia Werebe:

A educação sexual compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade. A educação sexual, num sentido amplo, processo global, não intencional, sempre existiu, em todas as civilizações, no decurso da história da humanidade, de maneira consciente ou não, com objetivos claros ou não, assumindo características variadas, segundo a época e as culturas. (WEREBE, 1998, p. 139).

Nesse sentido, para a autora, a Educação Sexual pode ser dividida em duas vertentes: a Educação Sexual Informal e a Educação Sexual Intencional. A informal é aquela recebida, sobretudo, no dia-a-dia do ambiente familiar, mas também na escola quando ela não é planejada. Já a intencional “compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1998, p. 155) e pode se realizar fora ou dentro do ambiente escolar. Isto é, o que define uma ou outra não é o *locus*, mas sim a intencionalidade. Tanto em um caso, quanto no outro, pode ser destinada não apenas aos adolescentes na puberdade, mas também a crianças e adultos. Mas cabe um esclarecimento importante: nos últimos tempos está muito em voga por alguns educadores a adoção da expressão “Orientação Sexual” como substituta para “Educação Sexual”, mas é do entendimento deste trabalho, assim como da autora acima referida, que a troca não é benéfica em termos de inteligibilidade, pois favorece a ambiguidade no sentido que a expressão “Orientação Sexual” também se refere e já é francamente adotada para designar uma orientação homossexual, heterossexual ou bissexual de uma pessoa. Além disso,

Quem vê na sexualidade algo de vergonhoso e humilhante para a natureza humana, é livre de se servir de termos mais distintos: Eros ou erótico. Eu jamais pude fazer isso, desde o começo, o que teria me evitado muitas objeções. Mas não o fiz, porque não gosto de ceder à pusilanimidade. Sabe-se até onde se pode ir por este caminho: começa-se cedendo em relação às palavras e acaba-se muitas vezes por ceder em relação às coisas. (...). Quem sabe esperar, não precisa fazer concessões. (FREUD *apud* WEREBE, 1998, p. 158 e 159).

A pesquisadora e pedagoga Maria José Garcia Werebe, observa ainda que a Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura tem, paulatinamente restringido o sentido e os objetivos da Educação Sexual, inscrevendo-a dentro da Educação em Matéria de População.

Muitos projetos desenvolvidos pela UNESCO e que, numa primeira formulação haviam recebido a designação de projetos de “Educação Sexual” ou de “Educação Sexual e Familiar”, foram posteriormente denominados “Educação para a Vida Familiar”, ou “Educação em Matéria de População”, em geral

por sugestão de seus conselheiros. (...). Estas mudanças de denominação dos projetos refletem, sem dúvida, uma certa censura moralista, em virtude da referência explícita à sexualidade na expressão educação sexual, e que poderia encontrar resistência à implementação das atividades em alguns países. Resta saber se esta censura é determinada por uma orientação por parte dos responsáveis nacionais (não foi o caso de Cabo Verde nem de Moçambique) ou de uma postura adotada pela UNESCO. (WEREBE, 1998, p. 157 e 158).

Assim, a pesquisadora adverte que não se trata, apenas, de uma questão de nomenclatura, mas também de se ter uma Educação Sexual que “responda às necessidades e inquietudes dos jovens e das crianças, não podem situar apenas no contexto da educação em matéria de população, nem mesmo da educação para a vida familiar” (p. 159).

Nos PCN — Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, a temática da sexualidade é tratada como tema transversal no volume correspondente à "Orientação Sexual". Sobre o papel da escola, o documento afirma que:

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. A comunicação entre educadores e adolescentes tenderá a se estabelecer com mais facilidade, colaborando para que todo o trabalho pedagógico flua melhor.(BRASIL, 1998, p. 297)<sup>170</sup>

Embora a função dos PCN, por definição, de fato, seja apenas traçar linhas gerais, é preciso fazer algumas observações ao documento, pois o conceito de comunicação, ainda mais importante ao se tratar de um tema tabu, é relegado apenas a sua acepção funcionalista. Ao ser citado quatro vezes ao todo no documento, ele ora é empregado com a conotação de interlocução naturalmente bem sucedida entre educadores e educandos como consequência de um bom, projeto pedagógico (caso citado acima), ora com a conotação apenas de “informação”, como no trecho “A escola pode interferir positivamente, criando uma ligação mais estreita e comunicação fluente com a

---

<sup>170</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998, p. 297.

unidade de saúde mais próxima” (BRASIL, 1998, p. 327), bem como no trecho “A comunicação aos familiares deve ser feita antes do início do trabalho”. (BRASIL, 1998, p. 332). O mesmo acontece nos PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, no qual o volume, correspondente a “Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias”<sup>171</sup>, não sugere que possa haver um encontro entre a Educação Sexual, a Tecnologia e a Comunicação, com vista à superação ou pelo menos contorno de tabus (com vistas à superação futura em uma fase pós-adolescência). Sabe-se que a opção pela estratégia de contorno e não o conflito não é a melhor forma de propiciar uma educação crítica aos jovens. Mas no caso específico de temáticas ligadas à Educação Sexual existe uma urgência que não corrobora o processo, já que, um jovem sem as devidas informações corre o risco de se contaminar com uma DST ou gerar um filho antes que um tabu possa ter uma remota perspectiva de vir a ser superado do ponto de vista racional. Além do mais, o conflito que se poderia interpretar aqui como “dar ênfase as contradições”, a essência de um processo educativo, pode ser enfatizada na sala de aula, nos encontros presenciais que o professor tem com seus alunos.

Vale frisar também que o sucesso quanto aos resultados nas aulas de Educação Sexual, seja no Ensino Fundamental ou Médio, não é uma questão de discernimento entre educadores e educandos sobre o que pode ser compartilhado e o que pode ficar no âmbito privado ou de estratégias de “comunicação” dirigidas a portadores de necessidades especiais:

O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser

---

<sup>171</sup> BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

mantido como vivência pessoal. Apenas os alunos que, por questões pessoais, demandem atenção e intervenção individuais, devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola, e poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado. Alunos portadores de algumas deficiências podem eventualmente ter dificuldades de comunicação e de expressão da sexualidade e, por isso, exigir formas diferenciadas de orientação na escola, nos conteúdos e estratégias de abordagem. Dada a expressão singular da sexualidade em cada indivíduo, também os portadores de necessidades especiais merecem atenção diferenciada na escola, devendo ser acionadas assessorias de profissionais especializados se necessário. (BRASIL, 1998, p. 299 - 300)

Para a criação das condições de igualdade de gênero, bem como sobre como decorre a Educação Sexual, são necessárias as transposições de fatores como as desigualdades sociais e a pobreza. Além disso, como já foi dito anteriormente de forma mais profunda no subtópico “4.1 – Utopia e sexualidade humana” e que é possível reafirmar, em linhas gerais, os fatores que mais têm prejudicado ao longo dos séculos o desenvolvimento do campo da Educação Sexual, envolvendo mitos, tabus e constrangimentos de ordem moral para os jovens estudantes, seus pais e respectivos educadores, em que o seio familiar e o ambiente escolar são os dois principais campos onde as lutas são travadas. E quando se fala de desenvolvimento, se está não só se referindo aos problemas conteudísticos nos livros da área, mas também, no passado, à censura a eles imposta e até mesmo à própria viabilização da publicação dos livros em si. Ademais, se refere ao desenvolvimento que a área da Educação Sexual poderia ter se pudesse livremente fazer uso dos recursos hoje disponíveis no campo das novas tecnologias de informação e comunicação. Mas para uma parcela significativa de nossa sociedade, que ainda vê com péssimos olhos a simples disponibilização de preservativos, seria chocante a apresentação aos jovens de certos vídeos educativos ou da disponibilização de informações sobre sexualidade por parte da escola.

No que diz respeito à contaminação por DST, a que oferece mais preocupação é, sem dúvida, a contaminação por HIV/AIDS (confira gráfico 2). Observe, no gráfico a seguir, o aumento no número de casos de AIDS na faixa etária entre 15 a 24 anos, faixa essa em que está grande parte dos jovens que

participaram da experiência desta tese e na qual se encontra grande parte dos alunos matriculados no ensino médio:

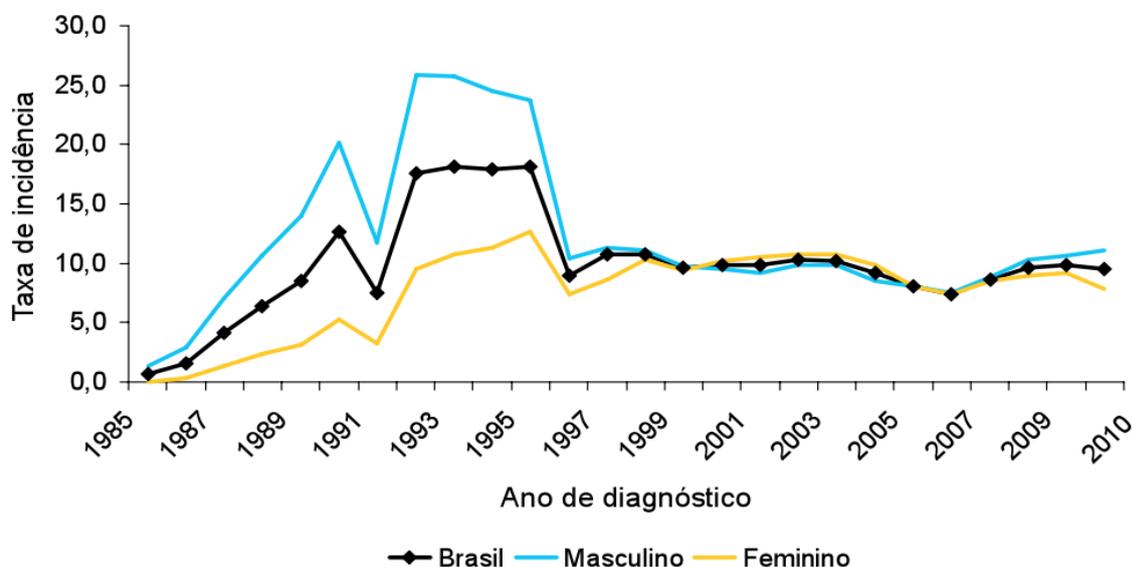


GRÁFICO 2 – Taxa de incidência de AIDS (por 100.000 hab.) em jovens de 15 a 24 anos por sexo e ano de diagnóstico. Brasil, 1985 a 2010. Fonte: MS/SVS/Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

O número de casos da doença está diretamente relacionado à precocidade cada vez maior na qual os jovens iniciam sua vida sexual. O gráfico mostra certa estabilidade após 1996 quanto a taxa de incidência de novos casos, que pode ser atribuída a qualidade da resposta governamental à epidemia de AIDS, mas também apresenta uma tendência de aumento da infecção pelo HIV na população jovem a partir de 2007. No que diz respeito, em termos mais locais, ao estado do Rio Grande do Norte tem se observado um progressivo aumento dos casos (números totais) da epidemia, desde que foi registrado em nosso Estado o primeiro caso em 1983, como mostra o gráfico a seguir fornecido pelo Boletim Epidemiológico de 2011<sup>172</sup> do Programa Estadual de DST/Aids e Hepatites Virais do Rio Grande do Norte:

<sup>172</sup> Cf.: BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Sesap – Secretaria de Estado da Saúde Pública. Programa Estadual de DST/Aids e Hepatites Virais do Rio Grande do Norte. Disponível em: [http://www.saude.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap/saude\\_destaque/enviados/boletim\\_dst\\_aids\\_hv\\_2011\\_v4.pdf](http://www.saude.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap/saude_destaque/enviados/boletim_dst_aids_hv_2011_v4.pdf). Acesso em: 23/02/2012.

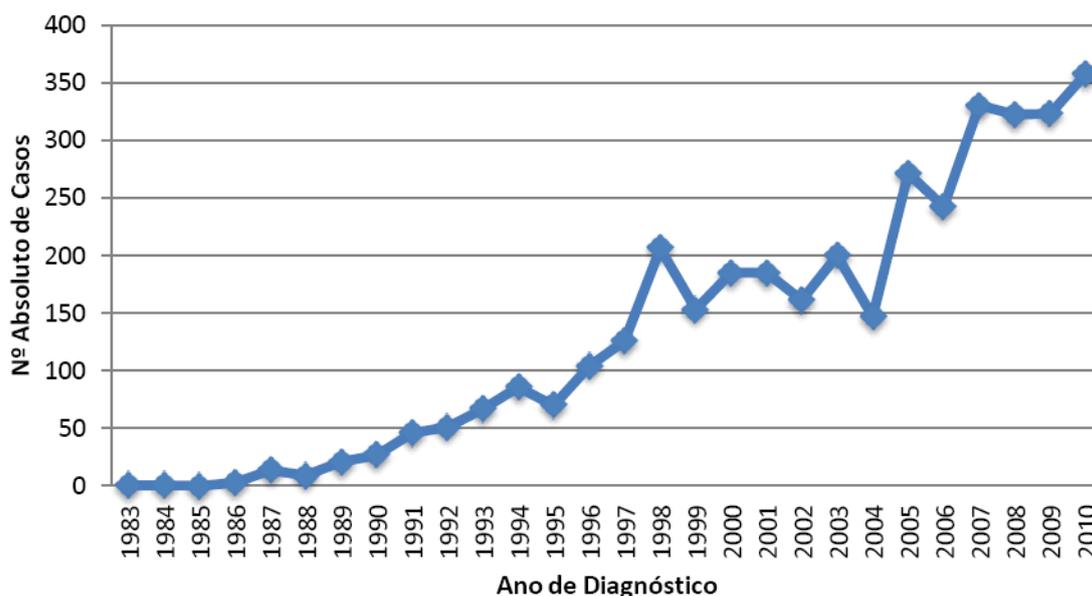


GRÁFICO 3 – Casos de AIDS em adultos no Rio Grande do Norte notificados no Sinan, declarados no SIM e registrados no Siclom, por Ano de Diagnóstico, entre os anos de 1983 a 2010. Fonte: SIM, SICLOM, SINAN – SUVIGE/CPS/SESAP-RN. Dados sujeitos à alteração. Junho/2011.

O Boletim Epidemiológico informa, ainda, que, em nosso Estado há uma tendência no crescimento do número de soropositivos ao longo de 2000 a 2010 nos jovens de 13 a 24 anos. Eles representam 9,3% do total de casos nesse mesmo período, sendo 51% para o sexo masculino, e 49% para o sexo feminino, com razão masculino/feminino de 1:1. O que é, sem dúvida, preocupante. Mas é claro que essa contaminação não ocorre exclusivamente através de relações sexuais, mas também por meio do uso de drogas por seringas injetáveis.

As propostas na área de Educação Sexual, quando debatidas, visam, sobretudo, enfrentar os problemas ligados às mudanças comportamentais vivenciados pelos jovens com relação à sexualidade. E quando se trata de jovens, na verdade, refere-se, aos das classes mais favorecidas, pois:

Estas mudanças foram consideradas como uma verdadeira revolução sexual. A propósito, convém salientar o fato de que esta revolução foi definida em função da extensão da permissividade sexual fora do casamento aos jovens das classes médias e altas da população e em particular às

moças. Enquanto esta permissividade atingia apenas os jovens das classes menos favorecidas da população, enquanto as moças “de boas famílias” eram preservadas, não se falava em revolução sexual. Nessas classes, em muitos países (sobretudo do Terceiro Mundo), sempre houve um grande número de adolescentes grávidas de filhos fora do casamento. O que tornou preocupante, foi o fato de que estes fenômenos passaram a ocorrer com jovens das classes médias e altas. (...). Sempre se admitiu, na maioria dos países, que mulheres das classes desfavorecidas pudessem ser parceiras sexuais do homem, em encontros e ligações fora do casamento – legitimando-se de certa forma a prostituição, como um mal necessário. (WEREBE, 1998, p. 165).

É fácil verificar como o problema é tratado de forma diferente quando se leva em questão a condição de classe social dos jovens no que diz respeito às normas sociais e morais. Na cidade do Natal (RN) apenas uma escola da rede pública (municipal e estadual) possui um projeto permanente de Educação Sexual: o “Projeto Vida” que existe, desde 1999, na Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcante. Essa também é a única escola pública não só em Natal, mas em todo o Rio Grande do Norte que distribui preservativos para seus alunos. Segundos registros locais esses preservativos são distribuídos para um público discente cuja faixa etária varia de 13 a 78 anos (este último um estudante do supletivo noturno). O projeto é integrado por um professor e por alunos voluntários, sempre de ambos os sexos, porque, de acordo com o professor, os jovens não se sentem bem em receber os preservativos com jovens do sexo oposto. O projeto também oferece apoio a jovens grávidas que são encaminhadas para um centro de saúde e cursos de capacitação para educandos e educadores em sexualidade e prevenção às drogas. Mesmo assim, o apoio oferecido ao projeto é reduzido e ele, inclusive, já enfrentou críticas e problemas com a comunidade religiosa local (alunos, pais e até educadores da própria escola). A premissa ingênua dos religiosos embora possa considerar os conceitos de ingenuidade e religiosidade como um pleonasma, é que os jovens não irão iniciar sua vida sexualmente ativa se não tiverem acesso a informações sobre sua sexualidade e, sobretudo, acesso a preservativos. Ora, é o mesmo que dizer que não teremos fome se não tivermos acesso a garfos e facas ou que os jovens não irão fazer sexo se não

tiverem acesso a preservativos. É evidente que eles irão continuar a fazer sexo, a diferença é que será desprotegido. Então, seria importante perguntar a tais religiosos: O que é mais importante, a saúde e até mesmo a vida de seus filhos ou a moral cristã? É certo que muitos religiosos, ao serem inquiridos, dirão que a moral cristã é mais importante, pois ela salva almas.

Segundo a visão adotada sobre educação que diverge da concepção burguesa, é preciso que se tenha acesso a uma educação que liberte das limitações que são impostas:

Educação de nível fundamental que supere a contradição entre o homem e a sociedade garantindo uma formação básica comum que possibilite a reconciliação entre indivíduo e o cidadão de modo que “o homem individual real recupere em si o cidadão abstrato e se converta, como homem individual, em ser genérico” (MARX *apud* SAVIANI, 2008, p. 234).

A escola deve ser o fórum privilegiado para discussões sobre absolutamente qualquer temática. Se os jovens não obtiverem as informações que buscam e são importantes para que eles vivam em sociedade e em seu meio, certamente, eles irão recorrer a fontes menos competentes. Nesse sentido, se eles não obtiverem informações em sala de aula com seus educadores sobre drogas, violência e sexualidade, não será entre traficantes, prostitutas e sites neonazistas que eles irão se informar de forma mais qualificada sobre drogas, DST e Democracia. Mas em grande parte do nosso país, ao contrário do que ocorreu em outras áreas da Educação, os professores envolvidos com a temática da Educação Sexual sequer estão falando em qualidade de ensino-aprendizagem, eles ainda lutam pela sua simples implementação.

As experiências estratégicas que dizem respeito aos conteúdos de Educação Sexual, como parte integrante do currículo ordinário de uma escola, a serem realizadas ou não em horários regulares, não devem representar um elemento de intimidação para os jovens discentes. É necessário que tudo esteja centrado na observância das indagações, necessidades e aspirações de cada um deles, por isso, é importante estipular a maneira pela qual ela é apresentada.

A estratégia para uma abordagem bem sucedida no que diz respeito aos conteúdos de Educação Sexual são duas: Superação de antigos preconceitos e tabus de ordem sexual, motivados por questões culturais, sociais, políticas, raciais, morais, religiosas e de gênero apenas através das aulas presenciais ou a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação como estratégia complementar às aulas presenciais para contornar esses tabus, os quais são de difícil solução. Como disse Paulo Freire:

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com mundo se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. (FREIRE *apud* MARTINS, 2010, site).

Nas aulas de Educação Sexual em nosso país, sabe-se que há, por parte dos professores, a utilização tanto de materiais tradicionais (quadro-negro, impressos escritos como livros, folhetos, apostilas e cartazes, dentre outros), quanto dos materiais considerados menos tradicionais (sobretudo durante a aprendizagem de outras disciplinas), como é o caso das caixas de perguntas, grupo de discussão, trabalho em grupo, palestra, estudo de caso, dramatização (representação teatral) e até júri simulado, este último para discussão de temas como estupro e aborto. Há também a estratégia do aconselhamento individual, através do qual um ou mais alunos (não muitos) se reúnem com o professor fora do horário de aula. Entende-se que essa estratégia não seja de todo ineficiente, especialmente se combinada com algumas outras já descritas acima. Mas ela está longe de ser realmente eficiente, pois se um aluno não estiver sozinho com o professor, ele tende a sentir vergonha de falar francamente na frente dos colegas (mesmo sendo poucos) e se ele estiver sozinho apenas em companhia do professor, ele poderá sentir vergonha do próprio professor. O qual se for do sexo oposto, ainda será um agravante.

O Projeto Vida usa duas estratégias pedagógicas principais: uma caixa de perguntas e um portfólio. Este último é uma espécie de memorial, através

do qual o aluno pode, de forma anônima em sala de aula fazer um relato de alguma experiência sexual passada que o aflige e, na aula seguinte obter alguma orientação do professor. Já a urna fica na sede do próprio projeto dentro da escola onde os estudantes podem depositar suas dúvidas de forma anônima por escrito que são respondidas no serviço radiofônico da própria escola. Mas o Projeto Vida, mesmo já tendo sido tema de uma reportagem da TV Escola do Ministério da Educação, até hoje nunca fez uso da internet como forma não só de dar amplitude e buscar apoio para suas ações, como também nunca a utilizou como meio de contato anônimo ou com os alunos da instituição de ensino.

Embora sejam louváveis as inúmeras estratégias que vêm sendo desenvolvidas ao longo dos tempos, visando solucionar o problema da sexualidade enquanto tabu, é do entendimento deste trabalho que nenhuma dessas estratégias são, por si só, eficazes, já que, em todas elas, até ao fazer uso da caixa de perguntas, os alunos sentem que podem ter sua identidade descoberta e sua respectiva privacidade violada. No que concerne às caixas de perguntas, a identidade pode ser descoberta por meio do simples reconhecimento da caligrafia do aluno ou até do tipo de papel que ele usou.

Com o advento da internet, se criou e se difundiu amplamente uma falsa noção de que qualquer pessoa pode ter acesso e tirar dúvidas sobre as informações que desejar. Mas só um professor poderá orientar seus alunos sobre que fontes são confiáveis e prestar esclarecimentos no que diz respeito a contextualizações em que cada caso deve ser analisado de forma diferente e, dependendo do caso, orientar também seu aluno a melhor forma de procurar orientação médica para diagnóstico correto, realização de exames e, dependendo do resultado, posterior tratamento. Por exemplo, sabe-se que, muitas vezes, uma adolescente menor de idade, embora tenha plano de saúde, sequer chega a procurar um ginecologista para consultas e esclarecimento de dúvidas porque teme que seus pais descubram que ela já é sexualmente ativa. Por exemplo, um site sobre relação sexual desprotegida até pode prover informações gerais sobre o assunto, mas o nível de exposição dos jovens a DST e o risco de gravidez não desejada varia de acordo com cada situação específica. Nesse sentido, o papel do professor se coaduna com o que deve

ser sua moderna prática: a de que ele não necessita mais ser um “repositório de informações”, mas sim do professor como um “animador de debates” (FREIRE, 2003, p. 12).

Assim como a própria Educação a Distância, a Educação Sexual, como temática transversal nos currículos das escolas em nosso país, não deve ter seu foco no material didático ou no aluno, mas na produção de conhecimento, através da qual, os educadores devem conferir se os alunos estão conseguindo atingir os objetivos propostos.

Dessa forma, em termos pedagógicos, imagine-se, então, que em uma disciplina como Ciências ou Biologia, na qual o professor esteja abordando temas delicados como reprodução humana, sexualidade ou doenças sexualmente transmissíveis, os educandos se sentiriam muito mais confortáveis ao tirar dúvidas sobre sexualidade de forma anônima com o professor, via rede social on-line, do que perguntar pessoalmente ao docente ou, fazer perguntas em plena sala de aula com seus colegas servindo de plateia. Nesse caso, a necessidade de identificação do educando torna-se secundária, em face dos benefícios do ato educacional que se estabelece entre educadores e educandos. Dessa forma, ao participar do ambiente que ele construiu para si e seus educandos no Orkut, ele acaba congregando não só seus educandos, como também os da instituição onde leciona e, conseqüentemente, a sociedade. Seguindo o ideal de que, no futuro, a aprendizagem seja presencial e a distância ao mesmo tempo, tendo em vista que boa parte das discussões pode ser mantida a distância, o professor tem a possibilidade de manter sua aula ativa durante toda a semana.

Nesse sentido, a grande vantagem da utilização do Formspring em comparação com as caixas de perguntas tradicionais é que a utilização da rede social on-line permite aproveitar em benefício da Educação Sexual o grande apelo que as novas tecnologias de informação e comunicação têm exercido sobre os jovens.

Tendo em vista que somos seres sociais, instituir comunidades é algo natural ao ser humano. Entretanto, no passado, essa aspiração era dificultada devido à falta de meios tecnológicos que permitissem às pessoas

estabelecerem facilmente o contato. Com o advento da internet<sup>173</sup>, as possibilidades de interação se potencializaram. Através dela, contata-se para conversar, tirar dúvidas, fazer perguntas, participar de ações políticas e sociais, utilizar serviços bancários, estabelecer trocas comerciais, intercâmbios culturais através de várias ferramentas específicas para esse fim, como chats, fóruns, ferramentas de interação instantâneas e redes sociais on-line como o Orkut. Inclusive, a inserção natural dos jovens nestes ambientes é tal que pesquisas recentes (2008) revelam que estas redes estão superando os sites<sup>174</sup> pornográficos em popularidade entre os jovens com idade entre 18 e 24 anos.<sup>175</sup> Adam Schaff nos lembra que:

[...] deve-se levar em consideração os fenômenos que estão se produzindo hoje em larga escala na juventude, e que nos chocam na maioria das vezes por causa da forma alienada com que esta juventude se opõe às sociedades existentes [...] No entanto, se conseguirmos fazer abstração das formas exteriores freqüentemente chocantes [...], podemos reduzir a variedade destas formas de alienação a um único denominador comum: a aspiração por uma vida coletiva, a ruptura com o individualismo que separa uns dos outros. (SCHAFF, 1995, p. 110-111).

Nesse contexto, nas redes sociais on-line muitos jovens têm se reunido espontaneamente para debater diversos assuntos de seu interesse e não tem sido feita uma associação destes participantes e o desenvolvimento educacional. Também pouco se têm discutido com a profundidade necessária as influências da organização e o seu funcionamento nesse processo. Afinal, nesses ambientes, a maior finalidade da administração é no sentido de que haja comunicação no âmbito da Gestão Democrática.

---

<sup>173</sup> Geralmente usados como termos sinônimos, existe uma diferença entre “internet” e “web”. Internet é uma rede de computadores dispersos por todo o planeta, que troca dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários. Isto é, internet é a estrutura física de rede em si. Já web é a interface gráfica hipertextual que facilitou o acesso da internet e estendeu seu alcance ao público em geral. Isto é, a web compreende fotos, textos, gráficos como em uma página de revista impressa.

<sup>174</sup> “Site” e “home-page” não são palavras sinônimas. Um site é uma ou um conjunto de páginas em hipertexto, que podem conter textos, gráficos, fotos e vídeos. Já *home-page* é tão somente a página inicial, principal, de um site.

<sup>175</sup> Cf.: Redes sociais superam pornografia em popularidade, diz estudo. Disponível em: <http://computerworld.uol.com.br/mercado/2008/09/18/redes-sociais-superam-pornografia-em-popularidade-diz-estudo>. Acesso em: 25/09/2008.

Nesse sentido, uma rede social cujo sistema permita anonimato e cujo ambiente grande parte dos jovens se sentem familiarizados, poderia servir como extensão de sala de aula em uma disciplina de Ciências ou Biologia que esteja discutindo assuntos relativos à Educação Sexual. Área da qual os jovens tradicionalmente se sentem inibidos em participar das discussões. A posição do professor em relação aos alunos deve ser de estimular o aprendiz a explorar, descobrir, presencialmente e virtualmente o assunto estudado. Essas são prerrogativas de um docente, não importando a modalidade de educação em que esteja atuando. É por isso que, nesse processo, o papel a ser desenvolvido pelo professor é fundamental. É dentro desse âmbito que também podemos falar das competências do “professor reflexivo”, pois:

Assumir a reflexão, a crítica, a pesquisa como atitudes que possibilitam ao professor participar na construção de sua profissão e no desenvolvimento da inovação educativa, norteia a formação de um profissional não só para compreender e explicar os processos educativos dos quais participa, como também para contribuir na transformação da realidade educacional no âmbito de seus projetos pessoais e coletivos. (RAMALHO; NUÑEZ; GAUTHIER, 2003, p. 23).

Uma professora da disciplina de Biologia (3º ano do Ensino Médio) na escola pública Atheneu Norte-rio-grandense revelou, em entrevista, que, em um bimestre letivo ela dispõe apenas uma semana, algo em torno de três aulas de 50 minutos, para discutir (presencialmente) sobre o conteúdo. Com alunos do sexo masculino e feminino presentes, boa parte deles constrangidos e acanhados. Dessa forma, boa parte das dúvidas dos jovens de ambos os sexos deixa de ser dirimida devido à timidez dos alunos. Tratando-se de uma questão de saúde pública, não é preciso dizer essa desinformação, em casos menos graves, poderia evitar gravidez precoce e, em casos mais graves, até salvar vidas. A professora revelou que as alunas a procuravam sempre depois da aula para fazer perguntas relativas à Educação Sexual:

Elas esperavam os meninos saírem para, então, fazer as perguntas que elas realmente tinham dúvidas. Em todas as turmas que dei aulas aconteceu isso. Vinham grupos formados por até 15 alunas. Faziam perguntas sobre higiene íntima, sobre sexo anal, se sexo oral transmitia doenças, se o ato

sexual entre lésbicas representava algum perigo de contaminação, se fazer sexo com duas camisinhas era mais seguro. Perguntavam também se transar sem camisinha dentro d'água diminuía o risco de gravidez, se ao trocar de biquíni com outras meninas havia risco de contaminação por alguma DST, sobre quais os risco de pegar alguma doença em um motel e se transar menstruada não poderia causar gravidez. Incrivelmente, certa vez uma aluna perguntou se alguém que tivesse AIDS ficaria curado ao passar a doença para outra pessoa (PAIVA, entrevista, 2008).

Para a professora, a inibição das alunas advém do medo que elas têm de que os meninos pensem que elas querem praticar aquilo que perguntam ou, então, que eles pensem que, por estarem perguntando, elas já fizeram antes. Certa vez, a professora teve a ideia de fazer uma urna para que perguntas anônimas pudessem vir à tona, pois acredita que se as perguntas pudessem ser dirigidas a ela, de forma anônima, as aulas certamente renderiam mais e os alunos poderiam tirar todas as suas dúvidas sem o constrangimento da presencialidade. Nesse sentido, um ambiente on-line onde se podem fazer questionamentos sobre sexualidade ao professor representa um avanço na condição no geral dos jovens e especialmente da mulher, que pode tirar proveito dessa possibilidade, sobretudo em se tratando de sociedades que não adotam uma postura de equidade em relação a homens e mulheres, pois:

As mulheres constituem normalmente a maioria da sociedade e a forma concreta da família, que freqüentemente é patriarcal, depende da posição delas. Esta situação está em contínua e acelerada transformação e o processo se intensifica como resultado da atual revolução industrial. (SCHAFF, 1995, p. 135).

Dessa forma, observa-se como, até hoje, o papel do professor ainda é importante para os estudantes, embora, nos últimos tempos, se tenha propalado na mídia opiniões que indicam o contrário. Os alunos recorreram a um professor para dirimir suas dúvidas, mesmo sabendo que há informações sobre Educação Sexual em centenas de sites da internet, incluindo o do Ministério da Saúde. Sendo assim, é um propósito central deste trabalho pensar sobre como as novas tecnologias de informação e comunicação podem ser úteis como estratégia de burla de inerentes ideologias repressoras.

Sendo assim, inicialmente, fazia parte da metodologia do projeto desta pesquisa trabalhar apenas com uma comunidade no Orkut aberta para esse fim. Mas, em abril de 2009, no mês seguinte ao início do Doutorado (março de 2009), os administradores do Orkut surpreenderam seus usuários retirando das comunidades a possibilidade que existia, desde a sua fundação em janeiro de 2004, de postagens anônimas com desculpas pouco convincentes. A decisão, que, na prática, inviabilizava a experiência a ser realizada pela pesquisa em questão, foi comunicada com o título de “Trazendo pessoas de verdade de volta para a conversa”<sup>176</sup> aos usuários através do blog oficial da rede on-line em 13 de abril de 2009:

Uma das coisas mais legais sobre o orkut é como ele permite que todos nós formemos comunidades sobre assuntos com os quais nos importamos. Pessoalmente, eu adoro mergulhar em fóruns de discussão e conversar sobre meus assuntos favoritos com outras pessoas que compartilham meu entusiasmo. Entretanto, cada vez mais, temos percebido que os posts anônimos têm dificultado a nossa diversão e as conversas significativas que todos almejam ter nas comunidades do orkut. Em vez de posts de qualidade, temos visto muito spam e comentários abusivos de usuários anônimos. Para tornar as comunidades um lugar mais divertido de se passar o tempo, decidimos retirar a opção “postar anonimamente” de todas as comunidades. Embora nenhum post anônimo novo seja aceito no fórum de nenhuma comunidade, qualquer comentário anônimo postado anteriormente poderá permanecer no ar, pelo menos por enquanto. Esperamos que essa nova mudança traga conversas mais úteis e equilibradas para os fóruns de discussão do orkut. Se você quiser dar sua opinião sobre essa decisão, fique à vontade para nos contatar através do grupo U2U do orkut– nós vamos adorar saber o que você acha. Feliz postagem! (KULKARNI, site, 2009).

Desde a criação do Orkut, os moderadores das comunidades sempre tiveram autonomia para decidir se iriam ou não permitir postagens anônimas ou apenas nominais. Além disso, essa decisão tinha a flexibilidade de ser reversível: o moderador poderia habilitar ou desabilitar a postagem anônima sempre que achasse oportuno. Isso, por si só, já é suficiente para controlar o que o comunicado oficial dos responsáveis pela rede chamam de “comentários

---

<sup>176</sup> Cf.: <http://blog.orkut.com/2009/04/trazendo-pessoas-de-verdade-de-volta.html>

abusivos de usuários anônimos”. Outro argumento oficial foi a publicação de spam. Há muitos anos, tanto os fóruns, quanto os blogs, sites de compartilhamento de arquivos e até para abrir contas de e-mail têm exigido que sejam copiadas algumas letras embaralhadas para se provar que ninguém é uma máquina de spam. As tentativas de contato com os funcionários do Orkut tanto na matriz nos Estados Unidos, quanto na filial da Google Inc. no Brasil não surtiram em uma resposta ou resultaram em algum efeito. Sendo assim, o projeto de pesquisa deste Doutorado teve que ser modificado. Algum tempo foi preciso ser gasto até que se descobrissem redes sociais on-line que possibilitassem alguma forma de contato que permitisse o anonimato. Não só esse problema foi solucionado, como também acabou se mostrando de extrema utilidade, uma vez que ampliou as opções para além do Orkut, que já, naquele tempo, apresentava sinais de decadência na qualidade do serviço em termos de inovações. Isso só agravou a situação, já que, como foi dito, a parcela usuária de classe média já estava em busca de outra rede “mais exclusiva”.

Pesquisas prévias indicaram que uma rede social on-line chamada Formspring<sup>177</sup>, criada em novembro de 2009, embora tivesse a desvantagem de ainda ter sua interface apenas em inglês, ela tinha a vantagem de ter sua execução ainda mais intuitiva do que as comunidades do Orkut com a imensa vantagem de não precisar de cadastro para que se fosse feita a pergunta. Apenas, o administrador que iria respondê-la precisaria abrir uma conta.

O Formspring.me foi criada pelos designers John Wechsler e Ado Olonoh que trabalhavam em um site de mesmo nome<sup>178</sup> que se dedica a possibilitar que qualquer pessoa possa construir formulários on-line. Eles perceberam que muitos usuários estavam utilizando o serviço para criar formulários através dos quais seus amigos, familiares ou até pessoas desconhecidas poderiam lhes perguntar qualquer coisa<sup>179</sup> tendo sua identidade

---

<sup>177</sup> Cf.: <http://www.formspring.me/>

<sup>178</sup> Inicialmente, o site era apresentado como “Formspring.me” que é como está registrada sua URL (endereço na internet). Essa medida foi para evitar a confusão com o nome da empresa que também se chamava Formspring. Em 2010 a empresa mudou seu nome para “Formstack”, a qual passou a se dedicar ao oferecimento dos formulários on-line genéricos. A partir desse momento, Formspring passou a ser apenas o nome da nova rede social, com equipe e recursos próprios.

<sup>179</sup> Do inglês: “Ask me anything” (“Pergunte-me qualquer coisa”)

preservada. A demanda foi tanta que, sendo assim, esses designers decidiram criar um serviço separado só para a criação de formulários anônimos.

Quando alguém acessa uma conta de outra pessoa no Formspring, ele se depara com uma interface bastante simples em que há uma caixa de texto e um botão escrito em inglês “Envie sua pergunta”. Após escrever e enviar, a pergunta segue para uma caixa de entrada particular do usuário da conta, podendo ignorá-la, apagá-la ou respondê-la, tal como já se faz em blogs. Apenas, as perguntas ou comentários respondidos pelo usuário da conta são postados publicamente na página inicial da conta, logo abaixo da caixa de texto utilizada para fazer a pergunta. Nesse sentido, o Formspring representa uma atualização ampliada das antigas cartas anônimas cujo conteúdo poderia ser um aviso sobre uma traição conjugal ou uma declaração de amor. Desde o início dos tempos, o ser humano tem necessidade de expressar sentimentos e questionamentos que não tem coragem de fazer nominalmente. E, ao longo do tempo ele vem lançando mão dos recursos tecnológicos que, pode oferecer: dois nomes dentro de um coração riscado a canivete em uma árvore, palavras de ordem pichadas em muros e cartas escritas e enviadas sem remetente. Por elas, ao longo dos séculos, declarações de amor puderam ser feitas por pessoas tímidas como uma preparação prévia para uma, quem sabe, uma declaração nominal futura, sem o risco imediato de levar um fora. É possível, ainda, fazer perguntas, críticas e elogios, sem correr o risco de romper uma amizade ou de parecer um bajulador. Nesse sentido, o Formspring estimula conversas que, muitas vezes pela delicadeza do assunto, não são comuns quando os interlocutores são identificados. Mas o efeito colateral disso é que ele também deixa espaço para que sejam feitos ataques covardes, comentários grosseiros, perguntas ou brincadeiras maldosas.

O projeto de pesquisa desta tese foi escrito em 2008 (um ano antes do processo seletivo) e, como já foi dito, o objetivo era utilizar as comunidades do Orkut que, até então, permitiam postagens anônimas. Mas no mesmo ano que o Formspring estava sendo implementado, isto é 2009<sup>180</sup>, o Ministério da Saúde começou um serviço para atender à população através de várias redes

---

<sup>180</sup> Cf.: <http://www.formspring.me/minsaude/q/329361584264606243>

sociais<sup>181</sup> on-line, entre elas o Formspring<sup>182</sup>. Segundo informações obtidas através do próprio ambiente<sup>183</sup>, as dúvidas que são postadas pelos cidadãos na própria conta do Formspring do Ministério da Saúde são respondidas por uma equipe técnica da assessoria de comunicação do Ministério, composta por profissionais da área da Saúde e Comunicação Social. Sendo assim, pode-se observar que a iniciativa prática do Ministério da Saúde estava em concordância com os objetivos desta tese, embora o objetivo desta pesquisa sempre tenha sido a realização da experiência em um ambiente escolar com jovens envolvendo educandos e educadores, não os cidadãos de modo geral.

Anos depois, a Google Inc. foi introduzindo diversos aplicativos que os usuários poderiam agregar ao seu perfil. A maioria deles se trata de joguinhos, mas a “Caixa da Verdade” é uma ferramenta importante. Tal qual o Formspring, a Caixa da Verdade também permite postagens anônimas, mas para usá-lo é preciso que ambos os usuários tenham perfis no Orkut e, além disso, também é necessário que os dois tenham optado por incluir neles o aplicativo. O grande diferencial com relação ao Formspring é que a Caixa da Verdade revela o sexo de quem fez a pergunta, podendo ser de grande valia quando se trata de Educação Sexual. No caso do Formspring, só é possível saber o sexo de quem faz as perguntas pelo contexto da própria pergunta.

No entanto, o que interessa aqui é a análise da possibilidade de troca de informações de forma anônima entre jovens educandos e educadores sobre temas tabus como os que fazem parte da Educação Sexual, tendo em vista que a presencialidade é inibidora.

Andrade (2009, site) lembra que uma tese não é um texto escrito, mas a intervenção que se faz no real. A parte escrita é o relatório. Assim sendo, a experiência de campo<sup>184</sup>, em que esta tese se baseia foi realizada no minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (20h/a), ocorrido no dia 6 de agosto de 2011 em Campo Redondo – RN, durante o 7ª Encontro de Jovens e

---

<sup>181</sup> Cf.: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/area/348/redes-sociais.html>

<sup>182</sup> Cf.: <http://www.formspring.me/minsaude>

<sup>183</sup> Cf.: <http://www.formspring.me/minsaude/q/325289764863361999>

<sup>184</sup> A experiência realizada contou com o auxílio de Maria Eufrásia Ferreira Ribeiro e Tiago Tavares e Silva, servidores da Sesap, e contou com o apoio da SIEC – Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação e do Programa de DST/AIDS e Hepatites Virais da Sesap - Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN.

Adolescentes e Educadores, com o tema “Educação no enfrentamento da violência e promoção da saúde”, promovido pelo Centro de Promoção Social “Noir Medeiros de Souza”. Na experiência, 20 jovens de ambos os sexos participaram de forma voluntária, e puderam usar um ambiente on-line exclusivamente destinado a prestar, de forma anônima, informações sobre dúvidas relacionadas à sexualidade humana e doenças sexualmente transmissíveis (DST), tais como risco de gravidez, métodos anticoncepcionais e afins, isto é, o ambiente on-line foi eleito como área de interlocução da experiência. Nesta pesquisa, foi utilizada uma conta chamada “Por trás de links, sempre existem pessoas” no ambiente Formspring<sup>185</sup>, aberta especificamente para essa experiência (confira anexo 2 – Página inicial do ambiente “pessoas nos links” utilizado nesta pesquisa). O minicurso foi dividido em três momentos: exposição oral sobre Educação Sexual e DST oferecida conjuntamente com técnicos da Sesap; a experiência propriamente dita em que os jovens com a anonimidade assegurada puderam fazer suas perguntas através do Formspring; e no final, houve a aplicação do questionário com perguntas objetivas e subjetivas (confira Apêndice – Questionário). Foi resguardado o anonimato dos que, voluntariamente, os responderam (confira anexo 3 – Fotos da experiência realizada). Os questionários não foram entregues em mãos dos organizadores da experiência, mas sim depositados em um invólucro específico.

Aos jovens, foi enfatizado que não seria tecnicamente possível para ninguém identificar quem é o(a) autor(a) de qualquer pergunta postada em nosso ambiente on-line. Sequer os colegas, pais, educadores, namorados ou namoradas ou mesmo os técnicos e educadores participantes da experiência conseguiriam identificar quem é o(a) autor(a) da pergunta. Inclusive, o próprio sucesso da experiência dependia disso.

Os jovens também foram informados que não há como fazer diagnósticos pela internet. O objetivo foi, apenas, fornecer informações preliminares sobre Educação Sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Por isso, a experiência com o ambiente on-line não fornece, tampouco substitui orientações médicas. Caso o jovem tivesse dúvidas sobre o seu

---

<sup>185</sup> Cf.: <http://www.formspring.me/pessoasnoslinks>

estado de saúde, a recomendação foi a de que ele visitasse um médico e contasse seu histórico para que, se necessário, fossem feitos exames. As perguntas foram respondidas por técnicos do Programa de DST/AIDS e Hepatites Virais da Sesap - Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN e posteriormente publicadas no ambiente junto às respectivas perguntas.

Assim, observou-se que, em um contexto de um curso escolar regular, a experiência com a utilização de uma rede social on-line que permita postagens anônimas pode ser posta em prática no Ensino Fundamental (5º a 8º ano), envolvendo, jovens a partir de aproximadamente 10 anos e, sobretudo, do Ensino Médio, quando os jovens têm idade que varia entre 15 e 17 anos. Época na qual boa parte deles já teve ou está prestes a ter relações sexuais.

Enquanto conteúdo transversal, um projeto de Educação Sexual não precisa ficar a cargo exclusivamente de professores de Ciências e Biologia. Ele também pode envolver professores de Filosofia, Sociologia, Informática e, caso a escola tenha acesso, um profissional de Psicologia ou Psicanálise:

Os professores e/ou animadores responsáveis pelas intervenções sobre a sexualidade educam mais por suas atitudes, do que pelos conhecimentos que transmitem. Educam pela maneira como encaram a própria sexualidade e a sexualidade dos outros, em particular das crianças e adolescentes. Eis por que a competência científica não é a qualidade essencial para os que vão se ocupar da educação sexual, embora seja indispensável que possuam os conhecimentos que vão fundamentar suas intervenções sobre a sexualidade humana, em geral, e da criança e do adolescente, em particular. (WEREBE, 1998, p. 194 e 195).

Assim, na experiência aqui sugerida com redes sociais on-line que permitem anonimato como estratégia complementar às aulas presenciais de Educação Sexual, tais professores podem responder às perguntas coletivamente de maneira transdisciplinar, em que cada um pode dar a resposta um pouco da dimensão de sua área, e isso, com certeza será extremamente proveitoso para os discentes. Afinal, a transversalidade supõe a preexistência da transdisciplinaridade. Nesse caso, a temática da sexualidade funcionaria como pensamento organizador que perpassa “entre”, “além” e “através” das diferentes disciplinas.

Como estratégia para desencadear as discussões, normalmente um professor faz uso de notícias em jornais, revistas e sites; promove sessão de filmes e documentários, utiliza pôsteres, faz apresentações em *Power Point* e usa textos literários como contos ou poesias sobre questões românticas e sexuais. Mas, em uma situação de sala de aula convencional, esse material (perguntas e respostas) publicado, no ambiente on-line pelo professor, pode ser muito rico para que não só o professor possa ter uma ideia mais fidedigna (em comparação com as aulas exclusivamente presenciais) das necessidades e expectativas de seus alunos, como também ele pode fazer uso dessas perguntas como estratégia para desencadear as discussões nas aulas presenciais.

Nesta pesquisa, procurou-se “conhecer o universo cognitivo e cultural dos educandos e, com base nisso, desenvolver processos de ensino e aprendizagem interativos e participativos” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, p. 104). Sendo assim, pode-se dizer que, nesta pesquisa, o ato educacional se desenvolveu da seguinte forma:

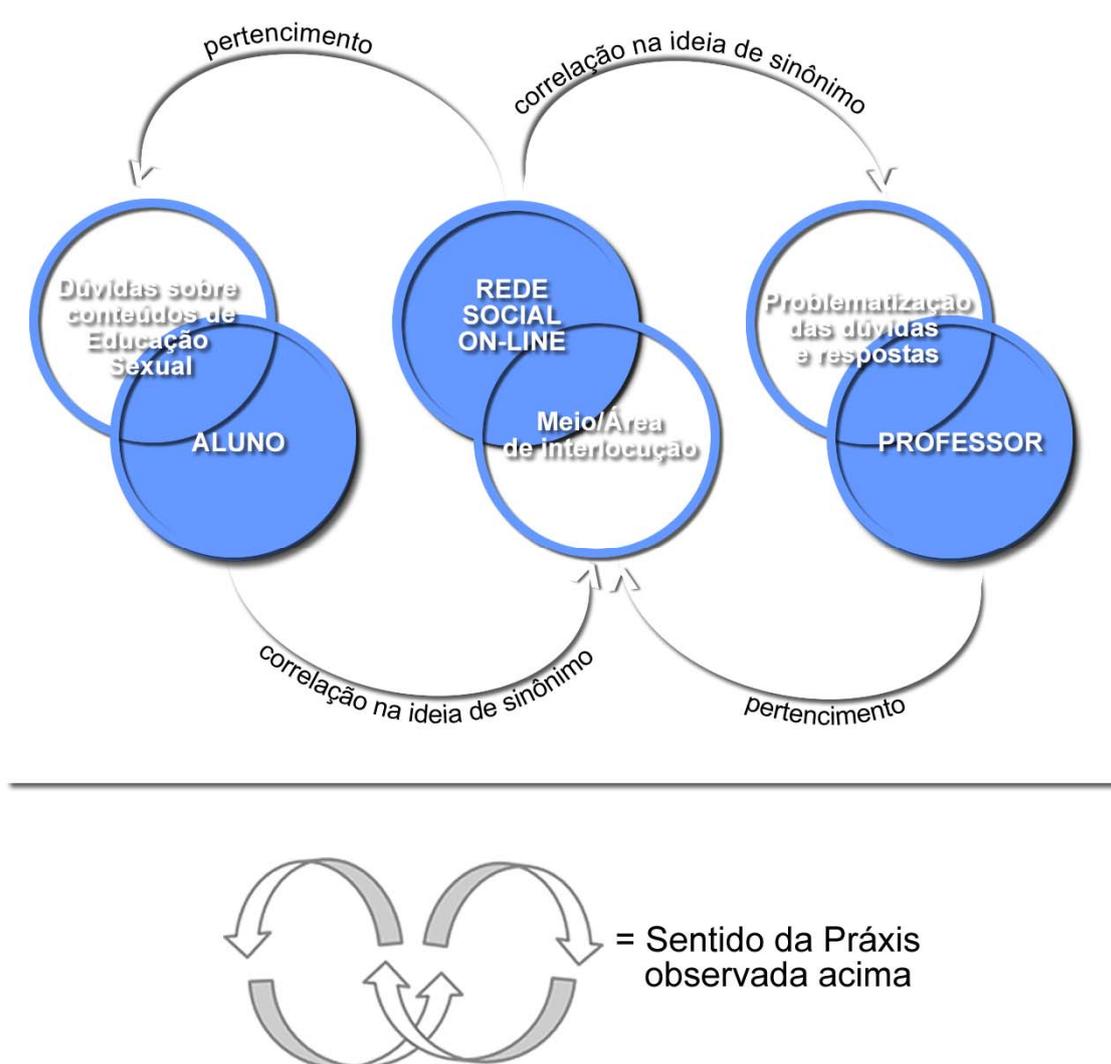
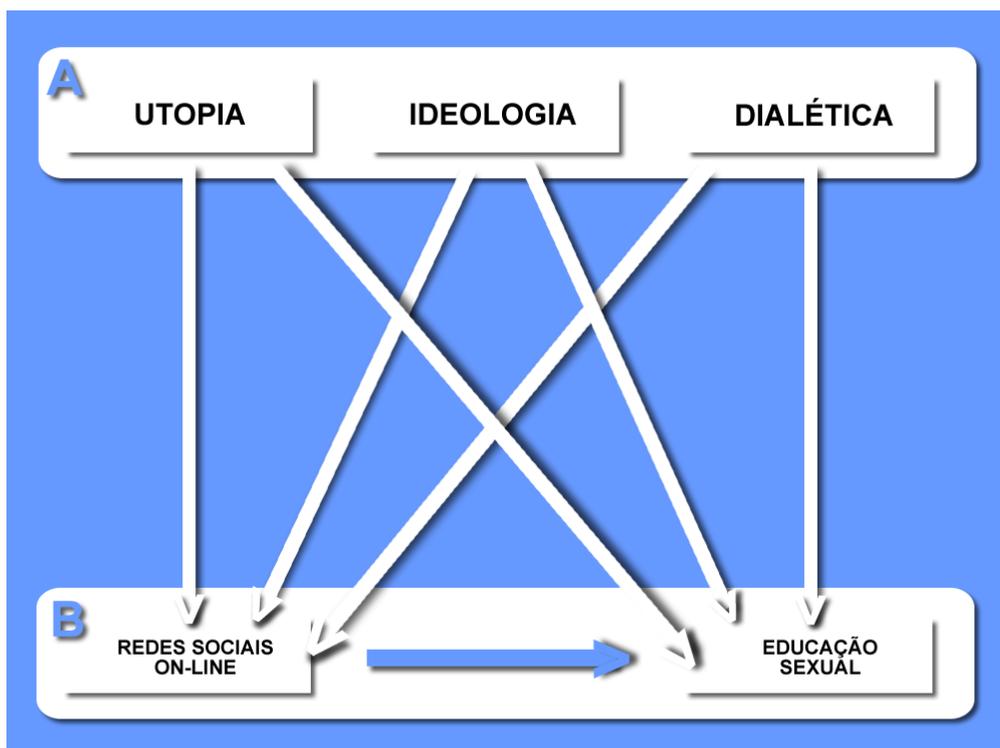


ILUSTRAÇÃO 10 – Demonstração gráfica do desenvolvimento do ato educacional, tendo como referência os discentes, o ambiente on-line e os docentes.

Observando a demonstração gráfica acima (confira ilustração 10), constata-se que ela está permeada pela comunicação como construtora de conhecimento, o ato educacional é uma ação intencional e cabe ao docente planejar sua atuação dentro de um contexto cultural, sociopolítico e econômico contemporâneo que vise à formação de seus discentes enquanto cidadãos. No caso específico do objeto de estudo desta tese, o sentido da práxis, no formato similar ao símbolo de infinito ( $\infty$ ), entrecruza as relações dialógicas (interativas) entre docente (problematizador das respostas mediante a análise das perguntas) e discente (problematizador das perguntas segundo

uma perspectiva de resposta) que se dão por meio da rede social on-line Formspring (meio/área de interlocução), em um trajeto sempre retroalimentado, já que, não só os alunos têm a oportunidade de tirar suas dúvidas, como também cabe ao professor verificar o nível de eficácia de sua própria prática. O que resulta no sentimento de pertença por ambas as partes.

Ainda no que diz respeito ao sentido de pertencimento, é válido observar, a demonstração gráfica a seguir (confira ilustração 11). Nela, são vistos os três conceitos principais aqui estudados: utopia, ideologia e dialética (no gráfico chamado de campo A), que também exercem influência considerável sobre as aspirações humanas por emancipação. Convém, ainda, observar as redes sociais on-line e o tema transversal da Educação Sexual no campo denominado de educação e tecnologia (no gráfico chamado de campo B). O campo A da emancipação humana exerce sua influência sobre o campo B da educação e tecnologia (setas brancas).



**A = Emancipação humana**

**B = Educação e tecnologia**

**→ = Pertencimento educacional**

**—> = Influência conceitual**

ILUSTRAÇÃO 11 – Demonstração gráfica do desenvolvimento do ato educacional, tendo como referência os três grandes conceitos teóricos norteadores da tese (campo A) e os dois espaços de atuação prática (campo B).

Observando a demonstração gráfica acima, é possível conjecturar sobre os seguintes aspectos inter-relacionados:

- As redes sociais on-line, mantidas por grandes empresas privadas e destinadas a relacionamentos interpessoais, são utópicas quando elas são pensadas como úteis ao campo da educação e quando são idealizadas como superestruturas futuras em que cada uma será interligada uma com a outra sem a interferência de interesses pecuniários. Essas redes são ideológicas quando elas refletem a visão

de mundo de grupos e classes sociais, servindo-lhes de espaço público virtual. Elas são dialéticas, em termos materialistas, quando (não sempre) no processo de tese-antítese e síntese dos debates nelas travados existe a abertura de espaço para a construção dialógica quando educadores revolucionam ao subverterem um meio tecnológico capitalista que foi criado originalmente para gerar lucro e o usam em projetos educativos. E isso já foi afirmado, de forma mais básica, no trabalho dissertativo anterior a esta tese<sup>186</sup>;

- O campo da Educação Sexual é utópico quando ele consegue colocar em prática de forma plena visando contribuir para a igualdade entre os gêneros, exercício pleno da sexualidade e, conseqüentemente, para a emancipação humana, assim como neste trabalho já foi abordado no subitem “4.1 – Utopia e sexualidade humana”. A Educação Sexual é também campo de lutas ideológicas antagônicas por adotar uma concepção libertária advinda de educadores progressistas ao mesmo tempo que está permanentemente a mercê de correntes doutrinárias reacionárias advindas, sobretudo, de membros das igrejas, mas também advindas de tabus seculares, concepções pessoais, de tradições familiares e culturais. A Educação Sexual é dialética, em termos materialistas, quando, no melhor sentido da práxis, ela é reflexiva e de forma retroalimentada tem sua produção teórica amparada por experiências práticas e sua prática reflete uma concepção teórica estruturada. E, ainda, quando esse campo consegue, mesmo que a duras penas, avançar graças aos esforços de educadores e educandos.

Nesse sentido, vale observar que, enquanto o campo A é ocupado por conceitos de atuação teórica, o campo B é ocupado por espaços de atuação prática. Observe-se agora que B pratica a teoria que recebe de A e ainda dentro do próprio campo B, o trabalho realizado por alunos e professores em

---

<sup>186</sup> Cf.: COSTA, Adriano Medeiros. Redes sociais on-line universitárias, uma perspectiva. In.: Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula, dissertação (Mestrado em Meios de Comunicação e Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

uma rede social on-line, será bem sucedido se os alunos participantes das aulas de Educação Sexual se sentirem pertencidos ao processo (seta azul).

Assim sendo, tal e qual no mestrado anterior (2008), a metodologia empregada nesta pesquisa foi: a categoria em parte qualitativa e em parte quantitativa. O método, uma combinação de estudo de caso com pesquisa-ação. A técnica é uma aplicação de questionários. A coleta de dados presencial e os tipos de dados primários. Como a problemática implica situações muito diversas entre si, a expectativa é que a adoção de métodos e técnicas de exame decorra dessa multiplicidade. Metodologicamente, a premissa de que é preferível buscar compreensão em detrimento do rigor, pois:

A metodologia serve para facilitar a produção do conhecimento, como segurança ética e para possibilitar a réplica. Na pesquisa acadêmica não podemos nos preocupar com a excessiva pureza metodológica. Ela deve ser um instrumento de compreensão e não de limitação da compreensão. (ANDRADE, 2007, site).

Quanto à concepção de metodologia, Muniz Sodré diz que:

Uma coisa é a metodologia e outra, os métodos. Edgar Morin fez essa distinção. Metodologia são os métodos já testados, que muitas instituições acadêmicas aplicam mecanicamente. Eu diria que a comunicação tem método e não tem muita metodologia. Método é o percurso em direção a um objetivo, é um caminho. Isso significa que todo trabalho científico comporta uma criação, uma descoberta, seja qual for. (SODRÉ *apud* MOURA, 2002, p. 88).

Em uma explicação clara e objetiva, pode-se dizer que “Fazer pesquisa é defender uma ideia, fundamentando-a com bibliografia” (TEIXEIRA, 2006, p. 1). Em termos metodológicos, pode-se dizer que, quanto à categoria de pesquisa, foi adotada a pesquisa qualitativa. Tradicionalmente, as pesquisas, nas ciências humanas e sociais privilegiavam a busca pela estabilidade

constante dos fenômenos humanos, a estrutura física das relações e a ordem permanente dos vínculos sociais. Esse tipo de abordagem foi substituída por uma orientação que busca apontar a complexidade e as contradições de fenômenos aparentemente simples. Dessa forma, se passou, então, a valorizar não mais a “estabilidade”, mas sim a “complexidade da vida humana”. O que, em outras palavras, se poderia chamar de aspectos qualitativos dos fenômenos.

Os pesquisadores que adotaram essa orientação se subtraíram à verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, o meio em que se constrói sua vida e suas ações, a compreensão no sentido dos atos e das decisões dos atores sociais, vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão (TEIXEIRA, 2006, p. 4).

A análise qualitativa dos dados desempenha papel fundamental para dados de observação, bem como para os de entrevistas estruturadas ou entrevistas não estruturadas.

Sabe-se que há diferentes tipos de pesquisa qualitativa. Entre elas, há, em comum, sobretudo, a rejeição ao modelo experimental, já que este último defende um padrão único de pesquisa para todas as ciências humanas e sociais, que deve se conduzir pelo paradigma das ciências da natureza, legitimar o conhecimento produzido por pessoas qualificáveis, vindo, sobretudo, a se transformar em explicações gerais.

Contrariando o modelo experimental, a abordagem qualitativa parte do pressuposto de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma independência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Esta pesquisa sobre o uso de uma rede social on-line para a promoção da Educação Sexual deixa transparecer isso.

Assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador não impõe um distanciamento, capaz de extrair leis constantes que a explicam e cuja frequência e regularidade podem ser comprovadas pela observação direta e

pela verificação experimental. A pesquisa qualitativa procura desenvolver conceitos sensíveis, descrever realidades múltiplas e desenvolver a compreensão de todos os tipos de pesquisa qualitativa (PATRÍCIO *apud* PATRÍCIO et al, 1999, p. 4). Os mais usados na produção do conhecimento são: a etnografia, a etnometodologia, o estudo de caso e o estudo documental. Assim, optou-se pelo estudo de caso. Todos os tipos fundamentam-se, a segundo compreensão da autora, em pressupostos da Teoria Fundamentada em Dados, uma vez que, mais “autênticos”, se tornam os estudos qualitativos quanto mais forem baseados no princípio de construir teorizações sobre o tema estudado através da análise constante dos próprios dados empíricos colhidos, para, apenas, posteriormente, se necessário, buscar auxílio da literatura.

Quanto ao método, considera-se que esta pesquisa é parte estudo de caso, parte pesquisa-ação. Dessa maneira, entende-se que os participantes desta pesquisa não foram reduzidos a “cobaias” e desempenharam um papel ativo no processo, tendo em vista que o planejamento de uma pesquisa-ação é dotado de uma flexibilidade considerável. Observou-se que, nesse método, tentou-se equacionar os problemas encontrados, tanto no acompanhamento quanto nas avaliações das ações, organizando-se e definindo, com precisão, a ação, seus agentes, seus objetivos e obstáculos.

A pesquisa-ação (SANTOS, 1999) acontece quando qualquer dos procedimentos é desenvolvido envolvendo pesquisadores e pesquisados no mesmo trabalho, já que a ambos interessaria a criação de respostas imediatas para uma certa necessidade.

A pertinência da pesquisa-ação se explica no sentido de que os educandos da disciplina eram, em sua grande maioria, educandos de cursos de licenciatura, futuros educadores que não só tiveram uma experiência no sentido de ver que a internet (e especificamente as redes sociais) tem uma aplicabilidade educativa, mas também porque potencialmente poderão reproduzir essa experiência em suas futuras salas de aula, seja no ensino secundário, seja no universitário.

Entende-se, assim, que esta pesquisa de Doutorado tem a intenção de gerar transformações na realidade estudada na medida em que produz conhecimento para ser aplicado posteriormente.

A técnica de pesquisa escolhida foi a aplicação de um questionário anônimo no final do minicurso e da experiência com o Formspring envolvendo questões objetivas e subjetivas (vide Apêndice). A coleta de dados foi presencial e os tipos de dados, primários. Em muitas das questões, os jovens poderiam optar por mais de uma alternativa. Ao todo, 20 educandos responderam ao questionário durante sua aplicação. Desses, 30% eram homens; e 70%, mulheres. A faixa etária predominante foi a de 15 a 19 anos (90%). Em seguida, vem a faixa dos 20 a 24 anos (10%).

Boa parte das perguntas de caráter objetivo, com múltiplas alternativas, foi formulada com partes subjetivas, visando saber as “vozes” dos educandos. A premissa principal, ao formular o questionário, foi tentar descobrir se uma rede social on-line como o Formspring serviria realmente, para o contato anônimo entre educandos e educadores. Na primeira parte do questionário, “identificação”, procurou-se saber qual o perfil socioeducacional do educando. A segunda parte foi dedicada a tentar descobrir como eles lidam com a própria sexualidade e sobre o papel dos pais, amigos e educadores nesse contexto, bem como as influências dos meios de informação.

Nesse sentido, a análise das respostas obtidas através dos questionários revelou que, dos estudantes pesquisados, 60% revelaram possuir, pelo menos, um computador em sua casa e todos eles costumam acessar a internet, sendo que a maior parte fica entre uma hora (30%) a até três horas (25%) conectados diariamente. Ao navegar, a maioria está à procura de entretenimento (55%), checar a própria conta de e-mail (50%) e para o envio de torpedos (40%) para o celular de alguém.

As respostas nos questionários também revelaram que todos os jovens inquiridos eram membros de alguma rede social on-line. Em uma questão em que eles puderam marcar mais de uma opção, descobriu-se que o Orkut ainda era utilizado por 90%. O Twitter por 60%, o YouTube por 35% em terceiro lugar o Facebook com 45%. A rede social utilizada na pesquisa, Formspring já era usada por apenas 15%. Uma razão pode ser o fato de a interface gráfica ser ainda apenas em inglês. Em alguma dessas redes, a maioria (35%) declarou que fica conectado por pelo menos uma hora por dia. E cerca de 50% revelaram que se conectam todos os dias e frequentemente mais de uma vez

por dia. Esses acessos acontecem geralmente de casa (40%) ou de uma lan house (30%). A principal razão para a participação deles nessas redes é a mesma pelas quais elas foram criadas: manter contatos com amigos (55%) já existentes e fazer novos amigos (40%). Estranhamente, apenas 10% confessaram fazer uso delas para namorar ou paquerar.

No que diz respeito a sua sexualidade, as respostas dos questionários revelam que pouco mais de um terço (35%) deles já tinha uma vida sexual ativa (confira gráfico 4), o que não é pouco, quando se considera que 90% deles declararam ter entre 15 e 19 anos, como se pode ver no quadro abaixo:



GRÁFICO 4 – Demonstração gráfica, segundo a porcentagem dos que declaram ter vida sexual ativa. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

No caso descrito acima, à luz dos conhecimentos, pode-se conjecturar sobre a hipótese de que em uma pergunta sobre se ele já teve ou não atividade sexual, o adolescente pode ter respondido erroneamente optando pela resposta positiva, mesmo estando o sigilo da aplicação do questionário garantido. Agindo assim, ele estaria querendo enganar a si mesmo, pois, fazer sexo implica estabelecer uma diferença sobre a criança que ele foi até recentemente. Para boa parte deles, fazer sexo é uma prova de maturidade e o não fazer implica a diminuição de sua autoestima.

Os jovens, quando questionados se os seus pais tinham conhecimento acerca da sua vida sexual (confira gráfico 5), a maior parte (30% dos jovens) respondeu dizendo que não. Mas a maior parte (45%) preferiu não responder.

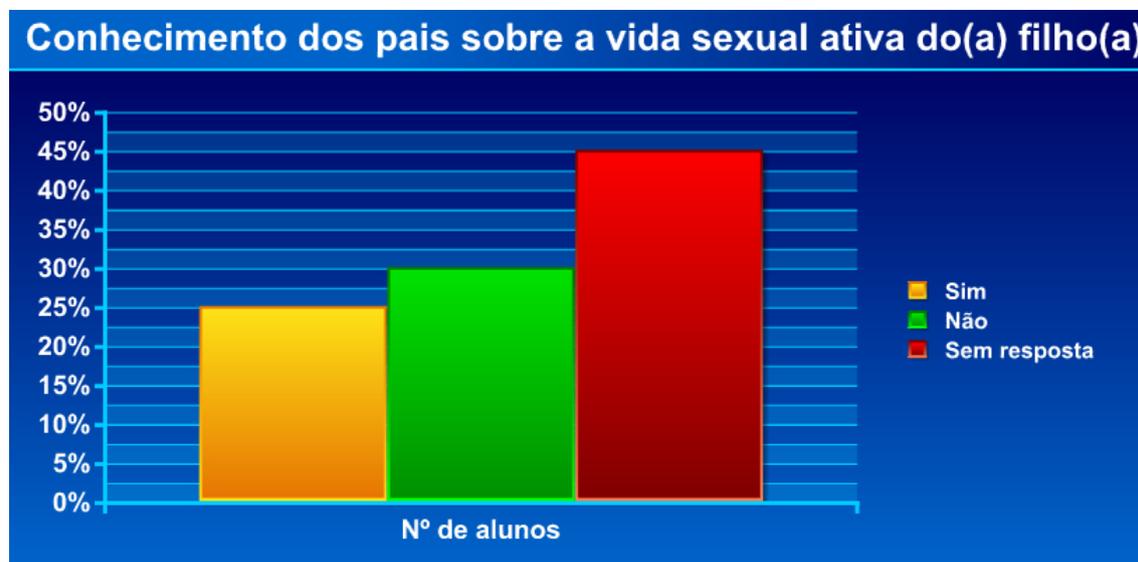


GRÁFICO 5 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que declararam ter ou não os pais ciência sobre sua vida sexualmente ativa. Perfil da amostra: jovens participantes do mini-curso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

Os jovens se mostram indecisos (45%) sobre se sentiam vergonha de falar com alguém sobre sexo (confira gráfico 6), mesmo que seja com um amigo, parente, professor ou profissional de saúde. Enquanto isso, a porcentagem dos que declararam sentir ou não sentir foi a mesma (25%):

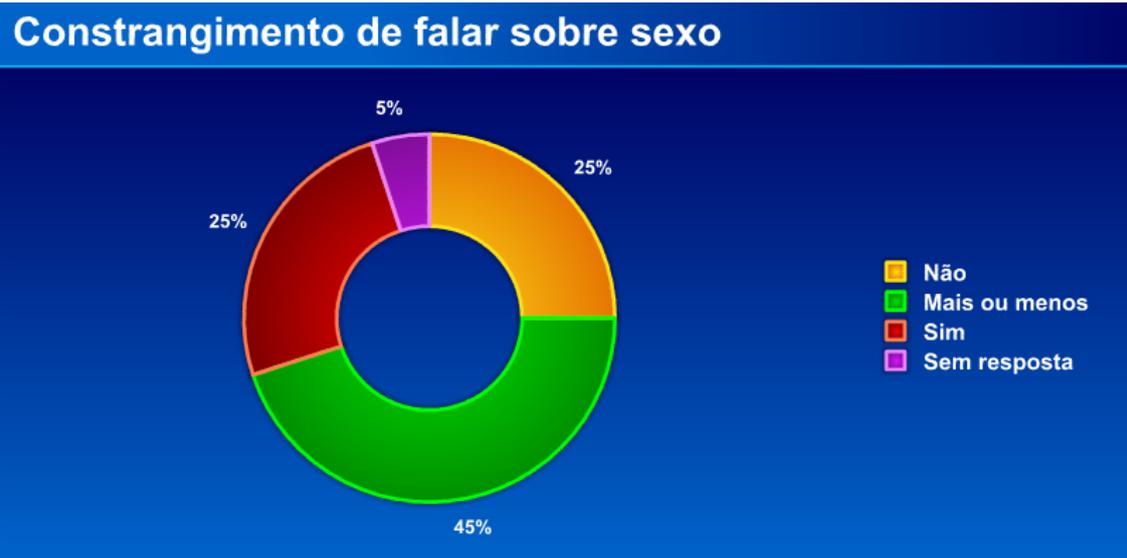


GRÁFICO 6 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que declaram se sentir envergonhados de falar publicamente sobre sexo. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

O equilíbrio estatístico permanece ao serem perguntados se os pais falavam com eles sobre sexo (confira gráfico 7). Ao todo, 50% revelaram conversar com os pais sobre sexo. Mas 40% declararam não conversar. O curioso é que quase os mesmos números ocorrem quando são perguntados se os educadores conversam com eles sobre sexo (confira gráfico 8). Enquanto 50% conversam, 35% não conversam. Na verdade, se a metodologia adotada nas atuais aulas de Educação Sexual, funcionasse, esperava-se que o número de jovens que dizem conversar sobre sexo com seus educadores fosse bem maior do que os que declaram conversar com os pais:

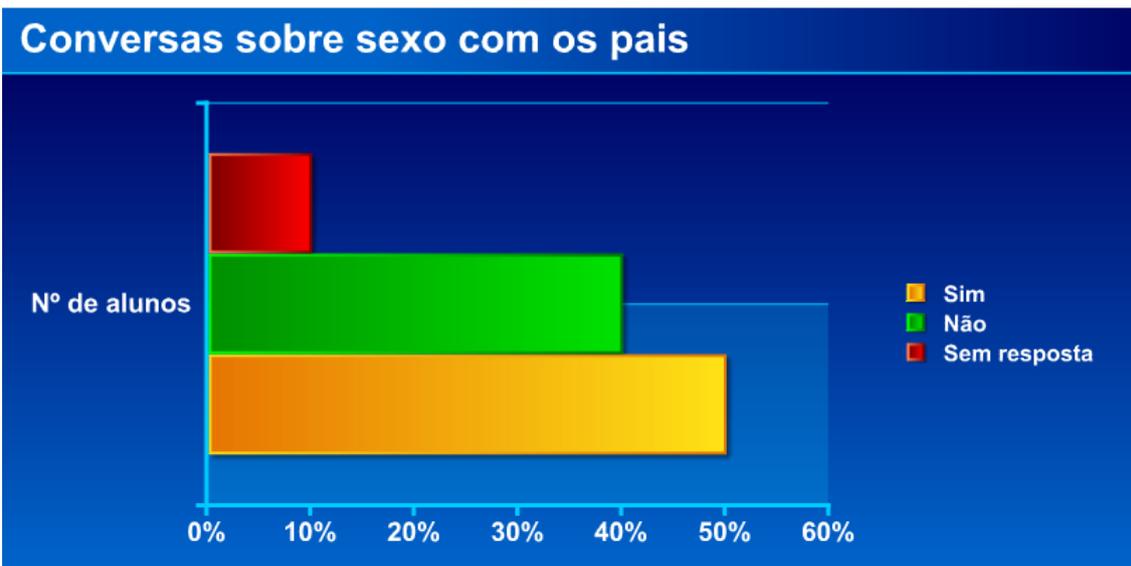


GRÁFICO 7 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que declararam conversar com os pais sobre sexualidade. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).



GRÁFICO 8 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que declararam conversar sobre sexo com os seus educadores. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

A seguir, os jovens foram inquiridos sobre quem ou o que eles procuram quando desejam tirar suas dúvidas sobre sexo (confira gráfico 9). Com quem eles mais aprendem sobre o assunto. Devido à natureza da pergunta, a resposta permitia múltiplas alternativas ao mesmo tempo. As opções iam desde os meios tradicionais e novos de informação, passando por profissionais ligados ao assunto até o círculo social mais próximo deles. Como se trata de jovens entre 15 e 19 anos (90%), a maioria deles declaram que os amigos (50%) são quem eles mais procuram. O que faz bastante sentido. Os educadores levam desvantagem para os parentes próximos (tios, primos e avós) com 15%, para a internet (15%) e para as revistas e livros (20%). O que seria até normal, se os jovens não fossem de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Norte, onde os costumes familiares são mais conservadores e ainda há certa dificuldade de acesso à internet e na obtenção de livros e revistas. Mas a informação digna de nota é que nenhum dos jovens declarou que conversa com seu próprio pai sobre sexo. Essa opção, sequer, consta no gráfico abaixo:

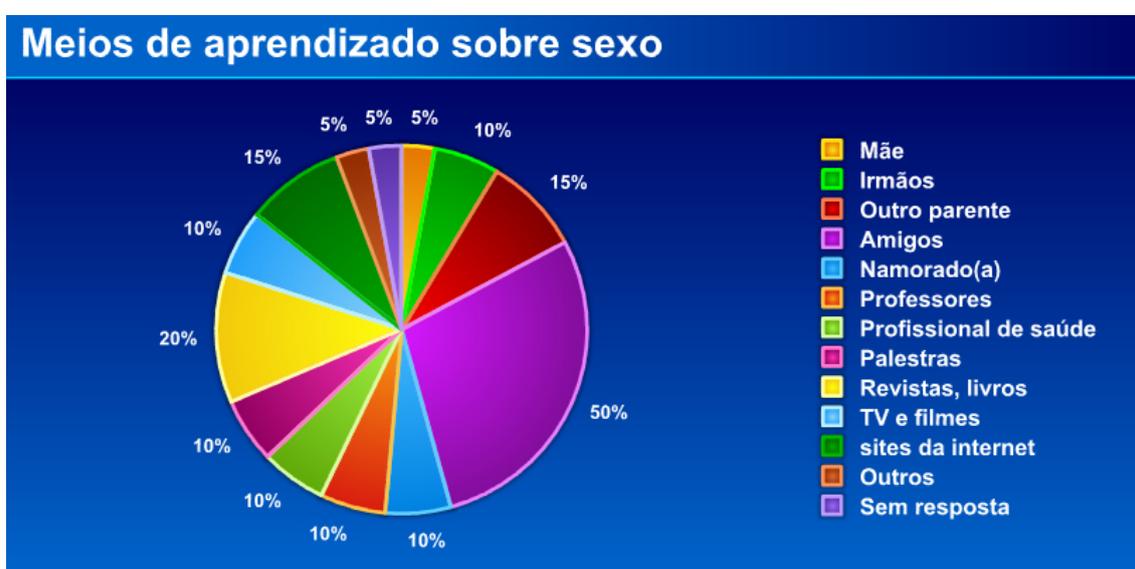


GRÁFICO 9 – Demonstração gráfica, segundo os jovens declararam sobre as formas que eles preferem para se informar sobre sexo. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

Uma das perguntas subjetivas mais importantes feitas aos jovens através do questionário, que poderiam ser respondidas, anonimamente, foi a

que perguntou se eles gostariam de, em suas escolas, poder tirar dúvidas sobre sexo com um professor através da internet, mas que esse professor não pudesse identificá-los. (Ele saberia apenas que se trata de um de seus tantos alunos, mas não saberia qual). Um dos jovens respondeu que “Adoraria. Me sentiria mais segura! Seria realmente muito bom!” (ANÔNIMO, questionário). Outro jovem fez uso do espaço em aberto destinado a comentários e sugestões no final do questionário para dizer que “As redes sociais são muito importantes porque não é todo mundo que tem acesso em casa a se abrir com seus pais de falar sobre sexo. Por isso, as redes são muito importantes” (ANÔNIMO, questionário).

Um dado preocupante é que quase um terço (30%) dos jovens praticamente de vida sexual ativa não faz uso de qualquer tipo de meio contraceptivo (confira gráfico 10), embora a abstenção de outra boa parte (35%) tenha impedido de se saber essa informação com mais exatidão:

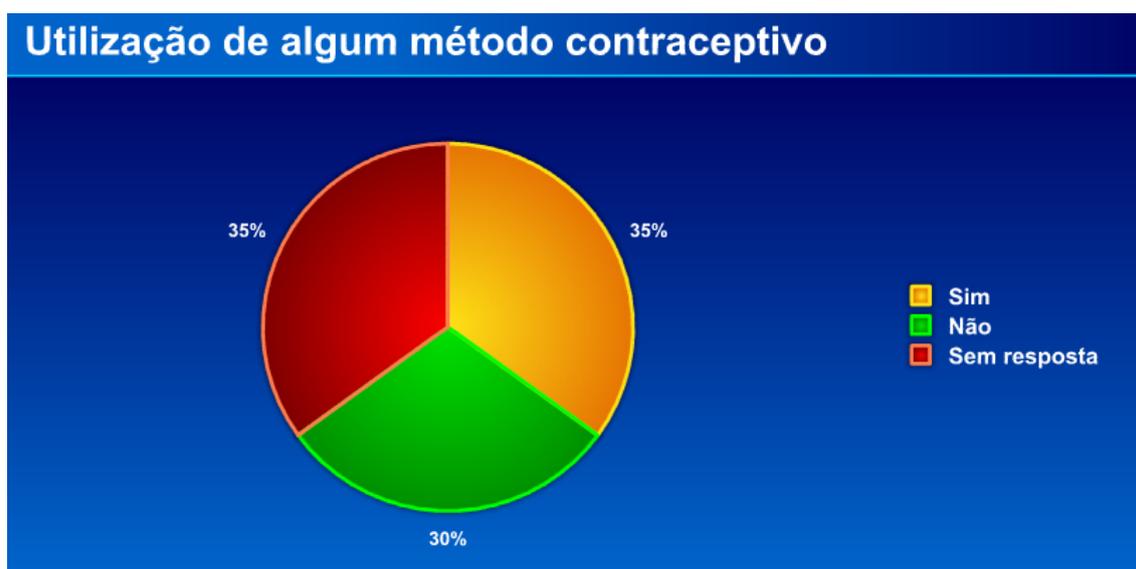


GRÁFICO 10 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que declararam usar ou não algum anticoncepcional. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

Com relação a esta experiência realizada em um evento sobre sexualidade para jovens (confira gráfico 11), a maior parte (85%) deles

considerou uma experiência útil ao seu aprendizado, ou seja, um fator a mais de conhecimento:

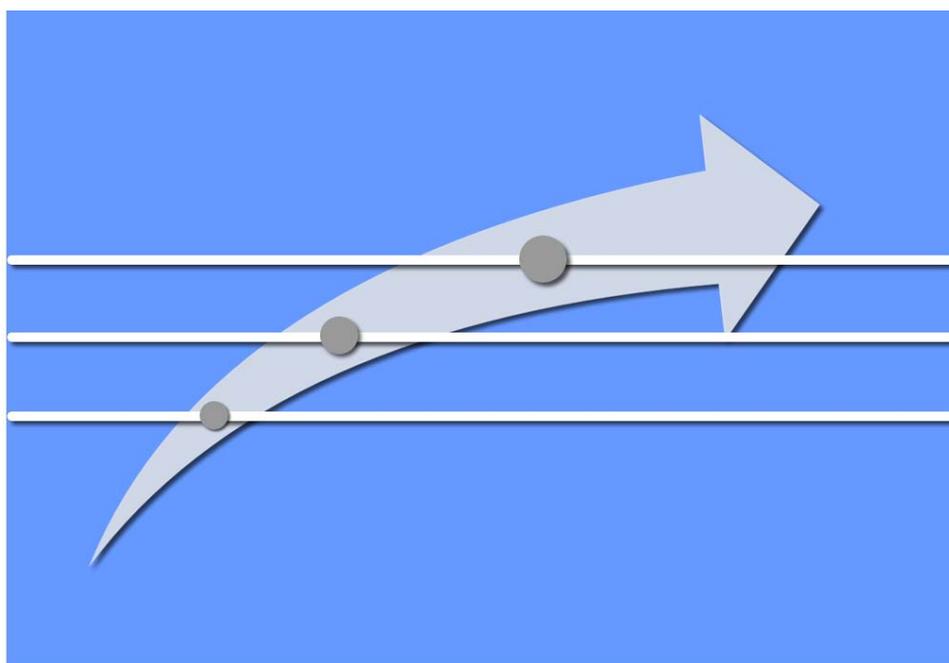


GRÁFICO 11 – Demonstração gráfica, segundo os jovens que avaliaram a experiência na rede social on-line Formspring. Perfil da amostra: jovens participantes do minicurso "Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual" (2011).

Como se trata de um aprofundamento teórico-metodológico, foi utilizada nesta tese, a mesma metodologia empregada no trabalho dissertativo anterior, inclusive, no que se refere à parte das perguntas feitas nos dois questionários aplicados. Nos dois casos, o universo dos que responderam ao questionário foi praticamente o mesmo (21 no trabalho dissertativo, e 20 na tese). O cotejamento dos dados confirma a diferença de público que foi uma consequência natural quanto à natureza de um trabalho e do outro. Na pesquisa de Mestrado, a experiência sobre o Orkut como extensão de sala de aula se destinava a jovens universitários; já, nesta pesquisa de Doutorado, a experiência se dedica a um público mais jovem ainda: alunos do Ensino Médio. Na pesquisa anterior de Mestrado, a faixa etária predominante foi a de 20 a 24 anos (66,6%), já, nesta pesquisa de Doutorado, a análise do questionário revelou um público mais jovem: de 15 a 19 anos (90%). Nos dois casos, a porcentagem entre os dois sexos foi praticamente a mesma: 38% eram homens e 61,9% mulheres na pesquisa de Mestrado e 30% de homens e 70% de mulheres na pesquisa de Doutorado. O mesmo acontece com relação ao

tempo de acesso, na pesquisa de Mestrado, quando, 42,8% revelaram ficar até três horas conectados diariamente. Já nesta de Doutorado, o tempo de conexão que varia de uma a até duas horas é mantido por 55% dos jovens. Aos dois públicos, em diferentes épocas, foi perguntado sobre o tipo de informação mais acessado. Enquanto os jovens universitários estão interessados em notícias (16,8%), entretenimento (14,7%) e informações sobre o próprio campo de atuação profissional de cada um (14,7%), os jovens participantes da experiência de campo deste Doutorado buscam entretenimento (55%), checagem de e-mail (50%) e para o envio de torpedos via celular (40%). A análise revela um público jovem que, obviamente, é mais apegado aos amigos e ainda não está tão interessado na futura carreira. Mas é evidente que se pode conjecturar quanto à veracidade de tais respostas, visto que há, por parte dos entrevistados, certa tendência de corroborar a expectativa de resposta dos entrevistadores. Um exemplo é quando alguém tenta enganar dizendo que gosta de cinema francês porque ao dizer isso, ela sabe que vai parecer mais sofisticado.

Nesse sentido, pode-se falar em diferentes níveis de inibição que afligem os jovens estudantes sempre que se deparam com conteúdos sobre sexualidade humana. A análise das informações obtidas para esta tese, bem como as observações empíricas, concorre para estabelecer, de forma simplificada, três níveis de inibição (confira ilustração 12) de acordo com as três estratégias para as aulas de Educação Sexual aqui relatadas: aulas presenciais, urnas e redações e redes sociais on-line que garantam o anonimato dos discentes, conforme o diagrama a seguir:



-  = Perguntas feitas abertamente em aula presencial de Educação Sexual
-  = Urnas ou redações presenciais para perguntas em aulas de Educação Sexual
-  = Rede social on-line que permite perguntas anônimas
-  = Nível de inibição com a qual as perguntas são feitas ao professor
-  = Sentido do aumento da inibição

ILUSTRAÇÃO 12 – Demonstração gráfica sobre o nível de inibição discente diante de três estratégias diferentes em aulas de Educação Sexual.

Devido à exposição pessoal e como já ficou demonstrado em relatos anteriores, as discussões entre educadores e educandos sobre sexualidade, gênero e DST, por fatores já relatados, geram muita inibição por parte dos educandos. Já as urnas para as perguntas que são respondidas oralmente na sala de aula ou em rádios escolares, embora tenham custo e manutenção muito simples, resultam em um grau menor de inibição, mas mesmo assim ela ainda existe, visto que, o aluno tem medo de ser visto pondo a sua pergunta na urna, ele teme que reconheçam o papel onde ele escreveu o texto ou até mesmo ele teme que alguém (inclusive seu professor) possa identificá-lo ao reconhecer sua letra. Essa tese defende a premissa de que a melhor estratégia é a rede social on-line, onde os jovens já estão inseridos e se sentem

identificados, permitindo postagens anônimas. Ela permite que os estudantes possam fazer perguntas fora do ambiente escolar, a qualquer tempo através da internet em um computador pessoal ou em uma *lan house*. Não há como reconhecer letra e, dependendo do contexto da pergunta, muitas vezes nem mesmo o gênero sexual. Essa importante enfatizar que tais estratégias não são excludentes e que podem ser combinadas de acordo com a realidade de cada turma e com os objetivos pedagógicos dos educadores. Mas esta representação gráfica é importante para verificar como cada uma delas atua no sentido de dirimir obstáculos à transmissão de debate de conteúdos relativos ao tema.

Um processo de interlocução se estabelece entre educadores e educandos através de uma rede social on-line que permita mensagens anônimas, é anonimato apenas no sentido de que não há um nome que possa identificar o aluno. Mas o professor sabe quem é um aluno e o aluno sabe quem está respondendo: professor. Nessa experiência, a condição de anonimato entre professor e alunos não impediu que o ato educacional se concretizasse, pois o processo implicou, necessariamente, coparticipação no ato de pensar, na ética e na afetividade (confiança).

Mesmo anonimamente, há potencial de diálogo na medida em que o sujeito expôs essa informação relevante ao outro, o que não faria/fez de forma nominada, por temer a reação alheia. Evidente que há o quesito de não haver a confiança suficiente para se expor nominalmente, mas esse primeiro passo é potencialmente uma abertura, caso propicie uma aproximação que deixe o sujeito que fala anonimamente numa situação de poder/querer se expor revelando seu nome.

Neste trabalho, foram abordados, em diferentes capítulos, os conceitos de ideologia, utopia e dialética associados aos conceitos de comunicação e anonimato para falar de um problema do campo da Educação proposto: sobre como podem ser usadas as redes sociais on-line como uma estratégia para a Educação Sexual, enquanto tema transversal. Considerando que os processos de comunicação funcionalistas (de estímulo e resposta e de *feedback* apenas como retorno compreensivo) aqui não cabem ser discutidas, mas sim os processos comunicativos críticos decorrentes das concepções de vários

pesquisadores (nesse caso, interessa as de Jurgen Habermas e Paulo Freire em particular), é interessante conjecturar sobre as vertentes do conhecimento humano que mais contribuíram para a visão que aqui se adota de comunicação crítica. A ideia que se tem sobre anonimato e sexualidade é influenciada por visões ideológicas libertárias ou reacionárias, e vale lembrar que o mesmo ocorre com os próprios conceitos de ideologia, utopia e dialética, ou seja, ao mesmo tempo que determinam concepções a eles externas são eles mesmos também determinados por seus próprios critérios de análise. E, ainda, ao mesmo tempo que se intra-alimentam, conceitualmente, eles também se inter-alimentam uns aos outros, já que, há muito de ideológico na concepção que se tem de utopia e há muito de utópico no que se entende por ideologia, assim como a própria dialética também pode ser utópica e, assim, por diante.

Os campos críticos da comunicação e da educação, por razões já explicitadas neste trabalho, são concebidos como inseparáveis e inter-relacionados não, apenas, a sua origem, mas, sobretudo, sua linhagem teórica. E isso já foi feito com a utopia, a dialética e a ideologia. A seguir, a demonstração gráfica ilustrando o que foi dito:

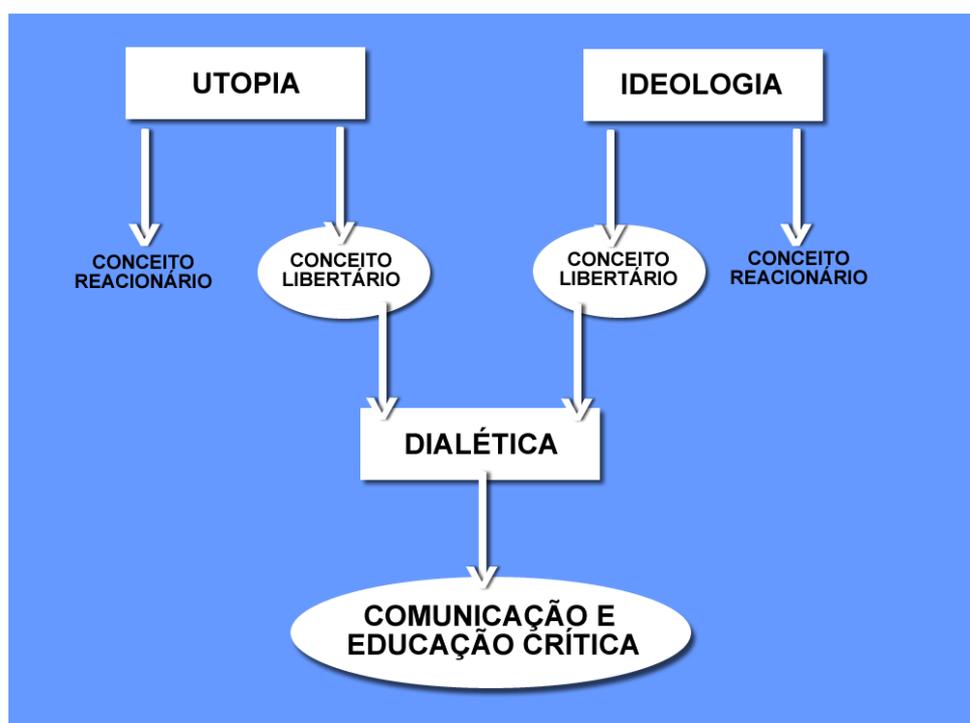


ILUSTRAÇÃO 13 – Demonstração gráfica sobre a coerência teórica da comunicação e da educação crítica, calcadas nos conceitos libertários de utopia, ideologia e dialética.

Nesse sentido, pode-se dizer que é do entendimento deste trabalho que a comunicação e a educação crítica, obviamente, seguem uma linhagem teórica que é coerente interna e externamente com os conceitos libertários que se fazem dela e que também se fazem da utopia e da ideologia. A comunicação e a educação crítica também são profundamente dialéticas.

#### 4.3 O anonimato on-line como pertencimento educacional

Em uma escola onde são ministrados conteúdos presenciais de Educação Sexual, como parte integrante do currículo ordinário e na qual são utilizadas, como se propõem, novas tecnologias de informação e comunicação como estratégia complementar às aulas presenciais, é primordial que os discentes não se sintam forçados a participar das discussões relativas ao tema. Sendo assim, se espera que eventuais resistências sejam superadas graças à percepção de que fatores pessoais, obstaculizadores do diálogo, tais como timidez e religiosidade possam ser respeitados. Nesse âmbito, se espera que o ambiente favorável decorrente sirva de estímulo para a quebra de resistências e aumento das intervenções discentes de forma não coerciva.

Manuais antigos sobre Educação Sexual dão uma ideia de como era difícil para os jovens da época procurar um professor quando tinham uma dúvida sobre sexo ou sobre sua sexualidade.

Ocasionalmente um aluno pode confidenciar, ao professor, que manteve relações sexuais. O jovem que faz uma confidência dessa natureza geralmente tem outros problemas além daquele que o levou a pedir auxílio. Jovens que se sentem perfeitamente felizes no tocante aos seus casos de amor raramente fazem confidências, a não ser que discussões sobre relações pessoais lhes tenham incutido, de repente, algum sentimento de culpa. (DAWKINS, 1970, p. 93).

Ao utilizar as redes sociais como o Formspring, cabe aos professores transmitir a seus alunos informações através do ambiente capazes de fazê-los

distinguir informações cientificamente comprovadas de mitos e preconceitos, como também atendê-los no sentido de responder às suas dúvidas e na impossibilidade disso, orientá-los para que procurem um profissional da área saúde. O professor deve também tomar providências para que seus alunos possam exprimir livremente suas dúvidas, inquietações, opiniões (inclusive as divergentes) e inseguranças típicas da fase etária, visando permitir que se sintam respeitados durante o processo.

Não é o propósito deste trabalho abordar a didática das aulas presenciais sobre Educação Sexual, mas parece importante dizer que a postura a ser adotada em ambientes on-line ou presenciais não é muito diferente, pois, para os ambientes presenciais também vale o que foi dito acima, mas, como nesses casos, há a interação aluno – aluno (ao contrário do ambiente on-line nessa experiência utilizado onde só há a interação aluno – professor – aluno), compete lembrar ao professor o seu papel de mediador de debates no momento em que as aulas ocorrem. Em tais debates presenciais, devido à natureza do que é discutido, costuma haver polêmicas de natureza sexista, racista ou sexualmente violentas. No entendimento deste trabalho, compete ao professor não expressar sua censura, caso a discussão se aproxime para pontos de vista que divirjam dos direitos humanos, sob o risco de suscitar ainda mais polêmica ou traumas nos alunos, enquanto sujeitos em formação, que defendem tais pontos de vista, podendo sofrer intimidação por parte de seus colegas. Nesses casos, cabe ao professor despertar, em seus alunos, as contradições daquilo que eles estão afirmando. Por exemplo, em uma discussão em que uma mulher ou rapaz negro estejam censurando a prática homossexual, ele deve ser questionado se sua própria condição de gênero ou racial e até a questão etária no caso de seus avós, também não forem objeto de preconceito por parte da sociedade onde estão inseridos. Eles devem ser inquiridos sobre como se sentem quando eles mesmos são objetos da discriminação. Pois:

A educação sexual que aspiramos inscreve-se em outra dimensão, visa a escrutinar os discursos e as práticas dominantes, procura abrir processos de significação existencial e social, ampliar a diversidade das escolhas e

elevanto esteticamente as vivências sexuais emancipadas. (NUNES, 2005, p. 101).

Há consciência de que é estranho para o campo da Pedagogia tradicional fazer referência ao pertencimento educacional em uma situação de anonimato ou quase anonimato<sup>187</sup>. Para teóricos e profissionais ligados à tradição da presencialidade pedagógica, chega a ser um paradoxo. De fato, em uma sala de aula ideal, o que se espera é que educandos e educadores, em conjunto, conheçam e busquem significados que possam contribuir para a formação de bons cidadãos. Isso ponto pacífico. Não se vai também aqui tecer observações cínicas sobre a não existência e a impossibilidade de escolas ideais, nesses termos, até porque aqui se entende que essa deve ser a meta utópica segundo aceção libertária (ver sub-tópico 4.1) adotada. Em suma, o que se quer defender é a seguinte premissa: a de que os conteúdos da área de Educação Sexual, pela carga de tabus que carregam, requerem estratégias excepcionais que resguardem a identidade dos alunos no que diz respeito à autoria das perguntas feitas (de forma on-line) ao professor e que ao serem respondidas e lidas pelos alunos<sup>188</sup>, esses possam, de forma também anônima, entrar novamente em contato com o professor para pedir esclarecimentos, fazer uma nova pergunta ou se dizerem satisfeitos com a resposta obtida. É, exatamente, ao receber retorno através desse processo retroalimentado que acontece o pertencimento educacional, mesmo em uma situação pedagogicamente excepcional.

Ao ter suas dúvidas respondidas, o aluno tende a se sentir pertencido, não importa que ele não queira ter sua identidade exposta ou ideologicamente isso lhe seja imposto. Da mesma forma, um professor de Ciências ou Biologia que está tratando da Educação Sexual, tem sua missão cumprida quando ele consegue educar e ajudar no desenvolvimento da personalidade e da sexualidade de seu aluno, mesmo que ele não consiga identificar esse aluno. Basta que esse professor saiba que se trata de um aluno (qualquer que seja) dele. E, de fato, a maioria das redes sociais on-line que oferecem a

---

<sup>187</sup> Tendo em vista que, mesmo que o professor não saiba quem é o aluno, ele sabe que se trata de um de seus alunos.

<sup>188</sup> Os quais também têm acesso às perguntas e às respostas de seus colegas, embora não saibam a autoria das perguntas.

possibilidade de contato anônimo, não intencionalmente também oferecem recursos que possibilitam essa informação para o professor. Mas é claro que cada um requer adaptações específicas, pois elas não só estão em constante evolução técnica, como também não foram pensadas para esse propósito pedagógico. Um professor pode criar um espaço para receber os questionamentos dos alunos a qualquer hora, onde quer que eles estejam, como também pode reservar um espaço de tempo do que é destinado aos conteúdos presenciais de Educação Sexual, para que seja realizada uma experiência prática em sala de aula, onde se tome medidas para que um ou mais computadores adaptados com “tapadeiras”, como em uma cabine de votação do TSE – Tribunal Superior Eleitoral, possa haver privacidade quando seus alunos se revezarem diante da máquina quando então, farão suas perguntas ao professor. Essa é, como já foi dito, a opção pela qual foi realizada a experiência que resultou neste relatório de tese. E o resultado disso pode ser muito proveitoso qualitativamente para a formação de futuros cidadãos em um sentido muito amplo, pois,

As crianças e adolescentes, que aprendem a viver a sexualidade de maneira positiva, com prazer e satisfação, integrando-a harmoniosamente na personalidade, a desenvolver comportamentos afetivos e sexuais responsáveis (respeitando a si mesmo e aos outros), saberão adotar as atitudes e condutas adequadas com relação à fecundidade, à proteção contra gravidezes indesejadas e contra as moléstias sexualmente transmissíveis. (WEREBE, 1998, p. 171).

Da mesma forma que, como foi anteriormente dito, o Formspring representa uma atualização ampliada das antigas cartas anônimas, um sujeito que assedia crianças ou adolescentes pela internet é uma atualização daqueles que sempre fizeram isso nas portas de escolas e festas. Os golpes que são dados através de e-mails que solicitam que se escrevam os dados bancários em formulários não são muito diferentes do famoso golpe do bilhete premiado ou dos assaltos na saída de uma agência bancária. Um calúnia escrita, em um fórum na internet ou em um blog, não difere daquelas velhas frases escritas em banheiros públicos. A novidade da internet consiste apenas

(e isso, por si só, não é pouco) na amplitude daquilo que já acontece no dito mundo real. Como não é mais possível se voltar a uma época pré-internet, tampouco existe interesse, é preciso que sejam criados mecanismos jurídicos que possibilitem a adoção de medidas, sem que seja necessário recorrer a expedientes ingênuos e pouco eficazes como pedir o encerramento de ambientes on-line.

Freqüentemente se tem falado no embate entre “mundo real” X “mundo virtual”. Não é o propósito deste trabalho tecer conjecturas filosóficas sobre este tema, mas é no mínimo estranho falar em “mundos” como se houvessem realmente mundos diferentes dentro e fora da web. Essa prática, que têm servido as conveniências da área publicitária quanto ao estímulo ao consumo de produtos tecnológicos, nos dá uma falsa percepção de que se está falando em “planetas” diferentes ou “realidades” diferentes. Sendo assim, podemos dizer aqui que o “virtual” está impregnado de “realidade”. Bem como inserido e indistintamente vinculado. Mas é preciso lembramos que nem a Comunicação e muito menos a Educação são Astronomia. (...) o “ambiente web” (on-line), também comumente conhecido por “mundo virtual” ou “ciberespaço”, não constitui, segundo o entendimento adotado neste trabalho, um “mundo” (“espaço”) separado, alternativo nem muito menos análogo. Mas sim, em um ambiente inserido dentro do mundo real (off-line). (COSTA, 2008, p. 45 e 46)

Entende-se que, ao valorizar a ideia de pertencimento, tudo o que não se poderia valorizar é a possibilidade de anonimato em uma comunidade on-line. Nesse caso, da mesma forma que o advento da internet significou uma mudança de paradigma para a Educação, seria necessária uma concepção de pertencimento muito mais ampla do que aquela que, até então, tem sido a usual no ensino presencial. Caso contrário, corre-se o risco de se conviver com aparentes contradições. Sendo assim, ao se estabelecer um conceito de pertencimento, em ambientes on-line, seria preciso decidir o que significa, realmente, o ato de pertença para o educando: se ele vê em um ambiente on-line uma possibilidade real de dirimir suas dúvidas, mesmo que, de forma anônima, ou se essa possibilidade lhe será negada em nome de uma ideia de pertencimento do ensino presencial transposta sem modificações para o ensino a distância.

Transpondo o modelo teórico da Teoria da Ação Comunicativa (confira subtópico 3.1 – A comunicação segundo Paulo Freire e Habermas) para a situação real de que trata esta tese, ou seja, uma situação em que professores e alunos podem se valer de uma rede social on-line que permita o anonimato (pelo menos, no que diz respeito aos alunos) para fazer e responder perguntas de conteúdo sexual, pode-se dizer que há uma situação através da qual há semelhantes pretensões de validade por parte de cada um dos envolvidos no processo comunicativo. Em uma circunstância de inteligibilidade, o professor tende a confiar na verdade proposicional e na veracidade subjetiva de seus alunos que necessitam da interlocução docente e os alunos também. Nesse processo de entendimento, o professor tem consciência de que responde às perguntas de pessoas que ele sabe que são seus alunos, embora não consiga identificá-los. Além disso, até que se verifique o contrário, cada aluno age com boa fé ao fazer sua intervenção discursiva, enquanto se constata o contrário pelos outros envolvidos no processo. No caso do experimento do qual esta tese trata: o professor, o resultado final é que o aluno vai tender a se sentir pertencido ao ambiente on-line, de modo particular e ao processo educativo de modo mais geral. Esses momentos de diálogo (verdade, confiança, afeto, ética), pode se expandir para a aula presencial e assim mudar qualitativamente a escola como um todo. Mas que não se confunda a ação comunicativa com apenas uma ação pragmática. Pois,

Comunicação é mais complexa do que execução direta. Ela pode reconhecer o outro como participante da comunicação e, ainda sim, reservar-se o direito de aceitar ou contestar suas enunciações. Isso constitui sua superioridade em relação a outras formas de ação. Ela é mais adequada à complexidade de relações reais de vida do que qualquer intervenção direta. “Superioridade”, neste contexto, porém, não deve ser interpretada incorretamente como melhor capacidade de execução no sentido estratégico. A referência reflexiva indireta ao mundo possibilita, ao invés da postulação imediata de normas ou da intervenção direta, a validade de abordagens diversificadas que, de outra forma, seriam desconsideradas ou suprimidas. (REESE-SCHÄFER 2008, p. 47 e 48).

Assim sendo, a experiência realizada nesta tese mostra que a comunicação não está no meio, mas na relação de confiança entre

interlocutores que é estabelecida. Sendo assim, é possível afirmar que, quando um aluno tem sua necessidade atendida ao conseguir esclarecer suas dúvidas sobre sexo com seu professor através de uma rede social on-line que permita anonimato e através da qual o aluno sabe que quem responde é o seu professor, mas o professor não consegue distinguir a identidade de seu aluno, essa relação dialógica atende a pretensões de validade que a caracterizam como ação comunicativa em potencial.

## 5 CONCLUSÃO

Há quem, pragmaticamente, possa problematizar sobre a legitimidade da utopia não como uma aspiração humana ao bem comum, mas como a sua validade para a vida de cada um, a partir deste questionamento: "Porque eu vou aspirar a um mundo melhor que eu sei que não estarei mais aqui para desfrutá-lo?" Tal pensamento não é totalmente desprovido de sentido, pois, quando se morre, de fato, "o mundo acaba". Mas, para todos os efeitos, o mundo continuará a existir e a maioria das pessoas, após a morte inicialmente serão apenas uma lembrança, muitas vezes saudosa, para familiares e amigos, e, com o passar dos anos, caem no esquecimento. Essa é a tendência natural. Tal consciência da morte que, a cada dia, se aproxima tem levado o ser humano, ao longo de gerações, a refletir sobre suas ações e posteridade. É difícil aceitar que o dia seguinte à morte será um dia como qualquer outro. E esse sentimento será ainda mais forte se, no último minuto antes da morte, as pessoas sintam inveja daqueles que, em vida, puderam vivenciar algo raro tal qual uma passagem de século: um processo revolucionário, no sentido amplo na expressão. Mas, então, mesmo pensando de forma imediatista: serve a utopia? Serve como uma motivação para que as pessoas se levantem da cama todos os dias e, em seguida, possam caminhar. Em sentido mais longínquo, a utopia serve para legar algo de bom para as gerações futuras e para retribuir tudo o que hoje faz bem, como é o caso das vacinas, cuja invenção nos foi legada pelas gerações anteriores. A utopia não é um conceito pragmático com começo, meio e fim; ela é um processo dialético que avança sim, mas cujos resultados libertários não estão totalmente livres do pensamento reacionário e vice-versa. O próprio campo da educação é assim e espera-se que a Tecnologia Educacional também o seja. Quanto à sexualidade humana, quem sabe um dia. O próprio processo de construção desta tese é ao mesmo tempo, ideológico, utópico e dialético, uma vez que, ela não só é devedora, mas também comprometida com o conhecimento que foi produzido no passado e no qual ela se baseia. Ela mesma se destina a ser útil como fonte de pesquisa

para trabalhos posteriores e ela representa a defesa de certa visão de mundo: a libertária que busca a emancipação humana. Questionar os limites das imposições socioeconômicas e até do próprio debate democrático e da ação democrática é o que faz hoje algum discurso ser realmente libertário, inclusive, essa é uma maneira de salvar a democracia.

Os conceitos libertários de utopia, ideologia e dialética não estão ultrapassados porque os problemas cujas causas combatem ainda estão bem presentes em nossa sociedade. Também é preciso defender os valores que estão por trás de cada um desses conceitos. É difícil tratar alguns assuntos sem a paixão das causas justas, pois a imparcialidade não faz parte das "virtudes" humanas. Mas com as utopias e as ideologias hoje transformadas em "pó cínico" e o diálogo cada vez mais cedendo espaço ao triunfalismo egoísta que, seguindo os ditames da ideologia colonizadora americana, divide a humanidade entre vencedores e perdedores; as redes sociais on-line, em sua gênese, já nasceram como consequência do comportamento egocêntrico cada vez mais forte em nossa sociedade. A cada dia, os jovens se acomodam a um sistema que os reifica, em uma situação que, alegoricamente, poderia aludir a Saturno comendo seus próprios filhos. Pois, como um círculo vicioso alimentado por estas mesmas redes sociais, temos nos tornado ainda mais voltados para nós mesmos. Em resposta a essa demanda, as empresas que criam e administram essas redes estão, nos últimos anos, atribuindo ainda mais ênfase aos recursos tecnológicos que, nelas, são mais expressivos do ego, como é o caso da rede social on-line Facebook. A consequência disso é que adaptar essas redes (nas quais os jovens já estão naturalmente presentes) às práticas educativas (para as quais elas não foram criadas) têm se tornado um trabalho cada vez mais difícil, mas ainda não impossível, já que o egocentrismo crescente, por ser estimulado pela mídia e pela sociedade atual, não se coaduna com os objetivos generosos da Educação enquanto emancipadora da humanidade. Convém deixar claro que a busca pelo entendimento é algo imanente dos processos comunicativos humanos, inclusive, é essencialmente disso que se nutre a educação crítica.

Os conceitos reacionários ou libertários de utopia, ideologia e o próprio conceito de dialética estão em constante movimento dialético, ziguezagueando

entre as concepções ideológicas reacionárias ou libertárias. E o resultado desse movimento se reflete diretamente naquilo que se faz enquanto teoria ou prática (que deveria ser enquanto práxis: prática da teoria e teorização da prática) nos campos na Educação, Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e na Educação Sexual.

Em grande parte do nosso país, ao contrário do que ocorreu em outras áreas da Educação, os professores envolvidos com a temática da Educação Sexual sequer estão falando em qualidade de ensino-aprendizagem; eles ainda lutam pela sua simples implementação. Contra esse propósito, os maiores obstáculos têm sido postos pelas igrejas cristãs (católica e protestante) que temerosas do que poderia representar, para a estrutura social vigente, a liberação dos corpos, já que isso contrariaria a visão tradicionalmente aceita de família; elas têm usado sua notável influência na sociedade a fim de sabotar, ao longo dos tempos, uma educação que, sobretudo para os mais jovens, poderia resultar em menos casos de gravidez precoce e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis. A área da Educação Sexual tem, indiscutivelmente, avançado, mas está muito longe do estágio que deveria estar e que assim poderia responder às necessidades e expectativas dos jovens. Grande parte dos professores em suas aulas ainda utiliza apenas os materiais tradicionais (quadro-negro, impressos escritos como livros, folhetos, apostilas e cartazes, dentre outros), como se estivessem ministrando aula em qualquer outra disciplina que não sofresse uma carga de preconceito e polêmica tão acentuada. Há ainda os professores que fazem uso de materiais considerados menos tradicionais (sobretudo durante a aprendizagem de outras disciplinas), como é o caso das caixas de perguntas, grupo de discussão, trabalho em grupo, palestra, estudo de caso, dramatização (representação teatral), aconselhamento individual e até júri simulado, este último para discussão de temas como estupro e aborto. Embora tais estratégias não sejam ineficientes, elas estão longe de serem realmente eficientes, pois um aluno tende a sentir vergonha de falar francamente na frente dos colegas (mesmo sendo poucos) e se ele estiver sozinho apenas em companhia do professor, ele poderá sentir vergonha do próprio professor, que se for do sexo oposto, será um agravante a mais. No Rio Grande do Norte, por exemplo, apenas uma

escola da rede pública possui um projeto permanente que, apesar de diversas dificuldades, educa seus jovens alunos sobre sexualidade humana, embora os últimos boletins epidemiológicos locais tenham informado que em nosso Estado há uma tendência no crescimento do número de soropositivos ao longo de 2000 a 2010 nos jovens de 13 a 24 anos.

As inúmeras experiências didáticas já desenvolvidas para o campo da Educação Sexual estão longe de ter seus objetivos alcançados e frequentemente fracassam tanto com relação aos alunos desembaraçados, como referente aos tímidos, porque suas estratégias, embora louváveis, estão equivocadas; elas, ao se basearem apenas em recursos tradicionais de apoio pedagógicos precariamente adaptados de outras disciplinas oferecidas presencialmente, não levam em consideração, pelo menos, em nível que se espera, o condicionamento dos jovens a uma sociedade sexualmente repressiva. O processo ensino-aprendizagem de temas transversais como o Meio Ambiente ou Trabalho e Consumo não enfrenta a carga de preconceito e tabu que a Educação Sexual carrega. Nesse sentido, é que as redes sociais on-line, nas quais os jovens já estão socialmente inseridos, podem ajudar.

De modo geral, um processo de ensino-aprendizagem não pode mais estar como sempre esteve atado a uma tradição de conhecimento descontextualizado, independentemente de vivências e expectativas, bem como de referências a práticas reais. Da mesma forma, ensinar sobre sexualidade humana não pode estar atrelado a práticas que não contemplem a modalidade a distância e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Assim como algumas tecnologias são adaptadas para outros fins científicos, tal como o tomógrafo e o endoscópio que, criados para a área de saúde se mostraram de enorme utilidade para a Arqueologia, no que diz respeito ao estudo de múmias sem danificá-las; as novas tecnologias de informação e comunicação que já são amplamente utilizadas em áreas tão díspares como as Ciências Exatas e Biomédicas, podem ser usadas para a promoção da educação e saúde sexual dos jovens. Mas ainda é lamentável que a internet continue subutilizada no presente ano, como era há dez e há quase cinco anos.

Nesta tese, relata-se uma experiência em que educadores e educandos participaram, de forma voluntária, de um minicurso chamado “Por trás de links sempre existem pessoas: utilizando as redes sociais on-line na promoção da Educação Sexual”, no qual puderam usar um ambiente on-line exclusivamente destinado a prestar, de forma anônima, informações sobre dúvidas relacionadas à sexualidade humana e doenças sexualmente transmissíveis (DST), tais como AIDS, risco de gravidez, métodos contraceptivos e outros. Isto é, o ambiente on-line foi eleito como área de interlocução da experiência. Nesta pesquisa, foi utilizada uma conta chamada “Por trás de links, sempre existem pessoas” na rede social on-line Formspring, aberta especificamente para essa experiência. O minicurso foi dividido em três momentos na seguinte ordem: exposição oral sobre Educação Sexual e DST oferecida conjuntamente com técnicos da Sesap, a experiência propriamente dita na qual os jovens com o anonimato assegurado puderam fazer suas perguntas através da rede social.

Foi enfatizado, para os jovens, que não seria tecnicamente possível identificar quem é o(a) autor(a) de qualquer pergunta postada no ambiente on-line. Sequer seus colegas, pais, educadores, namorados ou namoradas ou mesmo os técnicos e educadores participantes da experiência conseguiriam identificar quem é o(a) autor(a) da pergunta. Vale salientar que o próprio sucesso da experiência dependia disso. Nesse sentido, transformou-se uma situação de anonimato, a qual muitas vezes se apresenta como uma violência simbólica, em uma estratégia que auxilia no processo de ensino-aprendizagem de uma temática tabu.

Durante a experiência, os jovens também foram informados que não há como fazer diagnósticos pela internet. O objetivo foi, apenas, fornecer informações preliminares sobre Educação Sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Por isso, a experiência com o ambiente on-line não fornece, tampouco, substitui orientações médicas. Caso o jovem tivesse dúvidas sobre o seu estado de saúde, a recomendação foi a de que ele visitasse um médico e contasse seu histórico para que, se necessário, fossem providenciados. As perguntas foram respondidas por técnicos do Programa de DST/AIDS e Hepatites Virais da Sesap - Secretaria de Estado da Saúde

Pública do RN e, posteriormente, publicadas no ambiente juntamente com as respectivas perguntas.

Em um contexto de um curso escolar regular, a experiência com utilização de uma rede social on-line que permita postagens anônimas sobre Educação Sexual pode ser posta em prática em classes nas quais boa parte dos alunos já teve ou está prestes a ter relações sexuais. Isto é, no Ensino Fundamental e, sobretudo, do Ensino Médio. Nesse sentido, enquanto conteúdo transversal, um projeto de Educação Sexual com redes sociais on-line que permitem anonimato como estratégia complementar às aulas presenciais não precisa ficar a cargo exclusivamente de professores de Ciências e Biologia, pois também pode envolver professores de Informática, Filosofia, Sociologia e caso a escola tenha acesso, um profissional de Psicologia ou Psicanálise. Tais professores podem responder as perguntas coletivamente de maneira transdisciplinar, onde cada qual pode dar a resposta um pouco da dimensão de sua área. Certamente será proveitoso para os discentes. Afinal, a transversalidade supõe a preexistência da transdisciplinaridade. Neste nosso caso, a temática da sexualidade funcionaria como pensamento organizador que perpassa “entre”, “além” e “através” das diferentes disciplinas.

As empresas mantenedoras de redes sociais on-line talvez nunca tenham pensado o ambiente como um espaço sequer com algum potencial educativo, e, muito menos educativo. Mas, mesmo isso não sendo possível, e os interesses mercadológicos dominarem as motivações com as quais tais redes são construídas e mantidas, as redes sociais on-line têm despertado o interesse de diversas pesquisas e experiências acadêmicas (o caso de uma dissertação anterior e dessa própria tese) que têm enxergado que as redes sociais on-line, mesmo nas atuais circunstâncias, podem ser um ambiente educativo (Síntese). Isso representa uma mudança de paradigma: o lucro e a competitividade cedendo espaço para o bem comum e a cooperação.

Assim, educadores e educandos que planejam e executam projetos nesse sentido, estão revolucionando e assumindo seu papel histórico e dialético, já que eles subvertem um meio tecnológico capitalista, criado, originalmente, para gerar lucro para as empresas mantenedoras através de

publicidades opressoras, para projetos educativos em benefício da emancipação humana. Em um mundo onde cada vez mais a educação se transforma em negócio, seguindo a lógica capitalista os educadores viram funcionários nos melhores casos, e “objetos” reificados nos piores. Peças de reposição facilmente substituíveis na “linha de produção” das instituições que só se preocupam em formar jovens não necessariamente para o trabalho, que é uma tarefa importante, mas sim para o mercado e não para o exercício pleno da cidadania.

Se o campo da Educação é cada vez mais visto como uma mercadoria esperando oportunidades de fazer negócios, é preciso revidar e construir projetos educativos que visem à emancipação humana. Se as novas tecnologias de informação e comunicação são quase que totalmente vistas como uns amplificadores do egocentrismo humano e como ferramenta de *marketing* profissional e pessoal, pode-se dialeticamente, cooptá-las para projetos educacionais de modo geral e para a Educação Sexual em particular.

No assunto sobre o qual se trata esta tese, uma rede social on-line em que educadores e educandos possam fazer uso para anonimamente tirar dúvidas e se informar sobre sexualidade humana, pode-se dizer que a própria forma como o processo ocorre, é dialético, pois, após uma aula presencial, a dúvida que um aluno não tem coragem de revelar, presencialmente, é postada no ambiente on-line. O professor sabe que se trata de um aluno dele e o aluno, obviamente, sabe que, quem está respondendo às perguntas, é o seu professor. Nesse sentido, há, potencialmente, uma relação de confiança embora não seja possível para o professor saber a identidade exata do aluno. Não só há necessidade dessa informação, mas também para o sucesso da experiência. Nesse sentido, que esta tese traz como contribuição teórica para o campo da Educação um novo paradigma: De modo geral, é indispensável ao professor conhecer a identidade dos alunos, bem como suas determinantes sociais e econômicas. Mas, em casos em que os tabus sociais, as crenças religiosas ou os preconceitos inibem a relação de confiança, a não identificação do aluno passa a ser uma prova desse conhecimento. Dessa forma, um processo educativo não implica um professor conhecer exatamente a

identidade do seu aluno, mas sim uma relação de confiança que é estabelecida.

Comunicação, Educação e Ideologia são áreas que estão intimamente ligadas. A existência de um diálogo real é afetada pelas “relações de poder” travadas entre os participantes. Em um diálogo, a neutralidade só existe no âmbito da pretensão.

O ato educacional, permeado pela comunicação como construtora de conhecimento, é uma ação intencional e cabe ao docente planejar sua atuação dentro de um contexto cultural, sociopolítico e econômico contemporâneo que vise à formação de seus discentes enquanto cidadãos. No caso específico do objeto de estudo desta tese, o sentido da práxis, entrecruza as relações dialógicas (interativas) entre docente (problematizador das respostas mediante a análise das perguntas) e discente (problematizador das perguntas segundo uma perspectiva de resposta) que se dão por meio da rede social on-line Formspring (meio/área de interlocução), em um trajeto sempre retroalimentado. Assim, não só os alunos têm a oportunidade de tirar suas dúvidas, como também permite ao professor verificar o nível de eficácia de sua própria prática. Isso resulta no sentimento de pertença por ambas as partes.

A troca de informações constitui, apenas, uma ação instrumental e não uma ação comunicativa. É por isso que, segundo o entendimento adotado aqui neste trabalho, o conceito de comunicação, para Paulo Freire, é convergente com conceito de comunicação adotado por Jürgen Habermas. A situação de fala possui quatro condições de validade (expressas ou não expressas) para que exista a ação comunicativa (a qual traz em si mesma o momento do entendimento livre de dominação). Conjecturando tais pretensões de validade com a experiência realizada nesta tese, pode-se dizer que são: A utilização de elementos da linguagem comum a todos (no caso, a língua portuguesa), o dado do universo comum (no caso, o conteúdo sobre sexualidade na forma de perguntas e respostas), a verdade exposta (ética) tendo em vista que a condição de anonimato permite que eles façam as perguntas que realmente desejam fazer e veracidade pessoal (não hipócrita), pois a intenção expressa (através da pergunta postada no ambiente on-line) indica que coincide com a intenção de quem pergunta (um aluno). Pedagogicamente, isso se traduz ainda

no estabelecimento de confiança por parte do aluno na competência e na ética do professor, que por sua vez, se mostra atento às regras do relacionamento: discricção, respeito e verdade. Em suma, um diálogo verdadeiro entre dois ou mais interlocutores, jamais se deve almejar enquanto meta o convencimento do interlocutor através de estratégias de retórica. Mas caso o convencimento ocorra, que seja através da argumentação.

A ideia central aqui defendida é que os diálogos travados de forma anônima entre professores e alunos via rede social on-line, se tratam de ação comunicativa em potencial, pois essa relação dialógica atende as pretensões de validez que a caracterizam como tal, inclusive, se subentende que há por parte não só do professor, mas também do interlocutor anônimo uma disposição em está sendo sincero em suas afirmações. Esta é, portanto, o que se poderia chamar aqui de a tese desta tese. Contudo, falar em “anonimato” como uma forma de pertencimento educacional parece um tanto quanto paradoxal, O que não deixa de ser verdade, se o que está sendo analisado está sob o mesmo ponto de vista das circunstâncias que norteiam o ensino presencial. Mas não é este o caso aqui. É importante que se diga que não se está se referindo aqui a absolutamente qualquer caso de anonimato, mas sim apenas ao obtido por meio da experiência aqui relatada. O anonimato, pois, faz parte, pelas circunstâncias, das exigências éticas da ação dialógica ou comunicativa.

A confiança estabelecida entre interlocutores não está em um meio de informação e comunicação (os quais frequentemente chegam a se auto atribuírem “credibilidade”), mas entre os próprios interlocutores, ou seja, nos processos de confiança comunicativa recíproca. Os alunos sabem quem é o professor, pois é ele (que é identificado com a competência e a ética) quem responde. Mas o professor não consegue distinguir seus alunos (a não ser pelo sexo de acordo com o contexto da pergunta), bem como os alunos uns aos outros. Assim, nessa experiência, a condição de anonimato entre professor e alunos não impediu que o ato educacional se concretizasse, pois o processo implicou, necessariamente, coparticipação no ato de pensar, ética e afetividade (confiança). Assim, os alunos tendem a se sentir pertencentes, pois tiveram sua privacidade resguardada, bem como suas expectativas de aprendizagem

foram atendidas. Tudo isso mostra que mesmo anonimamente, há potencial de diálogo na medida em que o sujeito expôs essa informação relevante ao outro, o que não faria/fez de forma nominada, por temer a reação alheia.

Sendo assim, é possível afirmar que, quando um aluno tem sua necessidade atendida ao conseguir esclarecer suas dúvidas sobre sexo com seu professor através de uma rede social on-line que permita anonimato e através da qual o aluno saiba que quem responde é o seu professor, tal aluno tende a se sentir pertencido ao processo, mesmo que o professor não consiga distinguir a identidade dele.

Ao estudar as perguntas postadas pelos alunos no ambiente on-line e a satisfação deles com as respectivas respostas (expressas através de declarações de simples satisfação ou de novas perguntas realizadas para melhor entendimento), o professor pode analisar o fluxo sobre como as informações trocadas entre os participantes (alunos e professor) se dão nos dois sentidos: dialógico e impositivo. Dessa forma, ele pode investigar se estaria havendo a possibilidade de mudança nos conteúdos e valências do sistema, isto é, se estaria havendo *feedback*, não no sentido de simples entendimento da mensagem, mas no sentido da aceção correta do termo, isto é, de retroalimentação do sistema e de avaliação dialógica e propositiva, a fim de que sejam asseguradas as intenções dos envolvidos no processo, já que, em um diálogo, todos os interlocutores são emissores e receptores.

Ao ler as perguntas de seus alunos, o professor pode ter uma ideia sobre que preocupações de ordem sexual afligem uma parte significativa da comunidade escolar. Após um determinado tempo, cada aluno pode ler no ambiente on-line a resposta para não só sua pergunta, como também as demais respostas para as perguntas de seus colegas. Algumas dúvidas também podem ser coletivas. Depois, percebendo melhor o quadro geral das preocupações sexuais de seus alunos, o professor pode ajustar suas aulas presenciais para que elas melhor satisfaçam as reais necessidades educativas de seus alunos. De sua parte, os alunos vão se sentindo pertencidos a aulas que abordam temáticas muitas vezes tão complicadas para eles e tão suscetíveis a tabus. Isso torna uma produção de conhecimento aplicável quase

que de imediato. É isso que justifica dizer que um bom professor é também um pesquisador.

Um maior interesse por parte dos alunos, certamente, vai tender a não passar despercebido por parte do professor que reflete sobre sua própria prática, caracterizando, assim, um processo de retroalimentação do sistema. Nesse processo de constante construção e reconstrução não só de conceitos como também de estratégias pedagógicas por parte do professor, pode-se afirmar que todos – educando, educadores, e o próprio campo da educação – tendem a ganhar.

Ao apresentar a possibilidade de anonimato em uma comunidade on-line como uma estratégia pedagógica que implique em pertencimento, defende-se aqui uma concepção de pertencimento muito mais ampla do que aquela que até então tem sido a usual no ensino presencial. Até porque, o próprio advento da internet significou uma mudança de paradigma para o campo da Educação. Nesse sentido, se faz necessário que se possa discutir sobre o que significa realmente o ato de pertença para o educando: a possibilidade real de dirimir suas dúvidas, mesmo que de forma anônima, ou se essa possibilidade lhe será negada em nome de uma ideia de pertencimento do ensino presencial transposta sem modificações para o ensino a distância.

A experiência realizada por esta tese procurou tornar o ambiente on-line “Por trás de links, existem pessoas” um espaço de diálogo livre de dominação. É preciso acreditar no ser humano, acima de tudo, e quem possui essa crença não pode acreditar em uma Educação Sexual hipócrita da forma que vem sendo feita, porque isso é a descrença absoluta no ser humano, nas possibilidades do homem, em suas contradições e na expectativa de eles superarem essas contradições.

Por trás de links não existem, apenas, uma parafernália tecnológica que faz tudo funcionar. Existem pessoas e essas pessoas precisam de orientação, precisam ser educadas por professores capazes de entender que as novas tecnologias de comunicação e informação podem ser usadas para isso, somando, assim, as possibilidades de emancipação da vida humana contra todo tipo de alienação. Dessa forma, quem sabe, um dia, templos religiosos se transformem em museus e bibliotecas.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo. **Viva o grande líder!**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

ALMEIDA, Laura Isabel M. V. de. **Teoria freiriana**. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2008/10/31/outros/381960694608ec9c738535fc1b022882.pdf>. Acesso em: 10/04/2012.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**, 4ª edição, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Sobre a reprodução**, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ANDRADE, Arnon de. **Conceito de tecnologia educacional**. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/conceito.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/conceito.pdf). Acesso em: 10/04/2009.

\_\_\_\_\_. **Conceitos de Arnon de Andrade**. Disponível em <http://www.educ.ufrn.br/arnon/entrevista.pdf> Acesso em: 02/12/2007.

\_\_\_\_\_. **Dicionário crítico de educação – Educação a distância. Qualidade em projetos de educação a distância**, Revista Tecnologia Educacional, nº 139 (32), Rio de Janeiro: ABT, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mudar pra permanecer!!!** Blog de Arnon de Andrade. Disponível em <http://arnon.zip.net/index.html>. Acesso em: 06/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Novas Tecnologias e Educação**. Texto apresentado no XVI Epenn - Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, na mesa redonda “Novas Tecnologias e Educação”, Aracajú: junho de 2003. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/nova.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/nova.pdf). Acesso em: 09/12/2009.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias?** XXV SBTE - Artigo referente ao Painel "Processando a Comunicando a Informação: novas tecnologias para a Educação do Homem". Tecnologia Educacional - v. 22 (113/114) Jul./Out. 1993. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/tecnologias.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/tecnologias.pdf). Acesso em: 05/11/2009.

\_\_\_\_\_. **Reflexões em torno da mediação e do diálogo em Paulo Freire**. Entrevistadoras: Sandra Mara de Oliveira Souza e Márcia Barbosa da Silva. Original digitado, em curso de publicação (gentileza do autor). Natal: 09 de janeiro de 2008.

\_\_\_\_\_. **TV digital: O futuro é agora.** Retrospectiva. Entrevistadores: David Emanuel e Luara Schamó, Departamento de Comunicação Social da UFRN, 18 de fevereiro de 2008, edição 1, nº 1. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/retroperspectiva>. Acesso em: 15/03/2009.

\_\_\_\_\_. **Utopia e educação.** Disponível em <http://www.educ.ufrn.br/arnon/utopia.pdf>. Acesso em: 06/01/2012.

ANDRADE, Lédio Rosa de. **Violência: psicanálise, direito e cultura,** Campinas: Millennium Editora, 2007.

**ANONIMATO.** Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonimato>. Acesso em: 13/02/2010.

ARAGÃO, Lucia. **Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

ARAÚJO, Maurício. **A sentinela,** volume 133, nº 9, Cesário Lange - SP, ASSOCIAÇÃO TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 2012, p. 19 e 20.

**ARIANO SUASSUNA EM AULA ESPETÁCULO.** Direção: Vladimir de Carvalho. Brasília. Co-produção CPCE/UnB e Ministério da Cultura. 1997. 1 disco (Tempo 45 minutos). DVD.

BANNELL, Ralph Ings, **Habermas: racionalidade e processos de aprendizagem no projeto da modernidade.** In: PAGNI, Pedro Angelo; SILVA, Divino José da (org.). Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história, São Paulo: Editora Avercamp, 2007.

BARBOSA, Bia. **Marilena Chauí diz que Brasil convive com violência estrutural e ataca a 'oligarquia'.** Disponível em: [http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=12134](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=12134). Acesso em: 29/03/2010.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores.** São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In.: Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas – volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 184 e 185.

**BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO.** Ministério da Saúde. Ano VIII, nº 1, janeiro a junho de 2011. Disponível em:

[http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2011/50652/boletim\\_aids\\_2011\\_final\\_m\\_pdf\\_26659.pdf](http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2011/50652/boletim_aids_2011_final_m_pdf_26659.pdf). Acesso em: 15/01/2013.

**BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO.** Sesap – Secretaria de Estado da Saúde Pública. Programa Estadual de DST/Aids e Hepatites Virais do Rio Grande do Norte. Disponível em: [http://www.saude.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap/saude\\_destaque/enviados/boletim\\_dst\\_aids\\_hv\\_2011\\_v4.pdf](http://www.saude.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap/saude_destaque/enviados/boletim_dst_aids_hv_2011_v4.pdf). Acesso em: 23/02/2012.

BOULET, Marc. **Na pele de um Dalit.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico,** 2ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução – Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança,** volumes I, II, III. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2005.

CÂMARA, Dom Hélder. **Indagações sobre uma vida melhor.** São Paulo: Civilização brasileira, 1993.

CARTA, Mino. **O triste fim de FHC,** Carta Capital, Edição Especial, ano XVI, nº 620, 03/11/2010. São Paulo: Editora Confiança.

CHAMMA; Norberto; PASTORELO, Pedro D. **Marcas: o componente emocional e racional das marcas.** in: Marcas & Sinalização: práticas em design corporativo. São Paulo: Ed. Senac, 2007

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia,** 29ª ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Repressão Sexual – essa nossa (des)conhecida.** 4ª ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

**CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A MULHER,** 4, Pequim. Anais. ONU. 1995. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BDPfA%20E.pdf>. Acesso em: 03/03/2009.

COSTA, Adriano Medeiros. **Barcelona virtual: nunca foi tão fácil para um pequeno município se informar sobre si mesmo e de acordo com sua própria cultura**, monografia (Bacharelado em Comunicação Social/ habilitação em Jornalismo), Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fugindo da banalidade: o uso do Orkut como extensão da sala de aula**, dissertação (Mestrado em Meios de Comunicação e Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**, São Paulo: Editora Globo, 2004.

CVV – Centro de Valorização da Vida. Disponível em: <http://www.cvv.org.br/site/chat.html>. Acessado em: 25/08/2012.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Desafios ético-educacionais diante da crescente colonização do mundo da vida**. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN; Pedro. (org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*, Campinas – SP: Autores Associados, 2005.

DAWKINS, Julia. **Manual de Educação Sexual**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

**DIRETRIZES NACIONAIS PARA A ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DE ADOLESCENTES E JOVENS NA PROMOÇÃO, PROTEÇÃO E RECUPERAÇÃO DA SAÚDE**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

**EDUCAÇÃO SEXUAL**. Wikipédia. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação\\_sexual](http://pt.wikipedia.org/wiki/Educação_sexual). Acesso em: 22/10/2011.

ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet, uma pedagogia de atividade e cooperação**, 7ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2004.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**, São Paulo: Conrad Editora, 2003.

**ESTA ES MI TIERRA**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SECx7HWsb70>. Acesso em: 25/07/2011.

FELICIANO, Marco. “**Eu acredito no diálogo**”, Revista Veja, São Paulo, edição 2313, ano 46, nº 12, 20 mar. 2013.

FERNANDES, Millôr. **Millôr definitivo: a bíblia do caos**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

**FORMSPRING**. Disponível em: <http://www.formspring.me>. Acesso em: 23/05/2012.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**, temas pedagógicos, nº 2, Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A lógica do encantamento**, Fórum, nº 11, São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2003, p. 12.

\_\_\_\_\_. Paulo. **Ação Cultural para a liberdade**, 11ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**, coleção O mundo, hoje, vol. 22, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da libertação**, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?**, coleção O mundo, hoje, vol. 24, 10ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**, coleção leitura, 29ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**, 37ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sérgio Paulo. **Habermas**, coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 15, São Paulo: Editora Ática, 1993.

GALEANO, Eduardo. **O século do vento**, Memórias do Fogo 3, Porto Alegre: L&PM, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os Nadas** (tradução: Tereza da Praia). Disponível em: <http://www.portalentretextos.com.br/colunas/a-companhia-dos-poetas/eduardo-galeano,228,2584.html>. Acesso em: 24/02/2010

GONZÁLEZ, Julio Anguita. **Discurso**, 1999. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Z0uq9ZKztn0>. Acesso em: 27/03/2012.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**, volume 1, 1ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Revolução e Sexo**, in: Revolucionários, 3ª edição, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HUDSON, Rock; DAVIDSON, Sara. **Diário de uma agonia**, revista Veja, 25 de junho de 1986.

**INSPOT**. Disponível em: <http://www.inspot.org>. Acesso em: 23/05/2011.

**JORNADA CHE GUEVARA - TRABALHO VOLUNTÁRIO**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0ROvJLMIEjl>. Acesso em: 20/04/2012.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?** (Aufklärung). In: Textos seletos, 5ª ed, Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2009.

KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. , 155º ed. IDE: Araras – SP, 1993.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas**, Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Marcuse, revolucionário**. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v8n1/02.pdf>. Acesso em: 22/07/2007.

\_\_\_\_\_. **Memórias de um intelectual comunista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **O ‘ídiom’ e o ‘idiotes’**. Jornal do Brasil. Caderno B. 2002.

\_\_\_\_\_. **Morreu Karel Kosik**. Jornal do Brasil, caderno B, 22 de março de 2003, Rio de Janeiro, p. 8.

\_\_\_\_\_. **Pobres duram mais**, Jornal do Brasil, Caderno B, 31 de agosto de 2002.

\_\_\_\_\_. **Prefácio**. In.: HAGUETTE, André; BRÜHL, Dieter ET all. **Dialética hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.

KULKARNI, Rahul. **Trazendo pessoas de verdade de volta para a conversa**, Disponível em: <http://blog.orkut.com/2009/04/trazendo-pessoas-de-verdade-de-volta.html>. Acesso em: 20/02/2010.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Ética e Comunicação**. In: KOSOVSKI, Ester (org.). *Ética na comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

LENIN, Vladimir. **Que Fazer?**, São Paulo: Hucitec Editora, 1978.

MACEDO, Joaquim Manuel. **A moreninha**. 27ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1995.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**, 8ª ed, Rio de Janeiro: LTC, 2009.

\_\_\_\_\_. **O fim da Utopia**, 1ª edição, Rio de Janeiro,: Paz e Terra, 1969.

MARQUES, Carlos José. **A mulher no poder**, revista Istoé, edição histórica, nº 1, ano 34, novembro de 2010.

MARTINS, Ana Rita. **Adolescentes com os hormônios à flor da pele**, Revista Nova Escola, abril, nº 233, junho/julho de 2010. Disponível em:<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/adolescentes-hormonios-flor-pele-adolescencia-sexualidade-567920.shtml?page=3>. Acesso em: 23/03/2012.

MARTINS, Rodrigo. **O ruído virtual do silêncio**, Carta Capital, nº 677, 18.12.2011, São Paulo: Editora Confiança.

MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**, São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**, São Paulo: Boitempo, 2010.

MATARAZZO, Maria Helena; MAZIN, Rafael. **Educação sexual nas escolas: preparar para a vida familiar**. São Paulo: Paulinas, 1888.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. **Discurso de posse**, Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/emilio-medici/discurso-de-posse>. Acesso em: 17/11/2010.

MERCADANTE, Clarinda. **Evolução e sexualidade: o que nos fez humanos**. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MORRIS, William. **The Day Is Coming**. Disponível em: <http://www.poemhunter.com/poem/the-day-is-coming-2/>. Acesso em: 25/06/2010.

MOURA, Mariluce. **A forma de vida da mídia**. Pesquisa Fapesp, nº 78, agosto de 2002, São Paulo: Imprensa Oficial, p. 88.

NETO, João Cabral de Melo. **A Educação pela Pedra**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

NETTO, José Paulo. **O método em Marx**. Curso. Produção: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE. 2002. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=tTHp53Uv\\_8g](http://www.youtube.com/watch?v=tTHp53Uv_8g). Acesso em: 23/10/2011.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**, 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NUNES, César. **Ética, sexualidade e educação**. In: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN; Pedro. (org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*, Campinas – SP: Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA, Leonardo. **O jornalista como mediador virtual ideal**. Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2003/04/14/o-jornalista-como-mediador-virtual-ideal/>. Acesso em: 27/06/2009.

**ESTAÇÃO DO LIVRO: O ILUMINISMO CHEGA A MACAU**. ONDA NATAL EXPRESS. Jornal. Natal – RN, abril de 2005, p. 11.

**ORKUT**. Disponível em: <http://www.orkut.com>. Acesso em: 23/05/2012.

PAIVA, Renata Victor. **Entrevista**. Entrevista concedida a Adriano Medeiros Costa. Natal. 23/09/2008.

PARDO, Maísa Martorano Suarez. **Qual revolução?**. Filosofia, nº 34, São Paulo: Escala Educacional, fevereiro 2012.

PATRÍCIO, Zuleica Maria et al. **Aplicação dos métodos qualitativos na produção do conhecimento**. Disponível em: <http://spu.autoupdate.com/imprimir.php?modulo=21&texto=1329>. Acesso em: 25/09/2009.

PEREIRA, Sandra Maria Borba; CAMPELO, Maria Estela C. Holanda. **Contribuições teórico-metodológicas de Emilia Ferreiro e Célestin Freinet**. Diário de Natal, fascículo 7, 2005, Natal.

**PESQUISA NACIONAL DE DEMOGRAFIA E SAÚDE DA CRIANÇA E DA MULHER.** Relatório Final. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

PETIT, Francesc. **Como é um bom publicitário**, In.: Propaganda Ilimitada, 11ª edição, São Paulo: Futura, 2003, p. 15 a 17.

QUINTAS, Fátima. **Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**, São Paulo: Global, 2008.

RAMALHO, Betânia Leite; NUÑEZ, Beltrán Isauro; GAUTHIER, Clermont. **Formar o professor profissionalizar o ensino – perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

READ, Herbert. **Anarquía y orden - Ensayos sobre política**, Biblioteca de cultura social, Buenos Aires: Editorial Americalee, 1959.

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

**REVOLUÇÃO DOS HIPPIES**. Direção: Edgar Beatty. EUA. Distribuição: Magnus Opus. 1967. 1 disco (Tempo 75 minutos). DVD.

RODRIGUES, Lúcio Martins. **Ponto final: Katmandu**. São Paulo: LR Editores, 1983.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica, a construção do conhecimento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

SAUTCHUK, Jayme. **O socialismo na Albânia – um repórter brasileiro no país de Enver Hoxha**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1983.

SAVIANI, Dermeval. **Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes**. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (org.). **Marxismo e educação**. 2ª edição, Campinas – SP: Autores Associados, 2008.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial**, 4ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SCHNAKENBERG, Robert. **A vida secreta dos grandes autores**, São Paulo: Ediouro, 2008.

SILVA, Luis Inácio Lula da. **Discurso do Presidente da República**, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do II Encontro Nacional dos Povos das Florestas, 18 de setembro de 2007. Disponível em: [http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/2o-semester/18-09-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-abertura-do-ii-encontro-nacional-dos-povos-das-florestas/at\\_download/file](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/2o-mandato/2007/2o-semester/18-09-2007-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-cerimonia-de-abertura-do-ii-encontro-nacional-dos-povos-das-florestas/at_download/file). Acesso em: 23/08/2010.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**, 1ª edição, São Paulo: Plexus Editora, 2001.

SOARES, Jorge Coelho. **Marcuse: uma trajetória**. Londrina: Editora UEL, 1999.

**SOB A NÉVOA DA GUERRA**. Direção: Errol Morris. EUA. Co-produção Errol Morris, Michael Williams, Julie Ahlberg. 2003. 1 disco (Tempo 95 minutos). DVD.

SODRÉ, Muniz. **O jornalismo e a blogosfera**. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o\\_jornalismo\\_e\\_a\\_blogosfera](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_jornalismo_e_a_blogosfera) Acesso em: 13/12/2011.

SOUZA, Djanira Brasileiro; DANTAS, Joana D'Arc de Souza. **Pedagogia Freinet – Uma abordagem teórica e prática**, 1ª edição, Natal: Faculdade CDF Ponta Negra, 2007.

TEIXEIRA, Gilberto. **O que é fazer pesquisa**. Disponível em: <http://spu.autoupdate.com/ler.php?modulo=21&texto=1347>. Acesso em: 21/06/2009.

TEMER; Ana Carolina Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri, **Para entender as teorias da comunicação**, 2ª edição, Uberlândia: EDUFU, 2009.

TOLEDO, Virginia. **Escravos da ganância**. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/72/rede-brasil-atual>. Acesso em: 25/06/2012.

**UM DIA MUITO ESPECIAL**. Direção: Ettore Scola. Brasília. Co-produção Compagnia Cinematografica Champion e Canafox. 1977. 1 disco (Tempo 1h 45min). DVD.

**UM OLHAR SOBRE O JOVEM DO BRASIL.** Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar\\_sobre\\_jovem\\_brasil.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/olhar_sobre_jovem_brasil.pdf).

Acesso em: 25/07/2009.

**VEREADOR ANDRÉ FERREIRA.** Perfil parlamentar. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/camara/detalhe.php?Matricula=15615>. Acesso em: 22/03/2011.

**VEREADORES QUEREM SUSPENDER NO RECIFE CARTILHA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.** Disponível em: <http://www.recife.pe.leg.br/noticias/vereadores-querem-suspender-cartilha-sobre-educacao-sexual>. Acesso em: 13/08/2010.

WALLRAFF, Günter. **Cabeça de turco**, 6ª edição, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1988.

WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, política e educação, coleção educação contemporânea**, Campinas – SP: Autores Associados, 1998.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade de informação**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

ŽIŽEK, Slavoj. **Robespierre – virtude e terror**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

## APÊNDICE – QUESTIONÁRIO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Adriano Medeiros Costa, *orientando*

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade, *orientador*

### ESCLARECIMENTO

Prezado jovem,

Esta é uma experiência que conta com o apoio da SIEC – Subcoordenadoria de Informação, Educação e Comunicação e do Programa de DST/AIDS e Hepatites Virais da Sesap – Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN e que é destinada a servir de subsídio como parte de uma tese de Doutorado (PPGEd - UFRN) sobre o uso de redes sociais on-line para a promoção da Educação Sexual.

Hoje, vamos usar um ambiente on-line destinado a tirar ANONIMAMENTE suas dúvidas sobre sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis.

Gostaríamos de enfatizar que suas perguntas serão **REALMENTE FEITAS E RESPONDIDAS DE FORMA ANÔNIMA**. Isto é, não será tecnicamente possível para ninguém identificar quem é o(a) autor(a) de qualquer pergunta postada em nosso ambiente on-line. Ninguém, nem mesmo seus colegas, pais, professores, namorados ou namoradas ou menos os técnicos e professores que estão participando desta experiência conseguiram identificar quem é o(a) autor(a) da pergunta. Inclusive, o próprio sucesso desta experiência depende disso.

A seguir, confira uma seleção de perguntas e respostas que muito possivelmente você faria:

**PERGUNTA: Sou obrigado(a) a participar desta experiência?**

**RESPOSTA:** Não. De maneira nenhuma você será coagido(a) ou constrangido(a) a participar. Mas, por gentileza, esteja atento(a) que sua participação nesta experiência é fundamental para a conclusão de uma pesquisa de Doutorado e que conseqüentemente será útil para um melhor

entendimento sobre a Educação On-line e sobre novas metodologias a serem aplicadas no campo da Educação Sexual.

**PERGUNTA: Quem responderá minha pergunta?**

RESPOSTA: Técnicos do Programa de DST/AIDS e Hepatites Virais da Sesap – Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN.

**PERGUNTA: Como saberei qual é a minha pergunta?**

RESPOSTA: Através do reconhecimento por você mesmo(a) da própria pergunta que você fez.

**PERGUNTA: Devo escrever o meu nome ou me identificar em alguma ficha ou depois de escrever a pergunta no computador a pergunta?**

RESPOSTA: NÃO. Em nenhum momento você deve escrever o seu nome em qualquer lugar.

**PERGUNTA: Quem tipo de pergunta posso fazer?**

RESPOSTA: Qualquer pergunta que diga respeito à sexualidade humana, tais como risco de gravidez, métodos anti-contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e afins.

**PERGUNTA: Por que minha participação neste momento é tão importante?**

RESPOSTA: Porque é através de experiências como estas que o conhecimento no campo da Tecnologia Educacional e Educação Sexual irá avançar. Inclusive, no sentido de diminuir o número de jovens que são a cada ano contaminados por doenças sexualmente transmissíveis ou que ficam grávidas precocemente.

**PERGUNTA: Como obterei minha resposta?**

RESPOSTA: Você acessará o ambiente dentro de três dias e lerá a resposta para sua pergunta no ambiente on-line. Basta acessar o endereço: [www.formspring.me/pessoasnoslinks](http://www.formspring.me/pessoasnoslinks).

**SUA COLABORAÇÃO ANÔNIMA** é fundamental para a realização deste trabalho. Mas lembre-se: Não há como fazer diagnósticos pela internet. Nosso objetivo aqui é apenas fornecer informações preliminares sobre Educação Sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Por isso, esta nossa experiência não fornece e nem substitui orientações médicas. Se tiver dúvidas sobre o seu estado de saúde, nossa recomendação é que você visite um médico e conte seu histórico para que, se necessário, sejam feitos exames.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Adriano Medeiros Costa, *orientando*

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade, *orientador*

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

Prezado jovem,

Este questionário se destinada a servir de subsídio a parte de uma tese de Doutorado sobre o uso de redes sociais on-line para a promoção da Educação Sexual, no Programa de Pós-Graduação em Educação – UFRN.

Pretendemos saber suas opiniões e comportamentos sobre a utilização de uma rede social on-line em sua turma. Sua colaboração é fundamental para a realização deste trabalho.

**NÃO ESCREVA SEU NOME NESTE QUESTIONÁRIO. SUAS RESPOSTAS SERÃO SECRETAS E NÃO SERÃO DIVULGADAS PARA NINGUÉM. APENAS O RESULTADO GERAL DA PESQUISA SERÁ DIVULGADO.**

Sua participação é voluntária. O questionário deve ser respondido individualmente. É importante que você responda a todas as perguntas.

Se você tiver alguma pergunta ou dúvida para esclarecer, por favor, pergunte e teremos o maior prazer em responder.

**DEPOIS DE PREENCHER ESTE QUESTIONÁRIO, NÃO O ENTREGUE NAS MÃOS DE NINGUÉM. APENAS DEPOSITE-O NO LOCAL INDICADO PELO PESQUISADOR.**

Sua participação nesta coleta de dados é fundamental para a tese a ser produzida e conseqüentemente para um melhor entendimento sobre a Tecnologia Educacional e sobre novas metodologias a serem aplicadas no campo da Educação Sexual.

Atenciosamente,  
*Adriano Medeiros Costa*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

Para marcar você pode colocar um "X" na alternativa escolhida.

**01 – VOCÊ E SUA RELAÇÃO COM AS REDES SOCIAIS ON-LINE**

**1.1 – Qual o seu sexo?**

- a) Masculino;
- b) Feminino.

**1.2 – Qual a sua idade?**

- a) De 15 a 19 anos;
- b) De 20 a 24 anos;
- c) De 25 a 44 anos;
- d) De 45 a 64 anos;
- e) 65 anos ou mais.

**1.6 – Você possui computador?**

- a) Sim;
- b) Não.

**1.7 – Costuma acessar a internet?**

- a) Sim;
- b) Não.

**1.8 – Quanto tempo você fica conectado à internet, sempre que acessa?**

- a) Só alguns minutos;
- b) Mais ou menos meia hora;
- c) Cerca de uma hora;
- d) Aproximadamente três horas;
- e) Por volta de cinco horas;
- f) Mais de cinco horas.

**1.9 – Que tipo de informação você mais acessa na internet? (Aqui você pode marcar quantas alternativas quiser. Sinta-se à vontade para responder, lembre-se que não é possível identificá-lo(a))**

- a) Política;
- b) Economia e negócios;
- c) Viagens;
- d) Ciências;
- e) Saúde;
- f) Informações sobre minha área profissional;
- g) Informações sobre informática: computadores, *softwares*;
- h) Entretenimento e artes (música, cinema, teatro, fotografia, literatura, gibis, charges);
- i) Notícias;
- j) Sexo, sexualidade, nudez;
- k) Acessa a web basicamente para checar sua conta de e-mail;
- l) Acessa a web para enviar torpedos para o celular de alguém;
- m) Outro? Qual? \_\_\_\_\_

**1.10 – Você é usuário de alguma rede social on-line? Caso sua resposta seja sim, qual? Caso queira, pode marcar mais de uma alternativa. (Caso sua resposta seja negativa e você não utilize nenhuma, pule para a questão 1.15)**

- a) Orkut;
- b) Formspring;
- c) Facebook;
- d) Twitter;
- e) YouTube;
- f) MySpace;
- g) Flickr;
- h) Outra(s)? Qual(is)? \_\_\_\_\_

**1.11 – Sempre que acessa, quanto tempo você fica conectado em sua conta de alguma rede social on-line?**

- a) Só alguns minutos;
- b) Mais ou menos meia hora;
- c) Cerca de uma hora;
- d) Aproximadamente três horas;
- e) Por volta de cinco horas;
- f) Mais de cinco horas.

**1.12 – Com que frequência você acessa alguma rede social on-line?**

- a) Pelo menos uma vez por dia;
- b) Mais de uma vez por dia;
- c) Dia sim, dia não;
- d) A cada dois dias;
- e) A cada três dias;
- f) Pelo menos uma vez por semana;
- g) Pelo menos uma vez por mês;
- h) Tenho conta em uma rede, mas raramente acesso.

**1.13 – De que local você acessa normalmente alguma rede social on-line?**

- a) De casa;
- b) Do trabalho;
- c) Da casa de um amigo;
- d) Da casa do namorado(a)
- e) Da casa de parentes;
- f) De sua universidade;
- g) De um local público/ *lan house*;
- h) Outro? Qual? \_\_\_\_\_

**1.14 – O que principalmente o(a) leva a participar uma rede social on-line?**

- a) Para fazer contatos profissionais;
- b) Como uma forma de manter contato com os amigos;
- c) Como uma forma de conhecer pessoas e fazer amigos;
- d) Participo apenas como uma forma de me manter informado(a) sobre a vida de amigos, namorado(a), familiares e/ou desconhecidos;
- e) Para participar dos debates nas comunidades das quais faço parte;
- f) Para namorar/paquerar;
- g) Outra? Qual? \_\_\_\_\_

**1.15 – Antes desta experiência sobre rede social on-line e educação você já havia participado de uma experiência semelhante anteriormente?**

- a) Sim;
- b) Não.

**1.16 – De modo geral, como você avalia esta experiência sobre rede social on-line e Educação Sexual?**

- a) Útil ao seu aprendizado e serviu como um fator a mais de aproximação e de conhecimento;
- b) Não fez diferença, ela não acrescentou em nada ao seu aprendizado mas também não atrapalhou;

c) Foi uma experiência divertida.

**2.9 – Caso você NÃO tenha feito uma pergunta sobre sexualidade ou sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST) através da rede social destinada para este propósito, cite o motivo que o(a) levou a não participar. (Caso você TENHA TIDO INTERESSE em participar da experiência, não precisa responder).**

---

---

---

---

---

## **02 – VOCÊ E SUA SEXUALIDADE**

**2.1 – Em princípio, você sente vergonha de falar com alguém sobre sexo? Mesmo que seja com um amigo, parente, professor ou profissional de saúde?**

- a) Sim;
- b) Mais ou menos;
- c) Não

**2.2 – Você já teve relações sexuais? (Caso sua resposta seja negativa, pule para a questão 2.6)**

- a) Sim
- b) Não

*Caso sua resposta seja sim, que idade você tinha quando começou?*

---

**2.3 – Seus pais sabem?**

- a) Sim
- b) Não

*Caso sua resposta seja sim, o que eles disseram a respeito?*

---

---

---

---

---

**2.4 – Você costuma usar algum método anticoncepcional, como por exemplo, pílula ou camisinha?**

- a) Sim
- b) Não

**2.5 – Quando você faz sexo, na sua opinião, de quem é a responsabilidade de prevenir a gravidez?**

---

**2.6 – Você possui amigos nos quais confia na palavra? Em caso positivo, você confia mais no que esses amigos dizem conversando com você face a face do que pela internet? Ou isso é indiferente?**

---

---

---

---

---

**2.7 – Seus pais falam sobre sexo com você?**

- a) Sim;
- b) Não;

*Caso sua resposta seja sim, o que, por exemplo, eles costumam lhe dizer sobre sexo?*

---

---

---

---

---

**2.8 – Seus professores falam sobre sexo em sua escola?**

- a) Sim;
- b) Não;

*Caso sua resposta seja sim, eles costumam usar algum material didático para ilustrar as aulas ou apenas falam sobre o assunto?*

---

**2.9 – Com quem você mais aprende sobre sexo? Com quem você costuma tirar suas dúvidas sobre sexo e intimidades**

- a) Com seu pai;
- b) Com sua mãe;
- c) Com seu irmão;
- d) Com outro parente: como tio(a), primo(a), avós e etc.
- e) Com amigos;
- f) Com seu namorado ou sua namorada;
- g) Com a empregada doméstica de sua casa;
- h) Com seu professor;
- i) Com um médico, enfermeira ou agente de saúde;

- j) Com seu pastor ou padre;
- k) Com prostitutas;
- l) Em palestras;
- m) Nas revistas e livros;
- n) Nos filmes e na televisão;
- o) Na internet;
- p) Com outras pessoas

**2.10 – Alguma vez você já teve vontade de perguntar algo a alguém sobre sexo ou sobre sua intimidade afetiva, mas não perguntou por que sentiu vergonha? O que, por exemplo, você queria perguntar mas não tinha a quem recorrer?**

---

**2.11 – Quando tem dúvidas sobre sexo, você costuma pesquisar em sites na internet?**

- a) Sim;
- b) Não.

*Caso sua resposta seja sim, você prefere tentar tirar a dúvida na internet mais do que conversar com alguém?*

---

**2.12 – O que você acha de poder tirar suas dúvidas sobre sexo com um professor através da internet, mas que esse professor não pudesse lhe identificar? (Ele saberia apenas que você é um dos tantos alunos dele, mas não saberia qual).**

---

---

---

---

---



## ANEXO 1 – PÁGINA INICIAL DO FORMSPRING



[Login](#)

# Discover what's interesting about your friends.

Ask questions and get to know people in a new way. [Learn More](#)

 [Sign up with Facebook](#)

or

Create an account




Birthday (?) Month Day Year

By clicking "Get Started", you agree to our [Terms](#).

[Get Started](#)

### Question of the Day

Do you ever feel awkward?



Sometimes. But then I stop being awkward, and start being awesome.



Pssh awkward is my life! Normal is boring.



this question is awkward. howawkwardman

### Popular users



**Rochelle Diamante**  
New single Breaking Free



**Adrienne**  
TV & Film Actress



**The Spanish Channel**  
Melodic guitar-driven pop



**Lost Lander**  
Welcome 2 the Thunderdome

### Hot topics on Formspring

[Celebrities](#) [Food](#) [Friends](#) [Music](#)  
[Relationships](#) [Sports](#) [Video Games](#)  
[Funny Things](#) [Movies & TV](#)

### Formspring Mobile



Available on the [App Store](#)

GET IT ON [Google play](#)

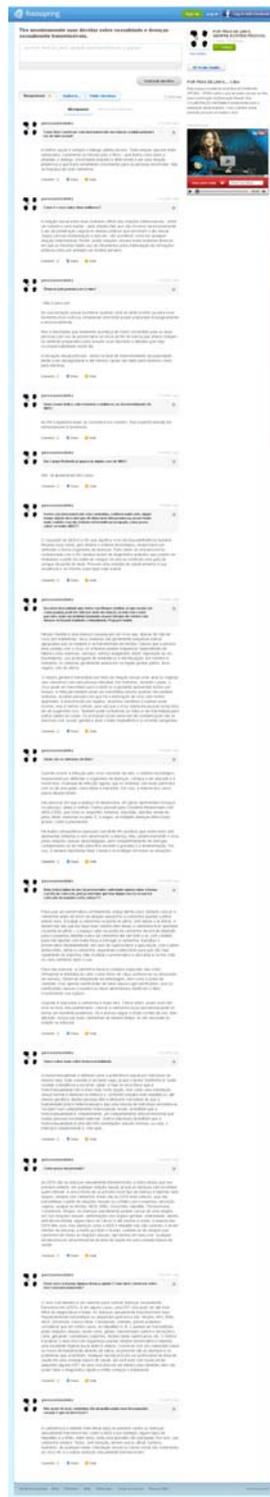
### Follow us on



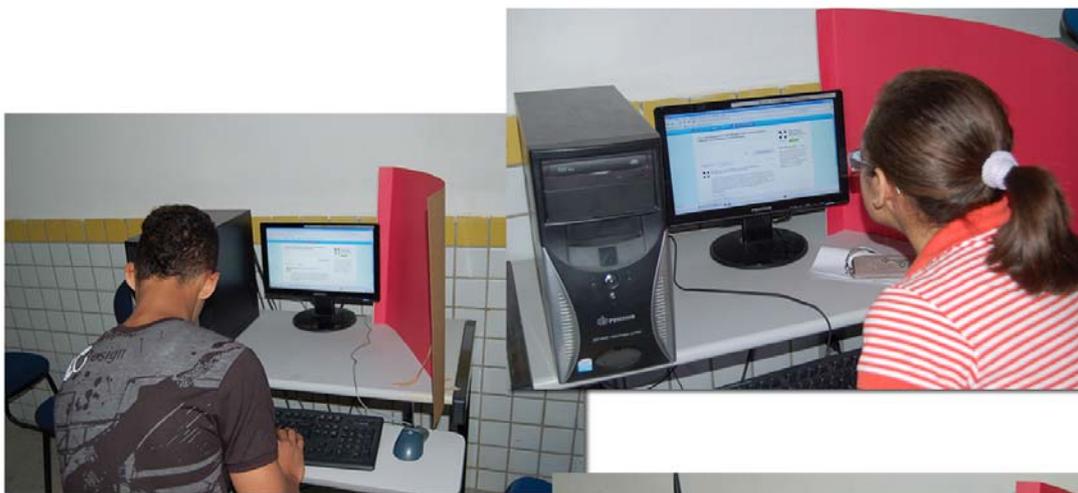
[About Formspring](#) [Blog](#) [Advertise](#) [Help](#) [Safety Tips](#) [Terms of Service](#) [Privacy Policy](#)

© Formspring.me

## ANEXO 2 – PÁGINA INICIAL DO AMBIENTE “PESSOAS NOS LINKS” UTILIZADO NESTA PESQUISA



## ANEXO 3 – FOTOS DA EXPERIÊNCIA REALIZADA



# ANEXO 4 – VERBETE DA WIKIPÉDIA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL



**WIKIPÉDIA**  
A enciclopédia livre

- Página principal
- Conteúdo destacado
- Eventos atuais
- Esplanada
- Página aleatória
- Pontos
- Informar um erro
- Colaboração
- Boas-vindas
- Ajuda
- Página de testes
- Portal comunitário
- Mudanças recentes
- Estaleiro
- Criar página
- Páginas novas
- Contato
- Doações
- Imprimir/exportar
- Ferramentas
- Páginas afiluentes
- Abrir páginas relacionadas
- Carregar ficheiro
- Páginas especiais
- Ligação permanente
- Citar esta página
- Avaliar esta página
- Noutros idiomas
- العربية
- Català
- Česky
- Dansk
- Deutsch
- Ελληνικά
- English
- Español
- فارسی
- Suomi
- Français
- Galego
- עברית
- Հայերեն
- Italiano
- 日本語
- 한국어
- Lëtzebuergesch
- ລາວ
- മലയാളം
- Български
- Nederlands
- Polski
- Română
- Русский
- Simple English
- Slovenčina
- Српски / Srpski
- Svenska
- Kiswahili
- தமிழ்
- ไทย
- Tagalog
- Tiếng Việt
- 中文

Entrar / criar conta

---

Artigo
Discussão
Ler
Editar
Ver histórico

## Educação sexual

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

**Educação sexual** é o ensino sobre a anatomia e psicologia da reprodução humana e demais aspectos do comportamento que se relacionam ao **sexo**.

**Índice** [esconder]

- 1 Abordagem Pedagógica
- 2 Abordagem Religiosa Tradicional
- 3 Abordagem Religiosa Liberadora
- 4 Abordagem Política
- 5 Referências
- 6 Ver também

### Abordagem Pedagógica [editar]

Possui as seguintes características:

- Volta-se mais diretamente para o processo ensino-aprendiz de **sexualidade**;
- Valoriza o aspecto informativo desse processo, podendo também dar **ênfase** ao aspecto formativo, onde se propicie a discussão de valores, atitudes e **preconceitos**; pode ainda considerar a importância da discussão de **dóidas**, **sentimentos** e **emoções**;
- Direciona mais acentadamente a reformulação de valores, atitudes e preconceitos, bem como todo o 'processo de libertação', para o nível individual<sup>[1]</sup>

### Abordagem Religiosa Tradicional [editar]

Possui as seguintes características:

- Iga a vivência da **sexualidade** ao amor de Deus e à submissão às **normas religiosas** oficiais
- tem como metas básicas a preservação dos valores **morais cristãos** e o desenvolvimento da vida espiritual
- vincula sexo ao amor pelo parceiro, ao **casamento** e à **procriação**
- encara o casamento e a **virgindade/castidade** como os dois únicos modos de viver a aliança com Deus
- valoriza a informação de conteúdos específicos da sexualidade (encarando-a, porém, como uma meta secundária)
- pode estar comprometido com uma **educação** para o pudor<sup>[1]</sup>

A preocupação da **Abordagem Religiosa** é a formação cristã dos indivíduos, sendo que os católicos seguem as orientações oficiais da Igreja e os protestantes (cada denominação a seu modo), a interpretação literal da **Bíblia**.

### Abordagem Religiosa Liberadora [editar]

Apresenta as seguintes características:

- Iga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e ao próximo
- tem como metas básicas a **conservação** dos princípios cristãos fundamentais, o desenvolvimento da vida espiritual e a **consciencialização** do cristão para a participação na **transformação social**
- valoriza a informação de conteúdos, num contexto de debate, para, através da discussão da sexualidade, levar a tomada de consciência da cidadania
- vê de maneira crítica as normas oficiais da Igreja sobre a sexualidade e procura levar o cristão a ser sujeito de sua sexualidade, com liberdade, consciência e responsabilidade
- vê a Educação Sexual como um ato **político**, ou seja, como uma atitude de engajamento com a transformação social [...]<sup>[1]</sup>

### Abordagem Política [editar]

Possui as seguintes características:

- orienta para o resgate do gênero, do **erótico** e do **prazer** na vida das pessoas;
- ajuda a compreender (ou alerta para a importância de se compreender) como as normas sexuais foram construídas socialmente;
- considera importante o fornecimento das informações e auto-repressão;
- propicia questionamentos **filosóficos** e **ideológicos** (ou mostra a importância desses questionamentos);
- encara a questão sexual com uma questão ligada diretamente ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por este;
- dá **ênfase** à participação em lutas coletivas para transformações sociais
- considera importantes as mudanças de valores, atitudes e preconceitos sexuais do indivíduo para o alcance de sua libertação e realização sexual. Porém, isto é encarado como um meio para se chegar a novos valores sexuais, que possibilitem a vivência de uma sexualidade com **liberdade** e responsabilidade, em nível não apenas do indivíduo, mas da sociedade como um todo<sup>[1]</sup>

### Referências [editar]

**Notas**

1. ↑ **<sup>a</sup>** **<sup>b</sup>** **<sup>c</sup>** **<sup>d</sup>** FIOUERO, Mary Neide Damico. Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio. 2. ed. Londrina: UEL, 2001. 103 pag.

### Ver também [editar]

- Sexo
- Doença sexualmente transmissível
- Anticoncepção
- Anticoncepcional

**Campos de estudo da Educação**

Administração escolar | Arte-educação | Biologia educacional | Distúrbios da aprendizagem | Educação de adultos | Educação inclusiva | Educação popular | Filosofia da educação | Medidas educacionais | Metodologias de ensino | Necessidades educacionais especiais | Orientação educacional | Pedagogia | Políticas educacionais | Psicologia da aprendizagem | Psicopedagogia | Sociologia da educação | Supervisão do ensino | Tecnologias educacionais | Psicologia do desenvolvimento | Teorias da aprendizagem

**Ensino por temas:** Alfabetização | **Educação sexual** | Educação matemática | Ensino da língua materna

**Níveis de ensino:** Educação infantil | Ensino fundamental | Educação especial | Ensino médio | Ensino superior

**Rankings internacionais:** Índice de alfabetização | Programa Internacional de Avaliação de Alunos | Índice de educação

**Avaliar esta página** Ver avaliações „It

O que é isto?

<input checked="" type="checkbox"/> Credibilidade	<input checked="" type="checkbox"/> Imparcialidade	<input checked="" type="checkbox"/> Profundidade	<input checked="" type="checkbox"/> Redação
★ ★ ★ ★ ★	★ ★ ★ ★ ★	★ ★ ★ ★ ★	★ ★ ★ ★ ★

Conheço este assunto muito profundamente (opcional)

Categorias: Sexo | Educação por assunto

Esta página foi modificada pela última vez à(s) 15h26min de 24 de abril de 2012.

Este texto é disponibilizado nos termos da licença Atribuição-Partilha nos Mesmos Termos 3.0 não Adaptada (CC BY-SA 3.0); pode estar sujeito a condições adicionais. Consulte as condições de uso para mais detalhes.

[Política de privacidade](#) | [Sobre a Wikipédia](#) | [Avisos legais](#) | [Versão móvel](#)